

ISSN 1888-8763

2020

# Boletim

*da Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

Homenagem ao Prof.  
**Carvalho Calero**

José Luís Rodríguez | José-Martinho Montero  
Santalha | Isaac Alonso Estraviz | Maria do Carmo  
Henríquez | Luís G. Soto | Manuel Castelao Mexuto  
Henrique Rabunhal | Paulo F. Mirás | António Gil  
Hdez. | Maria S. Dovigo | Ângelo Cristóvão | Elias  
Torres Feijó | Higinio Martins Esteves | Carlos Durão  
Ramom Reimunde | José-Ramom Rodrigues Fdes.  
José-Maria Monterroso Devesa | Elena Veiga, Xico  
Paradelo, Iván Suárez | Alexandre Banhos Campo  
Uxía Bolaño Amigo | Roi Vales da Oliveira



Academia Galega da  
Língua Portuguesa



*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

**Presidente da AGLP**

Rudesindo Soutelo

**Conselho de Redação**

**Conselho Científico**

I. Alonso Estraviz (UVi); C. Álvarez Cáccamo (UdC); C. Assunção (UTAD); J. Malaca Casteleiro (ACL) †; E. Bechara (ABL); Zélia Borges (UMackenzie); P. Borges (FLUL); A. Brito (ULP); R. Brito (Mackenzie); L. Garcia Soto (USC); M<sup>a</sup> C. Henríquez (UVi); Á. Iriarte (UMinho); C. de Mello (UCoimbra); C. Mória (UdC); J. M. Montero Santalha (UVi); I. Morán Cabanas (USC); T. Moure (USC); J. Paz (UVigo); C. Reis (UAb); R. Reis (UVA); J. L. Rodríguez (USC); A. S. da Silva (UCP Braga); C. Taibo (UAM); C. Teasley Severino (UdC); J. Torres (UdC); E. Vieira Ouriques (NETCCON-UFRJ); X. Vilhar (USC); B. Weigert (UÉvora).

**Impressão**

Diagramação: Lucía Cobo  
Sacauntos Cooperativa Gráfica  
Rúa do Avío, 11, 15705 Compostela

**Depósito Legal** C-2345/08

**ISSN** 1888-8763

**Secretário da AGLP**

Joám Evans Pim

Maria S. Dovigo, Ernesto Vasques Souza,  
Álvaro Vidal Bouzon, José M. Barbosa,  
António Gil Hernández (Diretor).

**Conselho Assessor**

Ângelo Brea Hernández; Margarida Castro;  
Chrys Chrystello; Henrique Correia; Marcos  
Crespo; Ângelo Cristóvão; Carlos Durão  
Rodrigues; Renato Epifânio; Henrique  
Salles da Fonseca; Luís Gonçalves Blasco;  
Hígino Martins Estevez; Anabela Mimoso;  
Mário Afonso Nozeda Ruitinha; Francisco  
Paradelo Rodríguez; Ramom Reimunde  
Noreña; Valentim Rodrigues Fagim; José  
R. Rodrigues Fernandez; Concha Rousia;  
Joám Trillo; Fernando Vazques Corredoira;  
Xavier Vásquez Freire; Crisanto Veiguela  
Martins.

**Edita**

Casa da Língua Comum  
Rua de Emílio e Manuel, 3, r/c  
15901. Santiago de Compostela (Galiza)

<http://www.academiagalega.org>

## Conteúdos

Editorial **9-11**

### ESTUDOS

Carvalho Calero, medievalista	<i>José Luís Rodríguez</i>	<b>15-38</b>
A obra literária de Ricardo Carvalho Calero (1910-1990)	<i>José-Martinho Montero Santalha</i>	<b>39-70</b>
Carvalho Calero e Estraviz	<i>Isaac Alonso Estraviz</i>	<b>71-87</b>
Vivências com o Prof. Ricardo Carvalho Calero	<i>Maria do Carmo Henriques Salido</i>	<b>89-107</b>
Encontros com Carvalho	<i>Luís G. Soto</i>	<b>109-131</b>
O meu Carvalho (na poesia e no teatro)	<i>Manuel Castelao Mexuto</i>	<b>133-159</b>
O Príncipe de Aquitânia e Martinho Dumbria Otero Pedrayo visto por Carvalho Calero	<i>Henrique Rabunhal</i>	<b>161-187</b>
A poesia de Ricardo Carvalho Calero: Uma aproximação	<i>Paulo Fernandes Mirás</i>	<b>189-198</b>
Carvalho, Murguia, Valera? Pré-Textos, Textos e Comentários	<i>António Gil Hernández</i>	<b>199-229</b>

## INSTITUIÇÃO

Atividades da AGLP no ano 2020	<i>Maria S. Dovigo Àngelo Cristóvão</i>	<b>233-241</b>
Alocução do Prof. Elias Torres Feijó, Decano da Faculdade de Filologia da USC, com motivo do <i>Dia das Letras Galegas</i> (Ano 2020) dedicado ao Prof. Ricardo Carvalho Calero pela RAG	<i>Elias Torres Feijó</i>	<b>243-245</b>
<i>Depoimentos</i>		
Carvalho Calero em Buenos Aires	<i>Higino Martins Esteves</i>	<b>247-254</b>
Carvalho Calero na minha memória	<i>Higino Martins Esteves</i>	<b>255-257</b>
Depoimento de Carlos Durão	<i>Carlos Durão</i>	<b>259</b>
Cativeiro de Fingoi Carvalho Calero em Lugo (1950-1965)	<i>Ramom Reimunde</i>	<b>260-266</b>
D. Ricardo e a letra pequena no rodapé	<i>José-Ramom Rodrigues Fernandes</i>	<b>267-272</b>
Ricardo Carvalho Calero com O Facho	<i>José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa</i>	<b>273-279</b>
Coração de terra	<i>Elena Veiga, Xico Paradelo e Iván Suárez</i>	<b>280-290</b>
Debulhando o pensamento de Dom Ricardo Carvalho Calero	<i>Alexandre Banhos Campo</i>	<b>291-298</b>
<i>In memoriam</i> do Prof. Malaca Casteleiro, académico correspondente da AGLP		<b>299-300</b>

## PUBLICAÇÕES

<i>Publicações de/sobre Carvalho Calero</i>	<i>Paulo Fernandes Mirás</i>	<b>303-305</b>
<i>Ricardo Carvalho Calero ... por fim!</i> AA.VV. Cadernos de Estudos Xerais	<i>António Gil Hernández</i>	<b>306-313</b>
<i>José Luís Rodríguez, nos trilhos da língua</i> Docentes de Estudos Portugueses	<i>António Gil Hernández</i>	<b>314-321</b>
<i>O legado sonoro de Jacinta Landa Vaz.</i> <i>Galiza, Portugal e Estremadura</i> José Luis Do Pico Orjais Domingos Morais Pilar Barrios Manzano	<i>Uxía Bolaño Amigo</i>	<b>322-325</b>
<i>Santos Júnior e os Intelectuais Galegos.</i> <i>Epistolário</i> Isaac Alonso Estraviz	<i>António Gil Hernández</i>	<b>326-331</b>
<i>Galeguia (antes chamada lusofonia)</i> Manuel Miragaia Manuel Cráneo	<i>Roi Vales da Oliveira</i>	<b>332-339</b>
<i>Obscura Anatólia. Drama poético</i> José António Lozano	<i>António Gil Hernández</i>	<b>340-348</b>



## Editorial

**D**epois de que a *Real Academia Galega* declarasse o ano 2020 como ano dedicado ao professor Ricardo Carvalho Calero, no editorial do Boletim 12 manifesta-mos a nossa esperança de que este fosse o ano em que, finalmente, se fizesse justiça com a memória e o legado do Professor.

Muitos almejamos também que com a homenagem fosse o sinal do fim da hostilidade das instituições e da indústria cultural que lhe é afim contra todos os defendem e praticam a norma portuguesa da língua da Galiza.

Mas eis que, como não raro acontece na vida das pessoas e dos coletivos, um evento catastrófico reconfigurou as prioridades. Com a desculpa das restrições decretadas para conter a pandemia-covid, o Professor não recebeu o reconhecimento institucional merecido. O reintegracionismo também não saiu duma vez para sempre da marginalidade que lhe é imposta, embora, como tantos começam a replicar, seja cada vez mais evidente que não há esperança para a sobrevivência da língua da Galiza fora da comunicação no espaço lusófono, absorvida como está cada vez mais no galego-castelhano.

A pandemia também teve efeito nas práticas linguísticas das instituições e da sociedade civil.

Por um lado, a insistência dos responsáveis políticos autonómicos em falar em castelhano nas primeiras semanas da pandemia passou a mensagem de que a língua da Galiza é um obstáculo, que não serve para comunicar, que serve apenas usos litúrgicos. Mais um exemplo da falaciosa polaridade entre identidade e utilidade que configura a distribuição dos usos do castelhano e do português da Galiza na sua versão autonómica.

Por outro lado, o caso à volta do neologismo para designar o aparecimento da doença, que em português denominamos “surto”. Depois de semanas em que nos meios de comunicação e redes sociais galegas se começava a normalizar o termo português, a RAG determinou a escolha do termo “gromo”, decalque semântico da metáfora botânica castelhana, “brote” para o aparecimento súbito duma doença. Mais um exemplo de como a nossa língua, parafraseando o professor Carvalho Calero, ou é galego-português ou galego-castelhano.

A atividade da Academia viu-se fortemente atingida pela impossibilidade de realizar eventos presenciais.

Não queremos deixar de referir, no entanto, a importância do “Projeto Fontenla”. Esperamos que a disponibilidade deste espólio para os investigadores permita difundir outro conhecimento sobre a história recente da Galiza e a criação de outros relatos mais fiéis ao desenvolvimento cultural da sua sociedade nas décadas de 1970 a 1990. Com a esperança de promover a divulgação, a análise e a criação de discurso, a AGLP lançou em outubro de 2020 o blogue “Apontamentos académicos”.

Compre também dar a notícia triste do falecimento do Prof. João Malaca Casteleiro em fevereiro de 2020. Queremos deixar registo da nossa gratidão não só pelo seu firme apoio à causa do reintegracionismo, mas também pelo exemplo de compromisso com a Filologia como saber, de resistência a pressões políticas e de visão para o espaço da língua portuguesa.

Nestes tempos em que as correntes isolacionistas e desagregadoras ganham força no espaço lusófono, o seu esforço por restaurar o diálogo entre as duas beiras do Atlântico, que atingiu um ponto culminante no Acordo Ortográfico de 1990, dão sinal do caminho a seguir.

\* \* \* \* \*

Mas este coração aprende pouco,  
como nom seja a registar loucuras;  
nom a prevê-las e evitá-las. Duras  
fidelidades de um notário louco.  
A latejar calhado num salouco,  
jazes caído em brêtemas escuras,  
e vês da tua história as singraduras;  
mas sem poder erguer-te do cabouco.  
Um de ti espectador diafanamente  
espelha os trancos que te conduzirom  
a cair nesta foja torpemente.  
Outro reitera os dias que fugirom.  
Entre cego caminhas e vidente.  
Mas nada aprendes do que os olhos virom.

\*\*\*

Na autoestrada de Barajas,  
a direita é vermelha, a esquerda gualda.

As cores  
da bandeira de Espanha.  
É inverno, às sete horas  
da madrugada.

Diante do meu carro,  
todas som luzes encarnadas.

Pola outra banda,  
em direcção contrária,  
venhem e passam  
luzes douradas.

Estrelas de sangue cruzam-se  
com estrelas de ouro em chamas.  
Som três, não duas, no entanto,  
as listras que o olho aguarda.  
Mas a Oriente, o abreente surge  
como umha terceira franja

morada.

As cores  
da bandeira republicana.

(Poemas VII, 3 e VIII, 7 de *Cantigas de Amigo e outros poemas*, AGAL,1986, pp. 153.185)



## **Estudos**

---



## Carvalho Calero, medievalista

José Luís Rodríguez

### Resumo

O presente artigo centra-se nos contributos menos notados da ampla obra do Prof. Carvalho Calero, os relativos à filologia e à cultura medieval da Galiza, nomeadamente a literatura, e em especial a lírica trovadoresca. O autor acompanha a produção da romanística italiana (S. Pellegrini, G. Tavani, F. Toriello, L. Stegagno Picchio...) assim como a de estudiosos luso-brasileiros (com M. Rodrigues Lapa à frente), que recensiona na revista *Grial* entre 1965 e 1978, com intuito divulgador. A investigação própria neste campo, como aliás noutros, também não esquece este alvo fundamental: a (alta) divulgação. Por vezes, a necessidade de fornecer materiais didáticos para o ensino universitário explica outros trabalhos seus.

Num autor de grande espectro como Carvalho Calero o eco do mundo medieval (e do clássico, e do moderno) surge ainda com frequência nos seus livros de poesia, na retomada de mitos, eróticos ou cavaleirescos, como o de Tristão e Iseu, aspeto porém só aludido de passagem nesta colaboração

### Palavras chave

Obra de Carvalho Calero, língua medieval galego-portuguesa, literatura medieval galego-portuguesa, estudos trovadorescos, escárnio de Malonda, Fernando Esquio/Fernam do Lago.

### Abstract

This article focuses on the lesser-known contributions of Prof. Carvalho Calero, those related to Galician philology and medieval culture, namely literature, and especially troubadour lyric poetry. The author accompanies the production of Italian romance (S. Pellegrini, G. Tavani, F. Toriello, L. Stegagno Picchio ...) as well as that of Luso-Brazilian scholars (led by M. Rodrigues Lapa), which he reviews in the *Grial* magazine between 1965 and 1978 for dissemination purposes. Research in this field, as in others, does not forget this fundamental goal: (high) dissemination. At times, the need to provide teaching materials for university education explains some of his other work.

In a broad-spectrum author such as Carvalho Calero, the echo of the medieval world (both classical and modern) does still appear in his poetry books by means of the resumption of myths, either erotic or chivalrous, including that of Tristan and Iseu, just alluded to in this collaboration.

### Keywords

Work by Carvalho Calero, medieval Galician-Portuguese language, medieval Galician-Portuguese literature, troubadour studies, “Escárnio de Malonda”, Fernando Esquio/Fernam do Lago.

Para além de criador notabilíssimo (chegariam as suas duas últimas obras para o confirmar, *Scórpio*, de 1987, e o póstumo *Reticências...*, de 1990), Ricardo Carvalho Calero (1910 – 1990) é reconhecido como o senhor da história e da crítica literária galegas, nas quais é difícil dar um passo sem nos toparmos com alguma referência inescusável do autor da *Historia da literatura galega contemporânea* (1963), que deu também ao prelo, em 1966, outra obra fundacional, a *Gramática elemental del gallego común*. Dotado de umas brilhantes qualidades intelectuais, de uma extraordinária capacidade de trabalho, de um marcado sentido da responsabilidade e de um profundo amor à sua terra e aos seus valores mais genuínos, foi elaborando ao longo dos anos da sua vida, aliás azarenta, uma obra de grandes proporções, esteio fundamental da nossa cultura hodierna, valor permanente para o amanhã. A poesia própria, sobretudo, a produção literária dos seus compatriotas, e não menos o presente e o futuro da língua de todos, constituíram a tríade principal de assuntos que o acompanhou durante todo o seu percurso vital, dos primeiros poemas de 1927 aos últimos de 1990.

A vocação literária e a capacidade ensaística foram muito precoces nele, e constantes. A preocupação pela língua, implícita no uso próprio e no dos autores estudados, foi ganhando volume no seu quefazer por necessidades docentes, agrandadas polas divergências quanto à conformação do padrão que a *questione della lingua*, central na década de setenta e oitenta, ia gerando, uma questão ainda em aberto hoje por irresolvida, mas, colocada sobre as sólidas bases de Carvalho Calero, avançará por carris seguros rumo ao futuro.

A preocupação de Carvalho pela língua, na sua pancronia, e nas necessárias orientações de política linguística que lhe garantissem um futuro promissor, implica também naturalmente um sólido conhecimento do seu passado, e do passado, pelo menos nas suas linhas gerais, dos restantes idiomas hispano-românicos, o castelhano em particular, tão presente no espaço galego e tão semelhante na sua expansão peninsular e até projeções extra-peninsulares (americana para ambos, africana e asiática quase só a da língua ocidental). Assim, nas suas frequentes sínteses de história externa nunca falta o período medieval ou a comparação com o castelhano (ora concorrente ora exemplo a considerar), v. gr., nos seguintes artigos: “O galego antigo” seguido de “o galego medio”, “o galego moderno”, “o galego futuro”, publicados, como muitos outros, no mesmo jornal<sup>1</sup>. Ou: “Testemunhos gráficos do galego *decer* ‘dizer’”, e “Novos

<sup>1</sup> *La Voz de Galicia*: 26/08/1977, 15/09/1977, 18/09/1977, 22/09/1977. Reeditados em PLG 1981: 25-35.

testemunhos gráficos do galego decer ‘dizer’”, ambos na mesma revista<sup>2</sup>. Ou ainda: “Evolução histórica da língua galega”<sup>3</sup>... Como é bem sabido a maior parte destes artigos, dados a lume em jornais ou em revistas, foram recolhidos posteriormente em livros, de tema linguístico (como o inaugural, em tantos aspetos, *Problemas da língua galega*, 1981, ou *Da fala e da escrita*, 1983), ou linguístico-literário (v. gr., *Letras galegas*, 1984, ou *Do galego e da Galiza*, 1990).

Maior volume atingiram, com efeito, os trabalhos de ordem histórico-literária, pois, para além da *História da literatura galega contemporânea*, que abrange de 1808 a 1936, deixou livros e artigos, inúmeros, com que iluminou o seu acidentado decorrer, amiúde agrupados por temas e publicados também em formato livro: *Sobre língua e literatura galega* (1971), *Libros e autores galegos. Dos trovadores a Valle-Inclán (I)*. *Libros e autores galegos. Século XX (II)*, de 1979 e 1982, respetivamente, *Estudos e ensaios sobre literatura galega*, 1989, ou como tema monográfico, em torno a um autor ou a um grupo deles, v. gr. *Sete poetas galegos* (1955), *Estudos rosalianos* (1979), *Escritos sobre Castela* (1989). Sem esquecer, entre outras obras, a quase inaugural *Aportaciones a la literatura gallega contemporânea* (1955), originada na sua tese de doutoramento, que projetou para o exterior os valores da nossa literatura. Penso que lhe fazem justiça as seguintes palavras de Montero Santalha:

Será difícil achar algum ponto desse organismo vivo que é a nossa história literária que nom tenha sido tratado por ele com umha satisfatória amplitude, *começando pola poesia trovadoresca* e concluindo pola narrativa aparecida nos derradeiros meses em que esteve vivo (CCO 1993: 167, itálico nosso)

## A época medieval

*A começar pola poesia trovadoresca*... Com efeito, a obra de Carvalho, de proporções ciclópeas, não podia descurar a época medieval, se bem que nom fosse o centro nevrálgico da sua preocupação literária. Não a podia descurar porque nesse esplendor medieval, nesse brilho inaugural, reside grande parte da razão de ser da Galiza, que se desenha com um perfil próprio, autónomo, inequívoco, dentro dos povos peninsulares. Um perfil que se conforma na dimensão galego-

<sup>2</sup> *Verba*, 5 (1978), 101-112, e 7 (1980), 203-207.

<sup>3</sup> Que vem à luz em *O Ensino. Revista Galaico-Portuguesa de Sócio-Pedagogia e Sócio-Linguística*, nº 7-10 (1984), pp. 189-194, e incluído em LG 1984: 27-33.

portuguesa, dimensão que a história contrariou mas mesmo assim não foi capaz de apagar completamente.

Carvalho deixou múltiplos contributos pontuais de teor medieval que disporemos, para maior facilidade expositiva, em quatro parágrafos, a começar pelo mais frequentado: 1) recensões e notas, 2) ensaios de temática vária, 3) edições de textos, 4) ecos medievais.

### Recensões e notas

Para além de uma referência na revista *Nós*<sup>4</sup>, na década de trinta, e um par de notas na ferrolana *Aturuxo*<sup>5</sup>, na de cinquenta, pode afirmar-se que uma atenção significativa por parte de Carvalho à época medieval, e não só, como é evidente, principia e se efectua por meio da revista *Grial*. Com efeito, talvez solicitado, ou simplesmente movido pelo seu compromisso com a tarefa de construir a Galiza, e mais em concreto com o grupo nucleador de Galáxia, Carvalho resenhou e publicou na revista viguesa os principais trabalhos que iam levantando os nossos estudos trovadorescos, com o olhar posto sobretudo na romanística italiana e em Portugal. E com notável acompanhamento de duas ou três figuras centrais: Giuseppe Tavani, Silvio Pellegrini e Manuel Rodrigues Lapa. O mais antigo destes contributos surge em *Grial*, nº 8 (abril-julho, 1965, pp. 238-240), sobre a edição das cantigas de escárnio de Rodrigues Lapa. O mais recente,

---

<sup>4</sup> “Cossante”, em *Nós*, nº 101 (15 de maio de 1932), p. 89, onde comenta a composição deste título de Diego Hurtado de Mendoza, presente na *Antologia de poetas líricos italianos* (de 1898) de Juan Luis Estelrich, que a dá como imitação do italiano, sendo para o jovem Carvalho, com bom critério, perante a presença de paralelismo e *leixa-pren*, um “ensaio de aclimatar em Castela a poesia trovadoresca, e sospêittoa diretamente inspirada nas canções dos nosos líricos do Medioevo”. Uma simples imitação, talvez, considerando a cronologia do seu autor (1503-1575), bisneto do Marquês de Santilhana.

<sup>5</sup> Nesta revista, em que Carvalho colabora em todos os seus onze números (1952-1960), com o próprio nome ou sob o pseudónimo de Fernando Cadaval, ou ambos num mesmo número, há duas breves notas que dizem respeito ao mundo medieval. Em *Aturuxo*, 1, 1952, [10], evoca-se “Fernán de Esquio”, numa secção de “poetas ferrolanos”, dirigida por Carvalho, que, porém, não terá continuidade. Alude-se à existência de lápides sepulcrais com o apelido “Esquio” em Júbia e em Neda, remete-se para o trabalho de Leandro Saralegui y Medina, “Um trovador ferrolano de la segunda mitad del siglo XIII” (1906), e insere uma das sete cantigas do poeta, a famosa “Vaíamos, irmana, vaíamos dormir”, com, aliás, alguma modernização, nom atribuível decerto a Carvalho (o original “mão” converte-se em “man”). Mais para a frente, voltaremos a este trovador na ótica de Carvalho. No nº 3 (1953), [18], “Escolma de poesía galega I”, comenta a oportunidade da antologia de X. M. Álvarez Blázquez (Vigo: Galáxia, 1952), pois as edições críticas dos Cancioneiros “caras e raras, son inasequibres ao grande público”, e a utilidade do glossário, que louva, sendo ainda a *Escolma* “un mangado de fremosisimas e recedentes froes do noso lírico xardín meieval, cuia fragancia non debe deixar de aspirar ningún poeta, ningún galego”.

no nº 59 (janeiro-março 1978, 103-110), a propósito da edição de Fernam Velho de Giulia Lanciani<sup>6</sup>. No meio ficam achegas nos números 18 (outubro-dezembro 1967, 231-233), 20 (abril-junho 1968, 358-359), 21 (julho-outubro 1968, 362-364, 369), 25 (julho-setembro 1969, 376-379), 27 (janeiro-março 1970, 75-78), 29 (julho-setembro 1970, 360-361), 30 (janeiro-março 1970, 492-493), 46 (outubro-dezembro 1974, 508). Todos relativos à problemática trovadoresca, salvo o nº 20 referido à “lenda do Graal”. A que haveria que acrescentar, ainda, as atenções a obras respeitantes à língua medieval, como no nº 17, de julho-setembro 1967, 373-376 (“Documentos galegos medievais”, recensão de *A vida e a fala dos devanceiros*, de Xesús Ferro Couselo. Vigo: Galaxia, 1967), ou no nº 23, de janeiro-março 1969, 115-116, em que resenha a obra de R. Lorenzo, *Sobre cronologia do vocabulário galego-português (Anotações ao ‘Dicionário etimológico’ de José Pedro Machado)*. Vigo: Galaxia, 1968. Uma presença assídua, nas páginas da revista, atento aos ‘produtos’ de Galáxia e às publicações mais importantes da área neste período. O final destas colaborações foi devido tanto ao afrouxamento (por não dizer ruptura) dos laços com a gente de Galáxia, bem sabido por todos aqueles que estivemos perto dele, como à necessidade peremptória de defender outras frentes: a orientação adequada para garantir um futuro para o idioma, afastando-o dos perigos do isolamento (e da insolidariedade com as outras vertentes nacionais do mesmo) que, mais uma vez, o podiam conduzir a um beco sem saída, o qual se desenhava claramente nas instituições político-académicas da altura.

Todos ou quase todos estes trabalhos foram reunidos por Carvalho em livros, por vezes revistos e/ou ampliados, de temática não exclusivamente medieval. Cinco, em concreto: *Sobre lingua e literatura galega* (SLLG 1971), *Libros e autores galegos. I. dos trovadores a Valle-Inclán* (LAG I 1979), *Estudos e ensaios sobre literatura galega* (EELG 1989) e *Do galego e da Galiza* (DGDG 1990), que analisaremos a seguir. Partimos dos textos destas colectâneas, não só para facilitar a consulta mas também por representarem a última (re)visão do autor.

No primeiro deles (SLLG 1971), a segunda das três partes é de temática medieval, com a inclusão de 10 pequenos estudos, para um total de 35 páginas.

---

<sup>6</sup> Autora a quem dedica também a resenha do seu *António Ribeiro Chiado. Auto das regateiras* (Roma 1970), em *Grial*, 34 (outubro-dezembro 1971, 498-499), já fora do enquadramento medieval do quefazer de Carvalho a que aqui nos referimos. “O Chiado” foi, como se sabe, um poeta e dramaturgo da escola vicentina contemporâneo de Luís de Camões.

Um dos trabalhos (“Problemas da lírica galego-portuguesa”, *ibid.*, pp. 180-185), constitui uma revisão e ampliação, como se informa, da resenha publicada em *Grial* (21, julho-outubro 1968, p. 369). Os restantes são recensões, sendo as principais as referidas à receção das obras de G. Tavani e de M. Rodrigues Lapa.

*Giuseppe Tavani e a romanística italiana*

O texto de Carvalho mais antigo, referido a este item, parece ser o de “Estudos italianos sobre literatura galego-portuguesa” (SLLG 1971: 173-174), breve nota sobre um artigo de G. Tavani de 1966 respeitante a contributos da romanística italiana (numerosas edições de poetas e doutro teor) à “letteratura portoghese medievale” nesses anos, entre os quais os seus próprios (a edição de Joam Nunes Camanês, por exemplo), ao mesmo tempo que se informa que Tavani andava a preparar, na altura, o seu *Repertorio metrico della prima lirica galego-portoghese* (sairia em 1967), de tanta utilidade, e um estudo sobre a nossa *Tradizione manoscritta*, igualmente valioso. Carvalho não chegará a recensionar a primeira destas obras, mas sim a segunda (SLLG 1971: 177-179).

Com efeito, G. Tavani consagra nesta obra de 1967 (*Cultura Neolatina*, XXVII, 41-94) as siglas dos manuscritos, siglas que triunfarão (A para o da Ajuda, B, da Biblioteca Nacional, V, da Vaticana, C, catálogo de Colocci, etc.) assim como o *stemma codicum* da nossa pobre tradição. “Semellan paralelamente [sic] asisadas e ateigadas de saber filolóxico as conxeturas relativas á datación dos manuscritos perdidos e postulados como necesarios” (*ibid.*, 178), e igualmente o estudo de como se tem constituído a tradição manuscrita da nossa lírica. Enfim, frente à opinião de Tavani de ser a língua dos Cancioneiros “de base portuguesa mesturada con máis ou menos elementos de procedencia galega”, Carvalho reivindica o contributo galaico, acorde com os centros cortesãos e a pléiade de poetas, “galegos todos os grandes xenios poéticos dos Cancioneiros, agás os dous reis Alfonso e Denis”, concluindo, contudo, que essa língua “chamárase como se chamara, era unha soa lingua, orixinada ao norde do Miño, a que refrexaban na sua *koiné* literaria” (*ibid.*, 179).

O trabalho carvalhano “Problemas da lírica galego-portuguesa” (SLLG 1971: 180-185), recensiono o livro de 1969 de G. Tavani, *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*, que consta de três partes: “L’ambito culturale e linguistico”, “La tradizione manoscritta” (antes em *Cultura Neolatina*, agora em livro, e acabada de

comentar), e “Problemi attributivi, testuali e interpretativi”. A primeira das partes enceta-se com o trabalho “Il problema della poesia lirica nel Duecento letterario ispanico”, publicada autonomamente em 1967, e recensionada já pelo próprio Carvalho em *Grial* (21, julho-outubro 1968, 369), incorpora-se agora neste livro, revisada e ampliada. Em resumo, Carvalho comenta e pergunta-se pelo “enigma histórico”: o porquê se constituiu na Galiza uma escola provençalizante em língua galaica, veículo da lírica culta na Hispânia centro-ocidental (quando menos). Os textos de autores provençais a apontarem para outras línguas poéticas (Raimbaut de Vaqueiras, Cerveri de Girona, Bonifacio Calvo, Raimon Vidal...) nunca descuram o galego(-português), sendo discutíveis as alusões ao castelhano. A terceira parte refere-se aos textos tardios interpostos na tradição lírica galego-portuguesa, pós-trovadorescos pois, por razões de ordem linguística, métrica, de aparato retórico e até biográficas (ver, por exemplo, Luciana Stegagno Picchio a propósito da *serrana* de Sintra), que Carvalho acompanha. Discute, porém, o sentido geral da famosa cantiga de Nuno Fernandez Torneol *Levad’amigo que dormides as manhanas frias* (B 641, V 242), que “ten un misterioso enlevo”, pois encerra “poderosos pero escuros símbolos eróticos” (*ibid.*, 184).

Outra das recensões diz respeito ao livro de Silvio Pellegrini, *Il canzoniere di Don Lopo Liáns* (1969), cancionero editado anteriormente por Rodrigues Lapa nas suas *Cantigas d’escarnho e de mal dizer* (1965) e algo depois nas páginas de *Grial* (12, abril-junho 1966, 129-148). Trata-se de esclarecer o apelido do autor (Lias?, Lians?), a sua naturalidade, que parece claramente galega e não castelhana, o sentido da referência aos “trovadores d’Orzelhon”, e a leitura e interpretação dalguns termos (*negrada, brialeta/brialete*), diferentes entre Pellegrini e Lapa. Afinal, deste fugidio e brilhante autor, nada melhor que a magistral síntese em negativo do próprio Carvalho:

Respeito á oriundez de Don Lopo non sabemos nada. Que o achemos un dia en Lugo; que escarneza a uns cabaleiros de Lemos; que fale dos trovadores de Orcellón; que galantee a unha dona de Soveral ou de Bagiúin, coa que tiña un preito coñecido en toda a península de Morrazo i en todo o val de Salnés; que se refira a “quantus oi en Galiza son” proba únicamente que vivía en Galicia, e que viaxou polo país. Tanto pode ser lugués como monfortino como meiriño como ourensán. O apelido Lias aparece en terra de Orcellón no século XIII. Un Fernán Lias sería irmán do noso Don Lopo, segundo García Álvarez, quen supón ao trovador nativo daquela terra” (SLLG 1971: 188-189)

*Manuel Rodrigues Lapa*

Incorporam-se nesta colectânea as recensões de três obras capitais de Rodrigues Lapa relativas ao nosso âmbito medieval: a das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos Cancioneiros medievais galego-portugueses* (SLLG 1971: 192-195), de 1965, a de *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval* (*ibid.*, 196-199), do mesmo ano, e a intitulada “Literatura portuguesa medieval” (*ibid.*, 200-202), que o é da 7ª edição do seu clássico *Lições de literatura portuguesa. Época medieval* (1970).

Na primeira delas, Carvalho tem consciência da enorme dimensão da publicação, mesmo no âmbito geral da romanística, e deixa-se levar pelo entusiasmo tecendo elogios, à editora, por acometer tal empresa, que valeu a pena, pois:

está chamada a causar profunda impresión esta obra, que pon á disposición dos romanistas un ricaz material, escasamente coñecido, se non totalmente iñorado ate hoxe, ordeado e restaurado conforme ás esixencias da crítica mais rigorosa e portador dunha cantidade de información cáxegue esmagadora e relativa a infindade de aspectos culturás (SLLG 1971: 192)

Descreve sinteticamente o trabalho realizado por Lapa no que pretende ser “unha nota de carácter xeral”, insatisfatoriamente, dado que:

A obra está destinada a provocar no futuro, por parte dos especialistas, repousados traballos. Uns sobre os criterios adoutados polo autor ao se encarar co seu material, e as solucións propostas pra resolver os mil problemas que os testos plantean. Outros, sobre os mesmos testos, agora por fin cómodamente disponibres. Ou sexa: que teremos no porvir comentarios en torno ao labor persoal de Rodrigues Lapa, i estudos sobre as cantigas publicadas, estudos que, naturalmente, anque poden visar aspectos novos do ouxeto considerados, terán que partir, normalmente, do propio labor de crítica textual do ilustre filólogo, pois nas eruditísimas notas deste hai unha riqueza tal de dados e de ideas, que obrigará a todo estudioso futuro a edificar, como discípulo, sobre os alicerces firmemente asentados polo mestre (SLLG 1971: 193-194)

Só resta dizer que, neste prognóstico, acertou plenamente!

Quanto à resenha da *Miscelânea* de Lapa, volumosa colectânea de vinte e cinco estudos basicamente medievais do mestre de Anadia, deles focaliza

só alguns núcleos: o situado arredor das orixens da lírica medieval, galego-portuguesa em particular; o texto das cantigas de amigo, longa resenha da edición de José Joaquim Nunes (de 1926); uma cantiga de D. Denis sobre o conceito da mesura, a que começa *Pero muito amo, muito non desejo*<sup>7</sup> (B 605, V 208), em que propõe lectura diferente às anteriores (de H. Lang, de J. J. Nunes); a famosa cantiga da “garvaia” (A 38), autêntico *tour de force* para a perspicácia crítica dos medievalistas, e à qual Lapa dedica dois artigos; a edición de três cantares de amor de Gil Peres Conde (B 392, 402 e 403), dos quais só o último é tal, de amor, sendo os outros dois de carácter jocoso ou escarninho; vários artigos relativos à *Demanda do Santo Graal*, com os argumentos de Lapa em prol da prioridade do texto galego-português, e a crítica a Oliveira Guimarães pelos seus ‘reparos’ à citada tese, e sobretudo a dureza utilizada contra a edición da *Demanda do Santo Graal* realizada por Augusto Magne em 1944, da qual comenta Carvalho:

O peor é que Magne elimina os pasos que están en pugna coa moral da relixión católica tal como el a entende. Resulta unha edición *ad usum Delphini*. Rodrigues Lapa comenta erros de lectura, omisións, interpolacións, alteracións e a mutilación do testo nun paso escabroso, coa precisión e o rigor a que nos ten acostumados (SLLG 1971: 199)

Enfim, juntamente com outros artigos, recensões e notas, este livro constitui, em opinião de Carvalho: “un rico arquivo de dados e doutrinas para todo o interesado polas letras de Galicia e Portugal” (id., *ibid.*).

Na nota sobre “Literatura portuguesa medieval” (SLLG 1971: 200), Carvalho dá notícia da 7ª edición de “un libro clásico”: as *Lições de literatura portuguesa. Época medieval* (1970) de Manuel Rodrigues Lapa. E passa revista o recenseador à atualização bibliográfica respeitante à 6ª edición (1966), com perto de trinta novas obras, muitas delas relativas a edições de trovadores, mas também à cronística, à questão da *Demanda do Santo Graal* e do *Amadis*, apontando, no texto de Montalvo, indícios da sua provável versão original em língua galego-portuguesa.

---

<sup>7</sup> Carvalho insere, em nota de rodapé, um comentário de Rodrigues Lapa na 7ª edição das *Lições* (de 1970) que também recensionará o mestre ferrolano (cfr. a seguir), em que reconhece que a cantiga foi considerada tardia, e não de D. Denis, por G. Tavani “com razões pertinentes” (SLLG 1971: 198).

Outras

Das duas restantes, a primeira (SLLG 1971: 203-205) é uma recensão de *La pastorela medieval hispánica: pastorelas y serranas galaico-portuguesas* (Vigo: Galáxia, 1970), de Arlene T. Lesser. Carvalho começa por lamentar a ausência na sua bibliografia de G. Tavani, o editor de Airas Nunes e de Lourenço, “dous nomes que son claves na arquitectura da pastorela galego-portuguesa, e aos cales a autora se refire, polo tanto, con grande frecuencia”, para a seguir fazer resumo dos seus postulados: a origem da pastorela hispánica é galego-portuguesa, e, entre os diversos subtipos, encontram-se a serrana portuguesa de Álvaro Afonso (CV 410) e outra de Estevam Coelho (V 321) que, para Carvalho nem sequer é pastorela mas uma “fiandeira”. Quanto à de Álvaro Afonso, Carvalho cita um estudo, ausente da bibliografia de A. T. Lesser, de Luciana Stegagno Picchio, de 1966 (“Per una storia delle “serrana” peninsulare: la “serrana” di Sintra”), em que demonstra ser um texto tardio, do género <<pregunta>>, em versos de arte maior, interpolado na tradição manuscrita, e imitação das serranas castelhanas. Carvalho não deixa de indicar ainda outras incoerências cronológicas, deficiências interpretativas ou confusão de autores (Joam Airas por Airas Nunes, v. gr.). É a mais ‘crítica’ das críticas de Carvalho.

A segunda (“A lenda do Graal”, SLLG 1971: 206-208) diz respeito ao livro de Martín de Riquer, *La leyenda del Graal y temas épicos medievales* (Madrid: ed. prensa española, 1968), mas refere-se exclusivamente ao tema do Graal (que na obra de Riquer só ocupa os 2/3 do total), pois “hoxe en Galicia, e sobre todo na revista *Grial*, ten que ser ben vida toda información que ao Graal se refira” (*ibid.*, 206).

No segundo dos citados libros de Carvalho, estampam-se cinco artigos de temática medieval: “Sobre o escarño de Malonda” (LAG I 1979: 11-27), que comentaremos com alguma amplidão nas pp. 25-27 deste trabalho, “Poesía lírica de tradición popular castelá e galega” (*ibid.*, 29-33), relacionado com o anterior, “Il canzoniere di Fernan Velho” (*ibid.*, 35-39), “Fernando Esquio” (*ibid.*, 41-45), e “As cantigas de Pero Meogo” (*ibid.*, 47-49), com a indicação ao final de cada artigo do ano em que se publicou ou escreveu. Há ainda a inserção do trabalho indicado na nota de rodapé nº 6, referido à edição de G. Lanciani do *Auto das regateiras de António Ribeiro Chiado...*

De todos estes trabalhos, três são recensões: a primeira, do ponto de vista cronológico (1975), é a dedicada à edição de Pero Meogo realizada por Leodegário

A. de Azevedo Filho (Rio de Janeiro, 1974). Carvalho descreve o minucioso trabalho do professor brasileiro e faz algumas observações “referentes á fixación do texto, incluindo o cómputo métrico” (LAG I 1979: 48). Surpreende-lhe, por exemplo, que o editor substitua “as estrañas formas *delhos, delhas*” da cantiga VI, “polas non palatalizadas *delos, delas*, apartándose dos manuscritos, contra o seu costume, sin calquer explicación” (*ibid.*), ou a não unificação do texto do refrão (*que farei, belidas?*) da cantiga IV. A segunda das recensões (de 1977) é a votada a Fernando Esquio, e sobre a qual voltaremos mais para a frente. A terceira (de 1978) destina-se à edição de Fernam Velho por Giulia Lanciani (L’Aquila: 1977). A resenha descreve pormenorizadamente a obra, destacando a qualidade filológica da escola: “A escola de filólogos romanistas italianos tense ergueito, sin dúbida, cos atributos da principalía nesta clase de traballos” (LAG I 1979: 35), possuindo a de Lanciani “canto unha edición crítica esixe hoxe, todo realizado co máis escrupuloso espírito científico que cabe desexar” (*ibid.*, 39).

As duas últimas colectâneas de Carvalho (EELG 1989 e DGDG 1990), são parcas em recolhas medievais, só um artigo em cada um dos livros: “Sobre a identidade do trovador Fernam do Lago” (EELG 1989: 67-74), e “Esquios e Lagos em terras de Ferrol” (DGDG: 135-139).

### *Fernam do Lago e/ou Fernando Esquio?*

Talvez por ser um trovador presumivelmente ferrolano<sup>8</sup>, como o próprio Carvalho, talvez também por razões de amizade com a editora do(s) mesmo(s), Fernanda Toriello, “a nossa estimada amiga e inteligente estudiosa” (EELG: 70), leitora de italiano na USC na década de 70, seja pelo que for, a verdade é que o tema chamou a sua atenção várias vezes, como se viu nas referências bibliográficas precedentes, por esta ordem: em LAG I 1979: 41-45, em DGDG 1990: 135-139, e em EELG 1989: 67-74<sup>9</sup>. No primeiro dos citados, “Fernando Esquio”, que o autor data de 1977, debruça-se sobre a etimologia do antropónimo, que também é um topónimo (perto de Coimbra), e sobre a edição da Prof. Fernanda Toriello, “a intelixente editora italiana, que con todo o rigor e pulcritude a que nos ten

<sup>8</sup> Remetemos para a nota nº 5, primeira aproximação, que saibamos, de Carvalho ao trovador.

<sup>9</sup> Seguimos não a sequência cronológica destes livros, mas a indicação do autor, constante neles, de elaboração/publicação de cada um dos trabalhos: 1977, 1985, 1987, cuja vinda a lume nesses anos não conseguimos precisar...

acostumados a escola de Pellegrini e Tavani” leva a efeito o seu trabalho. F. Toriello fixa o cancionero de Fernando Esquio incorporando também ao seu espólio a cantiga *D’ir a Sancta Maria do Lagu’ey gran sabor* (B 1288, V 893), que nos apógrafos é atribuída a Fernan do Lago. “A editora suliña a existencia de Lago e Santa María nas proximidades de Neda e Xubia, patria dos Esquio” (LAG I 1979: 43), junto com outros indícios de ordem paleográfica e de colocação nos cancioneros, entre outros menores em que se esteia tal hipótese atributiva. No segundo, intitulado “Esquios e Lagos em terras de Ferrol”, datado em 1985, que se apresenta como “comunicação, escólio de um trabalho que está no prelo” (DGDG 1990: 136), e ao qual dá o título de “Sobre a identidade do trovador Fernam do Lago”, com data de 1987, e que foi publicado em *Studia in honorem prof. M. de Riquer*<sup>10</sup>. Nele, o mais desenvolvido dos três, Carvalho, ainda admitindo que as razões que sustentam a “sugestiva” hipótese de F. Toriello (da identificação de Fernam do Lago com Fernando Esquio), “som mui dignas de consideração”, dista no entanto de ser segura, de estar provada. Parece ainda inclinar-se pela possibilidade de serem autores diferentes, Fernando Esquio e Fernam do Lago; este último seria assim autor de uma única cantiga, uma cantiga de romaria, aliás um “texto entre os mais logrados do género” (EELG 1989: 68). Mais ainda: “Hai na comarca ferrolana umha linhage que leva o apelido Lago e que está relacionada geográfica e genealógicamente coa que leva o apelido Mandiá, a cal à sua vez se relaciona coa linhage dos Esquio” (*ibid.*, 70-71). “De sorte, que o Fernam do Lago, se nom era um nome alternativo de Fernam Esquio, quem podia estar já emparentado cos Lago, poderia ser o nome de um contemporâneo, parente ou vizinho do nosso poeta” (*ibid.*, 71).

### *Tipologia das recensões*

Carvalho pretende inicialmente dar conta destas obras, detendo-se no seu conteúdo, objetivos, etc., e no que representam para um melhor conhecimento da nossa literatura. Há pois nessas recensões e anotações um alvo divulgativo e, ao mesmo tempo, reivindicativo, ao serem com frequência trabalhos produzidos e editados por estrangeiros e no estrangeiro (singularmente na Itália), o que confere um valor acrescentado aos nossos textos. Interessa-se sobretudo por aspetos histórico-literários dos autores visados, ou da época em que se inserem, com sínteses nunca isentas de valor. Quanto a aspetos ecdóticos das

---

<sup>10</sup> Barcelona: Edicions dels Quaderns Crema, 1987, vol. II (de quatro: 1986-1991), 566-599.

edições visadas, se bem que não se preocupe ou raramente discuta leituras ou interpretações (con)textuais, com base nos pertinentes manuscritos, sim atende amiúde a questões métricas e rítmicas.

### *Cronologia, presenças e ausências*

A sua atenção em *Grial* aos estudos medievais abrange aproximadamente uma década, ou algo mais, se bem que já em retirada: entre 1965 e 1978, entre os números 8 e 59, com particular intensidade entre 1965 e 1970, e inicia-se, como temos dito, com a aparição da soberba edição das cantigas de escárnio e mal dizer de M. Rodrigues Lapa. Chama a atenção mais que os autores e obras recenseadas a ausência de outros, o que será devido a fatores diversos, como as suas próprias preferências, o atendimento de urgências mais prementes, mas sobretudo a disponibilidade ou não das obras em questão. Como se vê na sua correspondência com Fernández del Riego (EFR 2006), Carvalho, sempre atento às solicitações do amigo, e à máxima colaboração em *Grial*, dirigida aliás por aquele, e com Galáxia<sup>11</sup>, nesses tempos quando menos, mostrava sempre uma crónica escasseza bibliográfica, de maneira que Fernández del Riego lhe fazia chegar com frequência os originais (aspeto que lhe facilitava o seu posto de diretor da Fundación Penzol), os quais, uma vez consultados, Carvalho devolvia amiúde à volta do correio, ou em breve tempo<sup>12</sup>. Naturalmente, também contribuía o facto de Carvalho andar envolvido em múltiplas atividades, a *História da literatura galega contemporânea* e a *Gramática*, de modo absorvente, assim como ser *Grial* uma revista de cultura galega geral, e sustentada pelo esforço de militantes, nem sempre profissionais, do galeguismo renascente, que se ia abrindo caminho num contexto difícil. A começar pelo esforço de Carvalho, num lugar de destaque! Fique claro, em todo o caso, que não recensionar

<sup>11</sup> "Sempre que teña tempo enviaréche notas pra Papeles [de Son Armadáns] ou os demáis periódicos onde as coloques — de fora de Galicia — sobre libros de Galaxia, con tal que me considere capaz de decir algo sobre eles que non sexa puramente negativo" (EFR 2006: 316, de 16-I-1962). Cfr. também EFR 2006: 299, de 20-IV-1961.

<sup>12</sup> Tanto para as recensões de *Grial*, muitas e de amplo espectro, como para a elaboração da *Historia da literatura* ou da *Gramática*, o papel de Fernández del Riego e até de Ramón Piñeiro, entre outros, quanto ao acarretamento de materiais bibliográficos, foi básico, indispensável. A correspondência entre eles documenta-o uma e outra vez, v. gr.: "Xa que anunciades a miña Gramática teréi que pensar en facela. Conviría que me mandaras todo o que teñas de antecedentes; pois eu carezo de libros de filoloxía galega. Xa lle dixen a Piñeiro que había que me fornecer dunha pequena biblioteca filolóxica" (EFR 2006: 379, de 22-XII-1963). Cfr. também EFR 2006: 433, de 27-VI-1967; 468, de 26-VI-1969; 475, de 20-I-1970; etc.

determinadas obras não significa para nada que as desconhecesse ou até que não as prezasse. Para citar só umas quantas ‘ausências’ no período apontado, por ordem cronológica:

A edição de Pero da Ponte, de Saverio Panunzio (Bari 1967), o *Nuovo repertorio bibliografico della prima lirica galego-portoghese* de Silvio Pellegrini (+) e Giovanna Marroni (L’Aquila 1981), a edição de Martim Moya (ou Moxa) de Luciana Stegagno Picchio (Roma 1968); surpreende, muito particularmente, *O cancionero de Pero Meogo* de X. L. Méndez Ferrín, de 1966: uma publicação materializada por Galáxia, mas sob a chancela do Centro de Estudos Fingoy, de um autor que Carvalho acolheu nesse centro docente e a quem havia de orientar a tese de doutoramento. E sendo para mais uma publicação galega, em todos os aspetos, e indubitavelmente valiosa. A explicação entrevê-se da correspondência com Fernández del Riego<sup>13</sup>: Carvalho, como representante das publicações emanadas de Fingoy perante Galaxia, e como de alguma forma co-responsável do trabalho, encomendou a outrem a recensão: a Xosé María Álvarez Blázquez (EFR 2006: 423, de 18-XII-1966), quem saúda a obra como “maxistral” na sua longa resenha (*Grial*, 16, abril-junho 1967, 204-211).

Também se nota pouca atenção a publicações em castelhano, pois se o livro fundamental de Eugenio Asensio, *Poética e realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*, de 1970, é uma 2ª edição<sup>14</sup>, também não se recebem obras como, entre outras, *Las once cantigas de Juan Zorro* (Granada 1969), de Manuel Alvar; a de J. Filgueira Valverde: *Sobre lírica medieval gallega y sus perduraciones* (Valencia 1977); a edição da *Historia troyana*, de Kelvin M. Parker (Santiago 1975) ou a de R. Lorenzo, *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, 2 vols. (Orense 1975, 1977), embora não se nos ocultem outras possíveis razões, para além da língua de redação do texto<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Eis várias cartas em que fala do tema: EFR 2006: 395, de 31-V-1965; 406, de 27-XII-1965; 410, de 27-III-1966; 416, de 1-X-1966; 423, de 18-XII-1966; 424, de 30-XII-1966. É óbvio que Carvalho acompanhou de perto a publicação e divulgação deste livro, pedindo até, prova do seu apreço, que se enviasse um exemplar a Rodrigues Lapa (EFR 2006: 425, de 16-I-1967).

<sup>14</sup> Publicado pela Editorial Gredos, casa que editara do próprio Carvalho as suas *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*, em 1955. D. Ricardo tinha ao dispor no seu gabinete da Faculdade, se não toda, sim boa parte da Biblioteca Románica Hispánica da Gredos. Talvez por se tratar de uma 2ª edição, se bem que “aumentada”, sendo a 1ª de 1957.

<sup>15</sup> Se não é devido à casualidade ou a uma certa política editorial da revista, ou a motivações de ordem pessoal.

As colaborações de Carvalho, em forma de resenhas ou notas breves, em *Grial* relativas à bibliografia de âmbito medieval, não respondiam (nem podiam responder dada a sua múltipla e multimoda atividade) a um plano sistemático, como seria esperável numa revista especializada neste campo, o que não era o caso. Surpreende, no entanto, a imagem oposta: a quantidade de trabalhos deste teor dados a lume, quase todos da autoria do Prof. Carvalho Calero. Seria de facto ainda maior, se tivesse prosperado a sua proposta de otimizar a crítica de livros em *Grial*, com uma repartição clara de funções entre os colaboradores (pretensos), o que não chegou a acontecer (EFR 2006: 380, de 22-XII-1963; 381, de 27-XII-1963; 397-398, de 31-V-1965). Para além do seu esgotador trabalho individual, tomou a iniciativa de por vezes sugerir nomes para comentar certas obras (o de Álvarez Blázquez, por exemplo, como temos visto) ou de enviar trabalhos de alunos ou ex-alunos<sup>16</sup>.

### Ensaio de temática vária

“Sobre o escarño de Malonda”, em *Boletín Auriense*, tomo V (1975), pp. 307-322, e mais tarde em LAG I 1979: 11-27.

A tendência natural do estro de D. Ricardo, um certo espraiamento alicerçado na sua sólida base cultural, presente mesmo nalgumas das recensões atrás referidas (sobre o tema de Fernando Esquio/Fernam do Lago, por exemplo), alcança neste trabalho, solidamente desenvolvido, um alto grau. Focaliza-se o que o autor chama ‘escárnio de Malonda’, de dois versos de um refrão (*Rey bello que Deos confonda / tres son estas con a de Malonda*), transmitido por D. Juan Manuel, o autor do *Conde Lucanor*, numa obra em que dá conta do acordo entre D. Jaime I de Aragão e o infante D. Enrique de Castela, de ajuda mútua contra Afonso X, o Sábio, genro e irmão respetivamente dos nomeados, e em que, além disso, prometia ao infante a mão da sua filha D. Constança logo que aquele se apoderasse de algum reino. Acordo que o monarca aragonês não cumpriu, e este incumprimento já seria o terceiro da ótica do(s) partidário(s) de D. Enrique. O pacto foi feito em Malonda, ou seja, Maluenda, na atual província de Saragoça. Os dois versos, “único residuo da poesia galego-portuguesa que se conserva fora dos Cancioneiros coñecidos” (LAG 1979: 14), do cantar, são de autor anónimo, mas

---

<sup>16</sup> Em muitos dos casos (futuros) professores universitários da USC, quer do seu próprio Departamento (Lidia Fontoira, Carmen García, José Luís Rodríguez...), quer doutros, como M. Brea, A. Santamarina ou J. M. Blanco Filgueira, alheios em todo o caso, pelo menos até à década de setenta, à medievalística.

obviamente do bando de D. Enrique. “O refrán do escaño de Malonda ten servido para sustentar a tese da popularidade do galego como vehículo de expresión poética en terras de Castela no século XIII e no XIV, ou sexa durante a vixencia da escola lírica galego-portuguesa” (*id.*, 19), popularidade “que trascendía a los cantares del vulgo”, na opinión de Menéndez y Pelayo, de quem arranca a tese (que aceitam, por exemplo, Menéndez Pidal e Dámaso Alonso), favorecido tal acolhimento polo substrato lingüístico moçárabe das terras reconquistadas, próximo do galego polo comum conservadorismo, na visión também de Rodrigues Lapa, seguido por Celso Cunha. Carvalho aponta que da passagem de D. Juan Manuel não se deduz que o povo castelhano se valesse da língua ocidental para os seus cantares, neste caso satíricos. Trata-se antes de uma poesia do âmbito cortesão, de autoria individual (C. Michaëlis sugere até um nome: Gonçalo Eanes do Vinhal).

Que o vulgo na Idade Media cantara a súa propia lírica nunha lingua estraña, é contráριο á razón. Aquel vulgo era monolingüe, e de calquer forma que operara en certas zonas o sustrato moçárabe ou a situación fronteiriza en casos particulares, falar en castelán e cantar en galego supón unha dicotomía mental inconcebíbel (*id.*, *ibid.*, 26)

Assim conclui Carvalho:

O escaño de Malonda, pois, é un caso de poesía minoritaria, como toda a galego-portuguesa [...]. Como lírica cortesana, aínda no caso dos escaños máis groseiros, non podía ser familiar ao vulgo castelán. Este podía entendela no mellor dos casos, pero non cultivala, porque nin dominaba a lingua nin a técnica trovadoresca. O texto de don Xoán Manuel non contradí esta doutrina (*id.*, *ibid.* 27).

Casualmente fui testemunha da irritação que este artigo de Carvalho produziu a Rodrigues Lapa, pois contrariava a sua tese da expansão natural do galego por outras terras, a qual explicaria a sua proeminência lírica. Deveu ser uma desconsideração inicial e pontual, porque nada publicou sobre o assunto, o que, num polemista tão operativo e bem dotado como o mestre de Anadia, podia significar, talvez, que tivesse refletido e ponderado os argumentos, sólidos, de quem viria a ser a mais importante voz na Galiza em defesa e ilustração do reintegracionismo comum a ambos.

Pode incluir-se também na categoria <<ensaio>>, a sua <<Literatura gallega>>, publicada pela Universidad Nacional de Educación a Distancia (LH1 e

LH2 1977). Trata-se de duas unidades didáticas, 1 e 2, em volumes independentes, com 80 páginas de média, organizando-se cada uma delas em seis temas. A primeira unidade consta como “preparada por D. Ricardo Carballo Calero”, mas da segunda nada se diz da autoria de Carvalho ou das suas colaboradoras<sup>17</sup>.

Para este trabalho, de Carvalho como medievalista, interessa-nos só a unidade didática 1, unidade que abre com um tema introdutório dedicado à língua, o “romance ocidental”, desde a sua formação à atualidade, na Galiza, qualificando a língua da chamada “lírica galego-castelhana” (meados do séc. XIV a finais do séc. XV) de <<crioulo literário>>. Sublinha a unidade galego-portuguesa, frisando, no entanto, que “si en sustancia la lengua es la misma, la literatura dejó de serlo desde fines de la Edad Media” ( LH1 1977: 16).

Os temas seguintes, II e III, desenvolvem o nosso trovadorismo desde as origens até ao crepúsculo, detendo-se nas suas “grandes realizações” nos diversos géneros, nos poetas mais importantes, nas cortes que o sustentaram, etc. Não falta, logicamente, a inclusão neste quadro, tão sugestivo, de um parágrafo dedicado às Cantigas de Santa Maria.

O tema IV abrange a decadente sobrevivência do nosso lirismo na chamada escola galego-castelhana, na corte dos Trastâmara, mas não alude aos textos interpostos na tradição manuscrita nem à prolongação, e transformação desta poesia, operada na corte dos monarcas de Avis, e recolhida em 1516 por Garcia de Resende no Cancioneiro do seu nome. Também se estuda neste tema a prosa medieval, da mais marcadamente literária (a narrativa dos ciclos bretão, clássico e carolíngio) até à histórica, hagiográfica, didáctica... Parece ainda destacável a referência à literatura popular e tradicional nos finais da Idade Média (também tida em consideração para as origens), de que é um exemplo o pranto da Frouseira pelo Marechal Pero Pardo de Cela. O resto da unidade, mais de dous temas, é dedicado ao Renascimento, Barroco e Ressurgimento (ou Ressurdimento), encerrando-se o volumezinho com um tema, o VI, dedicado na íntegra a Rosalia de Castro.

---

<sup>17</sup> A segunda unidade didática aparece como “redactada por Esther Centelles”, sob a direção do cate-drático Joaquín Molas. Na verdade, parece referir-se ao título geral da série “Historia de las Literaturas Hispánicas”, mas de facto não figura nesta unidade 2 o nome do seu autor real, o mesmo da unidade 1. Igualmente estranho é que não apareça o adjetivo de “galega” referido à literatura estudada no título de nenhuma das unidades, e só o geral de <<hispánicas>>.

Em resumo, um belo ensaio de história geral da literatura galega, submetida aos parâmetros da brevidade, divulgação, didatismo, contexto (a priori não galego), etc., mas em que nada essencial falta nem sobra, e ainda nos enriquece com ligações impensadas ou inexploradas. Qualidades gerais que perpassam a obra de Carvalho, não exclusivas pois do âmbito medieval ou moderno, linguístico ou literário, que aliam a exposição sintética ao por vezes pormenor analítico ou a analogia inesperada, e que conferem à sua prosa marcada individualidade. Em qualquer caso, e para findar, foi pena que não tivesse tido tempo para escrever uma história mais desenvolvida da nossa literatura medieval, que se tornaria com certeza um clássico dos nossos estudos<sup>18</sup>...

### Edições de textos

Na mesma linha a que presidiu sempre todo o seu percurso intelectual, a de aliar à investigação a divulgação, e de proporcionar, no âmbito do ensino, materiais didáticos de que, na altura, tanto se carecia, situam-se as duas obras que mencionamos a seguir: *Prosa galega III: Da época trovadoresca ao neoclassicismo* (PG3 1980), e *Afonso X, o Sábio, Cantigas de amor, de escarño e de louvor* (AXC 1983).

São para começar obras de carácter supra-individual. PG3, como aliás os dois volumes anteriores da série, aparecem na portada atribuídos à Catedra de Lingüística e Literatura Galega da USC, “ou, máis concretamente, a equipa da mesma constituída polo seu titular e as profesoras ajudantes señoras Carme García Rodríguez e Lúdia Fontoira Súrís”, como se informa no prólogo, em que também se dá conta do alcance da obra, no campo do medieval reduzida a “exemplos escritos sen dúbida no território propriamente galego”, e textos em princípio literários, não de tipo notarial ou judicial. Um “instrumento escolar de traballo<sup>19</sup>”, reprodução dos originais de que se parte, por vezes com simplificação ortográfica ou de notas, “sen a menor pretensión de facermos [...] crítica

---

<sup>18</sup> Lembro ainda a enciclopédia *Galicia Eterna*, de Ediciones Nauta, Barcelona 1980 (?) em seis volumes. No último, precisamente, inclui-se uma visão global da história da língua e da literatura galega. Creio lembrar que contribuíram os seguintes autores, sob a orientação do Prof. Carvalho Calero, que se encarregou da secção da língua, sendo a poesia medieval da responsabilidade do colega Xosé Luís Couceiro, a prosa medieval de quem isto escreve, e a literatura moderna de Carme(n) García e de Lydia Fontoira.

<sup>19</sup> Muito demorou, no entanto, pois já em 1967 apontava esta necessidade: “faima falla un libro que conteña prosa, mesmo documental, e coa ortografía dos manuscritos” para os alunos universitários (EFR 2006: 425, de 16-I-1967).

textual”. Uma colectânea contudo ampla (201 das 284 páginas do volume), bem representativa e, ainda hoje, útil. Chegou a pensar até num “Vocabulario e un Manual de lingua e literatura galego-portuguesa” (*ibid.*, 426), que não germinou, provavelmente por falta de tempo, ou por a sua reforma académica o enveredar por outras atividades mais necessárias ou mais caras ao seu espírito.

De similar teor é a edição das cantigas de Afonso X (AXC 1983), publicada em 1983, quando o dia das Letras Galegas dedicado a este autor fora em 1980... Demora por parte da editora? O livro é de autoria conjunta de Carvalho e da sua fiel e eficaz colaboradora Carme(n) Garcia Rodríguez<sup>20</sup> (185 páginas), e reúne os textos de amor, de escárnio, com exclusão do obsceno, e de louvor (das Cantigas de Santa Maria) do Rei Sábio, precedido de um prólogo não assinado (mas de estilo carvalhano), onde se confirma a sua finalidade (“divulgar os textos que inserta entre os estudantes de língua e literatura galega”, *ibid.* 15), que exclui de novo preocupações ecdóticas pois que se parte, respetivamente, das edições de Nunes, Lapa e Mettmann. Não se inclui glossário, mas sim notas de rodapé, relativas à “significación de vocábulos — ou giros — arcaicos, e nalgun problemas semánticos ou de contexto histórico”, sempre tendo em conta “o carácter puramente escolar do noso traballo” (*ibid.*, 16). Uma magnífica apresentação de Afonso X e da sua obra como poeta.

Carvalho, no entanto, que nos forneceu uma antologia bem representativa da prosa galega (cfr. PG1 1976, PG2 1978, PG3 1980), não deixou uma selecta similar no campo da poesia, o que nos privou de conhecer algumas das suas predileções, como crítico e como poeta.

### **Ecoss medievais na sua poesia**

Sendo Carvalho sôfrego leitor das mais diversas literaturas, já quase desde a infância, a que somou uma memória prodigiosa (que aliás a sua época cultivava), é natural que na sua obra, singularmente na sua poesia, uma poesia de teor culto,

---

<sup>20</sup> Além de com “Carminha” (como lhe chamávamos no Departamento), também com “Marili” (Lydia Fontoira Súrís), a outra laboriosa colaboradora e discípula, preparou a edição da poesia de Rosalía de Castro em 1973 (Vigo: Patronato Rosalía de Castro). Saiu sob a autoria da Cátedra de Lingüística e Literatura Galega da Universidade de Santiago, e só na 3ª edição, revisada, de 1982 (houve ainda uma 4ª, de 1992), se explicitam os nomes dos editores: Ricardo Carballo Calero e Lydia Fontoira Súrís. Vid. Aurora López e Andrés Pociña: “Rosalía de Castro nas obras de Ricardo Carballo Calero. Estudo bibliográfico”, em *Follas Novas*, nº 4 (2019), 176-194, em que, entre outras considerações, se destaca o importante labor ecdótico de Carvalho (p. 181).

surjam com frequência mitos, alusões ao mundo medieval, como aliás ao mundo clássico e ao moderno. Dados, enfim, do passado e do presente, tornados substância poética. Por outra parte, como grande poeta do amor e da mulher (“Non amo moito a poesia. Amo-a // como o retrato dunha muller querida, // cando non teño a muller pe de mín. // Se tivese a muller, // esquecería o retrato” (PI 1980: 187), seria de esperar uma evocação da cantiga amorosa medieval (de amigo e/ou de amor) já desde cedo na sua poesia.

Numa observação superficial, porém, diríamos que se manteve à margem das práticas neotrovadorescas de pré-guerra<sup>21</sup>, e das suas técnicas estróficas e rítmicas, apesar de evidentemente as conhecer<sup>22</sup>. Quanto a evocação de mitos medievais, só surge o poema “Graal”, na parte final do livro (PI: 223-224), e o seu cavaleiro “Galaad”, com a sua espada qual “casta noiva”, a orar perante o sagrado Vaso. O seguinte poemário aparece-nos dividido em três partes (Excaliburg, Venusberg, Avalon), “cujos títulos son algo arbitrários, mais algo apontan ao contido preponderante” (FC 1982: 9). Todavia, na 1ª parte apenas assoma outra alusão a Galaad e ao Graal (FI 1982: 47) e na 3ª, mais voltada aliás para evocações do mundo clássico, há um par de poemas referidos ao mito de Tristão e Iseu/Isolda, um dos quais (“O canto de Tristam”, FI 1982: 162-163), um contra-mito, ou o mito desmitificado em chave hodierna. A lenda reaparece nos dous livros seguintes, testemunho da atração que por ela sentia Carvalho, ou pelas suas possibilidades poéticas, sobretudo em *Cantigas de amigo e outros poemas* (CAOP 1986).

Neste livro, com efeito, o perfume do medieval é maior, desde a própria abertura: “Amigo, sem necessidade // de refrám nem paralelismo // [...] // Amigo, já nom cavalgas // para a fronteira cando vem o maio” (CAOP 1986: 15). Mas não só é o eco medieval das mulheres protagonistas da cantiga de amigo, mulheres atuais no entanto, como também a retomada de mitos medievos como o da Távola

<sup>21</sup> Até confessar a Fernández del Riego não entender a poesia de Cunheiro, de *Poemas do sí e do non*, e de *Cantiga nova que se chama riveira*, ambas de 1933 (EFR 2006: 45). Em ALGC 1955: 135 (nota de rodapé nº 6), considera que a *cantiga nova* de Cunheiro “Juega con motivos y ritmos medievales [...] Es una poesía neopopularista y arcaizante, más ligera, más aérea, más jovial, más ingeniosa, más juglaresca que la de Bouza Brey. Corresponde al gilvencismo de Rafael Alberti [...]”. Esta especie de cantiga acuñada por Cunheiro tuvo mucho éxito y sirvió de fórmula a muchos epígonos para fabricar poesía”. De facto, na antologia publicada em 1966 selecciona-o só como prosista, com um fragmento de *Merlín e familia*, 1955 (BALGC 1966: 126ss).

<sup>22</sup> Às referências das notas nº 4 e 5, acrescentem-se, por exemplo, as recensões de obras ligadas nalgum aspeto ao mundo medieval, v. gr., em *Nós*, tomo 11, nº 130, sobre a poesia de Bouza Brey, ou a recensão de Dámaso Alonso, *Poesías de Gil Vicente*, em *Nós*, 11, nº 126-127).

Redonda (CAOP 1986: 93, 117; R...: 143-150), e, particularmente fértil, como já se indicou, a lenda de Tristão e Iseu/Isolda, nas diversas focagens de “Isolda a Loira”, de “Isolda a (das) Brancas Maos” (CAOP 1986: 77), de Branguel/Bragwaine/Bragane (CAOP 1986: 75), ou do próprio “Tristám de Leonis” (R... 1990: 139). O par Oriana – Amadis assoma também nalgum poema (R... 1990: 143). Tais referências não podiam faltar num grande cultor da poesia amorosa, conhecedor de inúmeras tradições líricas, como Ricardo Carvalho Calero, se bem que as fontes possam ser externas à literatura medieval galego-portuguesa<sup>23</sup>. Mas esse é outro tema.

### Breve avaliação

A atenção de Carvalho aos estudos medievais não foi evidentemente central na sua vida, nem na sua obra. Parece ter surgido com *Grial* e nos inícios como professor na USC e, se calhar, ao princípio por motivações docentes. Contudo o seu é um importante contributo, sempre meritório, com um nível absolutamente digno. Não podemos finalizar estas aproximações sem nos admirarmos pela sua capacidade de trabalho, como pôde atender a tantas frentes ao mesmo tempo, acompanhar criteriosamente tantas publicações, relativas a toda a pancronia cultural galega, publicar as próprias obras, de investigação e de criação, atender às aulas, teses de doutoramento e tesinhas, próprias e alheias, conferências, presença na imprensa, atender as visitas, conceder entrevistas..., ocupar-se de aspetos administrativos. Sabemos pelo seu próprio testemunho que muitos destes quefazeres nada o atraíam<sup>24</sup>, antes o perturbavam, mas dificilmente tinha uma negativa quando era requerido para alguma atividade em prol da nossa cultura. A sua grande capacidade de trabalho, de disciplina, de dotes intelectuais e de amor ao seu objeto de estudo explicam essa proverbial boa disposição. Insuficientemente, porém.

---

<sup>23</sup> Com efeito, o nome dos protagonistas parece remontar-se a fontes diferentes: *Lancelot* alterna com *Lançarote*, *Galaaz* com *Galaad*, mas *Iseu*, típico dos textos galego-portugueses, aparece só em FC 1982, enquanto *Isolda* em CAOP 1986. Por sinal, aliás, o nome da revista emblema do galeguismo, *Grial*, reflete uma escolha castelhana face ao comum ocidental *Graal*...

Carvalho conhecia bem a bibliografia relativa a esta temática, como se vê, por exemplo, na sua apreciação das sagas de *Na noite estrelecida* (v. gr., “A espada Escalibur”, “O cabaleiro do Sant Grial”, “O sono do rei Artur”), de R. Cabanillas, nas diversas literaturas nacionais (SPG 1955: 107-108).

<sup>24</sup> “Tampouco a mim me gusta dar conferencias. A miña introversión síntese estrupada nises actos” (EFR 2006: 338, de 20-XI-1962. Cfr. também 411, de 16-VII-1966). Nem gostava para nada dos aspetos administrativos, tanto do Colégio Fingoy (EFR 2006: 396, de 31-V-1965) como, posteriormente, da Universidade, embora aceitasse por disciplina e se desenvolvesse bem neles. Pensamos que o problema das conferências era só a falta de tempo, enquanto o mundo administrativo resultava avesso à sua personalidade.

## Nótula pessoal

Permita-se-me concluir com uma evocação de carácter pessoal, nas margens do tema focalizado. D. Ricardo Carvalho Calero foi meu professor na USC, como já tenho relatado. Em 1970 lecionou-nos duas matérias no 5º ano da Secção de Filologia Românica, Subsecção de Espanhol, uma delas “Literaturas Românicas”. Nas suas aulas ouvi por primeira vez os nomes de Guilhem de Peitieu, Guilhem de Berguedà, Jofre Rudel, Bernart de Ventadorn, e tantos outros trovadores. Mas também *trouvères*<sup>25</sup>. E referências aos *Minesänger* e à escola siciliana, embora o prato mais valioso do seu manjar o constituíssem os nossos poetas galego-portugueses: de Bernal de Bonaval a Joam Airas e Airas Nunes, a Afonso X e D. Denis, Pero da Ponte, Martim Soares, Martim Moxa, Meendinho, Joam Zorro, Lourenço, etc., etc. A prosa ficou num lugar mais humilde, por falta de tempo, se bem que a lenda do Graal também chegasse a nós. E posso testemunhar que estava a par da bibliografia mais recente para a altura.

Em junho de 1976, tive e honra de o ter como secretário no júri da minha tese de doutoramento (e em 1970 na de licenciatura), de tema medieval precisamente (a edição da poesia de Joam Airas de Santiago) ao lado dos Prof. Martín de Riquer, Manuel Alvar, e Francisco Rico, sendo presidente o Prof. Constantino García, orientador da tese. D. Ricardo mostrou uma leitura atenta do meu trabalho, criteriosa em todo o momento, e uma avaliação mais que generosa do mesmo. Até com algum pormenor de grande humanidade que sempre agradecei<sup>26</sup>. No seguinte ano académico, 1976-1977 passei para o seu Departamento, na qualidade de Professor Agregado interino de Filologia Galego-Portuguesa...

---

<sup>25</sup> Sempre lembrarei que, numa prova escrita, uma das questões posta foi: Conon de Béthune, de quem muitíssimo pouco se falara nas aulas. Sirva para indicar a exigência do professor a respeito da matéria...

<sup>26</sup> Depositada a tese na secretaria da Faculdade em setembro de 1975, a sua leitura pública não se efetuou até junho do ano seguinte, sem que eu tivesse notícias do(s) porquê(s) de tão dilatada demora. D. Ricardo, com quem na altura eu ainda não tinha praticamente relação, abordou-me um dia no corredor, perguntou-me pelo meu estado de ânimo ao respeito que adivinhava mau e tranquilizou-me indicando-me que me preocupasse porque o trabalho estava bem feito...

## Referências

- ALGC 1955 = Ricardo Carballo Calero, *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*. Madrid: Gredos
- AXC 1983 = *Afonso X, o Sábio, Cantigas de amor, de escarño e de louvor*. Edición ao coidado de Ricardo Carballo Calero e Carmen García Rodríguez. Sada – A Coruña: Edicións do Castro
- BALGC 1966 = R. Carballo Calero. *Breviario antolóxico de la literatura gallega contemporánea*. S. l.: Publicaciones de la Real Academia Gallega
- CAOP 1986 = *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)*. Ricardo Carvalho Calero. S. l.: Associação Galega da Língua (AGAL)
- CCO 1993 = José-Martinho Montero Santalha. *Carvalho Calero e a sua obra*. Santiago de Compostela: Edicións Laidovento
- EELG 1989 = *Estudos e ensaios sobre literatura galega*. Ricardo Carvalho Calero. Sada – A Coruña: Edicións do Castro
- EFR 2006 = *Epistolario a Fernández del Riego*. Ricardo Carballo Calero. Transcripción e edición de Dolores Vilavedra e Montserrat Pena. Vigo: Editorial Galaxia
- FC 1982 = Ricardo Carballo Calero, *Futuro condicional (1961-1980)*. Sada – A Coruña: Edicións do Castro
- GG 1990 = *Do galego e da Galiza*. Ricardo Carvalho Calero. Santiago de Compostela: Edicións Sotelo Blanco
- LAG I 1979 = *Libros e autores galegos*. Tomo I. *dos trovadores a Valle-Inclán*. Ricardo Carballo Calero. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa
- LG 1984 = Ricardo Carvalho Calero, *Letras galegas*. S. l.: Associação Galega da Língua (AGAL)
- LH1 1977 = Ricardo Carballo Calero, *Literaturas Hispánicas. Unidad didáctica 1*. Preparada por - Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2 unidades.
- PG1 1976, PG2 1978, PG3 1980 = *Prosa Galega 1, Prosa Galega 2, Prosa Galega 3*. Cátedra de Lingüística e Literatura Galega / Universidade de Santiago. Vigo: Galaxia
- PI 1980 = Ricardo Carballo Calero, *Pretérito imperfecto (1927-1961)*. Sada – A Coruña: Edicións do Castro
- PLG 1981 = Ricardo Carballo Calero, *Problemas da Língua Galega*. Lisboa: Sá da Costa Editora
- R... 1990 = *Reticências...* (1986 – 1989). Ricardo Carvalho Calero. Santiago de Compostela: Edicións Sotelo Blanco
- SLLG 1971 = *Sobre lingua e literatura galega*. Ricardo Carballo Calero. Vigo: Editorial Galaxia
- SPG 1955 = R. Carballo Calero, *Sete poetas galegos*. Vigo: Editorial Galaxia

## JOSÉ LUÍS RODRÍGUEZ

Catedrático reformado de Filologia Galega e Portuguesa da USC, ex-aluno, discípulo e colaborador do mestre ferrolano, sobre quem reuniu e publicou os *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, em dois volumosos tomos (Santiago, 2000), assim como diversos trabalhos sobre o autor e a sua obra. Destacáveis ainda outros vetores da sua investigação: os estudos de língua e literatura galego-portuguesas, sobretudo medieval, e o tema do relacionamento galego-português, no passado e no presente. Entre os primeiros, a edição do cancionero de Joam Áiras (1980), a sua tese de doutoramento, precedida do estudo sobre o equívoco na cantiga de escárnio, ou da partícula *per*, intensiva ou perfectiva (ambos de 1976). A seguir, os castelhanismos no galego-português de Afonso X, o Sábio (de 1983), a mulher nos Cancioneiros (1992), o problema dos limites entre a literatura galega e portuguesa na época medieval (1993-1994), mesóclise e ênclise nos futuros luso-galegos medievais (1996), minorias religiosas e étnicas no Cancioneiro de Resende (2000), D. Carolina Michäelis e o texto de escárnio e de maldizer (2004), enfim, Galiza-Portugal: (neo-)trovadores e questons lingüísticas conexas (2007), entre outros.

## A obra literária de Ricardo Carvalho Calero (1910-1990)

José-Martinho Montero Santalha

### Resumo

Ricardo Carvalho Calero (Ferrol 1910 - Santiago de Compostela 1990) nos anos finais da sua vida acordou com o editor Sotelo Blanco reeditar em normativa lusófona a sua clássica *Historia da Literatura Galega*, uma obra fundamental da cultura galega do século XX. O projecto desta nova edição, sob a direcção do professor José Luís Rodríguez, estava em andamento quando Carvalho faleceu, e então decidiu-se completar a obra com uma secção sobre a produção literária do próprio Carvalho, que ele por modéstia silenciara. Aqui apresenta-se esse texto sobre a obra literária de Carvalho, inédito até hoje, dado que a nova edição da *Historia* não chegou a publicar-se.

### Palavras-chave

Ricardo Carvalho Calero, História da Literatura Galega.

### Abstract

Ricardo Carvalho Calero (Ferrol 1910 - Santiago de Compostela 1990), in the final years of his life, agreed with the editor Sotelo Blanco to re-edit in Portuguese norms his classic *Historia da Literatura Galega* ("History of Galician Literature"), a fundamental work of Galician culture of the 20th century. The project for this new edition, under the direction of Professor José Luís Rodríguez, was underway when Carvalho died, and so it was decided to complete the work with a section on Carvalho's own literary production, which he had modestly silenced. This text about Carvalho's literary work is presented here (unpublished until today, since the new edition of the *Historia* was not published).

### Key words

Ricardo Carvalho Calero, History of Galician Literature.

## Advertência em 2020

A *Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)* do professor Ricardo Carvalho Calero é uma obra fundamental na cultura galega do século XX, tanto pelos critérios com que aborda o estudo da produção literária galega dos dois séculos XIX e (parcialmente) XX como pelo seu rigor e pela sua minuciosidade. A última edição publicada em vida dele, portanto ainda sob o seu controlo, foi a terceira, de 1981:

*Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)*, Terceira ed., Editorial Galaxia, Vigo 1981.

Nos anos seguintes Carvalho Calero tinha a intenção de publicar uma nova edição dessa magna obra (seria, pois, a quarta), mas desta vez seguindo os critérios linguísticos que ele vinha defendendo, isto é, com uma normativa linguística não já castelhanizante mas reintegrada no nosso sistema linguístico comum lusófono.

Nesses anos finais da sua vida, quando Carvalho teve de sofrer o ostracismo do galeguismo oficial, entrou em relação com ele o editor Olegario Sotelo. Eis como contou Sotelo esse encontro:

“Corría o ano 1986 [...] como novo editor, pensei que debía empezar a marcar unha liña de publicación na que coubese a pluralidade que se manifestaba na realidade de entón. [...]

Como nos sectores enfrontados aos lusistas falábanme mal de don Ricardo, pensei que o mellor era coñecelo. [...] no Derbi de Compostela, logo de horas de parola, decateime de que acababa de coñecer un home encantador. Faloume dos problemas aos que se enfrontaba para poder editar, xa que non era da corda dos do monopolio cultural de Galicia. Eu coñecía a sua *Historia da literatura galega contemporánea* [...] e non acreditaba que naquel momento se marxinasese dese xeito a un profesor de tanta magnitude intelectual. [...] dende entón non só decidín que lle publicaría as obras que me presentase, senón que pasamos horas conversando á vez que se comezaba a forxar unha boa relación persoal [...]”<sup>1</sup>.

E assim foi como Sotelo Blanco decidiu não pôr reparos ao uso da normativa reintegracionista na sua nova editora, mesmo a custo de padecer com isso a

---

<sup>1</sup> Olegario SOTELO BLANCO, «“Conversas en Compostela con Carballo Calero”, “Romance Scórpio”, “Escritos sobre Castelao” e “Reticências”, publicacións de Sotelo Blanco», em: *O Farelo*, outubro de 2020, p. XIII.

discriminação nos subsídios oficiais. De Carvalho publicou várias obras, entre elas duas que são talvez as melhores e mais maduras da sua produção literária: o romance *Scórpio* (1987) e o poemário *Reticências* (1990).

O próprio Olegario Sotelo contou também como se começou a organizar o plano de uma nova edição da *Historia da literatura*. Refere-se a um tempo posterior à aparição do romance *Scórpio* em 1987, portanto podia ser entre 1987-89:

“Pasado algún tempo, a relación autor-editor acabou por se converter nunha auténtica amizade, e un bo día no salón da súa casa mostroume un exemplar da súa obra *Historia da literatura galega contemporánea* que publicara a editorial Galaxia e que por aquel entón estaba esgotada. Ofrecíame os dereitos para a súa publicación, ao que accedín sin pensar. Xa tiña o contrato asinado á espera da revisión actualizada por parte dun tal Rodríguez. Presentoumo, comprometeuse a levalo a cabo, pero non tiven máis noticia. Finado don Ricardo e pasados os dez anos dende que se asinou o contrato, a obra non me consta que se volvese publicar. Mágoa me dá cando penso niso”<sup>2</sup>.

Com efeito, o plano da nova edição da *Historia* iniciou logo o seu percurso. Sob a direção e responsabilidade do professor José Luís Rodríguez, que fora um colaborador próximo e querido do professor Carvalho na Universidade de Santiago, o trabalho de adaptação linguística repartiu-se entre vários especialistas em língua e literatura galega. Dada a natureza da obra, a sua extensão e a minuciosidade da informação que contém, a transcrição era uma tarefa exigente e de amplo alento, de maneira que o ritmo com que os diversos colaboradores realizavam a sua parte foi lento.

Entretanto, faleceu Carvalho Calero em março de 1990. Mas não por isso se renunciou a prosseguir a obra empreendida. Em 1992, quando eu redigia a ficha da *Historia da Literatura* para a bibliografia do livro *Carvalho Calero e a sua obra*, que se editaria no seguinte ano 1993, introduzia a seguinte advertência: “Está agora (1992) anunciada umha quarta edição, em normativa linguística reintegrada, a editar por Sotelo Edicións, de Santiago”<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Olegario SOTELO BLANCO, «“Conversas en Compostela con Carballo Calero”, “Romance Scórpio”, “Escritos sobre Castelao” e “Reticências”, publicacións de Sotelo Blanco», em: *O Farelo*, outubro de 2020, p. XIII.

<sup>3</sup> José-Martinho MONTERO SANTALHA, *Carvalho Calero e a sua obra*, Edicions Laiovento, Santiago de Compostela 1993, p. 231.

Considerou-se então que entre as leves modificações ou ampliações do conteúdo que se via conveniente introduzir, não podia faltar um capítulo em que se apresentasse a produção literária do próprio Carvalho, que ele por um sentimento de modéstia silenciara totalmente na obra. Tendo em conta que eu publicara o antes citado livro sobre a vida e a obra de Carvalho, foime encomendada pelo professor José Luís Rodríguez a tarefa de redigir uma síntese informativa, seguindo o método e a pauta geral da *Historia*, o que efectivamente fiz pouco tempo depois. De comum acordo pensava-se numa secção que se introduziria no capítulo que na *Historia* se dedica ao Seminário de Estudos Galegos (“Capítulo XIII. Os tempos do Seminario»), de cuja geração sabemos que Carvalho se sentia parte.

Por várias circunstâncias, finalmente essa iniciativa de reedição da *História* não chegou a realizar-se.

Ofereço aqui aquele meu trabalho, tal como era, portanto sem actualização ou ampliação significativas<sup>4</sup>. Simplesmente modifico algo a apresentação tipográfica, ali muito condensada para poupar volume, introduzindo mais espaços intermédios. Também acrescento no início um esquema geral, com uma perspectiva do conjunto, que pode talvez ser útil para o eventual leitor.

### Esquema

Nota justificatória.

Biografia.

a) Poesia

Vocação poética

Os livros de poesia:

*Vieiros* (1931).

*O silencio axionllado* (1931-1934) (1934).

*Anxo de terra* (1950).

*Poemas pendurados de un cabelo* (1952).

*Salterio de Fingoy* (1961).

*Pretérito imperfecto* (1927-1961) (1980).

*Futuro condicional* (1961-1980) (1982).

---

<sup>4</sup> Tenha-se em conta que nos anos posteriores a bibliografia sobre Carvalho Calero enriqueceu-se enormemente.

*Cantigas de amigo e outros poemas* (1980-1985) (1986).

*Reticências...* (1986-1989) (1990).

Caracterização da poesia de Carvalho.

b) Teatro

Produção dramática:

*O fillo* (1935).

*Isabel* (1945).

*A sombra de Orfeu* (1948).

*A árbore* (1948).

*Farsa das zocas* (1950).

*O redondel, de Li Hsing-Tao* (1951).

*Auto do prisioneiro* (1969).

*Os xefes* (1980).

c) Narrativa

Obras de narrativa:

*A xente da Barreira* (1951)

«Os señores da Pena» (1984) e «O lar de Clara» (1984).

«As pitas baixo a chuvia» (1952).

«Os tumbos» (1950).

«A cegoña» (1957).

«Aos amores seródios» (1979).

«Provérbios otomanos: *De Selim a Solimám*» (1985).

*Scórpio* (1987).

d) Ensaio

Um magnífico ensaísta.

Peças ensaísticas.

A técnica do ensaio:

1) O aspecto formal.

2) Os recursos suasórios.

A oratória.

Bibliografía selecta sobre Carvalho Calero

Lista em ordem cronológica

Lista alfabética de autores

RICARDO CARVALHO CALERO (1910-1990)

### **Nota justificatória**

Nas anteriores edições desta obra, Carvalho Calero, renuente a quanto pudesse parecer um assomo de narcisismo, silenciou a sua própria criação literária, apesar de ser tão manifestamente relevante. É uma lacuna que se justifica subjectivamente na modéstia do autor, mas que objectivamente torna incompleto o panorama literário apresentado. Agora, falecido o protagonista, pareceu-nos sobejamente justificado introduzir esse capítulo que faltava, quando já não pode ferir a sua modéstia. E introduz-se neste ponto, porque ele repetidamente se tem considerado como um dos escritores do grupo surgido arredor do «Seminário de Estudos Galegos»<sup>5</sup>.

### **Biografia**

Ricardo Carvalho Calero nasceu em Ferrol a 30 de outubro de 1910. Entre 1926 e 1931 estudou a carreira de Direito em Santiago de Compostela, onde se integrou activamente no «Seminário de Estudos Galegos». Depois, desde Ferrol, fez por livre a carreira de Filosofia e Letras. Foi membro fundador e activo do Partido Galeguista. Em julho de 1936 achava-se em Madrid realizando oposições para o ensino médio quando se iniciou a guerra civil espanhola de 1936-39. Combateu no exército da República e, ao concluir a guerra em 1939, foi detido, julgado e condenado a 12 anos de prisão em Jaén (Andaluzia). Em 1941 alcançou a liberdade condicional e retornou à Galiza. Excluído de qualquer função pública, teve que dedicar-se ao ensino privado (primeiro em Ferrol, e depois, de 1950 a 1965, em Lugo), até que em 1965 entrou na Universidade de Santiago como primeiro professor, e logo primeiro catedrático, de Língua e Literatura Galega. Exerceu esta docência até a sua jubilação em 1980. Faleceu em Santiago a 25 de março de 1990.

---

<sup>5</sup> Visto que os autores incluídos neste capítulo XIII estão colocados seguindo a ordem cronológica do seu nascimento, a Carvalho, nascido em 1910, corresponde-lhe ir entre as secções «4. Aquilino Iglesia Alvariño», nado em 1909, e «5. Álvaro Cunheiro», nado em 1911. Optamos, pois, por numerar esta secção como "4<sup>bis</sup>".

Carvalho Calero foi um polígrafo dos temas culturais galegos. Destacou especialmente na crítica literária e na investigação da literatura<sup>6</sup>. Também possuem uma importância fundamental os seus estudos de natureza linguística<sup>7</sup>.

Mas claro está que aqui deveremos limitar-nos à obra de criação literária. Neste campo cultivou diferentes parcelas, que estudaremos por esta ordem: poesia, teatro, narrativa e ensaio.

## Poesia<sup>8</sup>

### *Vocação poética*

Carvalho, pessoalmente, intimamente, considerava-se a si mesmo ante tudo como poeta<sup>9</sup>. Efectivamente, a sua actividade poética foi constante, desde os anos da infância aos dias finais da vida, embora nalguns períodos mais intensa que noutros, dependendo das suas ocupações profissionais

---

<sup>6</sup> Ademais da presente *História*, publicou os seguintes livros sobre literatura galega (em ordem cronológica): *Sete poetas galegos: Rosalía de Castro, Eduardo Pondal, Manuel Curros Enríquez, Antonio Noriega Varela, Ramón Cabanillas, Luis Amado Carballo, Manuel Antonio*, Editorial Galaxia, Pontevedra - Vigo 1955; *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*, Editorial Gredos, Madrid 1955; *Sobre lingua e literatura galega*, Editorial Galaxia, Vigo 1971, 286 pp.; *Estudos rosalianos: aspectos da vida e da obra de Rosalía de Castro*, Editorial Galaxia, Vigo 1979, 208 pp.; *Libros e autores galegos (I): dos trovadores a Valle-Inclán*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, Corunha 1979, 334 pp.; *Libros e autores galegos (II): século XX*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, Corunha 1982, 416 pp.; *Letras galegas*, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha 1984, 349 pp.; *Estudos e ensaios sobre literatura galega*, Edicións do Castro, Sada - Corunha 1989, 336 pp.; *Escritos sobre Castelao*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago 1989, 311 pp.

<sup>7</sup> Eis as suas principais obras de carácter linguístico (em ordem cronológica): *Gramática elemental del gallego común*, Editorial Galaxia, Vigo 1966, 268 pp. (com outras 6 edições posteriores); *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro*, Universidad de Santiago de Compostela, 1972, 74 pp.; *Sobre lingua e literatura galega*, Editorial Galaxia, Vigo 1971, 286 pp.; *Problemas da lingua galega*, Sá da Costa Editora, Lisboa 1981, 147 pp.; *Da fala e da escrita*, Galiza Editora, Ourense 1983, 139 pp.; *Letras galegas*, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha 1984, 349 pp.; *Do galego e da Galiza*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela 1990, 242 pp.

<sup>8</sup> Sobre a gestação da obra poética de Carvalho há ampla informação nos dois livros de *Conversas*: no de FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), a informação está repartida cronologicamente, seguindo o esquema da biografia de Carvalho; no de Carmen BLANCO, *Conversas* (1989), há capítulos temáticos, dos quais o 6 (pp. 195-236) versa sobre a poesia. (Para as referências bibliográficas completas das obras citadas abreviadamente nas notas, veja-se a bibliografia final).

<sup>9</sup> Vid. FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), p. 86.

e eruditas. Poetizar não era para ele simplesmente um passatempo, nem sequer só ou um modo de «fazer pátria»; sendo também isso, possuía ademais uma função mais íntima e profunda: a de criar uma libertação interior. “Para min, toda poesia é catarse”, escreveu<sup>10</sup>; isto é, purificação, libertação interior dos problemas da vida exterior por meio da palavra e da mente.

### *Os livros de poesia*<sup>11</sup>

São oito os livros poéticos de Carvalho Calero em língua portuguesa da Galiza; em ordem cronológica: *Vieiros* (Corunha, 1931), *O silencio axionllado (1931-1934)* (Santiago, 1934), *Anxo de terra* (Pontevedra, 1950), *Poemas pendurados de un cabelo* (Lugo, 1952), *Salterio de Fingoy* (Vigo, 1961); *Pretérito imperfecto (1927-1961)* (Corunha, 1980; é uma reedição, revista e depurada, dos cinco livros precedentes, sem materiais novos), *Futuro condicional (1961-1980)* (Corunha, 1982), *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)* (Corunha, 1986), e *Reticências... (1986-1989)* (Santiago, 1990, aparecido já depois da morte do autor)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> No «Limiar» de *Pretérito imperfecto (1927-1961)* (1980), p. 12. Expõe a mesma concepção em FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), p. 148: “a poesia para min non é outra cousa que catarse. [...] para min a poesia non é un fin en si mesma: é unha maneira de expresar esa transcendência, unha maneira de purificar-se, de purgar as angústias, as preocupazóns do home”.

<sup>11</sup> Como estudos teóricos sobre a poesia de Carvalho em conjunto podem consultar-se os seguintes trabalhos: Araceli HERRERO FIGUEROA, «Carballo Calero, poeta», em: [VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, pp. 25-29 (estudo publicado quando só saíram à luz os livros poéticos compilados em *Pretérito imperfecto (1927-1961)* (1980), e portanto limitado a eles, mas ainda assim magnífico); X[osé]. L[uís]. MÉNDEZ FERRÍN, *De Pondal a Novoneyra: poesia galega posterior á guerra civil*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1984, pp. 102-104; Elvira SOUTO PRESEDO, «Anjo de terra», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 66-70. Sobre aspectos concretos veja-se a bibliografia aduzida mais adiante na nota 39; a bibliografia específica sobre cada um dos livros de Carvalho será citada ao tratar deles.

<sup>12</sup> Na sua mocidade publicou dois livros de poesia em castelhano: *Trinitarias* (Talleres Tipográficos «El Correo Gallego», Ferrol 1928) e *La soledad confusa (1929-1930)* (Imp. Nós, Santiago 1932). *Trinitarias* (1928) leva um prólogo do poeta ferrolano Nicolás GARCIA PEREIRA. Recolhe poemas feitos na adolescência, a partir dos 14 anos aproximadamente, alguns já dados a luz em diversas publicações periódicas. No que diz respeito à poética, é predominante o influxo da estética modernista, sobretudo a través da obra de Rubén Darío, um dos poetas preferidos polo Carvalho adolescente. Vid. a resensão deste livro feita por Vicente RISCO em *Nós* (Ourense), n.º. 51 (15 de março de 1928), p. 59. Em *La soledad confusa* (1932) a estética é já diferente: agora já não predomina o influxo dos poetas modernistas, mas o dos poetas espanhóis do momento, especialmente da «Geração do 27». Também há um vieiro de influências mais clássicas, especialmente nos sonetos, de feição culterana gongorina (o mesmo

Faremos uma breve apresentação de cada uma destas obras, seguindo essa mesma ordem cronológica de publicação.

*Vieiros* (Corunha, 1931)<sup>13</sup>

O primeiro livro poético de Carvalho em galego foi publicado em 1931 pela gloriosa editorial «Nós» de Ângelo Casal<sup>14</sup>. Recolhia poemas escritos entre os anos 1927-1930.

O contacto com o meio universitário pusera ao dia a sua informação das tendências poéticas do momento. Apesar de que no livro se podem rastejar ainda algumas pegadas de carácter modernista (encontramos, por exemplo, uma alusão aos cisnes do parque, “as brancas aves / que tanto amou Rubén Darío”<sup>15</sup>), e até romântico, prevalece já a estética vanguardista.

Ademais, aparecem também algumas pegadas doutros movimentos poéticos novos, próprios do verso galego naqueles momentos, como o hilozoísmo de Amado Carvalho ou o neotrovadorismo de Bouça-Brei. Por exemplo, há imagens que nos podem soar a Amado Carvalho por apresentarem metáforas consistentes na aplicação de qualidades dos seres vivos a realidades não vivas, embora por vezes o verso livre nos afaste já do mestre do hilozoísmo. Pertencem a este grupo versos como “A noite é un gato negro no horizonte / acurrucado”, ou “A noite será fiandeira enloitada / que irá fiando o mantelo dos desacougos”, ou “O dia, branca nau, / levou âncoras. Foi-se / cara o alén do mar / polo horizonte”<sup>16</sup>.

Na compilação da sua obra poética juvenil, em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), Carvalho reproduz apenas uma selecção daqueles poemas de

---

título do livro está tomado de um verso de Góngora). Fermín BOUZA BREY publicou uma recensão de *La soledad confusa* em: *Nós* (Ourense), n.º. 102 (15 de junho de 1932), p. 111.

<sup>13</sup> *Vieiros*, Nós Publicacións Galegas e Imprenta (Volume XLIV), Corunha 1931, 80 pp.

<sup>14</sup> “Ja escolar en Compostela, escribin a Ángel Casal, que entón tiña establecida a sua editorial na Cruña, ofrecendo-lle materiais para un libro. Casal, así, tirou-me do prelo *Vieiros*” («Limiar» a *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), p. 9). “Recordo que escribin a Casal, o director da Editorial Nós, a quen non coñecía, e este acolleu ben a miña proposta. Mandeille o libro e publicouse, efectivamente” (FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), p. 74).

<sup>15</sup> No poema «Parque (Lugo)», em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), p. 21.

<sup>16</sup> As duas primeiras citas pertencem ao poema «Profecía da noite amargurada», com que se inicia *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), pp. 15-16; a derradeira, ao poema «Fiestra ao mar e à cidade», *ibidem*, p. 27.

Vieiros que ainda considerava “capazes de resistir hoje unha leitura indulgente, ao menos por parte do próprio autor”<sup>17</sup>. Dos trinta poemas originais foram recolhidos somente 9 nessa reedição: uma redução que um leitor menos rigoroso que o próprio autor achará provavelmente excessiva. Entre os poemas suprimidos encontram-se vários dos pertencentes ao hilozoísmo e ao neotrovadorismo, de excelente feição, que merecem ser reeditados e conhecidos.

*O silencio axionllado (1931-1934)* (Santiago, 1934)<sup>18</sup>

Neste segundo livro predomina o vanguardismo, salpicado por vezes de imagens ultraístas ou criacionistas. No entanto, ainda de quando em quando seguem ressoando ecos hilozoístas. O poeta parece dar cada vez mais importância à dimensão humana da poesia, isto é, à temática, e não só à forma, e neste aspecto a sua atitude poética, sempre em procura duma poesia pura, justificada por si mesma e não por aspectos alheios a ela, é diferente da que prevalecia em muitos poetas da época, mesmo galegos.

Na reedição deste livro em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980) recolhem-se quase todos os poemas da edição original.

*Anxo de terra* (Pontevedra, 1950)<sup>19</sup>

Primeiro livro de versos que o autor dá a lume depois da guerra civil espanhola (1936-1939), inclui poemas compostos durante todos esses anos, pelo menos desde 1934, data do livro precedente.

O motivo dos anjos, presente tanto no título como nalguns poemas desta obra, é um dos mais frequentes na criação literária de Carvalho, antes já deste livro. Já em *O silencio axionllado (1931-1934)* (1934) apareciam dois poemas intitutados «O sexo do anjo» e «Anjo e serea», e noutro o poeta perguntava-

<sup>17</sup> *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980), «Limiar», p. 10.

<sup>18</sup> *O silencio axionllado (1931-1934)*, Edit. Nós, Santiago 1934. Vid. a recensão deste livro publicada por Aquilino IGLESIA ALVARINO em *Nós* (Ourense), n.º. 130 (outubro de 1934), p. 158.

<sup>19</sup> *Anxo de terra*, Colección «Benito Soto», Pontevedra 1950, 40 pp. Há uma reedição facsimilar de toda a coleção «Benito Soto», em volumes separados, publicada em 1991 pola Deputación de Pontevedra. Tomando como referência o título deste livro poético escreveu Elvira Souto um formoso artigo, já citado, sobre a dimensão existencial da poesia de Carvalho: Elvira SOUTO PRESEDO, «Anjo de terra», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 66-70.

se “Que arcanjo fará guarda hoje no ceu?”<sup>20</sup>. Teremos ocasião de advertir a presença do mesmo motivo no próximo livro poético, *Poemas pendurados de un cabelo* (1952). E seguirá ainda presente em obras posteriores, quicá mesmo de forma menos visível na preferência por determinados nomes de personagens como Rafael e Miguel (*A sombra de Orfeu* (1948), *Scórpico* (1987)).

Aqui é o homem, “anjo de terra”, que se move entre a “cobarde argila” de que está formado e a ânsia de alcançar o paraíso perdido.

Em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980) Carvalho quis incluir todas as composições de *Anxo de terra*, tal como ele no «Limiar» declara ter feito, mas o facto é que dos 16 poemas que a edição original continha, o derradeiro, «Caza de anxos», ficou fora da reedição, provavelmente por lapso involuntário.

*Poemas pendurados de un cabelo* (Lugo, 1952)<sup>21</sup>

Também alguns dos poemas incluídos neste livro, como sucedia em *Anxo de terra* (1950), foram escritos antes da guerra civil.

Consta de três partes. A primeira leva como título «Entre o verde e o azul», e contém 5 poemas de carácter filosófico-moral, com certo fundo de céptico estoicismo. A segunda parte, «Poemas pendurados de un cabelo», deu nome ao livro, como se vê; são 7 composições. Encontramos de novo o motivo dos anjos: “Un cabelo de anjo / pendurado do ceo”<sup>22</sup>; “¿Qué badal / de qué sino de cristal / ven de bater / estes ouros angélicos? / Anjos, celeste prata, / [...] / Anjo meniño que no ouvido aniña... / [...] / Anjos de vidro novo e prata azul” [...]”<sup>23</sup>. Na terceira parte, intitulada «A soleira de ouro», podemos destacar dois temas que são muito queridos do Carvalho poeta: a feminidade como símbolo da beleza absoluta e inalcançável (tema entrelaçado mais uma vez com o motivo angélico: “Polas tranzas celestes dos teus ollos / decen à terra os anjos esquecidos”<sup>24</sup>;

<sup>20</sup> Os poemas «O sexo do anjo» e «Anjo e serea» aparecem em *Pretérito imperfeito* (1927-1936) (1980) nas pp. 49-50 e 77 respectivamente; a pergunta citada pertence ao poema «Guarda con sono», *ibidem*, p. 51.

<sup>21</sup> *Poemas pendurados de un cabelo*, Colección Xistral al cuidado de Angel Johan, Lugo 1952.

<sup>22</sup> É o poema inicial desta segunda parte; carece de título e principia com o verso «Un cabelo de anjo»; em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), p. 117.

<sup>23</sup> Poema sem título, iniciado pelo verso «¿Qué badal», em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), p. 121.

<sup>24</sup> No poema iniciado com o verso «Alma enxebre e espida de arelanza», em *Pretérito imperfeito* (1927-1961) (1980), p. 131.

“Arcanjo imorredoiro, as suas asas / son as asas das noivas máis enxebres”<sup>25</sup>), e as diversas dimensões do amor.

Na reedição em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980) cada uma das três partes assume autonomia, o mesmo que sucederá com *Saltério de Fingoi* (1961), pois Carvalho adverte no «Limiar» que “as séries son en realidade independentes dentro de cada libro”<sup>26</sup>.

*Salterio de Fingoy* (Vigo, 1961)<sup>27</sup>

É um poemério muito rico, em temas e formas<sup>28</sup>. Consta de quatro partes (independizadas em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (Sada - Corunha, 1980), como já dissemos): «Saltério de Fingoi», «Aneis de água», «Novelos de fantasmas» e «Oratório».

Tematicamente possuem grande relevo neste livro os temas que num sentido amplo podem considerar-se como pertencentes ao âmbito do religioso ou do metafísico: a consciência da finitude humana, o sentido da morte, a ânsia de transcendência, o mais além. Notemos a presença dalgum soneto<sup>29</sup>, e ainda a persistência do motivo angélico, ligado mais uma vez ao tema do regresso ao paraíso perdido, no «Rondel do anjo do paraíso»<sup>30</sup>.

<sup>25</sup> No poema que começa com o verso «Cabo de min, os anos escolleitos», em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980), p. 133.

<sup>26</sup> *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980), pp. 10-11.

<sup>27</sup> *Salterio de Fingoy*, Editorial Galaxia, Vigo 1961 (Coleção «Salnés», nº. 2). Sobre o plano inicial de publicação do livro informa-nos o próprio Carvalho ao falar de Celso Emilio FERREIRO: “estaba en contacto Celso Emilio con Camilo José Cela cando se proxectou a publicación, como extensión da revista *Papeles de Son Armadans*, de varias coleccións de poesía: unha castellana que levaba o nome de «Juan Ruiz»; unha catalana, «Joan Roig de Corella»; e outra galega co nome de «Ruiz de Padrón». Coido que Celso Emilio Ferreiro era o responsábel en Galiza deste proxecto editorial, así que me pideu un texto e eu lle mandei un texto, pero non se atopou en Mallorca suficiente número de suscritores para esa colección de poesía, e iso non saíu. Esa foi a razón de que o meu libro *Salterio de Fingoy* aparecera editado por Galaxia aínda que fora destinado a esta colección que non chegou a iniciarse” (Carmen BLANCO, *Carballo Calero: política e cultura*, Edicións do Castro, Sada - Corunha 1991, p. 55).

<sup>28</sup> Vid. Tomás BARROS, «Europa en el *Salterio de Fingoy* de Ricardo Carballo Calero», em: *La Noche* (Santiago de Compostela), 4 de janeiro de 1962; Araceli HERRERO FIGUEROA, «A procura da transcendência en *Saltério de Fingoi*», em: *Grial* (Vigo), nº. 74 (outubro-dezembro 1981), pp. 480-489.

<sup>29</sup> Podemos destacar «Alto Lérez», em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980), p. 168.

<sup>30</sup> Em *Pretérito imperfeito (1927-1961)* (1980), p. 221.

*Pretérito imperfecto (1927-1961)* (Sada - Corunha, 1980)<sup>31</sup>

Como já foi repetidamente assinalado, nesta obra recolhe Carvalho os seus cinco livros poéticos anteriores em língua portuguesa da Galiza (a saber, na forma gráfica com que agora se reeditam: *Vieiros*, *O silêncio ajoelhado*, *Anjo de terra*, *Poemas pendurados dum cabelo*, *Saltério de Fingoi*), sem acrescentar nenhuma composição nova.

Fica também advertido que dos dois primeiros livros (*Vieiros* e *O silêncio ajoelhado*), sobretudo do primeiro, faz ao mesmo tempo uma selecção, reeditando unicamente desses poemas “os que me pareceron capaces de resistir hoje unha lectura indulgente, ao menos por parte do próprio autor”<sup>32</sup>. A língua foi revista sistematicamente.

*Futuro condicional (1961-1980)* (Sada - Corunha, 1982)<sup>33</sup>

Este livro recolhe grande parte da produção poética de Carvalho posterior ao *Saltério de Fingoy* (1961) até o ano 1980: vinte anos portanto. Alguns poemas foram já publicados em revistas, mas não compilados em livro; outros eram ainda inéditos<sup>34</sup>.

O livro está dividido em três partes, intituladas «Excalibur», «Venusberg» e «Avalon»; a este respeito, o autor declara no «Limiar» que esses “títulos son algo arbitrários, mais algo apontan ao contido preponderante”<sup>35</sup>. Dentro desses três grupos genéricos, os temas são muito diferentes: vam desde o vivencial

<sup>31</sup> *Pretérito imperfecto (1927-1961)*, Ediciós do Castro, Sada - Corunha 1980, 236 pp.

<sup>32</sup> «Limiar» a *Pretérito imperfecto (1927-1961)* (1980), p. 10.

<sup>33</sup> *Futuro condicional (1961-1980)*, Ediciós do Castro, Sada - Corunha 1982, 220 pp. Vid. Henrique Manuel RABUNHAL CORGO, «Uma leitura de *Futuro Condicional*», em: [VÁRIOS], *Homenagem ao Professor Carvalho Calero*, número especial da revista *O Ensino* (Pontevedra - Braga), n.º. 18-22 (1987), pp. 287-291.

<sup>34</sup> Segundo Carvalho declara no «Limiar» do livro, não está aqui recolhida a totalidade da sua produção poética nesse venténio: “O autor procurou que o número de poemas deste segundo tomo coincidise co do tomo primeiro [isto é: com *Pretérito imperfecto (1927-1961)*, publicado meses antes pela mesma casa editora], e eliminou o material excedente, que lle pareceu de calidade inferior ao conservado, ou expresión pouco comunicativa de vivências demasiado persoais” (p. 9). Segundo isto, visto que os seus livros poéticos posteriores incluem no mesmo título uma referência cronológica posterior ao venténio aqui referido, deverá haver outros poemas escritos por Carvalho nessa época ademais dos recolhidos neste livro: poderiam ter sido publicados em revistas ou estar ainda inéditos, e a alusão que ele faz ao carácter demasiado pessoal dalguns deles parece indicar que pelo menos esses nunca foram publicados até esse momento.

<sup>35</sup> «Limiar», p. 9.

anecdótico até o social, mas prevalece um certo tono de existencialismo vital. Esta constante mas serena preocupação perante os mistérios da existência humana dá como resultado uma obra poética de grande madurez. Aliás, segue estando presente o tema do feminino como símbolo da beleza inalcançável.

Em geral o autor mantém a sua independência das modas poéticas do momento, embora naturalmente dentro da mentalidade poética do nosso tempo. De resto, algum influxo mais concreto poderia detectar-se, mas apenas ocasionalmente.

*Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)* (Corunha, 1986)<sup>36</sup>

O título deste novo livro poético de Carvalho não deve iludir-nos. Compreende 62 poemas e, com efeito, os mais característicos são cantigas de mulher, como eram as trovadorescas, no sentido de que estão postas na boca de mulheres; mas não pertencem à escola poética do neotrovadorismo, nem formalmente nem esteticamente. O poema inicial já nos prevém de qualquer dúvida ao respeito:

Amigo, sem necessidade  
de refrám nem paralelismo,  
darei a minha angústia e menos o meu gozo. [...]  
Amigo, talvez és  
plural e intermitente,  
fragmentário e efémero.  
Eu som eterna e múltipla,  
moribunda e incólume. [...]37.

Nos poemas falam mulheres de hoje, em situações geralmente actuais de diversa índole, com prevalência de situações amorosas, mas no fundo é «a mulher» a que quer achar forma de exprimir-se: a mulher no sentido antropológico, como um modo característico de ser pessoa humana.

*Reticências...* (1986-1989) (Santiago, 1990)<sup>38</sup>

Este derradeiro livro poético de Carvalho, publicado já postumamente, pode ser considerado o melhor dos seus. A intensidade e sinceridade da sua poesia deixam

<sup>36</sup> *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)*, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha 1986, 197 pp. Vid. Francisco SALINAS PORTUGAL, «Carvalho Calero: a voz que nom cessa», em: *Agália*, n.º. 10 (Verão 1987), pp. 206-215.

<sup>37</sup> *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)* (1986), pp. 15-16.

<sup>38</sup> *Reticências...* (1986-1989), Sotelo Blanco Edicións (Colección «Vento que zoa»), Santiago de

pouco espaço aqui ao que, em qualquer poeta, pode ser simples exercício literário. A experiência vital do autor, situado na doença, perante a perspectiva de um provável fim próximo, infunde uma forte autenticidade à sua voz. Os temas da morte, do sentido da vida, do valor do passado, do mistério do além, estão constantemente presentes, com um fundo de estoicismo mitigado por uma moderada esperança.

Do ponto de vista formal merece salientar-se o facto de que, entre o cento exacto de poemas que constituem o livro, 22 são sonetos, de cuidada feição. Pode-se contrastar este dado com os livros precedentes: por exemplo, em *Futuro condicional (1961-1980)* (1982) há só 3 sonetos de um total de 125 poemas. Formalmente, pois, Carvalho tendia nos derradeiros anos a revalorizar elementos tradicionais da poética romance como a rima e a métrica regular.

### *Caracterização da poesia de Carvalho* <sup>39</sup>

Se procurarmos uma qualificação genérica para a poesia de Carvalho podíamos talvez aplicar-lhe o termo «existencial», pondo-a vagamente em relação com o movimento existencialista que predominou na Europa dos decénios posteriores à segunda guerra mundial. Ainda que o poeta tenha tocado cordas muito diferentes, uma preocupação pelo sentido da existência parece inspirar todos os seus cantos como uma tonalidade fundamental. A poesia converte-se assim em expressão da consciência da condição humana, em luta constante com o seu insaciável desejo de plenitude. O homem, desterrado do paraíso, muitas vezes em dúvida entre que é o bem e que é o mal, vive na saudade de um mundo diferente.

Destarte, na obra poética de Carvalho prevalece uma coloração obscura. Se os versos que podemos considerar emblematicamente inaugurais da sua poesia em galego, os que apresentou para o ingresso no «Seminário de Estudos Galegos» em 1927, levavam já como título «A dor cantadeira», os poemas compostos a partir da guerra civil, marcado já o autor pelos duros acontecimentos que

---

Compostela 1990, 168 pp.

<sup>39</sup> Veja-se a bibliografia assinalada na nota 11. Sobre aspectos concretos da poesia de Carvalho publicaram-se os trabalhos seguintes: Kathleen N. MARCH, «A figura feminina na poesia de preguerra de Ricardo Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), n.º. 75 (janeiro - março 1982), pp. 18-34; Cláudio RODRÍGUEZ FER, «Mito e história na poesia de Carvalho Calero», em: *Agália*, n.º. 11 (Outono 1987), pp. 293-319; Elvira SOUTO PRESEDO, «Imagens de mulher (a representação do feminino nalguns poemas de Carvalho Calero)», em: *Agália*, n.º. 18 (Verão 1989), pp. 139-153; Claudio RODRÍGUEZ FER, «A temática cultural na poesia de Carballo Calero», na colectânea do autor *Poesía galega*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1989, pp. 36-73.

lhe tocou viver, amostram uma intensificação dessa tonalidade mais sombria. Talvez não chega a ser pessimismo o que nela se respira, mas sim uma certa atmosfera de cepticismo, ou talvez melhor, de estoicismo, um estoicismo sereno, alheio a qualquer forma de desesperação, antes ao contrário deixando ainda possibilidades à esperança<sup>40</sup>.

Por outro lado, por cima desse estoicismo paira sempre a racionalidade, e com isto uma certa impressão de equilíbrio mental e, portanto, de classicismo. Neste sentido podem aceitar-se as qualificações de intelectual ou cerebral que com frequência têm sido atribuídas à sua poesia. À impressão de classicismo contribuem também as frequentes referências de índole histórico-cultural: a Bíblia, o mundo greco-romano, as lendas artúricas, a história contemporânea...<sup>41</sup>

Tem sido posta em relevo, com acerto, a importância da mulher na poesia de Carvalho, como um esforço por “desvelar o mistério que se oculta no coração do cosmos feminino”<sup>42</sup>.

No que diz respeito à forma, Carvalho Calero não recusou nenhum dos modelos que a história literária lhe proporcionava, ainda que — poeta de uma determinada época histórica — seja o verso livre o que leva uma adesão mais constante<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Araceli HERRERO faz notar este aspecto sombrio da poesia de Carvalho: “Canto à vida, vista dun xeito tráxico, como tránsito ou catarse, Carballo profesa un cuase total pesimismo. É un profundo esculcador do sentido do ser humano, mais non se vai erixir en profeta [...]. Carballo é no fondo un inconformista, non por utópico idealismo, senón por reflexión sobre a realidade. [...] no fondo, en materia humana é un escéptico, e por iso é implacábel consigo mesmo e ao mesmo tempo antidogmático: non prexuzga nen xuzga ao mundo, enigmático” (Araceli HERRERO FIGUEROA, «Carballo Calero, poeta», em: [VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, pp. 27-28).

<sup>41</sup> Vid. Cláudio RODRÍGUEZ FER, «Mito e historia na poesia de Carvalho Calero», em: *Agália*, n.º. 11 (outono 1987), pp. 293-319; Claudio RODRÍGUEZ FER, «A temática cultural na poesia de Carballo Calero», na colectânea do autor *Poesía galega*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1989, pp. 36-73.

<sup>42</sup> Elvira SOUTO PRESEDO, «Anjo de terra», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, p. 66. Estudaram o tema feminino na poesia de Carvalho: Kathleen N. MARCH, «A figura feminina na poesia de preguerra de Ricardo Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), n.º. 75 (janeiro-março 1982), pp. 18-34; Elvira SOUTO PRESEDO, «Imagens de mulher (a representación do feminino nalguns poemas de Carvalho Calero)», em: *Agália*, n.º. 18 (Verão 1989), pp. 139-153.

<sup>43</sup> Tem-se notado que o verso de Carvalho oferece algumas durezas de acentuação (X[osé]. L[uís]. MÉN-DEZ FERRÍN, *De Pondal a Novoneyra: poesía galega posterior á guerra civil*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1984, p. 103). Carvalho opôs algumas matizações a esta opinião (FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), pp. 128-132). Porém, cumpre reconhecermos que é frequente nos seus versos a sinalefa (irregular na nossa poética) de vogal final acentuada com a inicial da palavra seguinte.

## Teatro<sup>44</sup>

### Produção dramática<sup>45</sup>

Carvalho Calero foi autor de sete peças dramáticas, que a seguir enumeramos indicando o ano de criação (por vezes afastado do da publicação, como logo veremos): *O fillo* (1935), *Isabel* (1945), *A sombra de Orfeu* (1948), *A árbore* (1948), *Farsa das zocas* (1950), *Auto do prisioneiro* (1969), e *Os xefes* (1980). A estas podemos acrescentar a adaptação de *O redondel*, do autor chinês Li Hsing-Tao, realizada em 1951, pois na realidade trata-se de uma reelaboração tão profunda que bem pode considerar-se uma obra nova.

Todas estas peças (incluída *O redondel*, o que faz um total de oito) foram recolhidas pelo próprio autor no seu *Teatro completo* (1982). A ordem cronológica em que antes foram enunciadas vai-nos servir também de estrutura para uma breve apresentação de cada uma<sup>46</sup>.

### *O fillo* (1935)<sup>47</sup>

Escrita em 1935, esta peça ia ser publicada na revista *Nós* quando sobreveio a guerra civil espanhola de 1936-39; só foi dada a lume na colectânea teatral de

---

<sup>44</sup> O próprio Carvalho fez uma apresentação do seu labor teatral na conferência a que os primeiros editores deram o título «Sobre o seu teatro» (1983): foi recolhida primeiro num dos Cadernos da Escola Dramática Galega e mais tarde em *Letras galegas* (1984), pp. 321-330; constitui um bom acercamento ao seu teatro. Vid. também Carmen BLANCO, *Conversas* (1989), pp. 255-276 (= capítulo 8: «Teatro»). Outros estudos sobre esta faceta: Xosé Anxo FERNÁNDEZ ROCA, «Carballo Calero no seu teatro», em: [VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, pp. 33-36 (sobre as *Catro pezas* (1981), únicas publicadas quando o autor redigiu o trabalho); Araceli HERRERO FIGUEROA, «Intertextualidade, contra-obra e reteatralización», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 77-83.

<sup>45</sup> Estudos gerais sobre a obra teatral de Carvalho Calero: Xosé Anxo FERNÁNDEZ ROCA, «Carballo Calero no seu teatro», em: [VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, pp. 33-36; Araceli HERRERO FIGUEROA, «Intertextualidade, contra-obra e reteatralización», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 77-83. Outros trabalhos mais particulares sobre aspectos do labor dramático de Carvalho citam-se noutras notas desta mesma secção.

<sup>46</sup> Uma dezena de anos antes, em 1971, publicara-se a primeira recolha de peças dramáticas, limitada a quatro obras: *Catro pezas* (*A sombra de Orfeu*, *Farsa das zocas*, *A árbore*, *Auto do prisioneiro*), Editorial Galaxia, Vigo 1971, 208 pp. Estas quatro peças reeditam-se novamente no *Teatro completo* (1982), que vem a ser assim a edição definitiva de toda a sua produção teatral.

<sup>47</sup> «O fillo: acción dramática en dous actos, o segundo dividido en dous cadros (1935)», em *Teatro completo* (1982), pp. 9-38.

1982 (*Teatro completo*); mas antes, em 1947, obtivera em Buenos Aires o prémio «Castelao» de teatro. Desde a primeira versão à publicada finalmente houve, no entanto, algumas modificações.

A Joana protagonista tem certos ares de sibila Cassandra: pretende realizar em si própria o ideal da Virgem-Mãe, como um intento de conciliar dois valores contrapostos, o autodomínio sexual e o sentimento maternal. Mas terá muito que aprender de Estrela, a sua criada, que sabe fundir harmonicamente o instinto amoroso e o instinto maternal. A obra tem algo de retábulo de Natal, quase haigráfico, e respira uma atmosfera de ingénua e piedoso lirismo.

#### *Isabel (1945)*<sup>48</sup>

Iniciada em 1936, só foi concluída em 1945 e publicada na colectânea de 1982.

Na realidade, há duas mulheres de nome Isabel na peça, mas em certo modo confundem-se numa só, pois Mário, viúvo da primeira Isabel, aceita como sendo a sua mesma mulher primeira a Isabel segunda; e esta aceita também essa ilusória identidade. A acção situa-nos, pois, perante o problema da distinção entre ilusão e realidade, e poderia enquadrar-se com algumas obras de Pirandello.

#### *A sombra de Orfeu (1948)*<sup>49</sup>

Comédia psicológica, cujas personagens se movem todas no mundo da arte profissional. Põe-se o problema da eleição entre o amor e a arte. O protagonista é um compositor famoso, Rafael Golpe, separado da sua esposa Mariana, pintora. Outras mulheres, igualmente artistas, giram em torno à figura de Rafael; mas ele prefere sacrificar o desfrute do amor humano em aras da sua dedicação artística.

O ambiente culto e refinado faz-nos lembrar as comédias de salão, embora aqui a acção se desenvolva na “estância dunha casa rústica habilitada para estúdio de músico e pintor”. Neste caso Carvalho cinge-se às normas do teatro realista, com respeito das exigências de verossimilitude e das unidades de acção e de lugar<sup>50</sup>.

<sup>48</sup> «Isabel: comédia en tres actos (1945)», em *Teatro completo* (1982), pp. 39-78.

<sup>49</sup> «A sombra de Orfeu: comédia en tres lances (1948)», em *Teatro completo* (1982), pp. 79-120; fora recolhida já na primeira colectânea teatral *Catro pezas* (1971), pp. 21-92.

<sup>50</sup> Vid. Aurora MARCO, «Rafael - Orfeu: a sombra de um mito», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Cale-ro: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 84-88.

*A árbore* (1948)<sup>51</sup>

O tema aqui é o amor, tratado com uma mistura de ironia caricaturesca e, ao mesmo tempo, de dramatismo, com um certo eco do existencialismo tão de moda naqueles anos de após-guerra europeu. As duas personagens são simbólicas: o homem e a mulher; e toda a decoração se reduz a uma árvore, que variará de aspecto nas distintas cenas. Na cena final, retomando a história bíblica da árvore da ciência do bem e do mal, a peça representa novamente a expulsão do Paraíso: o amor, que devia dar felicidade ao ser humano, torna-se causa da sua desdita.

*Farsa das zocas* (1950)<sup>52</sup>

É a peça mais popular de Carvalho, por ter sido representada frequentemente, sobretudo em círculos escolares. Está baseada num relato popular recolhido no concelho de São Sadurninho (Corunha). O autor tratou esse material com finalidade humorística, em forma de farsa semiguinholesca, caricaturesca.

Edelmira de Cornido, muito doente, vive com o seu marido Breixo e com a irmã deste Divina, folgazões descarados que até chegam a roubar mel a um vizinho. Edelmira morre sem fazer testamento, mas Breixo e Divina, com ajuda dalgumas testemunhas falsas, conseguem enganar o notário, simulando que Divina é Edelmira, e fazer um testamento a seu favor. No outro mundo, Edelmira não pode descansar, porque no roubo do mel Divina levava as suas çocas, e apresentará algumas exigências aos herdeiros dos seus bens.

Está bem lograda a linguagem das personagens<sup>53</sup>. A técnica teatral resulta bem adequada à concepção da obra: “se hai que presentar unha persoa do drama, abonda con que ésta se adiante cara o público e se identifique por sí mesma, procedimento tan primitivo que resulta tan moderno, e plausible sempre para o espectador verdadeiramente inxenuo ou verdadeiramente culto”<sup>54</sup>.

<sup>51</sup> «A árbore: auto en tres escenas e un epílogo-prólogo (1948)», em *Teatro completo* (1982), pp. 145-159; antes em *Catro pezas* (1971), pp. 135-157.

<sup>52</sup> «Farsa das zocas: dous actos (1948)», em *Teatro completo* (1982), pp. 121-144; aparecera já em *Catro pezas* (1971), pp. 93-131. Sobre esta obra vid. especialmente Araceli HERRERO FIGUEROA, «Intertextualidade, contra-obra e reteatralización», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 77-83.

<sup>53</sup> Vid. Aurora MARCO, «A language teatral em A farsa das çocas», em: *Actas do II Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. 1987, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha 1989, pp. 361-371.

<sup>54</sup> «Prefacio» a *Catro pezas* (1971), pp. 12-13.

*O redondel, de Li Hsing-Tao (1951)*<sup>55</sup>

Trata-se de uma adaptação para teatro infantil, num só acto, do originariamente complexo drama do autor chinês Li Hsing-Tao, a partir da versão castellana publicada na popular colecção «Austral»<sup>56</sup>. O trabalho de adaptação foi feito para os alunos de Fingoi, onde de facto se representou. A história das duas mulheres que pretendem um mesmo menino e a decisão do juiz que, mediante um alvítrio que faria dano ao menino, descobre qual das duas é a autêntica mãe, reflecte um motivo folclórico estendido por diversas culturas: é conhecida a história bíblica de Salomão, que mostra a sua sabedoria como juiz perante um caso semelhante<sup>57</sup>.

*Auto do prisioneiro (1969)*<sup>58</sup>

Trata-se de uma peça de carácter simbólico, cujo tema de fundo é o problema da transcendência. Numa cela da prisão, onde desfruta de quase todas as comodidades possíveis, um simbólico prisioneiro pergunta-se angustiado se detrás daquela porta existe o Director, que lhe dizem é seu pai e quer o seu bem, mas a quem nunca foi capaz de ver nem de falar nem de ouvir. O próprio Carvalho declarava que nesta obra pretendia “reflectir numa forma moderna, poética e incisiva, a angústia do home engaiolado na sua finitude, mas com uma fáustica sede de além”<sup>59</sup>.

*Os xefes (1980)*<sup>60</sup>

É um drama de natureza política, embora de modo primário o argumento seja militar. Podem descobrir-se nesta obra reflexos da experiência vivida pelo autor durante a guerra civil espanhola de 1936-39, especialmente do assédio de Madrid no outono de 1936; no entanto, não se trata de uma peça de carácter histórico, mas ideológico.

---

<sup>55</sup> «O redondel (Li Hsing-Tao): adaptación e versión galega nun acto para teatro infantil (1951)», em *Teatro completo* (1982), pp. 161-170.

<sup>56</sup> LI HSING-TAO, *El círculo de tiza*, Espasa-Calpe (n.º. 215 da colecção «Austral»), Madrid (várias edições); no mesmo volume inclui-se também *La ira de Cáusica*, de KSCHEMISVARA.

<sup>57</sup> Está contada no capítulo terceiro do primeiro livro dos Reis: 1 Reis 3,16-28.

<sup>58</sup> «Auto do prisioneiro» (1969), em *Teatro completo* (1982), pp. 171-198; antes em *Catro pezas* (1971), pp. 161-203.

<sup>59</sup> «Sobre o seu teatro» (1983), em *Letras galegas* (1984), p. 328.

<sup>60</sup> «Os xefes: drama en tres actos (1980)», publicado por primeira vez em *Teatro completo* (1982), pp.199-246.

Na obra há dois bandos, que se consideram a si mesmos conservador e progressista respectivamente. Mas o desenvolvimento da acção vai mostrando que, por cima dessas diferenças aparentes de cor ideológica, em ambos os lados existem as mesmas atitudes de fundo. O autor pretende fazer visíveis alguns juízos sobre a vida política: a ambiguidade das posições políticas e a identidade íntima de ideários políticos opostos, a escravidão dos chefes a respeito das massas e, ao mesmo tempo, a manipulação das massas pelos chefes.

## Narrativa<sup>61</sup>

### Obras de narrativa

A obra narrativa de Carvalho Calero abrange os seguintes textos: *A gente da Barreira* (1951), romance; «Os señores da Pena» e «O lar de Clara» (1984), novelas curtas; «As pitas baixo a chuvia» (1952), «Os tumbos» (1950), «A cegoña» (1957), relatos breves; «Aos amores seródios» (1979) e «Provérbios otomanos: *De Selim a Solimám*» (1985), relatos de mistura ensaística; e *Scórpio* (1987), romance. Os anos que se indicam são os de publicação, mas a ordem, que seguiremos também na resenha seguinte, é a correspondente à criação. Várias dessas obras foram reeditadas pelo autor numa primeira colectânea de narrativa: *A gente da Barreira e outras histórias*<sup>62</sup> (1982); e todas, salvo «Provérbios otomanos: *De Selim a Solimám*» (1985) e *Scórpio* (1987), aparecem na segunda colectânea: *Narrativa completa*<sup>63</sup> (1984).

### *A gente da Barreira* (1951)<sup>64</sup>

A primeira obra narrativa de Carvalho Calero, cronologicamente, é *A gente da Barreira*. Foi escrita pelos meados da década dos 40, quando, após sair da prisão, retornara a Ferrol.

Reintegrado ao âmbito familiar, Carvalho pôde conhecer nas conversas da parentela a evolução de uma família fidalga, das terras do centro-leste de Lugo,

<sup>61</sup> Sobre este aspecto da criação literária de Carvalho Calero vid. Carmen BLANCO, *Conversas* (1989), pp. 237-254 (= capítulo 7: «Narrativa»).

<sup>62</sup> *A gente da Barreira e outras histórias*, Follas Novas, Santiago 1982, 168 pp.

<sup>63</sup> *Narrativa completa*, Edicións do Castro, Sada - Corunha 1984, 240 pp.

<sup>64</sup> *A xente da Barreira: novela*, Bibliófilos Gallegos (Colección «Biblioteca de Galicia», n.º. 3), Santiago de Compostela 1951; reedições em *A gente da Barreira e outras histórias* (1982), pp. 7-132, e em *Narrativa completa* (1984), pp. 13-108.

que reflectia un fenómeno frecuente na historia galega moderna: a ruína da antiga aristocracia rural. Este facto constituía já tema doutros romances, focados desde diferentes atitudes por parte dos respectivos autores: em Otero Pedraio assume carácter de epopeia galega, olhada com uma substancial simpatia (o que não quer dizer que sem elementos de crítica); pelo contrário, em Emilia Pardo Bazán e em Valle-Inclán fora tratado com menos compreensão.

Por outro lado, visto que a guerra civil espanhola de 1936-39 e a nova situação política da Espanha supuseram a destruição da cultura galega, no momento em que se intentava empreender o caminho da reconstrução dava-se entre os preocupados por esta tarefa um certo acordo em que havia uma tradição consolidada de poesia e que convinha acentuar agora os esforços na prosa.

Deste conjunto de factores nasceu o romance *A gente da Barreira*. Na realidade, o autor não pensava construir um romance. Dada a sua aversão ao romance longo, estruturado em todas as suas partes com travada construção, ao estilo do romance longo francês do século XIX, e a sua preferência pelo conjunto de quadros, relacionados mas em certo modo independentes e redondeados em si mesmos (ao estilo de *Os dous de sempre*, de Castelao, ou do que alguns anos depois seria a narrativa de Álvaro Cunqueiro), a narração é um conjunto de 19 capítulos, ligados pelo tema comum de fundo: a casa da Barreira.

Nem sequer o seu título original era *A gente da Barreira* mas *Histórias da Barreira*: o autor pensava que, mais importante que o quadro que emarca o conjunto de relatos, eram os relatos em si mesmos. Mas, quando já a obra estava rematada, a “Editorial de los Bibliófilos Gallegos” (uma associação bibliófila com sede em Santiago) convocou em 1949 o seu primeiro concurso de romance galego: premiar-se-ia o melhor romance (“novela” em castelhano, língua em que estava redigida a convocatória) de ambiente galego, que poderia estar escrito tanto em galego como em castelhano. Carvalho, decidido a enviar a sua obra ao concurso, considerou mais prudente, para evitar eventuais escrúpulos por parte dalgum membro do júri, mudar-lhe o título primitivo por *A gente da Barreira*, que sem deixar de ser exacto dava mais impressão de obra unitária, e adir-lhe o subtítulo “Novela”, já que, ao fim, a ideia do que é um romance não pode limitar-se exclusivamente à figura do romance oitocentista francês. Prova de que esses expedientes formais eram acertados foi o facto de que a obra resultou premiada<sup>65</sup>.

<sup>65</sup> O júri, que fez público o seu veredicto em Santiago a 22 de abril de 1950, estava constituído por seis membros: Ramon Cabanilhas, Otero Pedraio, José Guerra Campos, Francisco Serrano Castilla, Francis-

Revivemos, pois, as vicissitudes alternantes e o decaimento final de uma casa senhorial do mundo rural galego, a dos Frade de Eiris, ao longo do século XIX. É uma nova sociedade a que nasce na Galiza sobre os restos dessa ruína, com novos valores seguramente mas também sob a premente ameaça de perder elementos ligados à cultura própria do país<sup>66</sup>.

«Os señores da Pena» (1984) e «O lar de Clara» (1984)<sup>67</sup>

Estas narrações, pela sua extensão limitada, podem denominar-se “novelas”, tomando esta palavra não no sentido geral de ‘romance’ que tem hoje na área cultural espanhola mas no de ‘romance breve’ que recebe na área de língua portuguesa.

São dois relatos de temática, em parte, semelhante a *A gente da Barreira*, em quanto que narram a decadência de famílias. Foram escritos pouco depois deste romance, portanto nos anos 40, mas ficaram inconclusos, e o autor não os incluiu na sua primeira colectânea de escritos narrativos (*A gente da Barreira e outras histórias*, 1982). Só algo mais tarde se decidiu a revê-los e incluí-los na *Narrativa completa* (1984).

Em *Os señores da Pena* o ambiente é similar ao de *A gente da Barreira*: a fidalguia rural. Segundo o seu próprio testemunho, naquela época Carvalho anotara somente o esqueleto da obra em forma de apontamentos tomados da história real. No momento de tornar público o relato em 1984 transcreveu aquelas notas numa redacção mais acurada e com alguns acrescentamentos ornamentais, embora conservando no substancial o esquema primitivo<sup>68</sup>.

Em *O lar de Clara* são abundantes os elementos autobiográficos: é um relato narrado em primeira pessoa e reflecte o ambiente familiar que o autor viveu na sua infância, até cumprir os 16 anos. O cenário é aqui não já rural mas urbano, portanto<sup>69</sup>.

---

co Fernández del Riego e Raimundo García Domínguez, conhecido literariamente pelo pseudónimo de “Borobó”. Agiu como presidente Cabanilhas, seguramente por motivos de idade, e de secretário “Borobó”.

<sup>66</sup> Estudaram esta obra Maria Pilar GARCIA NEGRO, «Unha lectura de *A xente da Barreira*», em: [VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, pp. 37-40; Araceli HERRE-RO FIGUEROA, «Sobre *A xente da Barreira*: breve aproximación á lectura dunha novela», em: *Grial* (Vigo), n.º. 81 (julho - setembro de 1983), pp. 368-376.

<sup>67</sup> Em *Narrativa completa* (1984): «Os señores da Pena», pp. 109-153; «O lar de Clara», pp. 155-195.

<sup>68</sup> Vid. *ibidem*, pp. 10-11.

<sup>69</sup> Carvalho declara que “em *O lar de Clara* é a infância do narrador o que basicamente se evoca. Cumprida

«As pitas baixo a chuvia» (1952)<sup>70</sup>

É um breve relato que narra, em primeira pessoa, uma experiência da infância do autor: os factos ocorreram em Serantes, nas proximidades de Ferrol, onde a família de Carvalho passava o verão.

Depois de uma espécie de preâmbulo que nos situa nos tempos da infância do narrador, conta-se a história. O menino descobre desde a janela que as galinhas se estão molhando sob a chuva da tormenta estival, e baixa decidido ao curral com a intenção de recolhê-las ao abrigo da chuva, mas elas, seguramente assustadas, recusam entrar. O pai vê que o neno se está molhando e ordena-lhe retirar-se, mas ele não quer deixar as galinhas fora à chuva. Então diversos membros da família vêm em ajuda do rapaz. O resultado final é que, embora as galinhas são recolhidas, todos acabam “molhados como pitos”.

«Os tumbos» (1950)<sup>71</sup>

Também este breve relato, igualmente narrado em primeira pessoa, reflecte, talvez com algumas inovações imaginativas, um fundo de factos reais. Na casa de veraneio, na aldeia, escutam-se pelas noites uns misteriosos golpes. Diversos expedientes para identificar a sua causa não dão resultado. Finalmente descobre-se que quem os produzia era a cozinheira, que pretendia amedrontar a família a fim de que se decidisse a retornar à cidade, onde estava o seu noivo. A cozinheira foi despedida, mas o autor conclui manifestando, desde a distância do tempo, a sua funda simpatia por aquela imaginativa rapariga.

«A cegoña» (1957)<sup>72</sup>

Trata-se de um relato igualmente de protagonista infantil, mas agora em terceira pessoa: é uma menina, Érika. A mãe de Érika espera um filho, que, como sucede com todos os bebés, a cegonha ltrazerá do fundo do rio. Érika encarrega à cegonha que seja uma nena, mas o que vem é um neno. Convencida de que terá havido um erro involuntário por parte da cegonha, de noite colhe silenciosamente o recém-nascido, sem que seus pais se apercebam, e vai-o deitar ao rio, já que ali era onde

---

a sua misión catártica, a obríña permanecía en estado de hibernación, non destruída por preguiza, atuada na rua do abandono” (*ibidem*, p. 11).

<sup>70</sup> «As pitas baixo a chuvia», em *Narrativa completa* (1982), pp. 197-201.

<sup>71</sup> «Os tumbos», em *Narrativa completa* (1982), pp. 203-209.

<sup>72</sup> «A cegoña», em *Narrativa completa* (1984), pp. 211-219.

estava antes. Espera que agora, quando de novo traga uma criança à casa, a cegonha não se equivocará e trará uma menina<sup>73</sup>.

A onomástica do relato é de ressonâncias nórdicas, e quiçá também o fundo etnográfico (a crença de que é a cegonha quem traz os nenos que nascem, está pouco desenvolvida na Galiza, dado que a cegonha era animal desconhecido na maior parte do território galego), ainda que o cenário — uma granja agrícola na beira de um rio — claro está que pode corresponder perfeitamente à Galiza<sup>74</sup>.

«Aos amores seródios» (1979)<sup>75</sup>

É uma obra diferente das restantes. Na realidade temos aqui uma mistura de géneros, intencionadamente procurada pelo autor: o relato entremistura-se com o ensaio ou com a evocação literária. Resulta assim uma narração de técnica renovada, sobre o tema indicado no título: o amor do velho a uma mulher moça (como em *Os velhos nom devem de namorar-se*, de Castelao).

«Provérbios otomanos: *De Selim a Solimám*» (1985)<sup>76</sup>

Trata-se de um relato novelesco relativo à vida cortesã do império otomano no século XVI: a história de uma bela rapariga georgiana que, tendo entrado como cativa cristã no harém do sultão Selim I (sultão de 1512 a 1520), chegou a ser a sua favorita, depois de ter-se convertido ao islamismo. Após a morte de Selim I em 1520, a bela georgiana soube ganhar a mesma confiança do seu sucessor e filho Solimão I (sultão de 1520 a 1566, conhecido na historiografia como «o Magnífico»), que até então a aborrecia:

---

<sup>73</sup> Carvalho explicou, em FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), a base histórica do relato: “Eu tiven unha profesora de alemán a quen lle ocorreu na súa infancia algo parecido ao que aí conto. Se ben eu dramaticei o texto e fixen que a nena depositase ao recém nado no río e se retirase logo confiada en que a cegoña lle trairía unha irmá en troca do neno devolto, a realidade, segundo a referencia desta persoa, é que foi descuberta a tempo, antes que depositase no río ao seu irmaoíño” (p. 114).

<sup>74</sup> Varela Jácome recolle este relato na súa antoloxía da narrativa galega, e presenta-o com as seguintes palabras: “O país de Érika pode ser nordestio, pero ten un engado de vida petrucial aldeán. A realidade fúndese ca fantasía, co misterio. A inqueda arelante da nena estruturábase en varios tempos ordeados cronolóxicamente; o seu matinar condúcenos a un remate tráxico, insospeitado, contraste antre o ensono de Érika e o suceso do neno noviño que queda durmindo pra sempre no leito do río” (Benito VARELA JÁCOME, *Singraduras da narrativa galega: De Castelao a Neira Vilas*, Editorial Librigal, Corunha 1973, pp. 134-135).

<sup>75</sup> «Aos amores seródios», em *Narrativa completa* (1984), pp. 221-238.

<sup>76</sup> «Provérbios otomanos: *De Selim a Solimám*», em: *Agália* (Corunha - Ourense), núm. 4 (inverno 1985), pp. 475-476; aparece assinado com o pseudónimo “Namiq Ziyá”, que quer sugerir un autor turco.

Esta história da «Bela Georgiana» teria dado origem a um provérbio otomano «De Selim a Solimão», com que se exprime a capacidade para acomodar às mudanças do tempo a própria atitude de submissão ao poder de cada momento, por cima de qualquer ideia permanente.

O relato (e a sua protagonista) não parece ter base histórica real<sup>77</sup>.

### *Scórpio* (1987)<sup>78</sup>

Trata-se de um romance histórico, em grande medida autobiográfico no período que vai até mediada a guerra civil espanhola de 1936-39: até esse momento, em que se situa o final do romance, o argumento segue de perto a vida histórica do próprio Carvalho Calero (infância em Ferrol, estudos universitários em Santiago, começo da guerra civil em Madrid, estadia de formação militar em Valência, atividade bélica em Andaluzia), embora com disfarces e aditamentos de ficção literária<sup>79</sup>. A figura de Carvalho está representada pela personagem protagonista: Rafael Martínez Pinheiro, a quem alguns companheiros chamavam também o nome do seu signo zodiacal, «Scórpio» (que dá título à obra).

Formalmente o romance apresenta aspectos originais. Toda a obra está constituída por fragmentos que podem considerar-se monólogos, com uma técnica portanto parateatral. Mas o próprio protagonista, Rafael, nunca aparece em cena; são sempre os outros os que falam dele, e através desse meio indirecto imos seguindo o fio da sua vida: as suas peripécias e, na medida do possível — pois o protagonista, ademais de não falar é temperamentalmente reservado —, os seus pensamentos e sentimentos<sup>80</sup>. Especialmente interessante é o facto de

<sup>77</sup> No fundo desta criação narrativa de Carvalho parece estar a tradição novelesca orientalista ou exótica que deu origem, por exemplo, à tragicomédia e ópera italiana *La Bella Georgiana* [ou *Giorgiana*] (1761), do veneziano Carlo Goldoni.

<sup>78</sup> *Scórpio*, Sotelo Blanco Ediciones, Santiago 1987, 397 pp.

<sup>79</sup> Dois elementos de fundamental importância no desenvolvimento do romance são fictícios: a adoção do protagonista, por ser órfão de moça solteira que morre como consequência do parto, e a morte em Barcelona durante um bombardeio, em março de 1938. Carvalho era filho não adotado mas carnal e legítimo de um matrimónio bem harmonizado.

<sup>80</sup> Vid. J. Carlos QUIROGA, «*Scórpio*: História rosa e narrador polifónico», em: *Agália*, n.º. 12 (Inverno 1987), pp. 486-488; C. DELGADO CORRAL, «Salgueiro: A voz de um autor de ficção», em: *Agália*, n.º. 19 (Outono 1989), pp. 331-341; Carlos-Paulo MARTÍNEZ PEREIRO, «*Scórpio* ou a moi intelixente caza-cruzada dun fantasma», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, pp. 77-83; Elvira SOUTO, «A viagem heroica: *Scórpio*», capítulo do livro da autora *Viagens na literatura*, Edicións Laiovento, Santiago de Compostela 1991, pp. 69-105.

que, dentro da mesma ficção do romance, aparece uma teorização do que o romance pretende ser, posta em boca de um dos personagens, Salgueiro<sup>81</sup>.

A obra teve boa acolhida em geral (recebeu em 1988 o prémio anual da Crítica espanhola para narrativa em galego), e ocupa já um lugar de honra na história do romance galego<sup>82</sup>.

### Ensaio <sup>83</sup>

#### *Um magnífico ensaísta*

Normalmente não se presta suficiente atenção a que Carvalho Calero não foi só escritor de lírica e de ficção (cénica e narrativa) mas que é também um magnífico cultivador do género literário do ensaio. Talvez se deve este facto a que os seus escritos ensaísticos, como versam normalmente sobre temas literários ou linguísticos, ficam relegados quase sempre aos apartados da Crítica literária e da Linguística respectivamente.

Cumpre, porém, afirmarmos com energia o elevado valor literário dos ensaios de Carvalho<sup>84</sup>. Até se poderia afirmar que, literariamente, é no ensaio onde Carvalho se realiza mais perfeitamente como escritor: o seu espírito, onde a racionalidade guiava sempre os estímulos da emoção, acha o molde de expressão mais adequado num género literário que pela sua mesma natureza busca submeter — aproveitando o seu pulo — as forças do sentimento ao critério condutor da argumentação e da razão<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> Vid. C. DELGADO CORRAL, «Salgueiro: A voz de um autor de ficção», em: *Agália*, nº. 19 (Outono 1989), pp. 331-341.

<sup>82</sup> Kathleen N. March considera que «*Scórpio* es la obra maestra de Ricardo Carballo Calero» (na sua nota sobre «CARBALLO CALERO, Ricardo», em: [VÁRIOS], *Comentário de textos literários*, António GIL HERNÁNDEZ Coordenador, Alhena Ediciones, Madrid 1986, pp. 453-378).

<sup>83</sup> Vid. José-Martinho MONTERO SANTALHA, «Um texto ensaístico: A normatização do galego, segundo o Prof. Carvalho Calero», em: [VÁRIOS], *Comentário de textos literários*, António GIL HERNÁNDEZ Coordenador, Alhena Ediciones, Madrid 1986, pp. 453-378.

<sup>84</sup> Ele próprio era bem consciente da importância que devia dar-se ao ensaio dentro da sua produção literária: «dunha forma ou doutra — ainda que eu son polígrafo, xa que teño traballado en narrativa, en teatro e en ensaio —, creio que, efectivamente, o mais íntimo da miña personalidade está reflexado na poesía» (FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), p. 86). Vemos aí como ele distingue quatro campos na sua produção literária: poesia, narrativa, teatro e ensaio.

<sup>85</sup> Nesta direcção parecem ir também as afirmações de Francisco FERNÁNDEZ DEL RIEGO: «a obra de creación e de pescuda que Carballo Calero levou a cabo, non definen a súa personalidade, pesie aos valores

### *Peças ensaísticas*

Muitos dos trabalhos de Carvalho sobre figuras literárias ou sobre a problemática linguística da Galiza — que foram na sua origem conferências ou artigos de jornal, por exemplo — são, ademais de excelentes estudos da especialidade, exemplos magníficos de peças ensaísticas. Nas suas colectâneas como *Libros e autores galegos* (1979 e 1982) ou *Da fala e da escrita* (1983), por citar só duas, podem achar-se abundantes amostras. Se quisermos aduzir um ensaio especialmente feliz poderíamos citar «O voo do flamengo» (1981), recolhido depois em *Da fala e da escrita* (1983)<sup>86</sup>.

### *A técnica do ensaio*

O ensaio é literatura de ideias: procura convencer o leitor de uma determinada asserção teórica (a qual, geralmente, terá também uma maior ou menor incidência prática). Carvalho domina magistralmente os recursos do género. A este respeito podemos ressaltar dois aspectos nos seus trabalhos de ensaio: 1) o equilíbrio da forma, e 2) a técnica persuasória.

1) O aspecto formal. Ante tudo, sabe prestar a devida atenção ao aspecto formal: um léxico adequado, com alguma concessão ao insólito, a modo de alfaías que ressaltam o sereno equilíbrio do conjunto, e um ritmo do discurso que torna sensível a beleza do idioma. Nesta faceta podemos descobrir a influência da sua sensibilidade lírica e linguística.

2) Os recursos suasórios. Em segundo lugar, é mestre na ordenação dos recursos de persuasão: o desenvolvimento dos argumentos, enriquecido com elementos culturais e literários, caminha levando consigo no seu razoamento a mente do leitor, e suscita nele uma espécie de iluminação gozosa, sempre que exista pela sua parte um mínimo grau de abertura mental ao que se lhe diz. Nesta segunda faceta do labor ensaístico de

---

que a distinguen. O decurso do tempo dirá que o aporte máis principal ao mundo das letras, realizouno no campo do ensaio crítico-literario. Porque, ao noso ver, sendo menos novelista que poeta, foi moito máis ensaísta que poeta e autor teatral. A personalidade do escritor ferrolán quedou ben afinçada, nefeito, na paisaxe ensaística galega contemporánea. Unha campía intelectual que suscitou novos enfoques de pensamento e forma literarios. Non se pode pasar de largo ante ela” («Traxectoria galeguista dun significado escritor», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991, p. 19). No entanto, Fernández del Riego parece estar pensando, mais que nada, no aspecto de crítico literário, antes que no de escritor ensaísta.

<sup>86</sup> «O voo do flamengo» (1981), em *Da fala e da escrita* (1983), pp. 69-71.

Carvalho podemos descobrir um influxo da sua formação jurídica: como um advogado que trata de suscitar um convencimento, e a esse alvo ordena os seus argumentos, assim o ensaísta busca conquistar a adesão do leitor.

### *A oratória*

Topamos aqui, ao mesmo tempo, com uma faceta da actividade cultural de Carvalho que poderia merecer também uma atenção mais demorada: a sua oratória. Já dissemos que alguns dos seus ensaios foram originariamente conferências ou discursos de vária índole.

Efectivamente, Carvalho sabia cultivar a tradição oratória. A divulgação dos meios audiovisuais nos nossos dias produziu uma inflação da palavra falada que teve como consequências, por um lado, a prevalência do tom conversacional nas intervenções orais e, por outro, uma certa devaluação dos recursos oratórios clássicos. Nalguma ocasião Carvalho tem-se referido ao modo de falar de Armando Cotarelo nas suas intervenções públicas — fundamentalmente nas aulas —, sempre cuidadoso com a sintaxe. Podia contrapor-se a Vicente Risco, que falava usando com frequência frases entrecortadas e anacolúticas. E não é difícil perceber que, traçando esse contraste entre duas figuras do galeguismo da época pré-bélica, as suas próprias simpatias iam para Cotarelo<sup>87</sup>.

Na sua mocidade, durante os anos da Segunda República, foi orador político em abundantes ocasiões<sup>88</sup>.

Na época da maturidade, afastado de actividades directamente políticas, participou no entanto em muitos actos de índole cultural em que era solicitada a sua palavra. Nas suas intervenções orais, mesmo quando eram não lidas mas espontâneas, Carvalho cuidava a construção sintáctica e o esquema oratório do discurso. De resto, sabia infundir energia e um algo de paixão às suas palavras, de modo que resultava uma síntese admirável entre estas manifestações do

<sup>87</sup> Vid., por exemplo, FERNÁN-VELLO / PILLADO, *Conversas en Compostela* (1986), p. 59, onde contrapõe a oratória de Risco à de Otero Pedraio e Castelao.

<sup>88</sup> Francisco FERNÁNDEZ DEL RIEGO fazia notar esta faceta do compromisso político-cultural de Carvalho nos anos da Segunda República: “Vivimos xuntos, nesa etapa, momentos de acción universitaria, de politización ao servício do país [...]. Andivemos a realizar unha intensa propaganda galeguista e do Estatuto de Autonomía por Galicia toda. Carballo Calero distinguíase como orador de palabra precisa, en mitins e conferencias, defendendo os principios nos que baseabamos os nosos ideais” («Traxectoria galeguista dun significado escritor», em: [VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocions Culturais Galegas, Vigo 1991, p. 18).

sentimento, por um lado, e o sereno rigor da argumentação e a racionalidade que presidia todo o seu pensamento, por outro. E o certo é que, sem alcançar o lirismo nem a desbordante imaginação da oratória de Otero Pedraio, as suas dissertações provocavam admiração e até entusiasmo num auditório culto<sup>89</sup>.

### **Bibliografia selecta sobre Carvalho Calero**

Esta selecção bibliográfica limita-se aos aspectos literários da obra de Carvalho; ficam fora pois os estudos sobre o seu labor crítico-literário e linguístico. Os trabalhos ordenam-se cronologicamente, mas no fim oferece-se uma lista remissiva de autores por ordem alfabética.

#### *Lista em ordem cronológica:*

Salvador LORENZANA [pseudónimo de Francisco FERNÁNDEZ DEL RIEGO], «A figura e a obra de Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), n.º. 70 (outubro - dezembro 1980), pp. 441-452.

Aracéli HERRERO FIGUEROA, «A procura da transcendência em *Saltério de Fingoi*», em: *Grial* (Vigo), vol. 19 (1981), n.º. 74 (outubro - dezembro 1981), pp. 480-489.

Kathleen N. MARCH, «A figura feminina na poesia de preguerra de Ricardo Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), vol. 20 (1982), n.º. 75 (janeiro - março 1982), pp. 18-34.

[VÁRIOS], *Homenaxe a Carballo Calero*, Cadernos do Medúlio, Ferrol 1982, 48 pp.

Aracéli HERRERO FIGUEROA, «Sobre *A xente da Barreira*: breve aproximación á lectura dunha novela», em: *Grial* (Vigo), vol. 21 (1983), n.º. 81 (julho - setembro de 1983), pp. 368-376.

M[iguel]. A[nxo]. FERNÁN VELLO / F[rancisco]. PILLADO MAYOR, *Conversas en Compostela con Carballo Calero*, Sotelo Blanco Edicións, Barcelona 1986, 268 pp.

[VÁRIOS], *Homenagem ao Professor Carvalho Calero*, número especial da revista *O ensino, Revista galaicoportuguesa de Sociopedagogia e Sociolinguística*, Fundação Europeia Viqueira - Instituto de Estudos Lusogalaicos, Pontevedra - Braga, n.º. 18-22 (1987), 414 pp.

Francisco SALINAS PORTUGAL, «Carvalho Calero: a voz que nom cessa», em: *Agália* (Corunha - Ourense), n.º. 10 (Verão 1987), pp. 206-215.

Cláudio RODRÍGUEZ FER, «Mito e história na poesia de Carvalho Calero», em: *Agália* (Corunha - Ourense), n.º. 11 (Outono 1987), pp. 293-319.

---

<sup>89</sup> Veja-se a descrição que o próprio Carvalho faz da sua actividade oratória em Carmen BLANCO, *Carballo Calero: política e cultura* (1991), pp. 33-34.

J. Carlos QUIROGA, «Scórpio: História rosa e narrador polifónico», em: *Agália* (Corunha - Ourense), n.º. 12 (Inverno 1987), pp. 486-488.

Carmen BLANCO, *Conversas con Ricardo Carballo Calero*, Editorial Galaxia, Vigo 1989, 286 pp.

Elvira SOUTO PRESEDO, «Imagens de mulher (a representação do feminino nalguns poemas de Carvalho Calero)», em: *Agália* (Corunha - Ourense), n.º. 18 (Verão 1989), pp. 139-153.

Claudio RODRÍGUEZ FER, «A temática cultural na poesia de Carballo Calero», na colectânea do autor *Poesía galega*, Edicións Xerais de Galicia, Vigo 1989, pp. 36-73.

C. DELGADO CORRAL, «Salgueiro: A voz de um autor de ficção», em: *Agália* (Corunha - Ourense), n.º. 19 (Outono 1989), pp. 331-341.

Aurora MARCO, «A language teatral em *A farsa das çocas*», em: *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. 1987, Associação Galega da Língua, Corunha 1989, pp. 361-371.

[VÁRIOS], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991 (Colecção «A nosa cultura», n.º. 13), 94 pp., 24 x 33 cm.

Elvira SOUTO, *Viagens na literatura*, Edicións Laivento, Santiago de Compostela 1991, 246 pp.; capítulo «A viagem heróica: *Scórpio*», pp. 69-105.

Francisco SALINAS PORTUGAL, *Voz e silêncio (Entrevista con Ricardo Carvalho Calero)*, Edicións do Cumio, Vilaboa (Pontevedra) 1991, 108 pp.

Carmen BLANCO, *Carballo Calero: política e cultura*, Edicións do Castro, Sada - Corunha 1991, 104 pp. (Colecção «Documentos para a historia contemporánea de Galicia», n.º. 81).

Aurora MARCO, *Foula e ronsel: Os anos xuvenis de Carvalho Calero (1910-1941)*, Fundación Caixa Galicia, Corunha 1992, 148 pp. («6º Premio Literario Anxel Fole»).

Pilar PALLARÉS, *Fillo de Eva (88 poemas de Ricardo Carvalho Calero)*, Sociedad de Cultura Valle-Inclán, Ferrol 1992 («Colección Esquíu de Poesía», n.º. 48), 230 pp.

José-Martinho MONTERO SANTALHA, *Carvalho Calero e a sua obra*, Edicións Laivento, Santiago de Compostela 1993, 310 pp.

Ricardo CARBALLO CALERO, *Poesía perdida: Edición de Claudio RODRÍGUEZ FER*, Edicións do Castro (Colecção «Documentos para a historia contemporánea de Galicia», n.º. 101), Sada - Corunha 1993, 488 pp.

*Lista alfabética de autores:*

- BLANCO, Carmen (1989, 1991).  
DELGADO CORRAL, C. (1989).  
FERNÁN VELLO, Miguel Anxo (1986).  
FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco: vid. LORENZANA, Salvador.  
HERRERO FIGUEROA, Aracéli (1981, 1983).  
LORENZANA, Salvador (pseudónimo de Francisco FERNÁNDEZ DEL RIEGO) (1980).  
MARCH, Kathleen N. (1982).  
MARCO, Aurora (1987, 1992).  
MONTERO SANTALHA, José-Martinho (1992).  
PALLARÉS, Pilar (1992).  
QUIROGA, J. Carlos (1987).  
RODRÍGUEZ FER, Claudio (1987, 1989, 1993).  
SALINAS PORTUGAL, Francisco (1987, 1991).  
SOUTO PRESEDO, Elvira (1989, 1991).

**JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA**

Nasceu em Cerdido (província da Corunha) em 1947. Licenciado em Teologia e em Filosofia e doutor em Filologia. Foi professor de Língua e Literatura Galega na Universidade de Vigo de 1994 até à sua jubilação em 2017. Académico da AGLP, foi o seu primeiro presidente de 2008 a 2016. Autor de numerosos estudos sobre assuntos linguístico-literários, nomeadamente sobre a poesia trovadoresca galego-portuguesa, tema da sua tese de doutoramento na Universidade da Corunha.

## Carvalho Calero e Estraviz

Isaac Alonso Estraviz

### Resumo

Neste artigo fala-se dos encontros entre o professor D. Ricardo Carvalho Calero e quem isto escreve. Encontros literários uns e pessoais outros. Sempre dentro de um respeito mútuo, ainda que não coincidentes em todo momento. Literários, valorizando toda a sua obra como poeta, romancista e investigador e pessoais com pequenas divergências no ponto de vista na unidade linguística galego-portuguesa. Como mostras aduz-se uma palestra e um trabalho de um aluno sobre o romance fundamental *Scórpio*. Também se fala do processo e percurso da estátua a ele dedicada na Alameda de Santiago perto da casa onde morou.

### Palavras-chave

Encontro, literário, pessoal, poeta, romancista, investigador, palestra, *Scórpio*, estátua.

### Abstract

The focus of this article are the encounters between Professor Ricardo Carvalho Calero and its author. Some of a literary nature, personal others. Always showing mutual respect even when not in full agreement. Appreciating Professor Carvalho Calero's work as a poet, novelist, and scholar in those literary ones. Assessing their small differences vis-à-vis the linguistic unity of Galician Portuguese in their personal encounters. As examples of both, the article presents a lecture as well as a student's essay on Carvalho Calero's major novel, *Scórpio*, and it reflects also on the process of erecting a statue in honour of Carvalho Calero at the Alameda Park, close to the Professor's home in Santiago de Compostela.

### Key words

Encounters, literary, personal, poet, novelist, scholar, lecture, *Scórpio*, statue.

Conheci literariamente Carvalho Calero, estando em Osseira, através do livrinho *Sete poetas galegos* (1955). Também através de Ramón Piñeiro que me falava sobre os trabalhos que estava a levar a cabo, especialmente sobre a História da Literatura que estava a fazer. Pessoalmente em 1965 em Vigo na apresentação de *Cantigas de Escarnho e Maldizer* de Rodrigues Lapa, publicadas por Galáxia.

A minha relação ao começo foi um pouco distante ao andar eu por terras de Albacete e Madrid, onde estudava Filosofia e Letras e depois Românicas. E porque os meus trabalhos estavam voltados para traduções bíblicas e de encíclicas sobre temática social tão necessárias na nossa terra para que nos ajudassem a sair do alienalismo em que estava e ainda está o povo galego. Quase tudo arredor de SEPT, fundada por Jaime Ilha Couto. Estudando em Madrid pediu-lhe Piñeiro uma carta de recomendação para os irmãos Fernández de Lugo para solicitar uma bolsa de estudos para ir eu a Alemanha e negou-se a dar-ma, porque, segundo ele, só as dava aos seus alunos.

Um encontro já mais pessoal e próximo, foi na primavera de 1972 quando teve lugar a oposição à Cátedra de Linguística e Literatura Galegas em Madrid. Assistimos bastantes galegos uns vindos da Galiza e outros que morávamos na capital. Nos exercícios vi um Carvalho Calero muito nervoso, pondo e tirando continuamente os óculos. Em todos eles defendeu-se sobradamente. O que mais estranhei foi quando no último lhe escolheram uma página de *O Catecismo do Labrego*, de Lamas Carvajal, para falar sobre o seu conteúdo. Carvalho Calero começou a falar e cada minuto que passava falava mais brilhantemente. Fiquei assombrado da sua capacidade. Logicamente foi aprovado por unanimidade.

Como naquela altura havia muita gente que defendia uma escrita para o galego próxima ao português, todos os que defendíamos o mesmo coincidíamos em tudo deixando de lado questões de tipo pessoal. Carvalho Calero deu o passo definitivamente quando dous alunos: Ramón Pena e Anjo González Guerra lhe apresentaram uns trabalhos nesta linha. Ele, admirado, falou com José Luís Rodrigues, pareceu-lhe bem e fez-lhes um prólogo na mesma linha. A partir de aí foi cada vez mais para a frente, mas sempre numa atitude moderada. Segundo R. Piñeiro, o culpável do lusismo era José Luís Rodrigues que mais que galego parecia um português de Coimbra.

Mais tarde, quando se ia publicar no 1983 o Dicionário NOS em cinco volumes pedi-lhe e fez-me um prólogo de três páginas. Tive algum problema com

ele ao criticar aninho (anho) (lat. agninu) que eu recolhera de Eugénio Montes, vocábulo empregado em Bande, que ele confundiu como diminutivo de ano e publicou um artigo bastante duro criticando tal entrada. Meus colaboradores aconselharam deixar isso de lado mas eu respondi-lhe abertamente nos mesmos jornais onde ele o fizera. Isso chateou-lhe bastante, mas seguimos a nos tratar igual. Mas como havia muita gente que defendia uma escrita para o galego próxima ao português, todos os que defendíamos o mesmo coincidíamos em tudo deixando de lado questões de tipo pessoal. No 1981 surge AGAL da qual foi Membro de Honra, o mesmo que de outras organizações que foram aparecendo por ondequer.

Carvalho Calero foi poeta, romancista e historiador literário. Desde o meu ponto de vista, poeticamente (*Cantigas de amigo e outros poemas*), romancista (*Scórpio*) e de investigação (*História da Literatura Galega*), entre outras, é um dos melhores literatos que temos na Galiza. Citei só estes três livros, mais são infinidade os que redigiu e editou. Espero que outros colegas as mencionem e comentem amplamente neste livro homenagem.

Desde os começos assisti a conferências ministradas por ele em diferentes associações culturais ou congressos, sobretudo os organizados por AGAL em diversas localidades galegas. Ele sempre estava em todas elas convidado polos organizadores. Houve um momento em que *Irmandades da Fala*, presididas por José Luís Fontela, ultrapassou fronteiras e começou a denominar-se *Irmandades da Fala da Galiza e Portugal*. E o mesmo aconteceu com a revista o Ensino e a coleção de publicações Temas do Ensino e a revista Nós. Durante algum tempo dedicamo-nos a percorrer as cidades do norte português colocando em todas elas umas placas nas quais apareciam uma frase de Castelão *A nossa língua floresce em Portugal* e outra de Pessoa *A minha pátria é a língua portuguesa*. Uma vez a homenagem foi em Arcos de Valdevez o 27 de setembro de 1986. Aqui ergueu-se perto do rio uma pedra na qual subia a água por um lado e descia polo outro. As lendas eram de dous galegos, Castelão *A nossa língua floresce em Portugal* e Vilar Ponte *Quem não ama Portugal não ama a Galiza* e do outro de Pessoa *A minha pátria é a língua portuguesa* e António Ferreira *Floresça, fale, cante, ouça-se e viva a portuguesa língua*. Lá estava Carvalho Calero para ministrar uma conferência na Casa dos Professores. Estive falando com ele e contou-me no momento em que estava do romance *Scórpio* e a dúvida

que tinha de a finalizar fazendo morrer o protagonista ou deixá-lo. “Se o mato, disse, mato-me a mim mesmo que sou o protagonista. Afinal Scórpio morre em Barcelona num bombardeio. Mas o que mais me assombrou foi comprovar a enorme memória que tinha pois recitava obras de teatro representadas antes da guerra do 36 como se as estivesse a ler num livro.

No IV Encontro Internacional da Língua Galaico-portuguesa celebrado em Ponte Vedra, no Casino, os dias 6-7 de dezembro de 1985, com assistência de galegos e portugueses. Entre os portugueses estava o sacerdote Pe. Fernando Cristóvão, que era o que organizava em parte o encontro que teve lugar no Rio de Janeiro em maio de 1986. Fontela pedirame que pronunciasse uma palestra. Estava naquela altura em Ferrol dando aulas de castelhano e vivia no Domus Ecclesiae onde estava também Martinho Montero Santalha. Preparei o tema e dei-lho a ler a Montero Santalha, que lhe pareceu bem. A esse encontro estava convidado também Ricardo Carvalho Calero. D. Ricardo chegou um pouco tarde porque antes estivera num encontro em Vigo com gente do BNG. A Ponte Vedra levou-no Pilar Garcia Negro. Eu pronunciei a palestra que copio e Carvalho Calero a sua totalmente contrária à minha. Copio a continuação a minha, pena não contar com a dele para poder comprovar as divergências:

#### QUAL A ORTOGRAFIA PARA A GALIZA

Isaac Alonso Estraviz

Director-Presidente da Secção de Linguística  
das Irmandades da Fala

Num artigo publicado há vários anos na revista *Grial*, que foi reproduzido parcialmente no volume I de “Linguística e Sociolinguística” de Temas do Ensino demonstrava que a chamada ortografia portuguesa era tão nossa como deles, baseado em textos redigidos no que hoje se conhece por Galiza. E isto apesar de ser o momento da nossa decadência, aquele em que o idioma continuou a se escrever e desenvolver livremente em Portugal e nas suas colónias, no entanto aqui as circunstâncias históricas adversas o condenavam a um sono de séculos. Todos os aqui presentes sabedes em que circunstâncias renasce para a vida literária o cultivo do nosso idioma na Galiza e quais foram os seus condicionamentos e os seus resultados.

### *I.- Uma língua, uma ortografia*

Os grandes mestres da Romanística defenderam sempre a unidade linguística existente nas falas portuguesas e galegas, de jeito que uns e outros optaram por designar o conjunto como galego-português ou galaico-português. Recentes ainda estão os Congressos de Lisboa e de Ourense nos quais, por unanimidade absoluta, se afirmou e reafirmou polos congressistas essa unidade inquebrantável do sistema linguístico. Unidade que não temos a mínima dúvida de considerar mais estreita e uniforme da que existe entre os diversos falares derivados do castelhano, como o demonstram os trabalhos de investigação que se estão a levar a cabo.

Os mesmos que hoje defendem, entre contradições, que galego e português são línguas diferentes, ainda ontem, quando não estavam contaminados por ideologias políticas, defendiam o que nós defendemos e postulavam para o galego uma ortografia comum com o português. E mesmo saudavam com alvoroço intentos que surgiam nesta linha.

E, olhadas as cousas sem preconceitos políticos, não podia ser de outro jeito. O triste, o contraditório, é que os que defendem esse estatus para ao galego não sejam consequentes e façam o mesmo com o castelhano: elevar a rango literário os vulgarismos comuns ao território espanhol, ou consagrar como formas literárias para o galego o que são simples vulgarismos do castelhano.

A língua galego-portuguesa nem foi nem é um híbrido disforme ou um monstro bicéfalo, mas um ser mui bem configurado com duas faces.

Se galegos e portugueses temos uma mesma e única língua, não podemos tentar sequer escrever de jeito diferente o léxico que nos é comum. Não podemos inventar para o galego uma ortografia aberrante, desnaturalizadora do nosso léxico e da nossa morfologia, escrava do castelhano. Uma única e mesma língua exige também uma mesma e única ortografia. O contrário supõe um suicídio, a morte do galego no seu próprio berço. O galego não precisa fundir-se com o português, como defendia o nosso grande político escritor e debuxante Castelão, pois o galego é português e o português é galego.

## *II.- Um momento histórico transcendental*

Considero, o actual, um momento histórico transcendental na história da nossa língua comum, no que não podemos ficar de lado, Galiza e os galegos, como tem acontecido nas diferentes reformas ortográficas levadas a cabo desde o ano 1911. Hoje o galego está a ensinar-se mais ou menos a todos os níveis académicos e não podemos permitir que sob falsos nacionalismos ou com medidas premeditadamente tomadas desde instâncias centralistas, se manipule o nosso idioma. É este um problema que nos atinge a todos os que falamos uma mesma língua: salvar a nossa-vossa língua a nossa-vossa cultura. E nisto devemos ser lógicos e consequentes. Além das possíveis reformas que se possam levar a cabo, criar um organismo supranacional científico e competente que sem necessidade da intervenção dos organismos estatais existentes, vele pola unidade idiomática, pola unidade na introdução de neologismos para evitar formas dúplices ou diferentes para designar um novo invento que apareça no dia a dia. Podia este organismo ser uma academia internacional da língua com representantes permanentes dos diferentes povos que estudassem conjuntamente todos e cada um dos neologismos antes de terem carta de cidadania ou estudassem também em profundidade todos os problemas que surgissem. Deste jeito evitar-se-ia chegar a uma fragmentação numa zona de conhecimento de maneira que, falando a mesma língua, chegue a resultar incompreensível.

Creio, pois, que é um dever de portugueses e brasileiros abrir as portas das comissões que estão a trabalhar na reforma ortográfica e uma obrigação dos galegos entrarmos a colaborar abrindo caminhos e não pondo obstáculos.

## *III.- Não se pode politizar a Língua e a Cultura*

A língua e a cultura, ainda que incidam na política, não se podem “politizar”, porque nesse caso desaparece a objetividade que deve imperar quando se tratar destes problemas. Por isso mesmo que se não trata de um problema político, tenho dito, mais de uma vez, que se trata de um assunto que incumbe a todos os que pertencemos a uma mesma área linguística. Problema no que portugueses, brasileiros e africanos de expressão portuguesa têm muita cousa a dizer. E isto sem temor a

ofender, a entrar em casa alheia. Não de outro jeito se está a trabalhar nos diferentes países que falam o castelhano, onde, dentro de um mútuo respeito, se está a coordenar um labor de unidade. E no que os castelhano-falantes não têm a menor dúvida de intervirem onde vêem que o castelhano tem problemas de sobrevivência, intervindo incluso organismos estatais se o caso o requer.

Ora, se chegamos a criar um organismo supranacional onde os governos fiquem de lado, nem Madrid, nem Lisboa, nem o governo autónomo galego, poderão ver ingerências políticas, onde o que se resolve são problemas linguísticos e culturais. É certo que, de momento, nem ao governo de Madrid, nem ao da Junta lhes interessa que isto se leve a cabo. Mas, se nos deixamos levar por essa atitude de inércia, não se estaria hoje a ensinar galego nos centros do ensino, ainda que se trate de um galego macarrónico. Os poderes estabelecidos só cedem quando o clamor das bases exigem uma e outra vez os seus direitos. Quanto maior for o número, será mais fácil que “pensem” no que se pede. A história é mestra nisto como o é em muitas outras cousas.

#### *IV.- Uma mesma ortografia não exige uniformidade léxica ou rigidez verbal*

Hoje por hoje, o galego necessita de uma margem de liberdade, que afinal redundará em benefício de todo o sistema galaico-português.

Pessoalmente, sou partidário de aceitar a norma portuguesa plenamente, porque ela responde à nossa história comum e porque resolve adequadamente todos os problemas que surgem quando se trata de normativizar o galego. É vantagem que têm as ortografias históricas que, sendo comuns a todos, permitem diversas realizações nas falas comarcais ou individuais. Como disto já tenho falado e escrito noutras partes, creio desnecessário insistir mais.

Uma condição indispensável, para que os galegos não se sintam incómodos ou estranhos, é que os nossos irmãos luso-brasileiros-africanos devem aceitar o sotaque próprio dos galegos como tão legítimo ao deles. Sotaque, além disso, que coincide em grande parte com o de outros grupos portugueses falando a mesma língua. Não devem pensar

que se trata de um arremedo mal feito do seu falar nem muito menos. Ou que se trata de um falar rude, grosseiro, tosco, como alguma vez tenho ouvido. É o nosso falar assim que merece o mesmo respeito que os diferentes sotaques existentes. Todos são dignos, todos são legítimos. O que para uns semelha rude para outros resulta de elegância suma. O mesmo que falando de cores, tudo é mui relativo.

Como fica dito anteriormente, ainda que sou partidário de uma ortografia plenamente coincidente com a portuguesa e issto desde já, no que diz respeito ao léxico e modalidades de tipo tradicional, os galegos não temos por que sacrificar o que temos e foi comum, a certas modas introduzidas na língua portuguesa padrão e mesmo na brasileira ou nas dos países africanos de expressão portuguesa. Creio, pessoalmente, que ceder nestes casos seria empobrecer o sistema linguístico comum.

Para um maior esclarecimento do que estou a dizer, acho necessário descer a alguns casos concretos, o que serve como indicativo de uma série de casos que exigem um estudo pormenorizado de tudo aquilo que devemos evitar os galegos. Isto não abala a norma “lisboeta”, antes, polo contrário, abre-lhe as portas de uma rigidez e pureza de vocabulário no que os puristas do idioma e os seguidores de modas estão a reduzir o português oficial.

Devem-se respeitar, portanto, no relativo a Galiza, as soluções hoje imperantes a respeito da contracção da preposição por e o artigo: *polo/pola* (própria também dos falares portugueses) frente à padrão portuguesa *pelo/pela* (ainda que em textos medievais redigidos em território galego fosse tanto ou mais frequente pelo/pela que polo/pola. Hoje entre nós o normal é *polo/pola*. *Cousa* e não *coisa* (ainda que esta última não seja de todo alheia ao galego). Ao falarmos de refeições devem ficar os nomes galegos: *almorço/almoço, jantar, merenda e ceia* (além de outros nomes de refeições intermédias). Não temos por que seguir nisto a moda lisboeta, que é um evidente galicismo desnecessário. *Fame/fome* (ambas galegas), devemos manter *fame* (mais acorde com a etimologia e de mais uso). *Aginha/asinha* (formas comuns a galego e português) que na forma padrão portuguesa são consideradas arcaísmos, mas que entre nós estão vivíssimas. Entre nós *folga* tem o significado que tem em Portugal e

além disso acrescentou-se-lhe o que tem greve para portugueses. Neste caso, ainda que se pode considerar como um castelhanismo, eu prefiro a forma *folga* e não o galicismo *greve*, que encontraria sérias dificuldades de se aclimatar entre nós. Exemplos deste tipo, ainda há mais, contudo nenhum deles afecta o mais mínimo a unidade linguística, pois trata-se de variantes diatópicas existentes em toda língua. Alface ou leituga não faz ao caso, pois depende dos lugares. Casos como estes são muitos mais os que existem entre português e brasileiro ou as variantes dos países africanos de expressão portuguesa, que entre nós e portugueses.

O que sim convinha, para que a nossa integração fosse mais completa, é revisar algumas ortografias portuguesas tendo em conta a etimologia dos vocábulos, sobretudo aquelas que para portugueses e brasileiros têm a mesma pronúncia escritas de uma ou outra maneira. *Çapato, çoco...* escritos com s- de momento encontram problemas ao existirem dous tipos de pronúncia nestes e semelhantes vocábulos: fricativa interdental surda numas zonas e fricativa ápico-dental ou predorsal noutras. Na pronúncia portuguesa isto não varia o mais mínimo. O mesmo acontece com *trouche-mouche* (português *trouxe-mouxe*) cuja pronúncia não varia de uma ou de outra maneira. Há outras palavras do tipo de *fusil, visir* que em português se escreve com “z” e cuja pronúncia é a mesma com “s” ou “z” mas que para nós os galegos apresenta dificuldades...

Estes problemas e outros mais não invalidam para nada a nossa tese de uma ortografia comum plena. No caso de se não resolverem seria um reduzido número de vocábulos que não supõe obstáculo à integração da nossa ortografia. Mas eu acho que, com um bocadinho de boa vontade, alguns ainda se podem resolver facilmente e com algum tempo por diante desapareceriam completamente.

A respeito de certas formas verbais, exige um estudo demorado tendo presente na maioria dos casos a coincidência seria plena, e onde não for, aceitar formas dúplices que, com o tempo, ficariam reduzidas a uma na língua literária. Mas isto sem pressas.

Ferrol, 5 de Dezembro de 1985

Ao final do dia Fontela e eu reuniamo-nos para elaborar um resumo do tratado durante o dia e apresentar ao dia seguinte aos assistentes. Num momento dado Fontela empregou “quando”, eu disse-lhe que íamos ter problemas com Carvalho. Fontela disse que nem se ia dar conta disso. Redigi pois o texto empregando “quando”. Ao dia seguinte ao chegarmos, já estava Carvalho Calero com o índice sinalando o “quando”. Discutiui-se durante hora e meia se empregar quando ou cando. Eu defendia que escrevendo “quando” tinha dúplice leitura: “cuando e cando”. Para ele só era válido “cando”. Ao final o professor Fernando Cristóvão propus votar a questão. Resultado: um voto a favor de “cando” de Carvalho e um voto a favor de “quando” meu. Todos os demais, que estavam de acordo com “quando”, incluído Fontela, abstiveram-se. Ele ficou bastante chateado. Fontela posteriormente esteve com ele e depois de mais de uma hora conseguiu tranquilizá-lo.

Intentou Fontela convencê-lo de assistir ao encontro do Rio de Janeiro e ele negou-se. Em lugar dele “oficialmente” fui eu junto com Fontela e Adela, sua mulher. Mas fomos só como consultores. Reunidos todos no local eu fiz a seguinte pergunta: “Por quê os galegos, naturais do território onde nasceu a língua da qual se tratava de elaborar um acordo, estávamos só como consultores e não como membros de pleno direito?” Os brasileiros ficaram assombrados e os portugueses sem saber que dizer. Mas a partir de aí atuamos como todos os demais intervindo quando víamos que era conveniente. Tendo em conta de que a maioria dos problemas das divergências entre portugueses e brasileiros estava nos acentos empregados, Fernando Cristóvão propus suprimir todos os acentos. Ouve alguma voz discrepante, sobretudo africana, pois tinham que aprender as pronúncias na escrita, mas afinal foi aprovada a proposta deixando só os acentos esdrúxulos. O acordo não foi aceite e deu lugar a um novo em 1990.

Quando foi publicado o romance, dava aulas eu no Liceu Otero Pedraio de Ourense. Propus o romance como livro de leitura a meus alunos. Como sempre, os alunos tinham que ler um ou vários livros. Eu propus-lhes a leitura de Scórpio. A proposta foi aceite por todos menos por uma excelente aluna Dúnia, por problemas de consciência, por estar escrito numa norma que não era “oficial”. Os dias de aula de literatura dedicava um quarto de hora ou mais para saber por onde andavam e de que personagem gostavam mais. Todos intervinham, menos Dúnia que ficava marginada. Cada dia via que gostavam mais do romance. E mesmo chegaram a fazerem trabalhos ótimos. A aula não podia ser mais

animada e todos queriam intervir. De todas as leituras de livros, enquanto dei aulas em secundária, esta foi a que deu maiores resultados e alguns começaram a escrever na mesma ortografia de jeito que alguns, em contra da minha vontade, foram ao seletivo escrevendo desse jeito tirando umas qualificações máximas. Dúnia fez o seu trabalho, bom por certo, sobre Otero Pedraio.

Eu, uma vez metidos nas atividades culturais galegas por Galiza e Portugal, tratei muito a Carvalho Calero. Lembro-me de quando estivemos em Arcos de Valdevez. Ali falou-me do estado em que tinha a elaboração de Scórpio. Tinha a dúvida do final que lhe tinha que dar, pois se o matava então matasse a si mesmo. Afinal o protagonista morre num bombardeio dos contrários em Barcelona.

Fiquei assombrado da sua memória ao recitar-me obras de teatro que representara antes da Guerra Civil. Acho que fui o primeiro professor que pus aos alunos do I.B. Otero Pedraio a sua leitura da que desfruturam e foram umas aulas muito entretidas ao irmos vendo por onde andava cada um e de que protagonista gostava mais. No final, para que se veja como tomaram a leitura, coloco um artigo de um aluno publicado em LA REGIÓN numa unidade didática que lhe dedicamos, depois da sua morte, José Paz, Manuela Ribeira Cascudo, quem isto escreve e Alfonso Canal Lado. Copio a continuação o artigo do aluno:

### SCÓRPIO.

A obra literária *Scórpio* é, ante todo, um romance original. O autor na composição de um romance que pretende ser biográfico.

O autor vai buscar na enigmaticidade de Scórpio uma particularidade que seja a base de interesse da obra. Pretende que sejam os próprios amigos de Scórpio os que, atavés das suas experiências pessoais, falem de Scórpio de tal jeito que se vaia *constituído* uma figura de acordo à ordenação dos acontecimentos adquiridos mediante uma espécie de inquérito entre as demais personagens da obra, o que implica a redação de uma série de datos plurais, mas não contraditórios.

Deste jeito, Ricardo Carvalho Calero vai obter uma composição polifónica, uma narrativa de muitos narradores. Sem embargo, não tentará fazer um documento social no que, de acordo com a linguagem que empregue cada narrador, se poida conhecer a mentalidade e situação social da personagem que fala, sendo que tentará manter ao

longo da obra uma única forma de linguagem literária relativa a todas as personagens.

O autor conseguirá um romance monologado de homens e mulheres que falam em primeira pessoa em torno de Scórpio, pero essas personagens narradoras não vão passar pola obra como meros observadores e narradores, senão que nos falarão das suas próprias vidas e circunstâncias, o que vem a desembocar na criação de uma trama tremendamente pluralizada, com muitas acções simultâneas em distintos pontos da geografia espanhola, o que vai manter uma constante atenção do leitor e evitará cair na suposta monotonia possível de fazer uma obra extensa e relativa a uma só personagem.

Não se vai limitar o autor a fazer um romance objectivo ou meramente narrativo, senão que vai aproveitar a vida e as situações que rodearam a vida de Scórpio para fazer uma crítica do tempo e da situação social da época vista desde o ponto de vista dos protagonistas. A República é sentida especialmente polos estudantes que sofrem mais directamente o levantamento dos nacionais, sobretudo os estudantes em Madrid, entre eles Scórpio, que vão ter que participar numa guerra civil, em muitos casos defendendo uns ideais, os republicanos, em ausência de algum ardor entusiasta ou fanático que os acendesse em ira suficientemente como para dar a sua vida polo triunfo da República.

Trata-se, assim mesmo, de um romance intelectual, pois não devemos olvidar que o autor é um pensador político-social que vai tratar as preocupações dos jovens do seu tempo, o que vai desembocar em constantes momentos discursivos ao longo da obra.

Este romance pode considerar-se também um romance histórico, com personagens galegas dispersadas por Espanha e através das quais se nos vai descrever a realidade do que sucedia historicamente naquele momento, pois o romance está fundado em dados históricos e ao longo del aparecem incluso personagens mais verdadeiramente transcendentais naquele momento em Espanha, reproduzem-se textos pronunciados por Franco, Largo Caballero, e terá-se ao leitor constantemente informado através de textos recolhidos em jornais ou artigos de jornalistas. Sem embargo, a obra não chega a ser totalmente histórica, pois o autor,

partindo dessa base magnífica que é a história, vai acrescentando alguma trama e ficção para que o leitor não olvide em nenhum momento que se trata de uma obra literária.

Em quanto à linguagem literária de *Scórpio*, o autor usa na obra um galego singelo, formal e mui correcto, sem excessivos neologismos e estruturas gramaticais ou semânticas complicadas que podem dificultar a sua leitura, de tal jeito que as poucas palavras que podem ser de difícil compreensão e os latinismos que emprega, se podem interpretar facilmente e ser compreendidas polo contexto. Com isto logra idear um galego apto à compreensão de qualquer tipo de leitor.

A obra situa-se na Espanha e na Galiza da primeira metade do século XX. Com a caída do regime monárquico e a fugida de Espanha de Afonso XIII começa-se a tentar impor em Espanha uma república democrática, a causa do triunfo da coligação republicana-socialista nas eleições municipais de 1931. Nos cinco anos posteriores à instauração da República observara-se em Espanha uma clara inestabilidade política, constantes eleições, mudanças constantes de poder, que desembocarão no golpe de estado do General Franco o 18 de julho de 1936.

Os cenários da obra são muitos e variados: Ferrol, onde passou a sua infância *Scórpio* e onde vive a sua família; Santiago, onde fará os seus estudos superiores que prosseguirá em Salamanca; Madrid, onde fai uns exercícos para obter uma cátedra de Filosofia; Valença e Úbeda, onde se verá trasladado durante a guerra civil e, finalmente, Barcelona, onde morre em companhia de Júlia Cleol, por mor de um bombardeio da cidade, quando estava na sua habitação do hotel o dia 18 de março de 1938.

Nesta obra, o autor emprega a ortografia chamada tradicional ou reintegracionista.

Alfonso Canal Lado (Estudante no I.B. "Otero Pedrayo" de Ourense)

Em tudo o demais sempre nos relacionamos amigavelmente. Incluso fui ter com ele ao seu gabinete da Universidade várias vezes. E sempre lhe tive um grande respeito e carinho, pois sabia que ele não era do comum. Continuamos vendonos umas vezes no gabinete da Universidade e outras noutros lugares. A última

foi no começo da Alameda de Santiago. Vinha da Universidade e encontrou-se comigo e com Manuela Ribeira. Ao olhar para nós levantou a bengala que levava e gritou com voz forte: SALUTEM PLURIMAM, AMICI MEI! Ao pouco tempo Carvalho Calero morria na casa onde vivia, frente do lugar onde está a estátua que o perpetua.

Tendo presente de que oficialmente não era tido em conta e que nunca lhe dedicavam o dia das Letras Galegas, um grupo reduzido da Fundação Meendinho, presidida por Alexandre Banhos, apoiado pela sua senhora, Margarida Martim Vilanova, decidiu-se erigir-lhe um monumento na Alameda de Santiago. A proposta parecia correr bem, mas houve um momento em que todos os organismos oficiais, começando pelas universidades, se negavam. Reunidos no norte de Portugal em assembleia ordinária, os principais protagonistas decidiam que tínhamos que desistir do projeto por falta de apoios e de dinheiro. Naquele momento eu e o português Luís Gonçaga Martim, dissemos que tínhamos que ir para a frente e eu mesmo pus os primeiros mil euros e Gonçaga punha três quadros para vender e empregar o dinheiro para o monumento.

A partir de aí começamos todos a nos mover, sobretudo Alexandre Banhos e Margarida, para procurar o dinheiro que nos ia fazer falta. Em princípio o monumento ia ser colocado na Alameda Depois decidiu-se colocá-lo perto da casa onde moraram e inaugurou-se em 2010. A maneira de arrecadar dinheiro foi falando com uns e com outros. Umhas vezes de palavra, a maioria telefonicamente. Houve pessoas que se negaram, entre elas alguns exalunos do professor, outros procuraram dar o mínimo e algum depois de muito insistir ainda aportou quinhentos euros. O que me chamou muito a atenção foi que da família de Carvalho não ofereceram nada. Mas o que me alegrou muito foi que uma neta de Lugo de uns doze anos deu dez euros. Lembrou-me o que nos conta o evangelho da viúva que, dando o pouco que tinha, dera mais do que os outros. O concelho de Santiago só concedeu o terreno. As três universidades nem um centavo.

O primeiro que se tentou foi convocar o concurso para escolher o projeto melhor apresentado. Para isso reuniram-se em Santiago: Maria Vitória Carvalho Calero (filha), Manuela Ribeira Cascudo, Margarida Martins Vilanova e Alexandre Banhos. Elegeram a proposta de José Molaes por unanimidade.

Alexandre Banhos dirigiu-se ao “Consórcio da Pedra” de Porrinho escolheram a Empresa Martínez para elaborar a base do monumento. Esta empresa fez a base, transportou a imagem de Carvalho e colocou-a no seu lugar totalmente grátis. Dos textos de Carvalho Calero encarregou-se Alexandre Banhos dando-lhe pequenos retoques. Num primeiro momento tínhamos medo de que algum desalmado a estraga-se. Ainda segue como se fez.

Afortunadamente este ano, dedicado a Carvalho Calero, foi o monumento mais visto e era raro que se falasse dele sem aparecer o monumento. Quando há vontade superam-se os maiores problemas e os resultados são ótimos!!! Desde logo o dia das Letras Galegas, comparadas com o monumento, ficarão em segundo lugar.

Carvalho Calero foi um homem coerente toda a sua vida desde estudante até ao final da sua existência. Encontrou-se com caciques e vira-casacas, mas a sua trajetória vital e intelectual foi insubornável, entregue em todo momento à sua terra e à sua cultura. Não abdicou nunca do seu galeguismo. Foi investigador, poeta, romancista, espelho nítido de ética exemplar e em constante revisão dos seus escritos e obras. O seu galego foi sempre um galego digno, tradicional e histórico intimamente vinculado com o português.. Nunca foi defensor de dogmatismos, sempre compreensivo e respeitoso com o adversário.

A respeito das cantigas musicadas por José Luís Fernández Carnicero e cantadas por Xico Paradelo, dizer que são umas cantigas muito bem escolhidas com uma música muito popular e de fácil imitação, que se percebe claramente o seu texto e das quais Carvalho se sentiria orgulhoso.

Num país onde o normal e quotidiano é vivermos rodeados de caciques e vira-casacas resulta alentador e confortante achar-se com personagens como D. Ricardo com uma trajetória vital e intelectual insubordináveis, desinteressadamente entregue ao serviço da sua terra e da sua cultura. E isto desde a sua vida de estudante em Compostela. Não claudicou das suas ideias políticas. não abdicou nunca do seu galeguismo. Sempre trabalhou na defesa da cultura galega, de um jeito especial da sua língua. Desde a luta universitária e a vinculação ao Seminário de Estudos Galegos, a militança no Partido Gateguista, único partido ao que pertenceu, a sua atitude contrária a todo fanatismo viesse de onde vier, até o seu trabalho como docente. Investigador, poeta e romancista. D. Ricardo é um espelho nítido de ética exemplar onde se

devem contemplar todos os jovens que queiram fazer da sua vida um modelo de serviço e imolação à sua pátria.

Como estudioso da cultura e língua galega, Carvalho Calero é um dos poucos que soubo assumir a máxima de uma constante revisão e renovação. Assim mentres a imensa maioria ficou ancorada e fossilizada no passado. ele soubo estar sempre ao dia nos movimentos de renovação e normatização de um galego digno, tradicional e histórico, intimamente vinculado ao português. cuja identidade foi descobrindo e assumindo progressivamente firme nas suas crenças e descobertas, mas sem dogmatismos, constante, mas sempre compreensivo e respeitoso com o adversário.

Esta atitude aberta e renovadora podemos contemplá-la nas suas obras que foram sistematicamente submetidas a revisão. de uns anos a esta parte, para nos deixar uma obra modélica num galego culto e elegante, livre de vulgarismos e ruralismos que são bons no mundo para o que foram criados, mas que desentoam quando saem do seu âmbito natural.

Numa pátria onde se persegue e ignora às pessoas válidas e onde se dá um culto desmedido aos mortos, esperamos que as nossas autoridades tentem, como de costume, aproveitar-se agora de D. Ricardo (durante tanto tempo marginado polos poderes fáticos que governam o país) e que iniciem uma série de atos em sua homenagem.

Ora, se se quer realmente homenagear a D. Ricardo Carvalho Calero, a melhor homenagem que lhe podem tributar é seguir os seus ditados abertura plena e total a todos aqueles que trabalham pola cultura galega, igualdade de oportunidades seja qual for a ortografia que se empregue; respeito aos estamentos que trabalham conscientemente e não estão na linha oficial, abolição de medidas repressoras, abertas ou subrepticias. Se todos amamos em sério a nossa língua e a nossa cultura, ainda seguindo vias diferentes, terminaremos encontrando-nos um dia mais ou menos próximo.

Tudo o demais seria fazer comédia e folclorismo.

## **ISAAC ALONSO ESTRAVIZ**

Foi o primeiro vicepresidente da Academia Galega da Língua Portuguesa, membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia, e do Conselho de Redação e Administração do Boletim da AGLP. Nado em Vila Seca (Ourense), é Licenciado em Filosofia pela Universidade de Comilhas (1973), em Filosofia e Letras pela Complutense de Madrid (1974) e na mesma universidade em Filologia Românica (1977). Diplomado em Cultura e Língua Portuguesas pela Universidade de Lisboa (1976). Doutor em Filologia Galega pela Universidade de Santiago de Compostela (1999) com a tese *O Falar dos Concelhos de Trasmiras e Qualedro*.

Entre 1975 e 1977 foi professor de Língua e Literatura Galegas no Ateneu de Madrid e desde então até 1984 desempenhou o mesmo labor na Irmandade Galega-Lôstrego da capital do RbE. Como Professor de Bacharelato percorreu várias vilas e cidades galegas (A Rua, Ferrol, Ponte Vedra, Pontedeume, Santiago, Vigo, Corunha, Ordes) até obter destino definitivo no Instituto Otero Pedraio de Ourense em 1987. Em 1986, assistiu como observador ao Encontro sobre Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa (6-12 Maio de 1986) no Rio de Janeiro. De 1990 a 1992, Professor Associado da Universidade de Vigo. Desde 1992-94 é Professor Titular de Didática da Língua e Literatura Galegas na Universidade de Vigo, em Ourense e Ponte Vedra. De 1994 a 2008, só no de Ourense. É membro da Comissão Linguística da Associação Galega da Língua e do Conselho de Redacção da Revista *Agália*.

Autor, com Carlos Durão, do Dicionário Estraviz da Língua Galega, online.

Também de múltiplas publicações e colaborador de diferentes revistas, sobretudo da Galiza.



## Vivências com o Prof. Ricardo Carvalho Calero<sup>1</sup>

Maria do Carmo Henriques Salido

### Resumo

Neste contributo evocam-se as vivências com o nosso Professor, desde o curso académico de 1965-1966 na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Santiago até as primeiras semanas de março de 1990, quando o visitamos no policlínico "A Rosaleda", para entregar-lhe um exemplar das "Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza", livro que foi examinado com muito interesse. Os nossos textos foram publicados em revistas e jornais nos anos 2020, 2021 e 2022, circunstância que justifica a sua diferente extensão e conteúdos. Além das vivências pessoais existem notas sobre a sua faceta como humanista e orador, o eixo vertebrador da sua obra, o epistolário com Otero Pedraio e a distinção entre o que significa ser aluno ou discípulo. Finaliza com as "Referências bibliográficas".

### Palavras-chave

Carvalho Calero, vivências pessoais, obra.

### Abstract

In this paper, personal experiences with Professor Ricardo Carvalho Calero are evoked, from the academic course 1965-1966 at the Faculty of Philosophy and Letters of the University of Santiago until the first weeks of March 1990, when I visited him at the polyclinic hospital A Rosaleda, to give him a copy of the Proceedings of the Second International Congress of the Galician-Portuguese Language in Galiza, which he examined with great interest. My texts were published in journals and newspapers in the years 2020, 2021 and 2022, a circumstance that justifies their different length and content. In addition to personal experiences, notes are offered on his facet as a humanist and orator, the backbone of his work, the epistolary with Outeiro Pedraio and the distinction between what it means to be a pupil or a disciple. The paper ends with the bibliographic references.

### Key words

Carvalho Calero, Carvalho Calero's work, personal experiences with Carvalho Calero.

---

<sup>1</sup> Respeitamos a grafía reintegrada que a Professora entende acordada, segundo fez notar: "Os artigos publicados no FARO já seguem o Acordo Ortográfico. Como sabes a evolución do grupo latino -TIONE recolle un traço morfológico, nom ortográfico (NATIONE > naçom). Este resultado conserva-se no portugués até practicamente o século XIX. Tenho estudado o dicionário de Bento Pereira (1655) e há muitas singularidades. Além do mais, som discípula de Coromines e de Carvalho. Só faltaria que também fosse censurada na Revista."

## Vivências com Dom Ricardo I<sup>2</sup>

Nom vai ser umha tarefa simples escrever um trabalho absolutamente original sobre o sempre querido e admirado Professor Ricardo Carvalho Calero. E devo antecipar que os temas que vou mencionar tenhem sido analisados em diversos estudos (Henríquez Salido, 1991a, 1991b, 1999, 2006 e 2011). Como sabemos todos os que temos padecido a censura por seguir os postulados do nosso Professor (por exemplo na Universidade de Vigo, onde diziam que devia escrever em castelhano ou na suposta ‘normativa oficial’), nom sempre nos facilitarom difundir a nossa mensagem. Por este motivo, temos publicado em livros que *a priori* podem surpreender os nossos possíveis leitores (Henríquez Salido 1991a, 1999, 2006); o nosso propósito era fazer chegar a doutrina a todos os lugares, mesmo os mais afastados (universidades europeias, Henríquez Salido, 1999).

Das minhas vivências vou assinalar apenas quatro:

A primeira a do curso académico 1965-1966 na Faculdade de Filosofia e Letras (Secçom de Filologia Românica) na Universidade de Santiago, da qual tratarei nos parágrafos seguintes.

A segunda tivo lugar nas duas primeriras semanas de agosto do ano 1972, quando Dom Ricardo me acompanhou à igreja de Sar em Compostela (era a minha paróquia), pois que o pároco precisava saber (por duas testemunhas) se nom estava casada em nengumha parte do mundo; a resposta fora: ‘até onde el sabia, nom estava casada’.

A terceira será o dia 30 de outubro de 1980, quando lhe dedicamos um exemplar do livro de 1º de Bacharelato (Enríquez Salido e Fernández Pérez, 1980), em que se aplicavam ao ensino secundário as normas denominadas ‘de mínimos’, dedicatória que aparece como fotografia 137 (Concello de Ferrol, 2010).

A quarta inicia-se no ano 1981, em que se legaliza a ‘Associação Galega da Língua’ (AGAL), e finaliza em Ferrol o dia 7 de janeiro de 1990, quando o acompañamos na Câmara Municipal, para receber o título de ‘Filho Predilecto’. Desta última existe informação em Henríquez Salido (1984), na revista *Agália* e publicaçoms como as *Actas* dos quatro congressos internacionais (1986, 1989, 1992 e 1996).

---

<sup>2</sup> Publicado nos *Cadernos de Estudos Xerais*, núm. 17, 2020, janeiro pp. 25-30, Betanços, A. C. Irmáns Suárez Picallo

Foi nas primeiras semanas de outubro do ano 1965, quando conhecim o nosso novo Professor. Um grupo de alunos de 5º curso, integrantes da primeira promoçom de Filologia Românica, assistíamos pola primeira vez na história da Universidade de Santiago de Compostela às aulas de língua e de literatura galegas, disciplina encarregada a um professor já sexagenário, e da qual passará a ser Professor Catedrático em 1972, facto que o converterá na primeira pessoa na história da Galiza a reger esta cadeira.

Nom sei, se os meus companheiros tinham conhecimento de todos os contributos publicados por Dom Ricardo, mas a maioria ignorávamos a sua trajectória investigadora, o seu labor docente no Colégio Fingoi de Lugo, e, sobretudo, a sua presença em factos de grande importância da história da Galiza. Era um Professor digno do máximo respeito a quem escuitávamos e admirávamos pola sua extraordinária memória e pola forma magistral, com que nos transmitia o seu saber e nos fazia sentir interesse pola língua e polos grandes escritores da literatura galega, como a excelsa Rosalia. E além do mais, mal conhecíamos os seus contributos no campo da Lingüística e Literatura Galegas; as suas aulas revelaram-se de grande ajuda, para que os primeiros licenciados em Filologia Românica, começássemos a reflexionar sobre o idioma e sobre a literatura da Galiza.

As aulas tinham lugar na Faculdade de Ciências, sita no pólo Sul, por estar em obras o edifício central da antiga e única universidade galega. Nesta matéria havia actividades teóricas (explicaçoms e exposiçoms do professor) e actividades práticas, que consistiam (para além da leitura e análise de determinados textos) em entrevistas a informantes do nosso lugar de residência, no meu caso O Grove, ou mesmo em conversas com membros da família, como era o caso da minha mai, nascida e criada em Mugar dos ('Vila' onde nascim). A língua das entrevistas e das conversas tinha que ser necessariamente o galego, umha forma inteligente de conseguir que esse grupo de futuros professores e investigadores, quase todos espanhol-falantes, reflexionasse sobre a funçom e o valor de umha língua minorizada. Umha vez publicada a *Gramática*, soubemos o propósito fundamental de tal recomendaçom, que nom era outro que esse contingente de gente jovem educada num nível superior, e na sua maioria mulheres, desse exemplo no uso da língua do País, com a conseguinte mudançã de mentalidade. Constatamos também a importância dos nossos inqueritos:

[...] Hay, pues, rotacismo o aspiración, como en andaluz: *derde, dehde* ‘desde’. También se registra rotacismo en El Grove, donde se oye *derde, derdóblase* ‘se desdobra’, *xurgado* ‘juzgado’, *derbala o mar* ‘baja la marea’, *har de ir* ‘has de ir’ (Carballo Calero, 1966, nota 13, pág. 66).

Quando me convidou a participar a Professora Mercedes Brea na ‘Homenagem ao Professor Constantino García’ elaborei um relato sucinto sobre a situação dos estudos na Faculdade, que reproduzo literalmente:

O primeiro professor da disciplina [...] foi Dom Ricardo Carvalho Calero, quem com a sua chegada introduz certa ruptura com o extraordinário voluntarismo anterior. O nosso professor de galego tentava, em primeiro lugar, fixar perante os alunos o esquema de um ideal lingüístico do nosso idioma e manejando critérios geográficos, históricos e sociais apresentava-nos um “galego ideal”, “um galego comum” e em segundo lugar familiarizava-nos com os trabalhos de campo de dialectologia e prosseguia com os estudos de toponímia; estes trabalhos práticos de recolha de material léxico tomavam como pauta os postulados da mais estrita Geografia lingüística, para destarte estabelecer os falares ou dialectos do galego (Henríquez Salido, 1991a, pág. 85).

On nossos seguintes contributos (Henríquez Salido 1991b, 1999, 2006 e 2011), nucleam-se sobre a *Gramática*. Revelam no título a hipótese principal que é demonstrar a grande preocupação por manter a sua gramática actualizada, conforme o avanço dos estudos e das investigações sobre o galego e, além do mais, nos conteúdos vemos umha clara consciência da necessidade de separar a língua popular da língua culta na constituição do galego comum, pois que a língua popular nom deve ser a única base para construir o galego exemplar. Centramo-nos nas edições 1<sup>a</sup> (1966), 4<sup>a</sup> (1974) e 7<sup>a</sup> (1979). As ‘rectificações’ mais notáveis já se registam entre a 1<sup>a</sup> (1966) e a 4<sup>a</sup> (1974), porém as mais importantes serão entre esta (4<sup>a</sup>) e a 7<sup>a</sup>. Implicam umha explicitação mais clara da clássica doutrina da romanística e do nacionalismo galego. Dizia Dom Ricardo:

[...] A evoluzón que se observa nas distintas edizóns desta Gramática é unha evoluzón que segue unha linha absolutamente recta. Conforme avanza os tempos e conforme se debilita o réxime imperante, vai acrecentando-se a

liberdade con que un profesor pode expresar unha doutrina a propósito da lingua galega, e aquilo que era inviável nos primeiros momentos en que esta disciplina comezou a ser cursada, vai matizándose, vai convertendo-se en algo de posibilidades mais amplas [...] (Fernán-Vello e Pillado Mayor, 1986, págs. 175-176).

As rectificaçons som evidentes na ‘Orientaçom Bibliográfica’ (na 1ª edicom, ocupam só quatro páginas); na 4ª (1974) aparece notavelmente transformada, consta de 26 páginas. Alude claramente ao fundo da questom e deixa umha porta aberta à doutrina dos que defendem que o galego e portuguêz continuam pertencendo ao mesmo conjunto, ao mesmo *continuum lingüístico*. Na 1ª (1966) construía um apartado específico enquadrado sob o título de “Galego, Portuguêz e Castelhana. Na 4ª (1974) estabelece umha nova estrutura e inclui um apartado “Galego e Portuguêz” (1974, págs. 58-64) e outra para “Galego e castelhana” (1974, 64-70), apartados que manterá na 7ª (1979). Porém, na 4ª (1974) já proclamava:

El gallego-portugués, el castellano y el catalán son las tres lenguas románicas que Menéndez Pidal registra en la Península. Es una clasificación irreprochable, y aun la más razonable desde un punto de vista técnico. Pero si admitimos que el gallego es un dialecto de aquella lengua, tenemos que considerar como otro dialecto el portugués. Se repite así, en el plano sincrónico, la bifurcación histórica del gallego-portugués. Todo ello es muy correcto desde un punto de vista estrictamente lingüístico, pero en la práctica se hace difícil considerar como un simple dialecto al portugués, idioma oficial de un Estado, con una importantísima proyección ultramarina y una copiosa y brillante literatura (Carballo Calero, 1974, págs. 71-72).

Todos estes dados, provam a extrema coerência do nosso Mestre e que os princípios e axiomas sobre o galego nom som umha ocorrência “dos últimos anos”. Achamos mais ‘rectificaçons’ noutros apartados da *Gramática* e sucessivas ediçons (podem ser examinados en Henríquez Salido, 1999), mas exigiriam muitas mais páginas.

\*\*\*\*\*

### Vivências com Dom Ricardo II<sup>3</sup>

Antes de começar o nosso relato, devemos situar-nos no tempo. Foi nas primeiras semanas de outubro de 1965, quando os alunos de 5º curso da primeira promoção de Filologia Românica, assistíamos pela primeira vez na história da Universidade de Santiago às aulas de língua e de literatura, disciplina encarregada a um professor já sexagenário, e da qual passará a ser Professor Catedrático em 1972. Nesta matéria havia atividades teóricas e práticas, que consistiam (para além da leitura e análise de textos) em entrevistas a informantes do nosso lugar de residência. A língua das entrevistas era o galego, umha forma inteligente de conseguir que esse grupo de futuros professores reflexionasse sobre a função de umha língua minorizada. Buscava fixar o esquema de um ideal linguístico e maneando critérios geográficos, históricos e sociais apresentava-nos “um galego comum”.

O dia 16-VII-1966, sabemos pelo *Epistolario a Fernández del Riego* (Vigo, Galaxia, 2006, pág. 411-413), que numha carta anuncia, que vai receber umha instância da sua aluna Carmen Enríquez Salido em solicitude de umha bolsa; alegava que o assunto já estava convindo com Dom Antonio Fernández. Solicitava que lhe enviassem a instância para o seu informe e anunciava que eles pagariam. Alegava que essa rapariga estava a estudar ‘A fala do Grove’. Esse trabalho concluiu em 1971, no paraninfo da Universidade, com a defesa da nossa tese de doutoramento *El habla de O Grove*.

Na primeira semana de agosto de 1972, Dom Ricardo acompanhou-nos à igreja de Sar em Compostela, pois que o pároco precisava saber (por duas testemunhas) se nom estava casada em nengumha parte do mundo; a resposta fora: ‘até onde el sabia, nom estava casada’.

Do ponto de vista científico devemos pôr em destaque o seu humanismo, porque toda a sua vida esteve dedicada à Galiza e presidida polo amor à Ciência. Estám presentes o realismo, a tradição, o antidogmatismo e o bem público ou responsabilidade social. É um dos poucos investigadores do seu tempo, que vai construir a sua teoria sobre a língua da Galiza, como um sistema relacionado com o pensamento, a sociedade, a cultura, a história política, as instituições e

<sup>3</sup> Publicado em La Región (Ourense), junho de 2020, p. 16, com o título “Vivências com Carvalho em Ourense”, embora o título original fora “As minhas vivências com Dom Ricardo Carvalho Calero”.

a extensom geográfica das línguas. Ocupou-se da gramática normativa, porque essa gramática será a manifestaçom metalingüística explícita desta dimensom; o galego moderno nom podia seguir abandonado à espontaneidade popular, devia submeter-se a *regras*.

Iniciamos as nossas viagens em **Ribadávia**. Tinha sido convidado como pregoeiro na “XVII Feira do Vinho de Ribadávia”. Este texto estava guardado numha gaveta do seu escritório e nom teria sido publicado, se *alguém nom lho tivesse solicitado para que formasse parte de un livro que recolhesse textos inéditos (Letras galegas, 1984)*. O próprio autor assim o manifestava na carta, que nos entregou a Professora Aurora Marco:

Fique patente, pois, o meu agradecimento aos oradores desta tarde, os Professores Maria do Carme Henríquez Salido, intrépida lutadora pola causa da nossa língua, inacessível ao desalento, inesgotável na abnegaçom [...].

Especialmente fermosas som as palavras dedicadas a louvar *a beleza geórgica do Ribeiro, o vinho do Ribeiro*, que como um deus agrário *reveste mil formas*. Estabelece um símil entre o vinho e a língua, ambos precisavam ser autênticos, rejeitar energicamente todas as adulteraçoms, e apresentar-se puros no concerto dos vinhos e das línguas:

Se o ribeiro ha de ser ribeiro e o galego ha de ser galego, o que é o mesmo que dizer, se o ribeiro e o galego querem ser algo, e nom nada, ham manter as essências que os fixerom serem o que som [...].

Estivo em **Ourense** no salom de actos da Caixa Rural, o 20 de setembro de 1984, onde acolheu os assistentes ao *I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Afirmava Dom Ricardo:

Reunimo-nos aqui os estudiosos do romanço hispânico atlântico que quizerom e puderom concorrer, para falarmo-nos e escuitarmo-nos mutuamente, dando fe da realidade, reconhecida tradicionalmente polos grandes mestres da Filologia, da unidade substancial do sistema lingüístico.

Congregavam-se nesta cidade *por radicar nela a Presidência da Associação convocante e por ser sede de umha Deputaçom Provincial que agarimou a ideia cordialmente*. Rememorava que estávamos num momento crítico, em que

*a nossa língua agora cooficial co castelhano neste país, nom por isso deixa de estar ameaçada de desorbitaçom ou esmorecimento.* Sublinhava:

O galego é galego-português [...]. Pertence à área ibero-românica ocidental, nom à área ibero-românica central. É lógico que, consoante à geografia e história, isto repercute na plasmaçom gráfica do idioma” [...].

Deveu de ser em 1986 ou 1987, quando proferiu umha palestra, no salom de plenos da Câmara Municipal de **O Carvalhinho**, lembro que nessa altura o Presidente era Argimiro Marnotes. Dom Ricardo estivo majestoso, próximo ao auditório e com rigor científico. Ao finalizar, tomamos umhas troitas no restaurante ‘Chez Richard’.

A última vez, que estivo em **Ourense**, foi no *II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, na Caixa Rural, os dias 24 a 27 de setembro de 1987. Na sua ponência intitulada “Bilingüismo e reintegracionismo nas cartas cruzadas entre Castelao e Sánchez Albornoz” (*Actas*, 1990, págs. 887-900). dizia::

Cabem muitas possibilidades interpretativas da fórmula; mas eu creio que a mais correcta em virtude do contexto histórico é a mais ‘reintegracionista’, [...] “o galego incorporaria-se ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego, conservando a sua fonética, a sua morfologia e o seu léxico peculiares no que tenhem de genuínos (pág. 900) [...].

Da mais importante homenagem fica constância nas ‘Actas’ do *III Congresso internacional da língua Galego-Portuguesa na Galiza*, celebrado em **Ourense** em 1990. Podem ver-se os trabalhos e nas páginas 640-641 fotografias de ponentes e da única autoridade provincial que nos acompanhou, José Luis Baltar.

Dom Ricardo tivo centenaes de alunos. Umha fórmula, para distinguir os antigos alunos dos discípulos, pode verificar-se lendo os dous tomos da obra de 1007 páginas, preparada polo Professor Catedrático da Universidade de Santiago, José Luís Rodriguez, *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero* (2000, Parlamento de Galicia e Universidade de Santiago). Os alunos escrevem numha norma substancialmente coincidente com a modalidade de galego que vemos no *DOGA*; polo contrário, os seus discípulos usamos o

‘Acordo ortográfico para a lusofoni (1990)’. No que diz respeito, à autora deste texto, devemos acrescentar que temos exercido como docente em Institutos e Universidades. Temos umha grata lembrança dos nossos companheiros e estudantes do ‘Instituto d’A Ponte!’. Um daqueles moços, Alberto Núñez Feijó, chegou a ser Presidente. da nossa «nacionalidade histórica».

\*\*\*\*\*

### **Ricardo Carvalho Calero, Humanista e Orador<sup>4</sup>**

Um dos aspectos talvez menos estudado da sua obra som as suas intervenções como orador nas últimas décadas da sua vida. Está fora de toda dúvida, que foi um orador excelente; era capaz, quando estava no uso da palavra, de repentizar «ex nihilo» um relato brilhante.

1. Para explicitar o seu humanismo, resumimos algumas das nossas ideias (Henríquez Salido, 2000: 227-237); a sua vida foi umha vida dedicada à Galiza e presidida polo amor à Ciência, que nasce no momento, em que inicia os seus estudos universitários e começa a sentir «esse sentimento de veneração polo ambiente universitário como realização e símbolo do amor à ciência» (Montero Santalha, 1993: 39)

É um dos poucos investigadores e estudiosos do seu tempo, que vai construir a sua teoria sobre a língua da Galiza, como um sistema relacionado com o pensamento, a sociedade, a cultura, a história política, as instituições, a extensom geográfica das línguas, a psicologia do falante e com outras realidades externas. Além do mais, vai ser um dos poucos teóricos da Galiza que se vai preocupar polo tema da «língua literária», essa língua que representa no seu grau mais alto a dimensom deôntica (o «dever ser») da língua. Tem-se preocupado da gramática normativa, porque essa gramática vai ser a manifestação metalingüística explícita desta dimensom; o galego moderno devia submeter-se a regras. Nom se cansa de proclamar, que a língua falada espontaneamente polo povo (o galego popular) nom podia ser considerada como «exemplar», porque estava corrompida polo contacto com o espanhol.

2. O nosso Mestre tinha sido convidado como pregoeiro da «XVII Feira do Vinho de Ribadavía», o dia 30 de abril de 1980. Este texto estava guardado

---

<sup>4</sup> Publicado na revista Areal de Sada

numha gaveta do seu escritório e nom tería sido publicado, se «alguém nom lho tivesse solicitado para que formasse parte de un livro que recolhesse textos inéditos» (Carvalho Calero, 1984: 127-131). O próprio autor assim o manifestava na carta, que nos entregou a Professora Aurora Marco, reproduzida em Henriques Salido (2011: 113)

Fique patente, pois, o meu agradecimento aos oradores desta tarde, os Professores Maria do Carme Henriques Salido, intrépida luitadora pola causa da nossa língua, inaccesível ao desalento, inesgotável na abnegação; Ramon López Suevos, que pom ao serviço da nossa terra, e polo tanto da nossa cultura, o entusiasmo rigoroso sem o cal o nosso esforço seria fria especulação ou lume que a si mesmo se consome; Francisco Salinas Portugal, crítico seguro, de formação moderna e amor tradicional ao nosso património [...].

Na sua exposição proclama «o benefício alegre dos dons da natureza, com o usufruto saudável dos bens temporais que nutrem com o seu zume assoalhado o sustento material do home». E como os habitantes da Galiza som algo mais que «sustento material», evoca a arquitectura compostelana simbolizada «na praça do Mercado Velho, a Porta de Maçarelos, que se abria aos caminhos do Sul, aos caminhos do Ribeiro, a rota de Ribadavia», para mostrar a sua satisfação polo nosso agro, o bom jantar e o bom beber «dos produtos da terra que alegam os nossos corações».

Especialmente fermosas som as palavras dedicadas a louvar «a beleza geórgica do Ribeiro», «o vinho do Ribeiro», que como um deus agrário «reveste mil formas». Evoca à Galiza medieval e estabelece um símil entre o vinho e a língua da Galiza, ambos ameaçados por poderosas competências; ambos precisavam ser autênticos, rejeitar energicamente todas as adulterações, e apresentar-se puros no concerto dos vinhos e das línguas: «Se o ribeiro ha de ser ribeiro e o galego ha de ser galego, o que é o mesmo que dizer, se o ribeiro e o galego querem ser algo, e nom nada, ham manter as essências que os fixerom serem o que som [...]» (Carvalho Calero, 1984: 131).

3. O seguinte texto recolhe as palavras pronunciadas para saudar e acolher a todos os assistentes ao I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza (Carvalho Calero, 1990: 23-26). Asseverava Dom Ricardo: «Reunimomos aquí os estudiosos do romance hispânico atlântico que quixerom e puderom concorrer, para falarmo-nos e escuitarmo-nos mutuamente, dando fe

da realidade, reconhecida tradicionalmente polos grandes mestres da Filologia, da unidade substancial do sistema lingüístico».

Rememorava que estávamos num momento crítico, em que

a constituição de regimes autonómicos dentro do domínio lingüístico, como é o caso da própria Galiza, nom podem menos de afectar ao presente e ao futuro do sistema hispano-atlântico. A nossa língua agora cooficial co castelhano neste país, nom por isso deixa de estar ameaçada de desorbitação ou esmorecimento.

Sublinhava que

a coordenação entre as diversas formas do galego-português é umha exigência da hora actual [...]. O galego é galego-português [...]. Pertence à área ibero-românica ocidental, nom à área ibero-românica central. É lógico que, consoante à geografia e história, isto repercute na plasmação gráfica do idioma.

Porém, como o galego tinha personalidade própria dentro do sistema,

nom se lhe pode negar o direito a projectar na escrita os traços peculiares que julguem imprescindíveis. A rectificação da desnaturaçom da nossa ortografia ha de fazer-se co ritmo que aconselhem as circunstâncias temporais [...]

Sobre este particular, interessa pôr em destaque que o nosso Professor, sempre defendeu que a nossa língua devia manter na escrita, na gramática e no léxico «os traços peculiares que se julgassem imprescindíveis», conforme me manifestou, em julho de 1985, numha carta publicada na revista *Agália* (1992: 53):

[...] Pero cando se trata de um traballo pessoal, firmado co meu nome e os meus apelidos, quero ater-me ao compromisso que a Direcçom contraiu, segundo o qual [...] a mim se me concedia a prerrogativa de supor-me incorrigível e ineducável, e que me respeitavam os usos em que estivesse sulagado, pois a minha assinatura cobria os meus possíveis erros [...]. Trata-se de que ti me garantiches um respeito que nom se me outorga. Pois pôr minúscula onde eu ponho maiúscula, aspas onde eu nom as puxem, com a onde eu escrevim coa, et sic de ceteris, é incumprir o acordado. Assi que, como continuo que rendo carregar cos meus pecados, e som mui velho para que me corrijam deveres escolares, nom estou disposto a aceitar semelhante violaçom dos meus direitos [...]

4. Em agosto de 1985, fomos convidados polos *Amigos do Idioma Galego* de Buenos Aires, ao *II Simpósio Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, para comemorar o centenário do falecimento de Rosalia de Castro. Tivo lugar os días 22, 23 e 24 de agosto na Biblioteca do Instituto Argentino de Cultura Galega. O día 22 abriu o Simpósio o Presidente de *Amigos do Idioma Galego*, o Doutor Fiz A. Fernández que se referiu à transcendência do encontro e exaltou a relevância dos Presidentes de honra vidos da Galiza. A seguir, o nosso Mestre começou a série de trabalhos científicos desenvolvendo considerações a respeito da editoração do poema Silêncio, incluído em *Folhas Novas*. Afinal do día 23, falou sobre a formação literária de Rosalia, aduzindo elementos as mais das vezes atingidos na suas próprias investigações e, nesse mesmo dia, participou ativamente num interessante debate sobre a constituição da língua padrom da Galiza, segundo os autores sobranceiros na sócio-lingüística da época. A jornada do día 24, culminou com as palavras de Carvalho Calero sobre a *Importância Histórica da obra de Rosalia*, que para além do seu conteúdo científico, criaram um clima colectivo irrepetível polas suas vibrantes e fervorosas palavras.

5. O día 26 de janeiro de 1986, em Rianjo, a AGAL rendeu umha homenagem a Castelao. O ato foi apresentado polo escritor José Maria Monterroso e a seguir tivo lugar a *Invocação* da Presidenta da «Associação» convocante.

A seguir tomou a palavra o escritor Jenaro Marinhas, quem salientou que era um dos poucos presentes neste acto que iam quedando das pessoas que tiverom algum trato directo e pessoal com ele, um trato breve e esporádico, se bem sempre afectuoso pola sua parte, no desaparecido Café Galicia da Corunha. Embora o silenciassem, Castelao continuava a ser um ponto de convergência de todos os nacionalistas galegos, o ponto da alavanca que levantará este povo do nível que lhe corresponda entre todos os demais povos do mundo que sabem dar conta de si. O acto finalizou com umha vivíssima arenga do Professor Carvalho Calero, em que lembrou o significado de Castelao na vida da Galiza, a ideia de que estava vivo em todos os presentes, ainda que o queriam soterrar continuamente.

6. O último discurso corresponde à sessão de abertura do *II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*.

Começou lembrando que em 1984 saudava os procedentes de outros âmbitos

geográficos, em que «usam formas distintas de ibero-românico ocidental, assi como os estudiosos de qualquer origem interessados polo nosso romanco, que podiam comunicar-nos notícias e experiéncias de utilidade».

Insistiu em que «íamos continuar os nossos trabalhos tendo em conta as exigéncias de adequaçom às condiçons novas da vida mundial, com a incorporaçom de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia».

Asseverou que «umha língua regional só persistirá se se converte em nacional, e a prazo mais longo, umha língua nacional que nom seja usada supranacionalmente estará ameaçada de extinçom. O demais é um campo reservado aos dialectólogos».

Afirmou que «o espírito dogmático ou totalitário [que se manifestava e actuava na Galiza] confundia o classificador com a realidade, ditava um decreto de unificaçom e pensava que o mundo ficava unificado. Língua, dialecto, fala, norma, sistema, diassistema. Era na liberdade de expressom do próprio pensamento e na liberdade de discussom alheio onde reside a possibilidade de progresso no conhecimento e comprensom do fenómeno lingüístico».

Pujo em destaque que «a situaçom do galego nom era a do bable asturiano ou a fabla aragonesa. [...] O nosso idioma nom é umha fala minoritária, mas umha realizaçom da segunda língua românica em número de utentes».

Finalizou salientando que «o espírito de fraternidade, nom só no que di respeito aos que se exprimem nas distintas flexons do romanço extremo-ocidental, mas tamém aos que falam as demais línguas hispânicas».

Post scriptum: Acabamos de reproduzir fragmentos de umha carta dirigida à Presidenta da AGAL, porque alguém do Conselho de Redaçom da revista *Agália* mudara «coa» do seu texto por «com a». Imaginem o mal-estar que poderia ter o nosso Mestre, no caso hipotético de que algumha editora ou um autor tivesse mudado a ortografia das suas obras re-escritas nas duas últimas décadas da sua vida, seria umha flagrante «violaçom dos seus direitos» de autor.

\*\*\*\*\*

### O Eixo vertebrador da obra do Prof. Carvalho Calero<sup>5</sup>

Temos lido os estudos recentes sobre o Prof. Carvalho Calero e comprovamos o astucioso silêncio sobre a sua obra. Por citar apenas algumas ideias: a falaz asseveração de que há dous Carvalhos; a importante participação e liderança na história estudantil nos anos da ditadura de Primo de Rivera e a sua atividade política no *Partido Galeguista* (Aurora Marco, *Foula e ronsel* (1992, 2020) ou ignorar a aplicação sucessiva da sua doutrina na *Gramática* (Henríquez Salido, 1991, 1999). Na nova bibliografia constam fragmentos de outros autores sem citar as fontes.

A obra de Dom Ricardo tem uma unidade, rigor e coerência absoluta. Desde os seus anos juvenis (1926-1936) vislumbram-se as linhas definitórias posteriores. Militante ativo do *Partido Galeguista*, mostra “um forte compromisso com o nacionalismo”. Em 1933 nas *Normas para a unificación do idioma galego* já consta a necessidade “do achegamento ao português”. Desde 1941 até 1963, retaliado e condenado ao ostracismo por ter antecedentes penais, publica *A xente da Barreira* (1948) reeditada como *A gente da Barreira* (1982) e a *Historia da literatura galega contemporánea* (1963).

Desde 1965 oferece uma intensa produtividade científica e participa em numerosíssimos atos de associações culturais. Em 1966 aparece a 1ª edição da *Gramática*, elabora as *Normas Ortográficas da Academia Galega* (1970/71), participa nos Seminários promovidos pelo ILGA (1976-1977) cristalizados nas *Bases prá Unificación das Normas Lingüísticas do Galego* (1977) [dizem ter presente a tendência lusista]. Em 1980 intensifica o seu compromisso com a língua, para que se deixe de usar “a libré ortográfica” castelhanizante, abandonar esse galego assilvestrado e construir “um galego extenso e útil” (Castelao).

Nom improvisava, o processo estava em interdependência com a receptividade e situação social. Aparecem *Problemas da Língua Galega* (1981), *Da fala e da escrita* (1983), *Letras galegas* (1984), *Cantigas de amigo e outros poemas* (1986), *Scórpio* (1987), *Reticências...* (1986-1989) (1990), *Do galego e da Galiza* (1990) e *Umha voz na Galiza* (1993).

Recrudescem as iras do *holding* para os seguidores e o Professor:

---

<sup>5</sup> Publicado no *Faro de Vigo*, 9 de julho de 2020, p. 25.

Carvalho era oficialmente um home maldito. Um proscrito na sua própria terra. Era alvo de todo tipo de ataques, de quem não perdoava que umha mente especulativa assi estivesse ao serviço da liberdade de Galiza. (Ramom L. Suevos, 1991)

Há casos de arbitrariedade, censura, condutas inquisitoriais, expedientes, irregularidades, marginalizaçom, vulneraçom de direitos fundamentais, recolhidos na revista *Agália*; indicamos o número, ano e páginas: 4 (1985:479); 14 (1988: 234-235), 16 (1988: 480); 17 (1989: 89-92); 18 (1989: 254-258); 19 (1989: 387-393); 21 (1990:87); 26 (1991: 260-261); 30 (1992: 283-291); 33 (1993: 74-75 e 78); 38 (1994: 214-216); 42 (1995: 232); 43 (1995: 364-365); 54 (1998:231-237) e 61 (2000: 123-124).

Aos interessados, sugerimos a leitura dos livros publicados pola Câmara Municipal de Ferrol (2010, 2020): *Encontros con Don Ricardo* (172 páginas) e “Carvalho Calero (1910-2010): Imaxe de cen anos” *Carvalho Calero, de Ferrol para o mundo*, umha magna imagem, difícil de melhorar.

O 24 de janeiro de 2020, no antigo *Hospital de Caridade*, estivemos antigas alunas como Araceli Herrero (promotora das fotografias); infelizmente, nom a visitaremos, pois neste ano tam carvalhano partiu para o Além.

\*\*\*\*\*

### **Epistolário de Carvalho Calero e Otero Pedrayo<sup>6</sup>**

A minha colega Chan obsequiou-me com um livro promovido por várias estruturas sociais estabelecidas por lei ou consuetudinariamente (RAG, Junta de Galiza, Parlamento Galego...), em que se recolhe a compilaçom de epístolas destas duas grandes figuras da nossa cultura (datadas entre 1949-1975). O coordenador é Henrique Monteagudo e os editores som Patricia Arias, Nélida Cosme e Adrián Estévez.

O livro abre-se com um texto de Alberto N. Feijó (págs. 7-8), no qual para a nossa grata surpresa podemos comprovar que resulta ser a única pessoa que grafa correctamente o primeiro apelido do nosso inesquecível Professor; respeita e cumpre a sua vontade reiteradamente exposta:

---

<sup>6</sup> Publicado no *Faro de Vigo* de 26 de janeiro de 2021, p. 25.

Dun xeito ou doutro, trátase dunha forma de darlle continuidade ao legado deixado polos pioneiros entre os que estivo Ricardo Carvalho Calero, extraordinario escritor e erudito. Pág. 8. Cf., o noso artigo publicado no *Faro de Vigo*, de 7 de maio de 2020, p. 18.

Estas palabras revelan un sintoma de intelixencia e de respecto. Constitúen unha prova palmária de unha visom aberta da consideración que sempre debe merecer a obra do noso polígrafo. E alén do mais, Dom Ricardo — que durante a súa vida traballou en duras condicións e até foi condenado ao ostracismo por determinadas estruturas sociais — estaría feliz ao comprovar que non há inconveniente en respeitar e cumprir as súas últimas vontades.

Os editores em notas a roda-pé facilitan noticias muito diversas que contribuem a saber mais dos dous vultos da nossa História: experiéncias íntimas e familiares, amizade e camaradagem, guerras encarnizadas polos amigos non bons de Risco, que chegaram a ódios persoais... Interessantes são as referéncias às obras de Fernán-Vello e Pillado-Mayor (1986) ou Carmen Blanco (1989), que ajudam a contextualizar temas motivos e circunstâncias vitais dos dous homenageados.

Sabemos também da súa experiéncia como professor no último curso da disciplina optativa de Filología Românica, em que temos sido testemunha excepcional, das ‘Normas ortográficas’ (1970), da súa viagem a Buenos Aires convidado polo Centro Galego (cidade em que voltamos a estar em 1985 convidados polos *Amigos do Idioma Galego* a proposta do ‘velho Abraira’). Emociona conhecer os muitos galegos distinguidos que acorreram na Rua de Medinaceli em Madrid (1972), quando aprovou a oposição que o converteu em Catedrático de Lingüística e Literatura, entre os quais estavam a súa fiel discípula Aurora Marco, Beiras ou Alonso Estravis (pág. 257).

O ano pasado estivemos no Paço de Trás-Alva na apresentação da versom electrónica, porém pola nossa formaçom académica ou polo carinho que desde sempre tivemos polos livros, revistas, dicionários e jornais em papel, desfrutamos mais com esta modalidade que lesiona menos os nossos olhos e permite unha consulta rápida e reflexiva. É de justiça lembrar que a *Fundación Otero Pedrayo* e o *Consello da Cultura Galega* têm colocado nas súas páginas web estas cartas ao dispor de todos os interesados e, ao tempo, facilitam a busca nos documentos de pessoas, obras ou entidades mencionadas (pág. 41).

\*\*\*\*\*

### **Carvalho Calero, Teoria e Prática<sup>7</sup>**

Poucos dias depois do falecimento do Professor Carvalho Calero, em março de 1990, apareceram numerosos contributos nos meios de comunicação e num volume especial da revista *Agália* (n.º 21, pp. 107-118). Nunca esquecerei a conversa que tive com um Professor Catedrático da antiga *Faculdade de Filosofia e Letras*, assombrado pela publicidade que estava a ter o seu colega nos ambientes culturais e jornalísticos, na qual nos dixos: *dentro de cinco anos, ninguém se lembrará de Carvalho Calero*. Um novo livro apresentado no paraninfo da Universidade de Santiago é umha prova patente e notória de que Dom Ricardo está vivo e de que os seus postulados permanecem na memória e na vida cultural da Galiza do século XXI.

Dizem os dous autores da obra que respeitam escrupulosamente os seus textos, princípio que os fai dignos de louvor. Se havia algo do que o nosso Professor nom gostava em absoluto era de que nos seus textos houvesse *desvios do original*, por isso solicitava que lhe fosse enviado um exemplar para «restaurar as letras originárias, a fim de que as actas recolham esse documento com toda correccom» (carta de 26 de setembro de 1984), tema sobre o que volta a insistir em cartas de 2 de novembro de 1984, de 2 de julho de 1985 e de 30 de julho de 1985, publicadas na revista *Agália* (nº 29, páginas 48, 50, 53 e 54).

Neste contexto, é necessário distinguir entre alunos e discípulos, antigos alunos somos muitas pessoas, porém discípulos seriam menos. A condição de discípulo nom vem pola herança biológica e nem tam sequer é indispensável ter sido aluno (conhecemos muitos casos relevantes). Discípulos som (ou somos) os que praticamos a escrita defendida por el, assim como as regras gramaticais, lexicais e normas ortográficas sempre entendidas como «procedimento para aproximar-nos à lusofonia e à lusografia» e nunca como umha renúncia à singularidade do galego-português ou «romanzo hispánico occidental» dentro da língua universal. Lembre-se apenas o desenho de Castelao sobre um velhote e um rapaz, na beira do rio Minho, e os da banda de alá, os portugueses. Para ser discípulo nom é suficiente com a teoria, há que passar à prática (a língua foi a sua ponta de lança, nomeadamente nos seus ensaios) e transmitir os seus ensinamentos para que se propalem. Mal existem “Fundações” que podam ser consideradas discípulas. Revela-se necessário salientar a sua permanente prudência para incorporar as mudanças imprescindíveis.

---

<sup>7</sup> Publicado no Faro de Vigo, de 30 de março de 2022, p. 22.

Dom Ricardo viveu rodeado de muita inveja e mesquinhez por parte de quem parasitava, usava e abusava do Poder ou do *holding* (universitário, académico, cultural...). Depois de mais de trinta anos do seu falecimento, ainda permanecem em situação de alerta, para não perderem os seus lucros sociais e protagonismo na Galiza do século XXI.

## Referências

- Câmara Municipal de Anadía. 1984. “O reintegracionismo cultural e lingüístico galego-português”. Em: *Colectânea de Estudos em Homenagem a Rodrigues Lapa*. Anadía, págs. 22-35.
- Carballo Calero, Ricardo. 1979 [1966, 1974]. *Gramática elemental del gallego común*. Vigo, Editorial Galaxia.
- Carvalho Calero, R. (1984). “Louvança do vinho do Ribeiro” em: *Letras galegas*. Corunha: Associação Galega da Língua, págs. 127-131.
- Carvalho Calero, R. (1990). *Do galego e da Galiza*. Barcelona, Llibergraf. «I Congresso» págs- 23-26 e «II Congresso», págs. 61-64.
- Concello de Ferrol. 2010. *Carvalho Calero de Ferrol para o mundo. Imaxe de cen anos*. Ferrol, Concellería de Educación e Universidade.
- Concello de Ferrol (2011). *Encontros con Don Ricardo Carvalho Calero*. Ferrol: Concellería de Educación e Universidade.
- Enríquez Salido, Ma C. e Fernández Pérez, X. L. (1980). *Língua galega*. León, Editorial Everest.
- Fernán-Vello, M.A. e Pillado Mayor, F. (1986). *Conversas en Compostela con Carballo Calero*. Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Henríquez Salido, M. do C. (1991 a). “Contributos para umha história da lingüística galega (1964-1974)” em Departamento de Filoloxía Galega. *Homenaxe ó Professor Constantino García*. Coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei. Santiago de Compostela, Universidade, II, págs. 85-93.
- Henríquez Salido, M. do C. (1991 b). “A aplicação sucessiva da doutrina lingüística em textos do professor Carvalho Calero” em *Ricardo Carvalho Calero. A razón da esperanza*. Vigo, Promocións Culturais Galegas, págs. 41-46.
- Henríquez Salido, M. C. (1992). “Dom Ricardo Carvalho Calero, na vida da Associação Galega da Língua” em *Agália*, 29, págs. 25-60.
- Henríquez Salido, M. do C. (1999). “As ‘rectificações’ nas edições da *Gramática* do Professor Ricardo Carvalho Calero” em M. do C. Henriques Salido e M. Á. Esparza. *Estudios de Historiografía Lingüística Hispánica. Ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*. Departamento de Filología Española. Universidade de Vigo, págs. 65-96.

Henríquez Salido, M. do C. (2000). “O professor Carvalho Calero, humanista e lingüista” em José Luís Rodríguez (ed.). *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Parlamento de Galicia – Universidade de Santiago de Compostela, Tomo I, págs. 227-238.

Henríquez Salido, M. do C. (2006). “O significado de *gramática* do Professor Carvalho Calero no mundo luso-brasileiro” em X. M. Cid (coord.) *Repensar a educación e a sociedade: realidades e desafios*. Vigo, Universidade de Vigo, Servicio de Publicacións, págs. 333-345.

Henríquez Salido, M. do C. (2011). “Ricardo Carvalho Calero ao longe” em *Encontros con Don Ricardo*. Concello de Ferrol – Educación e Universidade, págs. 103-114.

Montero Santalha, J. M. (1993). *Carvalho Calero e a sua obra*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

## MARIA DO CARMO HENRIQUEZ SALIDO

Maria do Carmo Henriquez Salido nasce em Mugarbos (5 de fevereiro de 1944). Licenciada em Filosofia e Letras (Secção de Filologia Românica) em 1966. Doutora pela Universidade de Santiago em 1971. Professora Adjunta com docência em Gramática Histórica (curso 1966-1967). Professora Agregada de Institutos de Língua e Literatura Espanhola (1967) e Catedrática (1968). Exerceu em Ourense desde o ano 1972 até 1979 no Instituto Eduardo Blanco Amor. Catedrática Numerária de Escolas Universitárias (1980-1992). Catedrática de Universidade da área de Filologia Espanhola (1993). Dirigiu vários Projetos de Investigação, a "Comisión Evaluadora de la Actividad Investigadora del Ministerio de Educación y Ciencia (CNEA) reconheceu-lhe cinco sexénios de investigação (1982-2010). Tem mais de 180 publicações em revistas indexadas e vários livros editados por editoras de prestígio. Nos últimos anos investiga sobre dicionários do português como o do jesuíta Bento Pereira (1605-1681) ou do castelhano de Sebastián de Covarrubias (1611) e sobre terminologia jurídica no Tribunal Supremo, assim como as máximas jurídicas latinas (2020).



## Encontros com Carvalho<sup>1</sup>

Luís G. Soto

### Resumo

Na segunda metade da década de 1980, conheci e tratei o professor, investigador e escritor Ricardo Carvalho Calero (Ferrol, 1910–Santiago de Compostela, 1990). Nas páginas deste artigo, são evocados alguns momentos singulares dessa relação, concernentes tanto à pessoa quanto à obra de Carvalho. Do primeiro tipo, são alguns pormenores de juventude, os vínculos com pessoas que se formaram com ele e outras que compartilharam com ele projetos culturais e políticos e, ainda, algumas cintilações acerca do modo dele de encarar a vida, a doença e até a morte. Do segundo tipo, são alguns apontamentos relacionados com os estudos literários, com a sua obra poética última e, sobretudo, com o seu romance *Scórpio*. Por último, são recolhidos também ecos, ressonâncias e prolongações, *post-mortem*, no século XX e, sobretudo, no século XXI, da vida e obra de Carvalho.

### Palavras-chave

Carvalho, biografia, estudos literários, literatura, política, Galiza.

### Abstract

In the second half of the 1980s, I met and treated the professor, researcher, and writer Ricardo Carvalho Calero (Ferrol, 1910–Santiago de Compostela, 1990). In the pages of this article, some relevant moments of this relationship are evoked, concerning both the person and Carvalho's work. Of the first type, there are some details of his youth, the bonds with people who were formed with him and others who shared cultural and political projects with him, and some sparks about his way of facing life, illness and even death. Of the second type, there are some notes related to literary studies, with his last poetic work and, specially, with his novel *Scórpio*. Finally, echoes, resonances and prolongations, *post-mortem*, in the 20th century and, mainly, in the 21st century, of Carvalho's life and work are also collected.

### Key words

Carvalho, biography, literary studies, literature, politics, Galicia.

<sup>1</sup> Retomo, adaptando, modificando e acrescentando, *Confluencias* (Soto & Roca 2020: 111-135).

### **A Corunha, Verão de 2019**

Desde que, nos primeiros dias do verão de 2019, soube que as Letras Galegas 2020 seriam dedicadas a Ricardo Carvalho Calero, não deixei de pensar como poderia contribuir a essa homenagem. Volvi às lembranças e aos materiais, que atesourava acerca dele, incluídas as minhas publicações sobre a sua obra.

Uma tarde, folheava, passava umas fotos de Carvalho, no seu gabinete em Filologia, que fiz um dia de novembro de 1988. Quando o conheci? Não sei, provavelmente em abril de 1986, com ocasião de uma conferência sua na Corunha. Mas, sabia de Carvalho desde muito antes. Ou seja, soube da sua obra antes de o conhecer em pessoa.

### **A Corunha, 1982-1983**

Mas, também não sei desde quando tive noção do seu labor ou da sua existência. Quiçá pôde ser através de Tareixa Roca ou Manuel Castelao, por volta de 1982 ou 1983. Mas, para mim, que foi antes. Tareixa e Manolo foram alunos seus, da primeira promoção de galego-português, licenciados em 1979.

No entanto, pude ter notícia de Carvalho muito antes, em Lugo, mesmo na década de 1960, porque ele fora diretor do Colégio Fingoi, e morou em Lugo até 1965, ou através de familiares de Celestino Fernández de la Vega, amigos desde a minha infância.

### **Sterneck, julho de 1983**

Passei julho de 1983 na Alemanha, numa aldeia da Selva Negra, Sterneck, na casa de Carlota Schön, para aprender alemão.

Um dia, revendo com ela a sua biblioteca, mostrou-me um livro de Carvalho. Possuía alguns mais. Segundo me explicou, ela fora professora de alemão de Carvalho, em Ferrol, antes da Guerra Civil espanhola. Desde então, não tivera contacto com ele, mas sabia dele através de amigos, como a minha professora de alemão, Hermínia Parguiña, também de Ferrol e amiga dela desde aqueles recuados tempos. Com certeza, quando colhi na mão aquele livro que Carlota me tendia, eu já sabia de Carvalho, mas não o conhecia pessoalmente.

### **Santiago, Outono de 1985**

Fiz a minha tese sobre Roland Barthes e, quando a estava a concluir nos últimos meses de 1985, ocorreu-me tentar estabelecer contacto com um professor

e político português, José Augusto Seabra, que, outrora, estando exilado em Paris, fora aluno de Barthes. Este dirigiu a tese doutoral de Seabra, que posteriormente escreveu sobre o seu mestre.

Na tentativa de contactar com Seabra, pôde aparecer e intervir Carvalho. Tareixa estivera a ponto de optar a um lugar de leitora de galego, criado sob os auspícios de Seabra, numa universidade portuguesa. Mas, ela já não possuía o contacto dele, que, entretanto, mudara da universidade para a política, sendo deputado e ministro de educação.

### **Santiago, janeiro de 1986**

José Augusto Seabra presidiu a comissão que julgou a minha tese, dirigida por Juan-Luis Pintos de Cea-Naharro, lida em janeiro de 1986.

Pelo que me parece, Seabra tinha previsto visitar o amigo Carvalho durante a sua estância em Santiago. Mas, não lhe foi possível. E encomendou-me que o fizesse eu, lembrando-lhe o convite, extensível a outras pessoas segundo o critério de D. Ricardo, a participar na revista *Nova Renascença*, que Seabra dirigia em Porto. Não é impossível que tenha eu então contactado com Carvalho.

### **Santiago-A Corunha-Santiago, abril de 1986**

Porém, o mais provável, porque foi pouco depois, é que o tenha conhecido com motivo da conferência que Carvalho pronunciou na Corunha, organizada pelo Instituto Salvador de Madariaga, cujo departamento de galego dirigia Manuel Castelao.

Fui buscá-lo pela manhã, com Tareixa, a Santiago, à sua casa, a onde o devolvemos a última hora da tarde desse mesmo dia. Provavelmente aí o conheci. Também Maria Ignácia Ramos, a sua mulher.

### **A Corunha, abril de 1986, mesmo dia**

Depois da conferência, almoçamos com Carvalho os membros do seminário de galego do instituto, entre eles Manuel Castelao e Tareixa Roca, e eu como condutor que facilitava os deslocamentos.

Lembro que falando com Manuel Castelao, que conhecia muito bem toda a obra sua, Carvalho revelou-lhe que estava a escrever *Scórpio*. Fizeram ambos umas disquisições sobre as dificuldades que entranhava a escrita de um romance, e o panorama ao respeito na literatura galega, mas sem entrar em pormenores, por estar a obra em curso.

Depois do almoço, levei-o com Tareixa, para Santiago, onde estivemos um tempo com ele na sua casa.

### **Santiago, maio de 1987**

Aproximadamente um ano depois, em maio de 1987, encontrei outra vez o professor Carvalho. Veio dar uma conferência a Filosofia. Entre os organizadores contava-se um ex-aluno meu.

Depois do ato, falei um pouco com Carvalho e acabei levando ambos, ou indo com eles, de carro, desde a faculdade, daquela no campus sul, até as imediações da casa de Carvalho. Este ia muito contente porque, pouco antes, interviera num programa da TVG, num diálogo “a duas bandas”<sup>2</sup>, com Constantino García, sobre o galego e ficara muito satisfeito com o resultado, francamente favorável à sua perspectiva normalizadora e reintegracionista. Falamos um pouco, mas quase não me detive quando chegamos à sua casa.

### **Santiago, entre o Outono de 1987 e Outono de 1988**

Em 1987, desde Outono talvez, e em 1988 até o dia em que foram tomadas as fotos, em novembro, visitei várias vezes o professor Carvalho, várias também com Tareixa, no seu gabinete no último andar da faculdade de Filologia, sita no edifício de Mazarelos.

### **Santiago, entre o Outono de 1987 e a Primavera de 1988**

A primeira vez não devia ir com ela, que conhecia o edifício, porque lembro seguir umas complexas instruções para atingir o gabinete. Fui com algum propósito, mas movido, sobretudo, pelo interesse de falar com ele. Ao primeiro encontro seguiram outros, encetándonos uma conversa sem perspectiva definida.

Nas conversas, porém, havia um fio condutor: o meu apegamento à literatura galega, contemplada desde a filosofia. Através de Barthes iniciara a relação entre filosofia e literatura e fizera algumas coisas, indagações e reflexões em estado nascente e até algum breve escrito. Mesmo, em 1986, publicara algo sobre Pondal, um escrito que eu via como o início de uma indagação que queria prosseguir. Entretanto, para documentar-me, fora e ia lendo os trabalhos de Carvalho sobre literatura galega. Apresentei-lhe e levei-lhe algum escrito,

---

<sup>2</sup> Cfr. <https://www.udc.es/dep/lx/cac/vo/198705DT-A/index.htm>.

nomeadamente sobre Pondal, na sequência do publicado em 1986. Ao dar-lho, estávamos sentados no seu gabinete e o sol iluminava a janela, comentei-lhe que ia sobre “A campana de Anllóns”<sup>3</sup>. Ah, disse, e a seguir recitou o poema de cor, fazendo inflexões significativas segundo os versos.

Eu pretendia a sua opinião e orientações, mas Carvalho era muito reticente a pronunciar-se sobre o meu trabalho. Acho que percebia que eu o via como um mestre e ele, que rejeitava essa posição, mas não a podia evitar, temia prejudicar o meu estro, como dizia ele, com as suas opiniões (vistas por mim como magistrais). Em consequência, animava-me a prosseguir e só fazia alguma minúscula indicação corretora. Eu insistia para que se pronunciasse sobre o que eu afirmava e, mais ainda, sobre a metodologia por mim empregada.

A esse respeito, uma vez disse-lhe que, falando de literatura, eu tinha a impressão de ser um impressionista, de carecer de método. Foi rotundo e taxativo: “falando de literatura, o que não é impressionismo é impostura”. Percebi que pretendia animar-me (pois, obviamente, ele não desdenhava a metodologia). Ao cabo, despachou-me sentenciando “que deixasse falar a minha musa”. O que, porém, não significava que me licenciava, mas que leria com interesse o que lhe levasse. Não pretendia livrar-se de mim, mas que eu me livrasse de influências inibidoras.

### **Santiago, 1987-1988**

Ora, as minhas tentativas filosófico-literárias, assim como a sua possível colaboração, ou de outras pessoas, com a *Nova Renascença*, eram apenas fios condutores: serviam para enlaçar as reuniões, para unir uma visita com outra.

Porque, mormente, falávamos sobre o que ele fazia e ia publicando, que era muito. Podíamos transitar algo pela cultura, mas rara vez tocávamos a política. Com Tareixa, estas conversas podiam ser, e costumavam ser, mais concretas, porque entre ele e ela havia uma certa familiaridade, desde os anos de estudante, e tinham conhecidos em comum.

### **Santiago, Outono de 1987**

Contei-lhe o meu encontro com alguns dos seus livros na Selva Negra, na casa de Carlota Schön.

---

<sup>3</sup> Pondal 2017: 191-194.

Lembrava-a perfeitamente, mas não sabia nada dela desde o começo da Guerra Civil. Anos depois, inspirara-se em algo que ela lhe contara para escrever o seu relato “A cegoña”<sup>4</sup>.

Prometi-lhe e proporcionei-lhe, mais adiante, provavelmente já em 1988, o endereço de Carlota. Não chegou, porém, a restabelecer o contacto com ela, porque não muito depois, na Primavera de 1988, enfermou gravemente e passou por um longo período de tratamento.

Nessa altura, durante o tratamento, fizeram-se as fotos.

### **Santiago, Outono de 1987 ou Inverno de 1988**

Naquela ocasião, ou noutra, falando de Carlota Schön, acho que comentára-mos um verso de *Cantigas de amigo e outros poemas*: “A morte é neutra — das Tod — em alemão”<sup>5</sup>. Porque a morte, em alemão, é masculino: der Tod. Além disso, em meu ver, o masculino não iria mal com os seguintes versos, com a estrofe.

### **Santiago, 1987-1988**

Apesar da marginalização e perseguição, de que era sabedor e padecia, Carvalho transmitia uma visão global benevolente e otimista. Era crítico, com justeza, nos casos concretos.

Mas, no geral era benevolente e mantinha opiniões positivas e esperanças. Por exemplo, a política linguística vigente parecia-lhe, sobretudo, insuficiente, mas destacava os seus aspetos positivos e esperava dela efeitos benéficos. Por suposto que, na sua ótica, havia que fazer mais e atuar de modo diferente. Mas, não se servia das suas convicções para desqualificar nem pessoas nem instituições. Nesses anos, Laxe presidia a Junta da Galiza. Mas, recordo também opiniões suas nos tempos da presidência de Albor e, ainda, nos inícios de Fraga.

Surpreendiam-me as não infrequentes apreciações positivas que fazia de pessoas e instituições nos antípodas das suas posições. Numa dada altura, disse: “Não lhe ponho um sambenito a ninguém”, fez uma pausa e sorriu, “sem antes fazer o oportuno processo de inquisição”.

---

<sup>4</sup> Carvalho 1984: 211-219.

<sup>5</sup> Carvalho 1986: 97.

### **Santiago, novembro-dezembro de 1988**

Nas nossas visitas, Tareixa e eu, combinamos com Carvalho fazer-lhe umas fotos, ali no seu gabinete.

Uma vez reveladas, e viradas ao sépia, porque me parecia que assim estavam melhor, porque a viragem paliava a falta de luz e de contraste, levei-lhe as fotos. Ou levou-lhas Tareixa. Talvez à faculdade, quiçá à sua casa.

Carvalho gostou muito, e Carmen Blanco publicou uma no seu livro *Carvalho Calero: Política e Cultura*<sup>6</sup>.

### **Santiago, 29 de novembro de 1988**

Nas fotos, tomadas no seu gabinete, está Carvalho sentado na mesa, ao lado de uma biblioteca e ao lado de uma janela. Em algumas está acompanhado por Tareixa. Sobre a mesa, vêem-se as suas leituras e os trabalhos em curso. Na parede, detrás dele, divisa-se a orla da primeira promoção de galego-português. Nela figuram Tareixa e Manuel Castelao.

Para mim, o importante de uma foto é a devolução da presença. Dito em termos quase policiais, que foi um dos primeiros usos da fotografia: a identificação da pessoa por fixação da visão. Além disso, a foto significa. E, desaparecida a pessoa e esvaecida a sua presença, as fotos têm um valor de interpelação.

Das fotos, que outrora fiz e folheio agora, eu selecionaria, como significativas, umas dez.

### **Santiago, 29 de novembro de 1988, mapa e orla**

Na primeira foto, dom Ricardo, tomado case de perfil, está sentado na sua mesa de trabalho. Atrás, às suas costas, na parede que fica à sua esquerda, divisa-se o mapa da Galiza.

Na segunda foto, também na mesa, mas tomada desde o ângulo contrário, detrás, sobre a sua cabeça, tem Carvalho a orla da primeira promoção de galego-português. Sobre a mesa, papéis, livros, a máquina de escrever: o trabalho em curso.

O mapa, a orla: dois signos do seu compromisso com Galiza.

---

<sup>6</sup> Blanco 1991: s/n.

### **Santiago, 29 de novembro de 1988, gestos**

Vou agora ao pormenor: três fotos, três gestos: a falar, a ouvir, a rir.

O fotógrafo desaparece, em benefício da percepção do espectador, da comunicação, a fala, a escuta, o riso, manifestos pela pessoa fotografada.

Nas três fotos, pode ver-se o professor, o intelectual, e até cabe imaginar outrora, nos anos juvenis, o político. Na primeira, está a falar: sabe comunicar; na segunda, está a ouvir: sabe perceber; na terceira, sorri. O riso, dizem alguns filósofos, é a rotura, o esvaecimento, do sentido. E o aparecimento, e quiçá a captura, de outros sentidos, inauditos, impercetíveis, inéditos. Saber perceber-se, querer fazê-lo, além do entendimento, sem quebrar a comunicação.

### **Santiago, 29 de novembro de 1988, com Tareixa**

Duas fotos com Tareixa.

Ao tomá-las, Carvalho dissera: para quando eu não esteja. Isto poderia afirmar-se igualmente das outras, em que está só, na mesa ou de pé, próximo da janela. As fotos realizam uma captura da imagem, fixam uma visão, que devém lembrança, para si próprio e para os demais. Quiçá a convergência com outro, como Tareixa nestas fotos, potencia o anúncio ou pressentimento da ausência. Para quando eu não esteja. E permaneça apenas na lembrança do outro, neste caso, de Tareixa.

No ano académico 1975-76, cursando terceiro de licenciatura, Tareixa foi aluna de Carvalho. Rematados os estudos e com a implantação das matérias de língua e literatura galegas, Tareixa começa a dar aulas de galego, primeiro, em Formação Profissional e no Instituto de Idiomas da Universidade de Santiago de Compostela em Lugo, e, depois, nos institutos Agra do Orzán e Salvador de Madariaga na Corunha. Professor, professora.

Sendo aluna, Carvalho mudou o nome de Tareixa. Até então, fora Teresa. Depois do primeiro exame, dom Ricardo publicou a lista de notas. Nela, aparecia como Tareixa. Desde então, Tareixa.

Redenominar: resignificar: renascer ou, mais exatamente, recomeçar. Até então, Tareixa era *infans*: não falante.

### **Santiago, 29 de novembro de 1988, só**

Três fotos: três retratos. De pé, junto à janela. Ao fundo, o calendário: a data, o tempo. Interior, as paredes do gabinete, e tempo, como únicas referências, enquadram a figura, a pessoa, a presença: Carvalho. Nas três, destaca o olhar, como fio condutor.

Na primeira, Carvalho tem o olhar de quem vê, respeita e reconhece o outro, fazendo-o desde a própria afirmação. É frontal, sem descartar a expectativa. Em suma, olhar e ver o outro.

Na segunda, a olhadela sai fora de campo, mas não se perde: retorna, convertida em mirada interior: introspeção. Não vemos o que Carvalho olha: nem fora nem em si próprio. Mas esse velado, do de fora e do dentro, funciona como uma salvaguarda: um indício de que há algo. Mais do que isso: uma amostra de riqueza interior.

Na terceira, e última das dez fotos, olhar incisivo e braços cruzados. Presença, resistência e desafio, perante a adversidade, pela que passou e ante a que virá. Só?

O calendário, detrás, situa, coloca, no curso do tempo. Atrás ficou o passado: os anos, a idade, são o registro da sua permanência. Ante o presente e perante o futuro, orgulho e serenidade, como se em si próprio, com o devalar dos tempos e as vicissitudes da existência, se juntassem muitas vidas, se agregassem à própria, formando uma sociedade individual, que é também uma solidão coletiva.

Carvalho, só, com olhar adusto e de braços cruzados, suporta e faz força: responde de si, conta com os outros.

### **Santiago, 1989**

Em 1989, os encontros foram na sua casa, quase sempre no salão. Eu entregara-lhe, em finais de 1988 ou já em 1989, um exemplar do meu livro *Outramente Barthes*<sup>7</sup>. Carvalho leu-o e escreveu um artigo que publicou na *Voz de Galicia*, em março ou abril de 1989.

---

<sup>7</sup> Soto 1988.

Pela minha parte, queria fazer algo sobre *Scórpio*<sup>8</sup>, o que não consegui até o verão. Porque esse curso, 1988-89 estive atarefado preparando as provas do concurso a professor titular, que se realizaram em finais de abril. Depois, pude pôr-me com *Scórpio*, relê-lo, porque já o lera nas datas da sua publicação em 1987, e tentar fazer uma reflexão sobre o livro. Consegui dar-lha depois do Verão, com o projeto de comentar o escrito algum tempo mais tarde.

### **Santiago, Inverno e Primavera de 1989**

Naquelas visitas, raramente falávamos de política e só de um modo muito geral.

Numa ocasião, a pouco de eu cruzar o limiar da sua porta, surpreendeu-me com esta declaração: “Sou um espectador da política”.

Chocou-me e tentei replicar, porque para mim Carvalho representava o intelectual comprometido. Mas, evitei esta fórmula e, com circunlóquios, tentei perfilar diferentes modos de ser partícipe da política. Foi rejeitando todos, incluída a figura do intelectual comprometido, que eu acabara por apontar. Reafirmou-se na sua condição de “espectador da política”.

Dei-lhe um giro à questão: política cultural, cultura como política. Também não. Manteve-se na sua posição. Quiçá Carvalho referia-se, pensava eu, à diferente relação na sua vida com a política: o contraste do seu ativismo juvenil com a sua atividade presente, na idade propecta, como ele diria. Mas, nem assim, salientando esse contraste, deixava eu de vê-lo como um ativista.

Eu estava desolado e, quase desmoralizado, retruquei: mas, mesmo os espectadores podem ter simpatia e até preferências por alguns dos participantes. “Isso sim”, concedeu. Senti um respiro. Descendo ao concreto, até partilhávamos algumas afinidades eletivas. Saí da sua casa algo reconfortado, mas desassossegado. Tivera a sensação de que o capitão do barco me informara de que navegávamos num buque fantasma. Mas, quiçá só quisera fazer-me ver que ele não era capitão nem mando de nada, e que também não admitia capitães nem mandos.

### **Santiago, Outono de 1989**

Cheguei um dia pela manhã à sua casa, talvez para lhe levar o que fizera, a minha achega, sobre o seu romance *Scórpio*. Comunicou-me, ao sentarmos no

---

<sup>8</sup> Carvalho 1987.

salão, que passara a noite sem dormir, que lhe dera para ler inteiro *Arredor de si*<sup>9</sup>. Vinha de rematar o livro havia umas horas, com as primeiras luzes da manhã. Comentou algo do livro de Otero Pedraio, que elogiei. Mas, deixou aí o tema.

Quicá, ao fio disto, saiu na conversa a hipótese de uma edição normativizada, em perspectiva reintegrada, da sua *Historia da Literatura Galega Contemporánea*<sup>10</sup>. Existia esse projeto, para fazerem outros, que contava com o seu beneplácito. Considerava que, de retomar ele a *Historia da Literatura Galega Contemporánea*, para o qual não dispunha de tempo, teria que atualizar o texto.

### **Santiago, Outono de 1989**

Sobre *Scórpio* falamos bastante.

Lembro, por exemplo, uma tarde inteira, quatro ou cinco horas. Ao princípio não queria falar. Não queria opinar sobre o meu escrito, um rascunho de estudo, sobre o seu romance. De seguida, libertei-o de semelhante obriga.

Porém, o verdadeiro obstáculo era que não queria falar sobre a sua obra. Defendia que esta, uma vez publicada, pertencia ao público, aos seus leitores e os seus intérpretes. O autor não tinha uma voz autorizada para sancionar leituras e interpretações. Pretender fazê-lo era, por parte do autor, uma pretensão ridícula.

Mas eu não procurava isso. Consegui vencer as suas resistências para falar de *Scórpio*, propondo-lhe contemplá-lo, ambos, como leitores ou, melhor ainda, como estudiosos.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Antes de entrar em matéria, comentei-lhe que, lendo o livro, fora marcando erratas. Começamos por revê-las.

Carvalho encontrara muitas delas, e algumas mais, e entregara ao editor uma lista para serem corrigidas na seguinte edição. Além de erratas, também lhe fui indicando variantes que achara, duas soluções diferentes para a mesma expressão. Pelo geral, também as detetara: corrigira alguma e deixara outras. No fundo, disse, são vacilações da língua, por não estar esta fixada. Não lhe ligava importância alguma a estas variações. Por outra parte, comentou, o texto

---

<sup>9</sup> Otero Pedrayo 1930.

<sup>10</sup> Carvalho 1981.

passava por várias mãos e fases antes de sair impresso: as gralhas produziam-se em qualquer passo do processo. O risco aumentava ao as pessoas desconhecerem a língua, ou a normativa. Por exemplo, no livro havia uma expressão em alemão mal reproduzida<sup>11</sup>.

Em toda esta conversa, eu sentia o impacto da sua liberalidade, do seu liberalismo, no tocante à normatização e à normalização.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Não sei como, passamos a falar das personagens de *Scórpio*. Talvez a partir dos possíveis elementos biográficos e históricos presentes no romance. Com certeza há traços, históricos e biográficos, reconhecíveis, mas há muita ficção.

Carvalho foi procurar umas pastas, que a seguir me mostrou. Continham a documentação acerca das personagens. Lembro, pelo menos, revermos várias. Abriu uma e disse: esta é Helena<sup>12</sup> e ensinou-me uma foto de Catherine Deneuve. Conhece-a? perguntou-me. Posso equivocar-me nos nomes e Helena não ser Catherine Deneuve. Mas, esta era, com certeza, uma das mulheres de *Scórpio*. Nas pastas, havia fotos, reportagens e descrições, mesmo esboços destas feitos pelo próprio Carvalho, de diferentes personagens, celebridades de que o autor se servira para dar forma física às personagens do romance.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Eu tinha curiosidade, mais do que pelos aspetos biográficos ou históricos, pela presença do autor nas vozes, nos depoimentos, das personagens.

Nomeadamente, apetecia-me saber se Carvalho introduzira de propósito um anacronismo no regresso de *Scórpio* de Salamanca a Galiza. Porque no romance figura que toma um autocarro em Salamanca e um comboio em Zamora. Mas, naquela altura não havia caminho de ferro Zamora-Galiza.

Não lhe deu importância. Comentou que, no romance, sai assim essa viagem de regresso: primeiro, autocarro; depois, comboio. Mas, que poderia tê-la escrito ao revés: primeiro, comboio; depois, autocarro. E isso concordaria com a realidade histórica. Mas, o que passou foi que para a cena da despedida,

---

<sup>11</sup> Carvalho 1987: 176.

<sup>12</sup> Carvalho 1987: 157-161.

de Scórpio, em Salamanca, o que lhe convinha é que subisse a um autocarro<sup>13</sup>. E por isso, pela própria lógica da ficção, ou seja, a do enredo e a ação, vai de autocarro. E depois, em Zamora, é irrelevante o meio que empregue.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Nesse sentido, nas presenças do autor nas vozes, comentou-me que o discurso de Salgueiro como dirigente estudantil, do qual aparece um troço reproduzido em castelhano, fora realmente pronunciado por ele.

Outra coincidência, apenas curiosa, poderia dar-se nas palavras de Scórpio “Estou ferido” e “Nom vejo”<sup>14</sup>. É do pouco que Scórpio diz que se regista no romance. Carvalho teve um ferimento similar, também na frente de Madrid, nos olhos. Porém, desta coincidência, que eu lembre, não me comentou nada.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Um tema que nos ocupou bastante foi a relação final entre Cleo e Scórpio. Não se tratava de acrescentar nada ao escrito no romance. Nem de que o autor revelasse ou apontasse alguns intuítos seus.

A questão surgiu porque, falando de outra coisa, Carvalho mencionou que, no final, a relação entre Cleo e Scórpio deixara-a em suspenso. Disse-lhe que, pelo relato da morte de Scórpio e os acontecimentos que a rodearam, parecia que não houvera relação entre eles, mas que, contudo, ficava aberta a possibilidade de especular que a tivesse havido. Rubricou que esse fora o seu intuito. No romance não há indícios para mais.

Modificando um pouco o assunto, disse-lhe: o que é possível é que, desta vez, com relação ou sem ela, tenha sido Scórpio o que levou a iniciativa, o que se interessou por Cleo, e não o contrário, como aconteceu nas outras relações, mesmo na anterior com Cleo. Estranhou-se e perguntou-me por que pensava isso. Quicá Scórpio pediu a deslocação a Barcelona, porque Cleo estava ali, argumentei. Pode ser, disse, mas isso já corresponde à perspectiva do leitor.

Além disso, insisti, no romance há uma passagem na qual parece que ela marcha, antes do que ele, de Andaluzia. Não lembro isso, disse. Onde está? Procurei no livro e assinaléi as palavras de Cleo: “foi depois, é agora, quando me

---

<sup>13</sup> Carvalho 1987: 175-176.

<sup>14</sup> Carvalho 1987: 296.

fum, que me estou dando conta de que a onda dos antigos sentimentos começava a invadir-me”<sup>15</sup>. Não é nada conclusivo, mas “quando me fum” poderia indicar que ela marchou de Andaluzia antes do que Scórpio. Ficou perplexo com este pequeno efeito inesperado. Deu-lhe voltas à frase. E seguimos a falar.

Passara um tempo e, de repente, disse: “quando me fum dando conta”. Essa fora, pelo menos, a sua intenção: quando me fui dando conta, quando me estou dando conta. Não empregara o verbo ir, mas o verbo ser. Ficou contente. Porém, insistiu que o escrito podia ler-se de diversas maneiras. A mim, pareceu-me convincente a sua explicação, porque ao longo do romance as personagens usam, em várias ocasiões, giros e/ou fazem esclarecimentos muito semelhantes a esse: quando me fui dando conta, quando me estou dando conta.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

Não falamos da Guerra Civil, do que sai em *Scórpio* e/ou da sua experiência. Ou pouco. Quiçá porque outras vezes, com Tareixa, sim o fizera.

Porém, tenho a ideia de que nessa ocasião, faládomos de *Scórpio*, evocou o episódio do julgamento e fuzilamento do soldado, que dera morte a um superior, sendo defendido por Scórpio. Durante a Guerra Civil, segundo relatou, Carvalho atuou, por duas vezes, como advogado defensor de réus de insulto a superior, julgados em Conselho de Guerra. Foram condenados, mas não estou certo de se, como no romance e como acredito lembrar, a pena foi a morte.

### **Santiago, Outono de 1989, mesmo dia**

O importante, que talvez já lhe o escutara antes, é que rematou o romance exatamente no 18 de julho de 1986.

Exatamente, pensei eu, cinquenta anos depois da data que marca o início da Guerra Civil. E pensei que fora a sua vitória sobre aquela contenda.

Como se tivesse lido a minha mente, Carvalho desmentiu o meu pensamento. Proseguiu: não foi propositado, mas aconteceu assim. Acabei o romance e era 18 de julho de 1986, acrescentou visivelmente satisfeito.

Precisei então a minha ocorrência, mas também não disse nada: era uma superação, uma *Aufhebung*, do 18 de julho de 1936, invertendo e revertendo o destino que essa data marcava.

---

<sup>15</sup> Carvalho 1987: 333.

### **Santiago, janeiro de 1990**

Por última vez, visitei a Carvalho na sua casa em finais de janeiro de 1990. Faláramos por telefone e tinha prontas algumas coisas para a revista *Nova Renascença*. Temia pela sua saúde e preferia que não demorasse a minha visita.

### **Santiago, janeiro de 1990**

Fui aos poucos dias. Aparentemente, só tinha um leve catarro. Mas, dias atrás, alguma vez as flegmas dificultavam-lhe o falar, segundo me contou. Acontecera-lhe isso no ato em que a câmara municipal de Ferrol o distinguiu com a nomeação de filho predileto da cidade.

Divertido, Carvalho salientou que os jornalistas transmitiram essa inoportuna dificuldade, equivocando-se, como “visivelmente emocionado”. E assim se disse nos jornais e demais meios: o galardoado, visivelmente emocionado, agradeceu a honra.

Daquele ato em Ferrol, salientou a criação do prémio Carvalho Calero com duas modalidades, uma de investigação linguística e literária ou ensaio em geral e outra de criação literária, exatamente de narrativa curta. Explicou as características em pormenor. Pareceu-me tudo muito bem, rubricou. E concluiu: só pus uma condição: que houvesse liberdade normativa, que as pessoas que concorressem pudessem fazê-lo em qualquer normativa.

Mais uma vez, surpreendeu-me, desconcertou-me algo e admirou-me muito, esta aposta sua pela liberdade, sendo ele promotor e defensor de normativas.

### **Santiago, outrora**

Daquela não lembrei, mas poderia tê-lo feito, que, quando, um dia, quiçá pela sua morte recente em 1986, lhe mencionei o nome d Celestino Fernández de la Vega, disse: a pessoa com maior liberdade de espírito que conheci, autenticamente um espírito livre.

### **Santiago, janeiro de 1990, mesmo dia**

Voltando ao prémio, naquela tarde, Carvalho apontou que devia apresentar-me, que devia pensar em fazê-lo. Protestei, alegando que nada podia fazer em investigação linguística ou literária. Mas, Carvalho salientou que o prémio contemplava também o ensaio em geral e que, em consequência, deveria pensar nisso no futuro.

Tinha confiança na durabilidade do certame, por estar sustentado por uma instituição como a câmara municipal de Ferrol.

### **Santiago, janeiro de 1990, mesmo dia**

Aquela tarde estivemos no seu gabinete e não no salão. Comentou-me duas publicações pendentes.

A primeira, uma coletânea de artigos, *Umha voz na Galiza*, na qual ia o que fizera, e saíra na *Voz de Galicia*, sobre o meu livro *Outramente Barthes*<sup>16</sup>. A outra publicação era um livro de poemas, onde iam os que agora me entregava para a *Nova Renascença*, agregando uma nota para José Augusto Seabra.

Manifestou-me as suas dúvidas sobre o seu livro de poemas, *Reticências*<sup>17</sup>, que se resumiam em que acaso forçara um pouco a máquina e havia algum poema que quiçá não incluiria (ou seja, não devia ter incluído) no livro. Mostrou-me os que me ia entregar para a *Nova Renascença*. Comecei a ler um, mas ele apanhou outro e leu em alto: “Cicuta/cruz”<sup>18</sup>. Escutei-o, impressionando-me os versos. Ao concluir permaneceu dubitativo, e conjeturou que quiçá se passara de revirado. Eu percebi, disse-lhe, ou pelo menos pareceu-me entendê-lo. Não terçou. Ainda vimos algum outro dos poemas, verdadeiramente brilhantes.

Estávamos sentados na mesa do seu gabinete, caía a tarde e chegava a noite. Também me deu, para a *Nova Renascença*, um artigo sobre Rosalía. Comentou-me que tinha entre mãos algum outro, mas que esse já estava acabado.

Quando nos despedimos, era já noite.

### **A Corunha, março de 1990**

Quando faleceu Carvalho, a 25 de março de 1990, estava preparando-me para ir a um congresso. Por isso, não pude assistir, depois, nem ao funeral nem ao enterro.

Tareixa falara algumas vezes com ele por telefone.

---

<sup>16</sup> “Outramente Barthes” (Carvalho 1990: 328-330).

<sup>17</sup> Carvalho 1990.

<sup>18</sup> Carvalho 1989: 78. A data real de publicação não é 1989, mas posterior. Figura, porém, 1989, porque é o ano correspondente ao número da revista.

### **Santiago, 1991**

Visitei algumas vezes a sua mulher, dona Maria Ignácia. Já a conhecia de antes, das minhas conversas com dom Ricardo. E também, alguma vez, com Tareixa estivéramos departindo com ela.

Lembro um dia que a chamei, talvez para entregar-lhe a *Nova Renascença* que publicava os poemas de Carvalho<sup>19</sup>. Ela tinha de arranjar alguma coisa no cemitério, pelo que acordamos que, logo da visita, a levaria até ali. Mesmo eu podia fazer o que ela precisava. Passara mais de um ano, acredito, da morte de dom Ricardo. Levei-lhe a revista, gostou, e estivemos falando.

Depois, fomos ao cemitério. Havia que mudar as flores e, parece-me, arranjar alguma pequena coisa no floreiro. Estava alto e ela não lhe chegava. Eu também não, mas podia subir, com mais segurança, a uma pequena escada que havia por ali. Era uma boa tarde de sol, de Primavera ou de Outono. Fomos até ao cemitério. Estacionei o veículo e percorremos as avenidas até o nicho, certamente algo elevado num lateral e para o fundo do cemitério. Segui as suas instruções e resolvemos a mudança satisfatoriamente. Devolvi-a à sua casa, em Santiago, e empreendi o regresso para A Corunha.

### **Porto, entre 1990 e 1992**

Esse número da *Nova Renascença* com os poemas de Carvalho, o 34, correspondia a 1989. Mas, com certeza, saiu depois. Eu não o tive até 1991, quando lho entreguei a dona Maria Ignácia.

Habitualmente, a *Nova Renascença* saía com atraso. Mas, de vez em quando, publicava números duplos ou especiais, que incluíam vários números, e recuperava o tempo atrasado, pondo-se ao dia.

A revista fez-se eco da morte de Carvalho no número 41, correspondente a 1991. Num editorial *In memoriam*, lamenta também os falecimentos de Sant'Anna Dionísio, Ramón Piñeiro e Armand Guibert, acontecidos em datas próximas<sup>20</sup>.

### **Santiago, 1997**

Não sei por que motivo, mas não pude assistir ao ato de receção da biblioteca de Carvalho no Parlamento da Galiza. Foram Tareixa e a minha mãe.

---

<sup>19</sup> Carvalho 1989: 78-86.

<sup>20</sup> *Nova Renascença* 1991: 7-9.

### **Lugo, março de 2000**

Dona Maria Ignácia acabou por mudar-se à sua casa em Lugo, onde ela e Carvalho projetaram passar a sua velhice. Visitámo-la, Tareixa e eu, algumas vezes.

Numa ocasião passamos ali uma tarde com ela. Era um esplêndido dia de Inverno. Dona Maria Ignácia administrava cuidadosamente o legado de Carvalho e procurava a difusão da sua obra.

Contou algo que, noutra ocasião, lhe comentara a Tareixa. Sendo ela menina, no Cádavo, o meu avô materno, Luís, que era mestre, visitou como inspetor a escola onde ela estudava. Seria no começo da década de 1920 ou antes.

### **Santiago, outubro de 2000**

No entanto, pude estar, no Parlamento da Galiza, na apresentação do livro, organizado por J.L. Rodríguez, *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*<sup>21</sup>.

Dona Maria Ignácia estava sumamente contente, feliz, com a publicação e o evento. Foi dez anos depois da morte de Carvalho. Tardara-lhe em chegar o momento, mas, segundo dizia, a espera valeu a pena.

No livro de homenagem, participa José Augusto Seabra, que naquela altura era embaixador de Portugal na Roménia. Seabra lembra quando conheceu a Carvalho: um dia, em finais dos anos 70, que dom Ricardo visitou a Faculdade de Letras do Porto<sup>22</sup>.

### **Porto, setembro de 2001**

Tareixa falou várias vezes por telefone em 2001 com dona Maria Ignácia, que faleceu nessa Primavera.

Em setembro, saiu um número duplo da *Nova Renascença* dedicado à Galiza, que contém uma homenagem a Carvalho. Dois artigos sobre ele, de Tareixa<sup>23</sup> e de Maria do Carmo Henríquez Salido<sup>24</sup>, e aquele artigo de Carvalho sobre Rosalía que me entregara, na sua casa em Santiago, em finais de janeiro

---

<sup>21</sup> Rodríguez 2000.

<sup>22</sup> Seabra 2000: 81.

<sup>23</sup> Roca 2001: 21-32.

<sup>24</sup> Henríquez 2001: 33-43.

de 1990. O artigo seu, “Falta um capítulo em *El caballero de las botas azules*”, abre o volume<sup>25</sup>.

### **Lugo, 2001-2002**

Tareixa e eu levamos-lhe a revista a Lugo à sua filha Magali, provavelmente nesse ano de 2001 ou em 2002.

Vivia numa casa próxima à dos seus pais: pelas janelas de atrás viam-se as da casa deles, no Carril dos Loureiros.

Um ano antes, ou pouco mais, estando com dona Maria Ignácia na sua casa, mostrou-nos, desde esta, as janelas da casa de Magali.

### **Ferrol, outubro 2012-janeiro 2013**

Bastantes anos depois das minhas conversas com Carvalho, em 1990, acerca do então recentemente criado prémio que leva o seu nome, decidi apresentar-me ao certame no apartado de ensaio. Em 2012, obtive o galardão com *O labirinto da saudade*, uma indagação filosófica sobre a saudade, no pensamento e a literatura do Portugal e a Galiza contemporâneos. Comunicaram-me o resultado no 5 de outubro de 2012 e entregaram-me o prémio no 24 de janeiro de 2013, num ato solene no Concelho de Ferrol. Não deixei de lembrar o “compromisso”, adquirido com D. Ricardo nas origens do galardão, que acabara por satisfazer, ainda que uns vinte anos depois.

A deriva deste livro teria agradado Carvalho, pois três anos depois, em 2015, foi publicado em Portugal, sob o título *Meditação sobre a Saudade*<sup>26</sup>.

### **A Corunha, Outono de 2019**

Tareixa e eu acometemos a tarefa de somar-nos às Letras Galegas 2020, revisando e atualizando os contributos que, no seu dia, fizéramos sobre Carvalho e tínhamos por mais significativos.

Foi muito gratificante, e encorajador, comprovar que também outras pessoas se entregaram a empresas semelhantes e já no outono de 2019 apareceram algumas redições corrigidas e acrescentadas. Por exemplo, *Elucidacións na sombra. Carvalho en escena*, o livro de Manuel Castelao que obtivera o prémio

---

<sup>25</sup> Carvalho 2001: 13-20.

<sup>26</sup> A razão da mudança do título foi evitar a coincidência com o homónimo, *O labirinto da Saudade*, de Eduardo Lourenço (1982).

Carvalho Calero de ensaio em 2010<sup>27</sup>, o ano do centenário do nascimento do professor, artista e investigador.

### **Ferrol, janeiro 2020**

O concelho de Ferrol marcou o início das Letras Galegas 2020 com uma exposição, muito formosa e muito completa, sobre Carvalho. Fomos lá ao ato de inauguração no 24 de janeiro de 2020. Tanto a mostra sobre o ilustre homenageado, como a afluência de autoridades e público, indicava um grande cuidado na preparação da efeméride e um grande interesse no sucesso no desenvolvimento de todas as celebrações que, ao longo desse ano, iam ter como motivo Carvalho Calero.

Naquela altura, eu vivia na ignorância do coronavírus e nem imaginava que a prevista celebração se viria não truncar, mas sim torcer. Até, infelizmente, alguma das pessoas assistentes, nomeadamente Araceli Herrero Figueroa iria falecer por causa da doença.

Falamos com gente variada e até tive ocasião de conversar com alguém da câmara municipal sobre a inexplicável desapareção do prémio Carvalho Calero<sup>28</sup> e instar a sua recuperação, aproveitando a homenagem das Letras Galegas. Que eu saiba, houve iniciativas neste sentido, mas não seguiu uma nova convocatória e não há indícios do restabelecimento desse certame.

### **Santiago, fevereiro 2020**

No mês a seguir, fevereiro, a Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela, acolheu por umas semanas a exposição *Ricardo Carballo Calero en Lugo*. Houve um ato de inauguração onde se lembrou o vínculo de Carvalho com esta universidade e este mesmo edifício, outrora Faculdade de Filologia, onde o exímio professor e investigador lecionou e teve o seu gabinete. Onde eu o visitara, e tomara as fotos, em finais da década de 80.

Porém, não é por isso que menciono esta exposição, mas para salientar a extensão, até à capilaridade, da homenagem tributada a Carvalho em 2020. Apesar da pandemia, a celebração chegou até onde não era imaginável que chegasse. Houve uma grande implicação, institucional e informal, e uma

---

<sup>27</sup> Castelao 2019.

<sup>28</sup> Outorgou-se por última vez em 2016. Deveria ter havido edições em 2018 e 2020.

magnífica resposta. Apesar de que o confinamento e a pandemia cercearam a difusão, em especial num dos âmbitos mais importantes: o ensino.

### **A Corunha, Outono 2020**

Em dezembro de 2020, saiu o nosso livro *Carvalho sempre* (Soto & Roca 2020). Somávamo-nos, no último suspiro, às celebrações, que, segundo reclamavam diversas, numerosas e significativas vozes e instituições, deveriam prolongar-se no vindouro ano, ao ser-lhe dedicadas a Carvalho também as Letras Galegas 2021.

Porém, não foi essa a decisão que tomou a Academia Galega, poucas semanas depois, assi como não celebrou o ato central das comemorações, como estava previsto, em Ferrol. Esta decisão, adotada alegando a pandemia, mereceu a reprovação e protesta do concelho de Ferrol.

Contudo, a homenagem a Carvalho, por parte de pessoas, associações e instituições, iria prosseguir nos meses e o ano seguintes.

### **A Corunha, janeiro 2021**

A passear pelo porto da Corunha, exatamente na doca, durante o mês de janeiro de 2021, pôde contemplar-se a exposição *Ricardo Carvalho Calero*, uma série de esplêndidos, tanto do ponto de vista da imagem como do texto, 28 cartazes, montados em 14 expositores, sobre a vida e obra de D. Ricardo. Tareixa colaborou ativamente com as pessoas organizadoras nalgum dos painéis.

Sentado nalgum dos bancos de por ali, observei, em diversas ocasiões, a quantidade e variedade da gente que se detinha e, devagar, contemplava a exposição. Para mim, era esta uma mostra de algo que acontecera ao longo de todo o ano com a celebração destas Letras Galegas. Com Carvalho, deu-se um duplo reconhecimento público, *de* Carvalho e *em* Carvalho. Produziu-se uma circulação bidirecional entre a sua figura e o público, a comunidade galega, que reconheceu o homenageado e se reconheceu no homenageado. Por outras palavras, o descobrimento e a valorização da vida e da obra de Carvalho, a apreciação da sua dignidade, traduziu-se, como efeito, numa dignificação coletiva.

### **Ferrol, Primavera 2021**

No primeiro dia da Feira do Livro de Ferrol, 23-25 abril de 2021, instalada na praça da Constituição, tivemos ocasião de assinar exemplares do nosso livro sobre Carvalho (Soto & Roca 2020). Como outros autores, fomos selecionados

por termos escrito sobre o mestre ferrolano, ao qual os organizadores queriam dar especial relevo nesta edição da feira na sua cidade natal.

Eis mais uma mostra do continuado interesse por Carvalho.

### **A Corunha, Verão 2021**

*Last but not least*: a galeria Black Box, na Corunha, acolheu, de 19 a 23 de julho, a exposição *Ricardo Carballo Calero en Lugo*. Como pode apreciar-se, mais de um ano e meio depois, seguia a circular pela geografia galega.

Pois bem, no curso dessa semana, no dia 22 de julho pela tarde, houve uma mesa-redonda, verdadeiramente uma tertúlia com participação do público, na qual intervínhamos Anxeles Penas, Miguel Anxo Fernán Vello, Tareixa e eu. O aforo estava completo e algumas pessoas assistiram desde a porta.

Em meu ver, os factos falam por si sós. As Letras Galegas 2020 significaram um retorno de Carvalho, cuja presença prossegue, devido ao interesse despertado pelas comemorações acerca da sua figura e a sua obra na sociedade galega.

### **Bibliografía**

A “Nova Renascença” (1991), “*In memoriam*”, *Nova Renascença nº41 Primavera de 1991*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1991, pp. 7-9.

Blanco, Carmen (1991), *Carvalho Calero: Política e Cultura*, Edicións do Castro, Sada-A Corunha, 1991.

Carvalho Calero, Ricardo (1981), *Historia da Literatura Galega Contemporánea*, Galaxia, Vigo, 1981, 3ª edición.

Carvalho Calero, Ricardo (1984), *Narrativa completa*, Edicións do Castro, Sada-A Corunha, 1984.

Carvalho Calero, Ricardo (1986), *Cantigas de amigo e outros poemas*, AGAL, A Corunha, 1986.

Carvalho Calero, Ricardo (1987), *Scórpico*, Sotelo Blanco, Barcelona, 1987.

Carvalho Calero, Ricardo (1989), “Poemas”, *Nova Renascença nº34 Primavera de 1989*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1989, pp. 78-86.

Carvalho Calero, Ricardo (1990), *Reticências... (1986-1989)*, Sotelo Blanco, Barcelona, 1990.

Carvalho Calero, Ricardo (1990), “Outramente Barthes”, *Umha voz na Galiza*, Sotelo Blanco, Barcelona, 1990, pp. 328-330.

Carvalho Calero, Ricardo (2001), “Falta um capítulo em *El caballero de las botas azules*”, *Nova Renascença nº72/73 Inverno/Primavera de 1999*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2001, pp. 13-20.

- Castelao Mexuto, Manuel (2019), *Elucidacións na sombra. Carvalho en escena*, Laiovento, Santiago de Compostela, 2019.
- Henríquez Salido, María do Carmo (2001), “O professor Carvalho Calero, humanista e lingüista”, *Nova Renascença n.º72/73 Inverno/Primavera de 1999*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2001, pp. 33-43.
- Lourenço, Eduardo (1982), *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Dom Quixote, Lisboa, 1982, 2ª edição.
- Otero Pedrayo, Ramón (1930), *Arredor de si, Nós*, A Corunha, 1930.
- Pondal, Eduardo (2017), *Queixumes dos pinos*, La Voz de Galicia, A Corunha, 1886, 2017.
- Roca, Tareixa (2001), “Ricardo Carvalho Calero: Achegas bio-bibliográficas”, *Nova Renascença n.º72/73 Inverno/Primavera de 1999*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2001, pp. 21-32.
- Rodríguez, José Luís (ed.) (2000), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, I-II, Parlamento de Galicia & Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2000.
- Seabra, José Augusto (2000), “*In memoriam Ricardo Carvalho Calero*”, in José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, I, Parlamento de Galicia & Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2000, p. 81.
- Soto, Luís G. (1988), *Outramente Barthes*, Nova Renascença, Porto, 1988.
- Soto, Luís G. (2012), *O labirinto da saudade*, Laiovento, Santiago de Compostela, 2012.
- Soto, Luís G. (2015), *Meditação sobre a Saudade*, Zéfiro, Sintra (Portugal), 2015.
- Soto, Luís G. e Roca, Tareixa (2020), *Carvalho sempre*, Espiral Maior, Carballo-A Corunha, 2020.

## LUÍS G. SOTO

Luís G. Soto, professor da Universidade de Santiago de Compostela (USC), publicou os livros: *Outramente Barthes* (Nova Renascença, Porto, 1988); *Paz, guerra e violencia* (Espiral Maior, A Corunha, 2003); *Aristóteles* (Baía Edicións, A Corunha, 2003); a tradução a galego de G. Hottois e J. N. Missa (dirs.), *Nova enciclopedia de bioética* (USC, 2005), prémio “Mellor libro do ano 2005”; *Paz, guerra y violencia* (Espiral Maior, A Corunha, 2006); *O espírito da letra* (Espiral Maior, A Corunha, 2008); *Teoría de la justicia e idea del derecho en Aristóteles*, (Marcial Pons, Madrid-Barcelona-Buenos Aires, 2011); *O labirinto da saudade* (Laiovento, Santiago de Compostela, 2012), Prémio Carvalho Calero 2012; *Barthes filósofo* (Galaxia, Vigo, 2015), Prémio Ramón Piñeiro 2014; *Meditação sobre a saudade* (Zéfiro, Sintra, 2015); *Outros e novos queixumes. De filosofía e literatura en Queixumes dos pinos de Eduardo Pondal* (USC, 2019) e a tradução a galego de H. Heine, *O Mar do Norte. Die Nordsee* (Espiral Maior, A Corunha, 2015). Com Tareixa Roca: *Carvalho sempre* (Espiral Maior, Carballo-A Corunha, 2020).



**O meu Carvalho  
(na poesia e no teatro)**

Manuel Castelao Mexuto

**Resumo**

Introdução à poesia e ao teatro de Ricardo Carvalho Calero com atenção ao contexto biográfico das sucessivas publicações nessas duas áreas da sua criação intelectual.

**Palavras-chave**

Poesia galega do s. XX, teatro galego do s. XX, Ricardo Carvalho Calero, Ricardo Carballo Calero, literatura galega do s. XX.

**Abstract**

An introduction to poetry and theatre written by Ricardo Carvalho Calero, with an examination of the biographical context of publications in both areas of his intellectual activity.

**Key words**

XX Century Galician poetry, XX Century Galician theatre, Ricardo Carvalho Calero, Ricardo Carballo Calero, XX Century Galician literature.

## **Nosso professor**

Dessa coisa que nos rodeia por toda a parte sem nós repararmos e que chamamos “cultura” é possível fazer imensas definições. A meu ver, a cultura é a forma privilegiada do diálogo entre os vivos e os mortos, porque a nossa herança cultural consiste em tudo o que criaram os que nos precederam e isso, naturalmente, também envolve o legado dos nossos entes queridos já ausentes. Deles conservamos uma memória íntima, feita de lembranças que são a forma mais intensa da fotografia ou do vídeo, mas de Carvalho Calero temos uma criação que revive em cada geração de leitores, sempre a mesma (os textos que nos deixou) e sempre diferente, porque só vive através da atualização que cada leitor faz deles. Assim, lermos Carvalho é a forma de o encarnar para que passe a ser uma companhia íntima, um outro com quem vamos fazendo o caminho da nossa vida.

Falo do caminho da vida e eu já estou na segunda metade, ou no terceiro terço, da minha. Por isso, pude ter um conhecimento presencial de Carvalho Calero. Lembro Carvalho e a lembrança leva-me aquando eu tinha menos de vinte anos e ele foi nosso professor na Universidade. Aqueles anos do tardofranquismo e da transição para a atual democracia espanhola, foram, para toda a minha geração, tempos de esperança, de abertura do campo do possível, de exploração de novas formas de viver a vida, de amar e de organizar a sociedade. Era um desses momentos em que o ser humano se sente capaz de exercer a sua autonomia e, então, o que sempre nos dizem que é impossível (triste mentira conservadora) aparece como possível.

Não por acaso aqueles tempos foram, depois, muito caricaturados, porque ao poder interessava enterrar para sempre os valores que então se defendiam (os de sempre: liberdade, igualdade, fraternidade), anos caricaturados também porque a outros envergonhava lembrarem os ideais a que renunciaram e a todos convinha adaptar-se a tempos onde se dizia que a História tinha acabado e que vivíamos num mundo horrível, que, contudo, era o melhor que tinha havido e, até, o melhor dos mundos possíveis.

## **Antes e depois da guerra**

Faço esta viagem a tais anos de mudança para tomar pé nela e, com essa sensação de que a História está a mover-se, remontar à juventude de Carvalho, aos tempos da Segunda República e aos anos que a precederam. Ele falou em

euforia e esperança<sup>1</sup> para aqueles tempos, em que, com termos dos seus poemas da altura, podiam encontrar-se “o real e o ideal”, “o ser e o dever ser”<sup>2</sup> e era possível apressar o “boi canso” (PI 28) do tempo, porque a “nau do ideal” (PI 19) singrava “vieiros non sulcados”.

Temos então um jovem brilhantíssimo, que espantava todos os que o conheciam e que gozava de um enorme prestígio, um moço que tanto criava poesia quanto fazia crítica literária, escrevia ensaios ou pronunciava discursos, comprometido politicamente. Citarei só um fragmento do discurso que fez em representação do corpo discente na abertura oficial de um ano académico: “Somos galeguistas porque é a única maneira de ser refleisivamente galegos.”<sup>3</sup>

Estudava Direito para tentar ganhar a vida, ainda que o que a ele interessava eram as Letras. Publica o seu primeiro livro de poesia, *Trinitarias*, em castelhano, em 1928,<sup>4</sup> mas já escrevia em galego desde antes e assim sai *Vieiros* em 1931.<sup>5</sup> No ano seguinte, publicou um último livro de poemas em castelhano, *La soledad confusa*.<sup>6</sup> Redige, com Luís Tobio, um anteprojeto de estatuto galego (1931), bem mais progressista, com certeza, que os aprovados posteriormente.<sup>7</sup> Depois dos estudos de Direito, cursa Filosofia e Letras, Humanidades de hoje, “por livre”, quer dizer, à distancia, não com ensino presencial, e publica, em 1934, *O silenzo axionllado*, título tirado de um poema em que homenageia Rosalia Castro.

Como é sabido, este momento de esperança e euforia foi aniquilado pelo levantamento militar, com a particularidade de que o “bando de guerra” de Fran-

<sup>1</sup> Vid. *Conversas en Compostela con Carballo Calero*, Barcelona, Sotelo Blanco, 1986, p. 76.

<sup>2</sup> Vid. *Pretérito imperfeito* (1927-1961), Sada-A Corunha, Do Castro, 1980, p. 20. No texto que se segue, esta obra será designada com a abreviação PI. No geral, quando fizermos alguma correção de gralhas no texto de Carvalho, irá entre parênteses retos.

<sup>3</sup> Vid. *Ricardo Carvalho Calero, orador. Discursos e leccións*, ed., intr. e notas de M<sup>a</sup> Pilar García Negro, Santiago, Parlamento de Galicia, 2020, p. 29.

<sup>4</sup> Ferrol, El Correo Gallego, 1928.

<sup>5</sup> Carvalho, no prólogo a *Pretérito imperfeito* (p. 9), escreveu que o livro foi publicado em 1930, mas a capa da edição de Nós diz 1931.

<sup>6</sup> Santiago, Nós, 1932.

<sup>7</sup> Reparemos apenas no início: “A Galiza é un Estado libre drento da República Federal Española”, vid. *La fuerza pública en la Universidad de Santiago y otros escritos escolares* (1930-1933), Sada-A Corunha, Do Castro, 1987, p. 115.

co apanhou Carvalho em Madrid, quando estava a fazer um concurso de modo a se tornar professor de ensino secundário. Alista-se no exército republicano e faz a guerra. A guerra é sempre atroz, ainda se se lutar por valores justos, no caso dele, pela democracia face à barbárie e todo o horror da guerra expressa-se muito bem num poema citado com frequência.<sup>8</sup> Diz assim: “Non sei/ se matei./ Estiven/ na trincheira./ Non vin/ o meu/ nemigo./ Disparei./ Non sei/ se matei./ Fun ferido./ Mais/ non/ sei/ se/ matei./ Toupa cega,/ non teño outro ollo/ que o ollo/ do meu fusil./ ¿Se cadra o ten visto/ o meu/ nemigo?/ Olladas de fogo/ cruzan-se entre/ os dous:/ eu/ e o meu/ nemigo./ Fun ferido./ Eu/ non/ sei/ se/ matei.” Esse “non sei se matei” foi a cruz de muita gente que se viu forçada a participar na guerra, eu me lembro em criança de perguntar ao meu tio se tinha morto alguém, e ele, como Carvalho, respondeu que não sabia. Não é preciso sublinhar o eficaz laconismo do poema, esses versos quebrados, vacilantes, entre o temor e a dúvida, essa dicção descontínua e, ao mesmo tempo, contundente.

Há um poema em *Cantigas de amigo* que nos faz ver como a humanidade pode sobreviver ao horror.<sup>9</sup> É o que retrata a tripla violação de uma rapariga de dezasseis anos no campo republicano. Quando os três abjetos se dispõem a recomeçar, aparece um oficial que os põe em fuga e, dias depois, visita-a no hospital, acaba dando-lhe hospedagem na casa da mãe dele e, em passando o tempo, ambos constroem um amor que só o rompe o fuzilamento dele no final da guerra. Então, ela, em lugar de voltar para a sua família do bando conservador, fica com a mãe do oficial e o poema conclui assim: “E estarei com ela até que ela morra,/ ou até que morra eu;/ porque el era o meu marido,/ e eu som a sua viúva. [65/66]/ E ainda que foi acusado de dar morte/ a combatentes que já se renderam,/ e de propugnar o extermínio/ dos partidários da ordem e da relijiom,/ eu sei que nunca cometeu tais crimes;/ e a mim, de umha família de direitas,/ protegeu-me contra os meus violadores,/ e tratou-me como a sua mulher,/ com grande bondade e delicadeza,/ e a sua nai foi para mim como umha nai.// Assi que prefiro viver na pobreza,/ como viúva daquel que fixerom morrer os que se diziam justos/ e defensores das crenças e das formas de vida/ em que fum educada.// E vivo como filha daquela anciá pobre,/ que foi nai

<sup>8</sup> Vid. *Futuro condicional* (1961-1980), Sada-A Corunha, Do Castro, 1982, p. 23-4. No que se segue, usarei a abreviação FC para me referir a este livro.

<sup>9</sup> Vid. *Cantigas de amigo e outros poemas* (1980-1985), A Corunha, AGAL, 1986, pp. 63-66. A abreviação será CA.

de quem me amou e a quem amei./ Porque já nom som a filha dos meus ricos pais./ senom a viúva do meu valoroso marido.” — reparemos na eficaz dilogia de “valoroso”, valioso e destemido.

A geração de Carvalho, por razões sobejas, foi uma geração traumatizada pela guerra. Reparemos em que o romance de Carvalho que a recria, com livre inspiração na memória pessoal do autor, *Scórpio*,<sup>10</sup> só o conseguiu escrever muitíssimos anos depois (acontece o mesmo, no geral, com os textos dele que se referem à guerra). Quando a guerra concluiu, Carvalho viu-se submetido, como tantos outros, a um processo para “depurar as suas responsabilidades”. A família mobilizou-se e conseguiu “avales” de pessoas de toda a confiança para os insurretos vencedores, como uma altíssima patente da Falange Española, Jesús Suevos. Tudo parecia que ia correr bem até que Torrente Ballester, o famoso escritor, que fora filiado do Partido Galeguista e se “reciclara” como falangista, enviou uma comunicação ao tribunal a dizer que o réu era boa pessoa, mas tinha sido representante do Partido Galeguista.<sup>11</sup> Isso contribuiu para a condenação de Carvalho num dos milhares de simulacros de processo que então se celebraram. Muitos anos volvidos, Torrente teve a lata de visitar Carvalho e este a grandeza de o receber. A esposa de Carvalho, dona Maria Ignácia, Maria Silgar como escritora, negou-se de forma terminante, como é natural.

Durante a vida de Carvalho no cárcere, ao ficar tudo sujeito a vigilância, tinha de escrever em espanhol e, não podendo escrever outra coisa, fazia poesia amorosa, retratos de mulheres, um livro de sonetos titulado *Teoría de Eva* que ele nunca editou, mas que um crítico deu à luz há já anos, juntamente com outros textos.<sup>12</sup>

Carvalho apenas conheceu a sua primeira filha, nascida quando a guerra começava, ao sair do cárcere e agora deixo que fale por mim Pilar Garcia Negro num excelente livro, *Ricardo Carvalho Calero. Escritor e profesor, galego cabal*.<sup>13</sup> Diz ela: “Estamos nos anos da imediata posguerra, que nos

<sup>10</sup> Santiago, Sotelo Blanco, 1987. Não tratamos aqui da obra narrativa, mas, a meu ver, *Scórpio* é, com *Loaira* (1992) do Anxo R. Ballesteros, o melhor romance galego do S. XX.

<sup>11</sup> Vid. Aurora Marco: *Foula e ronsel. Os anos que marcaron a biografía de Carvalho Calero (1910-1941)*, Santiago, Laidvento, 2020, 2ª ed., pp. 173-4. A leitura crítica dos documentos do processo militar não desmente a versão de A. Marco.

<sup>12</sup> Vid. *Poesía perdida*, ed. de Claudio Rodríguez Fer, Sada-A Corunha, Do Castro, 1993.

<sup>13</sup> A Corunha, La Voz de Galicia, 2020, p. 43.

permitimos denominar segunda guerra, a teor dunha persecución do réxime contra os ‘desafectos’, dun control absoluto de vidas e actividades, dunha represión (...) que funcionou sen interrupción como continuación do xenocidio perpetrado na guerra. Carvalho e a súa familia tamén a padecen. Reinstalada esta en Ferrol, o noso protagonista encóntrase en situación de liberdade condicional, debe comparecer periodicamente perante a autoridade xudicial ou policial, sofre rexistros (até na carboeira da cociña) na procura de libros ou documentos *perigosos*. Está marcado, en definitiva.”

Naturalmente, como continua a dizer Pilar (p. 48), “imponse achar traballo, aínda que sexa precario e sen legalizar, en condicións semiclandestinas. (...) procura acubillo no traballo docente. Será en academias e dando pasantías. Nas primeiras, non pode asinar actas e a súa remuneración, non oficial, depende da vontade do contratador.” Nas memórias de Pérez-Barreiro Nolla, *Amada liberdade*,<sup>14</sup> temos una boa descrición das aulas de Carvalho naquelas circunstancias e, no xeral, um retrato dele que recomendo vivamente.

Um poema escrito muitíssimos anos depois descreve com perfeição a atmosfera sufocante do pós-guerra. Começa com uma interrogação que por terrível deixa de ser retórica: “Como podemos viver?” e diz assim:<sup>15</sup> “Como podemos/ viver? Os olhos múltiplos e insones/ de Medusa fixos em nós à espreita./ As bocas das metralhetas/ apontando-nos. A censura/ postal — fatídico agoireiro —/ lendo as nossas entranhas./ Os sacristaos passando lista/ às portas das igrejas. Nos cafés,/ os contertúlios anotando/ as nossas reacções perante/ as notícias do rádio./ Clitemnestra na cama./ Na escola, os nossos filhos aprendendo/ a condenar-nos, a/ desprezar-nos, a/ denunciar-nos, a falarem na língua/ com que insultados fomos e julgados/ réprobos, e na qual foi estendida/ a acta que nos levou/ ao paredom, ao cárcere, ao desterro;/ a língua com que nos indultaram/ para nos reinserir arrependidos/ no mundo que quigéramos/ substituir. Muitos morreram, mas/ nom falo agora desses mortos; falo/ dos que tiverom que viver morrendo/ entre os seus matadores, lendo a imprensa [129/130]/ que de lama os enchera, saudando/ as insígnias contra as quais militaram./ Como podemos/ viver? E mais vivêmos./ E comêmos, dorm[i]mos, engendrámos/ crianças: se havia quê comer, se havia/ leito para

<sup>14</sup> Vigo, Xerais, 2012, vid., por exemplo, a p. 18-19.

<sup>15</sup> Vid. *Reticências...* (1986-1989), Santiago, Sotelo Blanco, 1990, pp. 129-131. Será citado através da abreviação R.

dormir ou para amar./ E é que, assi como o home sossegado,/ bondoso e cortês,  
pode/ converter-se em malvado,/ besta cruel; e a mulher terna e fina,/ em selvagem  
ouveante alimária:/ assi tamém o home inquieto,/ íntegro e valoroso  
pode/ transformar-se em sofrida/ besta de carga ou tiro, e a mulher/ que as teias  
acendia da vitória,/ em abatida fêmea/ de miserenta espécie soterranha.”

Neste poema, a dor lateja com raiva e manifesta-se com uma veemência pouco habitual em Carvalho. É muito interessante ele ter dito que escrevia poesia quando tentava dar forma a uma emoção forte de mais. Porém, isto nunca era, não podia ser, uma translação direta, não elaborada, da vivência. O que ele experimentou na própria carne é objetivado e posto à distância de modo a torná-lo comunicação eficiente para o público leitor. A prova de que, no poema, a intensidade emotiva está sob controlo é a referência à Clitemnestra da *Oresteia* — lembremos que assassinou o marido, tinha a filha Electra escravizada e, com certeza, era o total oposto da esposa de Carvalho. De resto, a descrição do universo sociocultural do pós-guerra e do franquismo é implacável. Faz lembrar a banalidade do mal da Hannah Arendt, banal na plena significação do galicismo: o trivial, o comum, o quotidiano e, portanto, a forma anódina em que o mal permeia toda a vida social de cada dia.

Assim dizem outros versos do poema (R 130): “Isso é ser home: humilhar ao home/ ou humilhar-se perante o home. Todos/ podemos humilhar-nos e humilhar.” Ora, a continuação introduz um matiz decisivo: “Mister seria/ (...) conquistar umha faísca/ de lume prometeico e ser/ um pouco deuses, home e deus à par,/ na força e na renúncia;/ mas isso só é possível [130/131]/ sobranceando o humano”. Por outras palavras: aquele humilhar ou ser humilhado é ser homem naquele tempo e naquele lugar onde o mal impera, na sociedade do franquismo que está a retratar, porque ser homem também é aspirar a transcender as misérias impostas à humana condição. Sobre isto, a leitura doutros poemas não deixa nenhuma dúvida. Evoco só dois passos de *Reticências...* (40): “o home é home enquanto quer ser mais/ que home” e “Negaçom/ o home é do home, mas assi só é home.” “Home”, com certeza, tem aqui o valor de ‘ser humano’, o *anthropos* grego, homem e mulher.

### **A escrita como resistência**

Estamos, lembre-se, com Carvalho a viver mal sobre a base de dar aulas e, mesmo assim, encontra forças para, em 1948, o *annus mirabilis* da criação teatral

de Carvalho, escrever *A sombra de Orfeu*, *Farsa das zocas* e *A árbore*. Temos aí duas das três obras-primas da arte dramática de Carvalho, que são, a meu ver, as citadas *A sombra de Orfeu*, *Farsa das zocas* e *Auto do prisioneiro*. *Farsa das zocas* foi a obra mais popular de Carvalho, difundida através da sua publicação no número 1 de *Grial* em 1963, muitas vezes representada, porque retoma um universo típica e topicamente associado à galeguidade (de facto, parte duma história tradicional), mas reelaborada desde a estética teatral do século XX, numa releitura muito inteligente do distanciamento (ou estranhamento, o famoso *Verfremdungseffekt*), mais à Pirandello do que à Brecht, pois as personagens, reformulações de tipos tradicionais, quase típicos, interpelam diretamente o público quando aparecem no palco pela primeira vez<sup>16</sup> e isso pede uma encenação não tradicional, porque põe em destaque a “quarta parede” da convenção teatral, a que permite a visão do público e os atores fazem de conta que existe. O jogo com a quarta parede dá-se também, em diferentes formas, noutras obras.

A mim interessa-me muito *A sombra de Orfeu*, o que hoje chamaríamos uma “comédia dramática”, e direi o porquê. A trama tem por base a chegada de um músico a uma casinha no monte, onde se vai encerrar, com a sua secretária Luísa, para compor um quarteto que lhe foi encomendado. A circunstância é aproveitada pela ex-cônjuge do compositor, que vai pintar um retrato do músico, também uma encomenda. A obra decorre, a partir daí, com um rico movimento dramático, em que também andam envolvidas as discípulas da pintora (em particular, Magdalena, a mais brilhante), e todo esse dinamismo dramático, onde o ofício teatral de Carvalho se faz evidente, por exemplo, no magnífico uso do espaço cénico, produz inspiradoras sugestões sobre as relações entre a arte e os afetos ou a arte e a sociedade.

D’*A sombra de Orfeu* é possível ver no meu livro *Elucidacións na Sombra*<sup>17</sup> uma análise linha por linha, cena por cena, propondo ao leitor todos os problemas para a sua imaginária encenação e tornando-o virtual encenador. Agora só vou tratar dalgumas dimensões da “sombra” mencionada no título sem o propósito

---

<sup>16</sup> Carvalho lembrou que a técnica existe no teatro chinês, mas sublinhou a modernidade da peça, “com unha técnica audaz, simplificada pero ao mesmo tempo cuidadosa.” Vid. Francisco Salinas Portugal: *Voz e silêncio: entrevista con Ricardo Carvalho Calero*, Vilaboa (Pontevedra), Do Cumio, 1991, p. 79. Aliás, o recurso a culturas não europeias é um traço bem conhecido das vanguardas históricas e, portanto, caracteristicamente modernista.

<sup>17</sup> Santiago, Laiovento, 2020, 2ª ed. corrigida e acrescentada.

de a esgotar. O que a obra evidencia é como os afetos que unem as personagens se relacionam com a criação artística, quer musical ou pictórica, como a arte atua como veículo na circulação desses afetos e esses afetos, em diferentes formas, constituem uma sombra necessária, indispensável para a vida da arte.

O mesmo acontece com a presença da sociedade na produção artística, em dois sentidos: um, tocante à ideia de autonomia e isolamento do artista, a torre de marfim topicamente associada à arte, que vai de mãos dadas com muitas escravidões, até domésticas, e de um produzir para o mercado e, então, o desinteresse estético e a contemplação desinteressada do espectador têm sempre por baixo, como uma sombra, o interesse económico; em segundo lugar e sobretudo, porque, no mundo de artistas que protagonizam a obra, um bocado *british*, como de filme da BBC, a vida continua e todo o sórdido universo da Ditadura que rodeava o autor real foi omitido, posto em sombra.

Enganar-se-ia redondamente quem visse nisso alguma forma de escapismo. Constitui um ato de resistência, um exercício de liberdade no meio da opressão. É uma resposta da obra à sociedade bem descrita por Theodor W. Adorno: quando a força do poder opressivo é quase irresistível, a obra afirma-se construindo um mundo onde essa pressão está — quase — ausente, um mundo livre das peias coetâneas mais sufocantes, quer dizer, a obra antecipa um espaço-tempo onde a comunicação cultural galega fique plenamente garantida, pois não colhe esquecermos que as personagens são intelectuais ou artistas; por extensão: antecipa um mundo onde a classe social a que eles pertencem — a burguesia, em sentido largo — estivesse regaleguizada, falasse galego e sustentasse a sua produção artística.

O autor tinha lúcida consciência disso e provam-no as declarações a Miguel Anxo Fernán-Vello e Francisco Pillado sobre essa intensa atividade de escritor quando era impossível pensar na representação ou na publicação das obras, mesmo se ele, como bem disse, nunca escrevia “teatro para ler” (*Conversas en Compostela...*, p. 111 e 112). E continua Carvalho: “o escritor galego daquela época, formado como eu me formei, de nengunha maneira dava por definitiva a situación que entón reinava, (...) alentava en nós a esperanza doutro tempo futuro en que a literatura galega recuperase a plenitude que xa iniciara con anterioridade à guerra, e que superase incluso aquela situación, (...) havia que imaxinar un tempo futuro en que existise un teatro galego pleno con obras representadas (...) e havia que traballar con vistas a el. Estas duas razóns: a necesidade do solilóquio,

próprio do escritor que se desdobra em realizador e espectador da sua própria obra, e a esperanza dun futuro en que o teatro galego fose unha realidade social, explican que escrevese tantas obras que de momento estaban condenadas, non só a non representar-se, senón a non publicar-se sequer” (p. 109-110).

Ao mesmo vai dar o “Limiar” da *Narrativa completa*.<sup>18</sup> Diz que escribía nessas circunstâncias tão difíceis “para loitar contra a destrutora hostilidade dun tempo valeiro e adverso que había que encher e conjurar coa actividade que nos defende de nós mesmos e do mundo circunstante”. Em suma: escrever, escrever e esperar contra toda a esperanza, nos termos do próprio Carvalho (*Voz e silencio*, p. 88), que se aplicam perfeitamente àquele tempo e, com certeza, também a outros.

Chegamos assim aos anos cinquenta, os anos “Fingoi”, em que, por virtude da mediação de Álvaro Gil, Antonio Fernández López, o fundador do colégio “Fingoy” de Lugo, vai contratar Carvalho como professor e diretor na sombra (por ser um “represaliado”, continuava sem poder assinar nem ser diretor de nada). Ali, além de trabalhar a oito e orientar o colégio numa linha progressista a anos luz do ensino coetâneo, vai ter tempo para encenar os espetáculos que representavam os alunos. Para tal efeito, adapta uma peça chinesa em *O redondel*, de 1951. Do ponto de vista da literatura, duas são as atividades fundamentais. Por uma parte, volta a publicar poesia, *Anxo de terra*, na coleção “Benito Soto” de Pontevedra, em 1950, e *Poemas pendurados dun cabelo*, no 52, em Xistral (a editora fundada por Manuel Maria e Ánxel Johán em Lugo), mas talvez, neste momento, seja ainda mais relevante a sua vontade de contribuir para o desenvolvimento da prosa, visto que a tradição literária no campo da poesia já estava consolidada. Por isso escreve *A xente da Barreira*.<sup>19</sup>

## O erudito

A seguir, Carvalho põe-se a trabalhar na sua tese de doutoramento e com isso começa a definir o perfil com que será mais conhecido nos seguintes decénios. Os trabalhos da tese refletir-se-ão nas suas *Aportaciones fundamentales a la literatura gallega contemporánea*<sup>20</sup> (o adjetivo “fundamentales” qualifica os au-

<sup>18</sup> Sada-A Corunha, Do Castro, 1984, p. 11.

<sup>19</sup> Santiago, Bibliófilos Gallegos, 1951.

<sup>20</sup> Madrid, Gredos, 1955. A editora apagou “fundamentales” na capa final do livro.

tores tratados, não as páginas de Carvalho) e também são a base de *Sete poetas galegos*,<sup>21</sup> que foi objeto de um plágio integral em espanhol e onde o plagiário, nem ser lembrado merece, acrescentou da sua mão um capítulo sobre Carvalho. Todo um signo da época. Como explica a Pilar Garcia Negro no livro citado, Carvalho tentou que Galáxia fosse a tribunal, como possuidora dos direitos, mas Galáxia nada fez.

Porém, já em 1953, Piñeiro tinha-lhe encomendado uma “História da literatura galega” e esse monumental trabalho de anos e anos com a única ajuda da sua família, juntamente com a reintegração dele no ensino público como professor de ensino secundário em Santiago em meados dos anos sessenta e as aulas de galego que começa a ministrar como professor contratado (e miseramente pago) na Universidade, vão tornar Carvalho muito conhecido, mas encerrado na figura, nem sempre simpática, do professor ou do erudito, com escurecimento da sua obra literária. Lembremos que publica também a *Gramática elemental del gallego común* pela primeira vez em 1966 (Vigo, Galaxia). A sua condição de poeta aparecia como uma atividade marginal, mesmo se no ano 61 saiu do prelo um livro importante, *Salterio de Fingoy* (Vigo, Galaxia). O seu teatro era quase desconhecido, exceto a *Farsa das zocas* (também a *A arbre* é difundida em Grial em 1965); a narrativa, em publicações de difícil acesso ou inédita, como a magnífica *O lar de Clara* — entón *O fogar de Crara*. E a visão dele como senhor erudito ainda vinha acentuada pelo facto de que, a meu ver, Carvalho era um grande tímido. Daí, o que podia parecer frieza inicial no trato com ele e não o era — ou era-o como máscara.

O decénio de sessenta culmina com a escrita de outra das suas melhores peças teatrais, *Auto do prisioneiro* (1969), com uma primeira publicação em *Grial* no ano seguinte. Apresenta-nos um filho que vive preso na cela de uma torre, onde foi enfiado pelo seu pai, que é o diretor da prisão, por razões desconhecidas. Todo o esforço do filho, que cumpre trinta anos no dia em que se desenvolve a obra, é ter alguma forma de contacto com o seu pai, receber uma mensagem nesse dia, aceder a ele. No seu encarceramento é visitado por diversas personagens, o guarda, o oficial, a mãe, a sua namorada Laura, os amigos, e logo compreendemos que se trata de uma prisão de natureza muito especial, porque na cela do recluso há uma porta sempre fechada que conduz ao gabinete do diretor.

---

<sup>21</sup> Vigo, Galaxia, 1955.

A inspiração na calderoniana *La vida es sueño* (1635) é óbvia, visto que Carvalho conhecia muito bem o teatro clássico espanhol e mesmo era capaz de recitar de cor obras inteiras, mas ele leva a trama numa direção completamente diferente, por o tratamento do conflito filho-pai ser feito em termos do século XX, uma vez que a obra regista o encontro de Carvalho com as tradições do teatro existencialista e do teatro do absurdo. O agónico percurso desse filho que se esgota na espera de uma comunicação do seu pai suscita múltiplas leituras, nomeadamente, a de carácter psicológico (a difícil construção da identidade quando o pai está ausente), a de carácter político (em relação com os processos de deslegitimação do poder e da autoridade no mundo do capitalismo avançado) e a óbvia leitura religiosa, em relação com o silêncio ou a ausência de Deus. A obra, profundamente irónica, é outra prova concludente do apurado ofício teatral de Carvalho, obra tão difícil de levar à cena quanto rica em possibilidades, como bem verá quem ler o meu *Elucidacións na Sombra*. Em todo o caso, confirma a condição de Carvalho como um dos autores maiores do teatro galego.

Pouco depois, em 1971, Carvalho reúne os textos mais representativos do seu teatro no volume *Catro pezas* (Vigo, Galaxia), tornando-os assim acessíveis, ainda que isso não levou a que, p.e., *A sombra de Orfeu* conhecesse as luzes do palco. Mesmo hoje, tantos anos depois, não foi estreada. É um escândalo, porque é uma obra de grande qualidade e que interessaria um público amplíssimo. Também no início deste decénio tem lugar a consagração, digamos, do trabalho dele na Universidade de Santiago com o acesso à Cátedra de Linguística e Literatura Galega e todas as publicações dos setenta são coerentes com a imagem do Carvalho professor, sábio da literatura e da língua, preocupado também com a fixação da norma-padrão para o galego.

### As edições definitivas

Temos de esperar os anos oitenta para que a obra do autor teatral e do poeta voltem à palestra através das edições definitivas que O Castro vai publicando. No teatro,<sup>22</sup> saem agora à luz, além das conhecidas, *O fillo* (de 1935), *Isabel* (de 45) e *Os xefes*, de 1980. Em poesia, são os anos de dois volumes marcantes: um, *Pretérito imperfeito* (1980), em que seleciona o que considera relevante da sua produção poética até 1961, revisando a língua mas sem cair no erro de abandonar o léxico histórico da literatura galega que os normatizadores da al-

<sup>22</sup> *Teatro completo*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1982.

tura declararam ilegal e as editoras apagaram dos dicionários, tornando-o incompreensível para o leitor (mas prefiro não falar destas néscias práticas sobre as quais Carvalho escreveu páginas memoráveis, criticando a perversa necrofagia dos corretores a deturparem as obras). Ora, se os textos de *Pretérito imperfeito* eram conhecidos, em *Futuro condicional* (de 1982) encontramos um tesouro ignorado, vinte anos de esplêndidos poemas.

Não se tem salientado a sábia arquitetura das duas compilações, combinando poemas longos e breves, ritmos, densidades... Há nelas uma exploração incansável de todas as formas poéticas, clássicas e modernas, trata uma enorme variedade de assuntos, até ao ponto de que se torna difícil falar da obra poética sem correr o risco de simplificar. Também não se tem comentado como as compilações modificam a imagem da obra poética de Carvalho, quer dizer, a obra mostra-se diferente se a lermos a partir das publicações prévias ou se a contemplarmos a partir da imagem definitiva que o autor construiu na sua plena maturidade e que deve ser a nossa referência fundamental para a interpretação.

*Futuro condicional* foi dividido por Carvalho em três partes. Abre o livro a secção titulada “Escalibur”, definida por ele como poesia de carácter meditativo. A seguir, “Venusberg” (traduzido, o monte de Vénus), dominada, sempre segundo Carvalho, por uma “temática de inspiración feminina, máis que amorosa”, e, por último, a terceira parte, sobre a qual disse Carvalho a Carmen Blanco:<sup>23</sup> “Ultimamente, se cadra, atinxín unha capacidade de obxectivación que se manifesta na parte do libro titulada ‘Avalón’, que contén poemas en certo modo narrativos<sup>24</sup> ou inspirados en situacións históricas ou míticas (...) [200/201] Agora (...) interésame proxectarme sobre seres humanos que estén fora de min e facer que na miña poesía se oi[g]an dalgún modo as súas voces.” Com esta explicação já nos conduz ao primeiro dos dois livros maiores com que vai culminar a sua obra poética. Falo de *Cantigas de amigo e outros poemas*, de 1986, onde reúne os produzidos entre o 80 e o 85 e essa dimensão de poesia narrativa avulta. Nele encontramos histórias completas desenvolvidas magnificamente com os mecanismos do poético, verdadeiros contos em verso, todas narrações fascinantes (p.e., CA 57-59). Depois, já póstumo, em 1990, sai do prelo *Reti-cências...*, onde são colecionados os poemas escritos entre o ano 86 e o 89.

<sup>23</sup> Vid. *Conversas con Carballo Calero*, Vigo, Galaxia, 1989, p. 200.

<sup>24</sup> Também os há em “Venusberg”, vid., p.e., FC 109-111.

Só neste decénio é que Carvalho começa a ser prezado como um dos poetas maiores do século XX galego, mas isso não foi simples. A sua obra teve de ir ganhando leitores, pouco a pouco, e foi o laço que estabeleceu com poetas de gerações mais novas algo que também contribuiu para essa difusão. Há um poema em *Cantigas de amigo* que reflete bem esse vínculo, aquele que começa: “Ti, Miguel Anjo Fernám Velho,/ co teu aspecto de estudante alemám ou russo,/ dos tempos de Heine ou Puchkin,/ em Gottinga ou Moscovo,/ dominas pola tua estatura/ no grupo fotográfico da linha de poetas/ de amor e desamor,/ que me enviam os seus versos com palabras irmás;” (CA 150). Isto alude a um livro coletivo que o grupo de poetas publicou na altura sob o título *De amor e desamor* (1984).

Pôs-se então em evidência que Carvalho tinha uma obra de uma dimensão incomum entre os autores do seu tempo e viu-se o fundamento de que ele se considerasse, sobretudo, poeta, poeta porque não o podia evitar, por natureza, como lemos num poema de *Saltério de Fingoi* (PI 153), em que se pergunta por que escrever e acaba concluindo: “Por qué? Non hai porqué./ A asa naceu pra o voo,/ o peteiro pra a apreixa./ Por iso.” Esse poeta seguiu um caminho próprio no curso inteiro da sua vida, à margem das tendências dominantes em cada momento e, no entanto, como bem viu Pilar Pallarés,<sup>25</sup> bebendo de todas elas, à distância, num diálogo inteligentíssimo. Poderia ser lembrado só como poeta e como poeta que, nos últimos livros, atinge uma transparência ímpar, a mesma dos artigos que publicava na altura e de *Scórpio*, o perfeito equilíbrio entre eficácia comunicativa e capacidade inspiradora.

As declarações dos poetas sobre a sua obra é sempre matéria que devemos interpretar e que é perigoso levarmos ao pé da letra. Carvalho, por exemplo, disse: “Para min, toda poesia é catarse” (“Limiar” a PI, p. 12). Não é bem assim, mas podemos aceitar que a poesia é o terreno onde ele mais deixa sair a entra-nha íntima. Já antes mencionei “Non sei se matei” e “Como pudemos viver?”. Poderia acrescentar outros títulos, a “Evocazón da infância perdida” ou o “Demasiado duro es pra contigo” (PI 146-7) ou o famoso “Ferrol, 1916” (FC 171 -2), onde lemos aqueles memoráveis versos: “Eu tiña un pacto con Deus:/ que ninguén dos meus morreria./ E o pacto era observado,/ e eu confiaba na pere-

---

<sup>25</sup> Vid. “Carvalho Calero. Mitos para un exílio”, *Actas do Simposio Ricardo Carvalho Calero Memoria do Século*, ed. Francisco Salinas Portugal e Teresa López, Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña/Asociación Sócio-Pedagóxica Galega, 2002, pp. 183-4.

nidade do pacto.” Infelizmente, a mãe morreu pouco depois, da terrível epidemia de gripe espanhola, e essa saudade da mãe é visível, ao de leve, noutros poemas muito posteriores que tratam o vínculo materno-filial.<sup>26</sup>

Cabe sempre um fundamento autobiográfico em, por exemplo, “Guarda con sono” (PI 51-2) ou “Um bom dia a velhice/ entrou na minha casa” (R 25) ou as óbvias alusões à sua doença de “Ambulat[ó]rio” (CA 183-4) e “Às sete da manhã soa um timbre no sanatório” (R 72) ou a referência ao Ferrol da infância em “Cruzando a ria” (R 67). Fica também a suspeita de se “Retiro-me, vou-me” (FC 28-9), “Criámo-nos juntos, e parecia que éramos” (CA 155) ou “E agora tenho a mesma idade” (CA 157) aludem ou não aos que num tempo foram companheiros e depois passaram a ser os que o denegriam e até o perseguiram. Se assim for, a experiência íntima fica mais uma vez mediada pela cultura, como bem vemos no último dos citados com as alusões a Galba e Nero.

Carvalho também declarou que a sua é uma “poesia da existencia” (*Conversas...* de C. Blanco, 205) e isso não é discutível. Reparemos em que a palavra “vida” é das mais usadas no conjunto da obra dele — também a palavra “tempo”. Nessa poesia da existência ou da experiência, a dimensão confessional tem de levar à reflexão, mesmo se, como diz num poema, “Toda resposta é mentira./ Só é verdade a pergunta,/ a pergunta/ que resposta non agarda.” (PI 111), perguntas, algumas delas, que mesmo coleciona um poema de *Futuro condicional* (p. 66), musicado por Ugia Pedreira. Na verdade, a meditação não tem porque trazer uma resposta, mas Carvalho não cessa de perguntar pelos grandes temas de sempre, tempo, morte, amor.

### Poesia do desejo

Carvalho é, provavelmente, o maior poeta erótico da lírica galega, não apenas por termos abundante lírica amorosa como a que pode exemplificar um poema anterior à guerra, “Alén do amor eu te amei.// A lembranza que me deches/ doi-me alén do amor, acesa.” (PI 38) ou milhentos outros poemas (não apenas em “Venusberg”), onde se despregam todas as faces, signos, momentos, formas e idades da paixão, definida como “torrente de lava que agromou/ do coraçom telúrico do ser” (CA 27). Encontramos comoventes poemas de amor nada trivial como aquele de FC (78) que começa “O amante di, vendo-a avanzar:/ ‘Ainda está

<sup>26</sup> Vid. PI 144-5 e 195; em menor medida, PI 207-9; talvez FC 59, poema de uma mãe morta rodeada pelos seus filhos.

viva, está viva””, poema dos velhos amantes (com ‘velhos’ como substantivo) que se velam mutuamente a felicidade de ver o outro, a outra, ainda viva, ainda vivo, ao pé de si. Porém, falei em erotismo porque temos uma verdadeira fascinação pelas figuras femininas do princípio ao fim (lembramos a “Maria Silêncio”, PI 64-5, ou a “Luísa Sorriso”, PI 66-7, de *O silêncio ajoellado*, 1934), constantes protagonistas da obra — não foi por acaso que Elvira Souto Presedo falou em “acentuada ginecofilia”,<sup>27</sup> invulgar nas letras galegas. Até, muito à Baudelaire, Carvalho é capaz de encontrar beleza (“beleza mortal”) no cadáver de uma afogada, em “Morta no mar” (PI 169-171). É a mulher “eterna e múltipla,/ moribunda e incólume” (CA 16) do primeiro poema das *Cantigas de amigo*, quem, de acordo com o modelo medieval evocado, assume a palavra em muitos dos poemas do livro.

Pilar Garcia Negro descreve essas figuras femininas: “como enigma; como obxecto de admiración ou de incomprensión; como posuidoras dunha divindade negada ao varón; como atadas a unha malla de convencións sociais que as limitan.” (115) Ao mesmo vai dar Pilar Pallarés (“Carvalho Calero: mitos para un exílio”, p. 185): “a muller nas suas feizóns de ‘femme fatale’, ser carnal e divino, obxecto das ‘descriptio puellæ’, suxeito e destinatária dunha paixón que pon en perigo toda norma”. Podemos falar, até, de poesia erótica no sentido mais nobre e elegante do termo. Isso a nós chocava-nos muito quando éramos alunos dele naquela sociedade repressiva do tardofranquismo. Conhecemos alguns desses poemas publicados em revistas e fazíamos todo o tipo de brincadeiras, porque, no fundo, não imaginávamos os adultos (ou os velhos, Carvalho, para nós, era um velho, como eu o sou para qualquer jovem), não os imaginávamos habitados pelas nossas mesmas paixões e os nossos desejos. Criámos, como crê muita gente, que o erotismo é só para a rapaziada, Romeu e Julieta. Enfim...

Contudo, a visão do amor é muito complexa, porque “de fogo e sombra Vé-nus é” (R 154). Não acabaríamos se quiséssemos enumerar todas as dimensões do tema visitadas por Carvalho. Desde o “Demasiado amor/ é incompatível coa felicidade” (R 20) até o poema de *Cantigas de amigo* que começa “Adeus, estou triste” (CA 35), onde se expõe com meridiana clareza a revolta da protagonista contra o amor como submissão ao seu amante, passando pela transitividade do amor que vemos em “Como está longe da sua terra e da

---

<sup>27</sup> Vid. “Imagens de mulher (a representação do feminino nalguns poemas de Carvalho Calero)”, em *Agália*, nº 18, 1989, p. 139.

sua amiga” (CA 55-6) e tantos outros textos com a “crepitante arela” (CA 40) como objeto. E já que aludi à violência de género, sublinho que não é possível confundir o poema das *Cantigas* que começa “Se me coseu o corpo com treze punhaladas” (69) com uma apologia da mesma, porque a apresentação da psicologia da vítima do seu “querido assassino” já possui um valor reflexivo — leia-se em contraponto o poema das pp. 35-6 e voltamos a remeter para a análise de Elvira Souto sobre a representação do feminino (“núcleo irreduzível de insubmissão e mistério”, p. 141) nas *Cantigas de amigo*.

Pilar Garcia Negro situa bem outro eixo desta obra poética: “Asistimos a un drama concentradamente humano: o do ser deitado neste mundo para cumprir un destino ascendente (transcendente?) con forzas nunca suficientes. É o anxo de terra, entre o ‘verde’ e o ‘azul’,<sup>28</sup> o material e o espiritual.” (p. 115) O conflito existencial consiste em se ver o sujeito — diz Pilar Pallarés — “como ‘ser que sabe e nom vive’ (*Reticências...*, p. 10), como criatura incapacitada polo peso da consciéncia e da razón para fruir da existéncia — nos seus limites e na sua carnalidade —, empeñado decote nunha loita heróica e fracasada por superar as fronteiras do humano e finito e aceder ao Alén, á transcendéncia” (“Carvalho Calero: mitos...”, p. 185).

Eu matizaria que essa transcendência não tem porque ser a das religiões ou a de um deus pessoal. Porque, para mim, a única força incontestada nesse universo poético é a do desejo, como forma imediata da vida (a “branca égua da vida”, FC 113), do vivermos (FC 103). Sempre subsiste e sempre regressa, inextinguível, efémera conquista da eternidade (R 107), “dita/ além da qual nom pode haver além” (R 110). Esta tensão faz com que, por contraste, chamem a atenção os poemas onde o enunciador se esconde e se limita à descrição, à recreação do mundo exterior, já desde o primeiro livro. Lembremos, por exemplo, a magnífica descrição de Lugo a partir dum dos seus parques em *Vieiros* (PI 21-2), ou o retrato de um bibliófilo no mesmo livro (PI 25-6), ou o pavão de *O silêncio ajoellado* (PI 44-5). O mesmo acontece quando escolhe glosar motivos alheios como a “História de Amendoiña, segundo Andersen” (PI 61-3).

Mas fiquemos pela tentativa de exceder os limites do humano, bem refletida nestes versos: “talvez o sermos nom é sermos,/ senom nom querer sermos como

---

<sup>28</sup> “Entre o verde e o azul” é o título duma seção de *Pretérito imperfeito* (pp. 107-113), onde também encontramos o poema “Égloga do verde e azul” (PI 103-5).

somos,/ e aquilo que nom somos querer ser” (R 11), porque, como diz o primeiro poema de *Futuro condicional*, “Non se apresentou nunca/ a presenza real, o real presente./ O presente perfeito,/ acugulado de presenza pura,/ sen saudade nen soño” (FC 14), fora dalguns momentos de paixão (FC 95). É a impossível autoidentidade do ser humano, um ser cindido na poesia de Carvalho (há uma “liña que te separa a ti de ti”, FC 55) e, nesse ser dividido em si, “Ormuz e Arimán/ non son dous, senón un;/ están en min, son eu” (FC 22).

A vida aparece como cisão ativa, como uma vivência alargada dessa ferida interna, pois “Além de nós lateja o nosso lar” (R 38) e, à diferença dos animais, a essência do ser humano é “superar a sua própria essência” (R 40), transcender-se (id.), finito que tende para o infinito (R 41; “arela de Além-Ser”, R 149), um esgotar-se (ou um viver na contradição, R 121) não necessariamente negativo, porque o amor e o desejo (sobretudo o desejo, porque o amor e a paixão quase sempre acabam<sup>29</sup>) pode oferecer uma saída se a vida for para o nada (“Todo termina mal. Tés que ajeitar-te/ a esta verdade” — começa um poema de *Retiñencias...*, p. 18).

Essa saída nas asas do desejo permanece muitas vezes imaginada e, daí, a importância dos sonhos nesta poesia: “Ainda que vivim pouco, muito sonhei” (R 27). E o desejo fica a miúdo em sonho (CA 23-4, 47-8, R 111, 112) porque a pressão social constitui um persistente limite para os anseios delas e deles (e as *Cantigas de amigo* dão larga prova disso<sup>30</sup>) e o encontro é sempre incerto (CA 57-9). Tão incerto quanto certo pode ser apenas um instante no clímax do desejo que já se projeta para sempre na linha do tempo (CA 49), como fonte de felicidade ou como arrependimento incessante por ter cedido à pressão social (CA 31-4 ou 39-41, R 115-6). “Afirmación só o agora” — lemos em FC 46. Ou em FC 95: “somos ese ponto que nos une,/ este puro presente sen fronteira,/ sen onte, sen mañá.”<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Vid. FC 106 (“O amor é belo porque sabe/ que ha findar, e a sua vida é tan intensa/ porque é mortal”), FC 107-8, FC 113 (onde, “arrincada a espiña do amor”, persiste o desejo), e numerosos poemas em CA, com a celestial exceção de R 94-5.

<sup>30</sup> Vid. pp. 17-19, 21-22, 23-24, 27-29, 31-34, 39-41, 47-48 e 53.

<sup>31</sup> Noutro poema do mesmo volume (FC 87), lemos: “O mundo irreal da illa instantánea da dita,/ rodeada de realidade por todas partes./ Imenso océano de vagas mestas e monótonas./ E a illa afortunada, espellismo tropical,/ paraíso subitamente recobrado,/ máis real que a realidade, embora efímero.” Vid., também, FC 103.

Eu sempre me perguntei se, neste universo poético, a transcendência em Deus é uma posição ontológica ou uma hipótese poética, porque o acento nem sempre é o mesmo em todos os textos. Em *Saltério de Fingoi*, Araceli Herrero Figueroa descreveu uma procura da transcendência, mas em *Futuro condicional* ou nas *Cantigas de amigo* eu inclinar-me-ia sem dúvida para o agnosticismo (como deixa ver um poema que reelabora ou alude à cena final de *Auto do prisioneiro*, CA 163). Ao contrário, em *Reticências...*, o tema de Deus está mais presente do que em nenhum outro livro, há uma final conformidade com o destino, uma aceitação da finitude mais acentuada (“como se viver/ fosse só aprendizado de morrer”, R 18), a proximidade do final da vida torna-se mais pungente e, paralelamente, também a dicção é mais sóbria, não temos o longo poema quase em prosa característico das *Cantigas de amigo*, ainda que já os poemas finais deste livro, mais fiéis à sintaxe poética clássica, deixam ver o caminho seguido em *Reticências...* (e, por sua vez, em *Reticências...* também há “cantigas de amigo”, poemas em boca de enunciadores femininos). Porém, o eventual teísmo do último livro nunca poderia ser reduzido a um cristianismo (p.e., R 70).

Obviamente, a propósito da divindade estou a falar nos emissores textuais que vivem nos poemas, não do autor real, que podia ser ou não crente, como aconteceu com Pondal, enterrado com o hábito franciscano, mas, ao mesmo tempo, capaz de justificar a ausência de Deus no seu universo poético com a bela observação de que Deus ainda não existia no mundo celta a que ele remete. A questão em Carvalho permanece aberta e com tratamento de intensidade variável segundo as obras, mas com certeza significativo.

## O culturalismo

Abordemos agora outro dos motivos tradicionais da crítica na hora de se referir à poesia de Carvalho: o culturalismo, forma neutra de um tópico “intelectualismo” que noutros tempos se aplicava à poesia de Carvalho. Como ele sempre disse, o famigerado culturalismo era uma forma de dar expressão ao sentimento ou à reflexão pessoal e, com efeito, o que é a existência senão o encontro constante da vida e da cultura? Isso cria um dinamismo constante entre a imediatidade e a mediação, entre o quotidiano e o distante, e até pode acontecer que a espessura cultural de alguns poemas de Carvalho levante um desafio para o leitor jovem que peça consulta ao São Google ou à Senhora Wikipedia. É uma poesia culta

até em sentido léxico, cheia de cultismos. Não resisto a citar um fragmento de um poema que, num contexto académico, adquire especial valor: “ergue-te e vai à escola./ Se non adeprendéramos o duro silabário,/ nunca ler poderíamos no libro das estrelas.” (PI 139) Na poesia de Carvalho sentimos com imensa força a presença da memória cultural do ser humano que nos leva ao encontro dos que nos precederam, um encontro vital e vitalizador.

A Garcia Negro explica-o muito bem no livro que várias vezes citei: “Outro elemento transversal vaino representar a copia de recursos-referencias cultistas, con preferencia pola Biblia e polo universo clásico greco-latino, mais con incursións noutras mitoloxías. Ora ben, o que chama a atención é a ‘naturalidade’ con que o poeta se [115/116] vale deste arsenal: é, de certo, unha canteira óptima para reflectir vivencias e sentimentos, preguntas, misterios... do home actual. Neste sentido, non hai (...) utilización xogoral (como con grande eficacia practicaré Cunqueiro) senón translación daquel drama humano, que terá como corolario a aceptación [da finitude, esclareço eu, MCM] ou o seu contrario, a angustia.”

Este culturalismo adquire uma forma particularmente feliz na poesia narrativa, com exemplos tão gloriosos como o “Anquises” de FC (155) ou os que têm base na matéria da Bretanha,<sup>32</sup> que interessa particularmente a Carvalho porque fala do encontro com os limites do amor e do exceder a condição humana. As revisitações da história ou do mito estão presentes em toda a sua obra, desde o início, basta lembrar o “Abisag” de *Vieiros* (PI 29-31<sup>33</sup>), mas é construída dessa forma boa parte das *Cantigas de amigo*, livro que eu recomendo como via de entrada para a poesia de Carvalho. Múltiplos vultos de diversas culturas ou civilizações revivem pela arte da pena de Carvalho. É um culturalismo habitado pelo desejo ou, se quisermos, pela continuada pesquisa no amor, desde que, como ficou dito, aquela força alimenta toda a obra de Carvalho e regressa sempre para sustentar a vida.

Eu pergunto-me se Carvalho conhecia a esplêndida *Spoon River Anthology* (1914), de Edgard Lee Masters, um poeta estadunidense que compôs todo um livro, o seu único livro memorável, como coleção de imaginárias lápides do

<sup>32</sup> Vid. PI 223-4, CA 75-6 e 77-80, FC 162-3 e 164-5, entre muitos outros, inclusivamente em *Reticências...*, vid. p. 139-141, 142 etc.

<sup>33</sup> Onde também encontramos um tema depois várias vezes visitado no curso da obra: o relacionamento entre um homem idoso e uma jovem, às vezes apenas sonhado (CA 47-8).

cemitério da vilinha de Spoon River, onde os mortos contam a sua história. A obra atingiu alguma difusão quando eu era um moço (através da tradução espanhola de Alberto Girri publicada por Carlos Barral em 1974) e lembrei-me dela ao ler o poema que começa “Som Mistress Strauss” (CA 85-6), uma falecida no desastre do Titanic que nos refere a sua história, ou o já citado “Se me coseu o corpo com treze punhaladas” (CA 69) ou, em “Avalon”, de *Futuro condicional*, por exemplo, o poema das pp. 191-2.

Nos poemas narrativos há também uma brilhante exploração dos limites do poético, à beira do prosaísmo, posto que o poético ganha muito quando se mede com o antipoético (FC 109). O mesmo acontece com a inteligente ironia, o que a Pallarés chamou “as intromisóns ánti-poéticas do lingüista, do crítico da literatura” (“Carvalho Calero...”, p. 185), dispositivo esperável num autor tão consciente como Carvalho é.<sup>34</sup> Basta reparar nos títulos das compilações: “Préterito imperfeito” e “Futuro condicional”, como tirados da tabela dos verbos.

Ironia que tem várias dimensões (nomeadamente, através do recurso a termos ou expressões invulgares na poesia), que joga com o paradoxo e culmina nos poemas que põem em cena a própria poesia sem pedantismo nenhum e com um cultivo da enunciação autorreflexiva de uma intensidade pouco habitual nos poetas do seu tempo. Diz: “Non amo moito a poesia. Amo-a/ como o retrato dunha muller querida,/ cando non teño a muller pe de min./ Se tivese a muller,/ esqueceria o retrato.// Poesia, retrato/ ¿de qué? ¿Felicidade,/ Deus, vida, ben, sosego?// Mais o pobre que soña coa riqueza/ ¿cómo non amará un pouco/ os contos de tesouros?” (PI 187). Não é possível expressar com maior precisão e modéstia a necessidade radical da poesia. Ou a convergência entre vida e poesia que lemos num poema de *Saltério de Fingoi* (PI 150): “Logo, virá o final./ Será o seu verso el mesmo./ Non se decatará./ Estará entón maduro pra a poesia./ Daquela, morrerá.” Ou o poeta que promete enviar o poema de amor quando esquecer a amada e conclui: “E se morro sen cha enviar,/ morrin querendo-te./ Nunca saberás que te ameí/ se non te esquezo nunca.” (FC 92).<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Vid., também, Xosé M<sup>a</sup> Álvarez Cáccamo: “O discurso metapoético de Carvalho Calero”, em *Espazos do poema. Poética, lectura crítica e análise textual*, Culharedo-A Corunha, Espiral Maior, 2009, pp. 137-146.

<sup>35</sup> Outrossim temos, p.e., o “Retrato de poeta” de *Anjo de terra*, uma espécie de autorretrato, ou o texto que abre “Venusberg”, em que o poeta já não se lembra para quem escreveu esse poema de amor (FC 73-4). A ironia estrutural torna-se muito visível quando Carvalho recorre a formas da sintaxe poética clássica e as associa a temas, digamos, menores (FC 99-100, R 29) ou tratados em tom menor.

Lugar de destaque merece o poema de *Reticências...* (122-3) que parece evocar o célebre “O poeta é um fingidor” do Fernando Pessoa.

### Dialética dos contrários

Ora, eu queria chamar a atenção para o facto de Carvalho desenvolver a elaboração de todas as linhas de sentido que descrevi através duma poesia dialógica, não no sentido de haver poemas dialogados (poucos, vid., p.e., PI 148-9, 234-6, FC 96-7, 155, R 96-7), mas no de muitos serem construídos como interpelação a um ‘tu’ — não menos de 204 poemas no conjunto da obra —, até ao ponto de a área do ‘tu’ dominar sobre a do ‘eu’ e tornar-se tão frequente quanto eficaz o uso da segunda pessoa para interrogar os sujeitos e assim escapar da trilhada lírica confessional (até os poemas narrativos costumam servir-se dessa estrutura). Falar desde um ‘tu’ que interpela é mais enigmático, porque quem é essa voz, o alter ego lúcido e cruel que muitas vezes se dirige aos sujeitos desde uma posição de saber triste? São as duplicações características da poesia do século XX.

E estas duplicações levam ao que eu chamaria uma dialética dos contrários muito característica de Carvalho, retratada em versos de FC (91): “Todo signo é comutável./ E os contrários trostrocán o lugar.”<sup>36</sup> Isto é bem visível na última obra teatral que escreveu, *Os xefes*, de 1980, à qual Carvalho se referiu como uma das suas prediletas, mas que eu julgo mais fraca do que *A sombra de Orfeu* ou *Auto do prisioneiro*, porque o movimento dramático não se compara com o dessas obras e evoluímos para um teatro mais verboso. A dialética dos contrários vemo-la no enfrentamento dos dois generais que protagonizam *Os xefes*, o general Braña e o general Dragón, porque as suas posições acabam sendo equivalentes e os papéis que jogam na trama, comutáveis, quer dizer, o general Dragón poderia ocupar o lugar do general Braña e vice-versa.

A obra foi pouco compreendida porque era difícil afastá-la da guerra de 36 e, contudo, levá-la a esse terreno significa condená-la a ser totalmente incompreendida, pois é óbvio que Carvalho não considerava equivalentes os defensores da legalidade republicana (cuja bandeira homenageia em CA 185) e o bando dos golpistas insurretos que depois nos mergulharam na repressão padecida na sua carne pelo próprio Carvalho. Na verdade, a obra alude às

---

Também não falta, não podia faltar na poesia de Carvalho o humor (vid., p.e., FC 63 e R 127-8, 138).

<sup>36</sup> Vid., também, FC 20-22, 66, 176-8, R 121, 124-125.

ambiguidades da situação política no momento em que foi escrita (a “transición democrática” espanhola e, em particular, o que nela fizeram os partidos políticos maioritários) e, no geral, à política como “reino da ambigüidade” (*Voz e silêncio*, p. 50).

Quero reter daí o esquema conceitual da equivalência e, até, da permutabilidade entre os contrários, sem síntese possível,<sup>37</sup> porque se mantém sempre a oscilação entre duas vias ou duas perspectivas, no mundo e no sujeito, sobre os dilemas contemplados, as aporias da condição humana. É o movimento de uma inteligência que tudo relativiza, entre o estoicismo e o ceticismo, e alguém poderia relacioná-lo com o trauma que supôs aquela frustração de que demos notícia quando falámos de um tempo de esperança quebrado pela guerra, mas eu desconfio metodicamente de qualquer tentativa de explicar a obra pela vida, a famosa falácia biográfica, porque qualquer processo de maturação vital pode alimentar algum ceticismo (p.e., FC 28, vv. 16-18, 181-2) e alguma desconfiança a respeito das ideologias e mais no século dos totalitarismos disfarçados de revoluções e de promessas de emancipação.

Vem ao encontro disto um depoimento do próprio Carvalho, quando, na última entrevista que concedeu, explica porque não seria um político eficaz para o seu país e fala na sua “tendência especulativa que me leva a considerar sempre os lados positivos e os lados negativos das condutas e a ver em todas as ideoloxias aspectos distintos que dan a razón a uns ou outros dos que ocupan as posizóns extremas ou médias dentro dunha ideoloxia determinada.”<sup>38</sup>

Pela nossa parte, avançando mais um passo, inclinar-nos-íamos a interpretar o movimento da mente nos textos que chamamos dialética dos contrários como uma defesa contra o absurdo, contra um mundo, o nosso mundo onde “Toda a verdade é demasiado feia./ Toda a beleza é demasiado falsa.” (FC 53), com subtil

---

<sup>37</sup> Francisco Salinas Portugal, em “Carvalho Calero poeta: a palabra no exilio” (vid. *Ricardo Carvalho Calero: ciencia, literatura e nación: [A Coruña, do 23 ao 26 de novembro de 2010]*, coord. por Carlos Caetano Biscainho Fernandes e Xosé-Manuel Sánchez-Rei, Universidade da Coruña, 2011), parece referir-se a outra coisa quando diz que a poesia de Carvalho “se organiza á volta dun sistema de oposicións que ten como finalidade reintegrar nunha unidade os opostos extremos que parece repelérense. Oposición entre o real e o ideal, frecuentemente centrada no tema amoroso; mais é tamén a oposición pasado-presente” (p. 178). É o que Salinas chama a procura do “uno” (pp. 178 e 179).

<sup>38</sup> Vid. *Voz e silêncio*, p. 48. Um resumo da entrevista, realizada a pedido da Asociación Sócio-Pedagógica Galega em 1989, pode ser visto agora em <https://www.youtube.com/watch?v=gmgSLfGSYPk> (última visita: 3-10-2022).

troca de adjetivos entre beleza e verdade e precisa alusão a um tema de velha tradição na estética, já desde Platão.

Quando a Real Academia Galega decidiu dedicar as Letras Galegas a Carvalho, eu não tinha grandes esperanças porque do que se tratava por parte daqueles que mandam na instituição era de desativar a constante reivindicação do Mestre e de pôr fim à lamentável redução dos escolhidos para a comemoração a figuras vicárias, assombradas pelo fantasma de Carvalho Calero, o qual, com maior insistência que o pai de Hamlet, sussurrava por trás dos eleitos uma e outra vez: *remember me*.

Porém, eu confiava em que, no mínimo, o Dia das Letras servisse para conseguirmos que as obras voltassem a estar disponíveis no mercado ou que *A sombra de Orfeu* chegasse ao palco. Só serviu para que a *História da literatura galega contemporânea*, após muitos anos esgotada, pudesse passar a formar parte das bibliotecas dos leitores atuais. Foram publicadas, ainda bem, duas antologias poéticas, mas o teatro, a poesia ou a narrativa completas continuaram inacessíveis. Comparemos apenas com o acontecido em anos anteriores com outros autores e caia a vergonha sobre quem forem os responsáveis disto. O Covid veio a calhar para rematar a faina. Com certeza, este desastre teve uma contrapartida: Carvalho não se vai converter numa estátua confortável e ignorada.

Quando olho para Carvalho, para a complexidade da figura, para o multifacetado da sua obra, é muito difícil encontrar alguém que se compare. Eu pensaria no Jorge de Sena, grande poeta, narrador, crítico, autor teatral, como Carvalho, ainda que a comparação tem como limite a radical diferença entre uma cultura normal como a portuguesa, embora Jorge de Sena fosse enormemente crítico com ela, e uma cultura menorizada como a galega. Carvalho foi um homem que fez tudo na cultura, porque a nossa cultura tinha carências em tudo, e foi em tudo exemplar, dos melhores entre os melhores. Felizmente, a obra poética, dramática e narrativa, na íntegra, volta agora (2022) a ser entregue à comunidade escura a que ele deu a sua vida e desenvolve toda a capacidade de nos mobilizar para, nos seus próprios termos (*Voz e silêncio*, p. 88), retificar a história. Destarte, Carvalho revive e reviverá entre nós, sempre.

## Referências

- Xosé M<sup>a</sup> Álvarez Cáccamo: “O discurso metapoético de Carvalho Calero”, em *Espazos do poema. Poética, lectura crítica e análise textual*, Culharedo-A Corunha, Espiral Maior, 2009, pp. 137-146.
- Ricardo Carvalho Calero: *Anxo de terra*, Pontevedra, Gráficas Torres/Coleção Benito Soto, 1950.
- Ricardo Carvalho Calero: *Aportaciones fundamentales a la literatura gallega contemporánea*, Madrid, Gredos, 1955.
- Ricardo Carvalho Calero: *A xente da Barreira*, Santiago, Bibliófilos Gallegos, 1951.
- Ricardo Carvalho Calero: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)*, A Corunha, AGAL, 1986 [abreviação: CA].
- Ricardo Carvalho Calero: *Catro pezas*, Vigo, Galaxia, 1971.
- Ricardo Carvalho Calero: *Futuro condicional (1961-1980)*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1982 [abreviação: FC].
- Ricardo Carvalho Calero: *Gramática elemental del gallego común*, Vigo, Galaxia, 1966.
- Ricardo Carvalho Calero: *La fuerza pública en la Universidad de Santiago y otros escritos escolares (1930-1933)*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1987.
- Ricardo Carvalho Calero: *La soledad confusa*, Santiago, Nós, 1932.
- Ricardo Carvalho Calero: *Narrativa completa*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1984.
- Ricardo Carvalho Calero: *Obra literaria: poesía, teatro e narrativa*, de Manuel Castelao Mexuto e M<sup>a</sup> Pilar García Negro, Cesuras, Biblos, 2022.
- Ricardo Carvalho Calero: *Poemas pendurados dun cabelo*, Lugo, Coleção Xistral, 1952.
- Ricardo Carvalho Calero: *Poesía perdida*, ed. de Claudio Rodríguez Fer, Sada-A Corunha, Do Castro, 1993.
- Ricardo Carvalho Calero: *Pretérito imperfecto (1927-1961)*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1980 [abreviação: PI].
- Ricardo Carvalho Calero, *orador. Discursos e leccións*, ed., intr. e notas de M<sup>a</sup> Pilar García Negro, Santiago, Parlamento de Galicia, 2020.
- Ricardo Carvalho Calero: *Reticências... (1986-1989)*, Santiago, Sotelo Blanco, 1990 [abreviação: R].
- Ricardo Carvalho Calero: *Salterio de Fingoy*, Vigo, Galaxia, 1961.
- Ricardo Carvalho Calero: *Sete poetas galegos*, Vigo, Galaxia, 1955.
- Ricardo Carvalho Calero: *Scórpico*, Santiago, Sotelo Blanco, 1987.
- Ricardo Carvalho Calero: *Teatro completo*, Sada-A Corunha, Do Castro, 1982.
- Ricardo Carvalho Calero: *Trinitarias*, Ferrol, El Correo Gallego, 1928.

- Ricardo Carvalho Calero: *Vieiros*, Santiago, Nós, 1931.
- Manuel Castelao Mexuto: *Elucidacións na sombra. Carvalho Calero en escena*, Santiago, Laiovento, 2020, 2ª ed.
- Miguel Anxo Fernán-Vello e Francisco Pillado: *Conversas en Compostela con Carballo Calero*, Santiago, Sotelo Blanco, 1986.
- Mª Pilar García Negro: *Ricardo Carvalho Calero. Escritor e profesor, galego cabal*, A Corunha, La Voz de Galicia, 2020.
- Araceli Herrero Figueroa; “A procura da transcendência en ‘Saltério de Fingoi’”, *Grial*, nº 74, 1981, pp. 480-489.
- Edgard Lee Masters: *Antología de Spoon River*, trad. Alberto Girri, Barcelona, Barral, 1974.
- Aurora Marco: *Foula e ronsel. Os anos que marcaron a biografía de Carvalho Calero (1910-1941)*, Santiago, Laiovento, 2020, 2ª ed.
- Pilar Pallarés: “Carvalho Calero. Mitos para un exílio”, *Actas do Simposio Ricardo Carvalho Calero Memoria do Século*, ed. Francisco Salinas Portugal e Teresa López, Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña/Asociación Sócio-Pedagóxica Galega, 2002, pp. 183-201.
- Fernando Pérez-Barreiro Nolla: *Amada liberdade* [inclui “A vida xuntos” de Teresa Barro], Vigo, Xerais, 2012.
- Francisco Salinas Portugal: “Carvalho Calero poeta: a palabra no exilio”, em *Ricardo Carvalho Calero: ciencia, literatura e nación: [A Coruña, do 23 ao 26 de novembro de 2010]*, coord. por Carlos Caetano Biscainho Fernandes e Xosé-Manuel Sánchez-Rei, 2011, págs. 175-186.
- Francisco Salinas Portugal: *Voz e silencio: entrevista con Ricardo Carvalho Calero*, Vilaboa (Pontevedra), Do Cumio, 1991.
- Elvira Souto Presedo: “Imagens de mulher (a representación do feminino nalguns poemas de Carvalho Calero)”, em *Agália*, nº 18, 1989, pp. 139-153.

## MANUEL CASTELAO MEXUTO

Manuel Castelao Mexuto (Santiago de Compostela, 1956) tem uma longa carreira como professor de Língua e Literatura no ensino secundário. O seu trabalho crítico focou-se na literatura contemporânea e, nomeadamente, os lugares do sujeito e da Galiza nela, o que esteve na origem de uma tese de doutoramento qualificada “cum laude” (2010) e prémio extraordinário na Universidade da Corunha (2012). Publicou os livros *Novoneyra/Celso Emilio* (2009), *Manoel-Antonio: De catro a catro* (2010), *Álvaro Cunqueiro: O incerto señor don Hamlet* (2011), *Cabanillas/Otero: Na noite estrelecida/Arredor de si* (2022) e *A máquina ousada. Pondal e a literatura* (2020), além de estudos sobre Anxo Rei Ballesteros, entre outros. Recebeu o prémio “Carvalho Calero”, na edição do centenário (2010), pelo ensaio *Elucidacións na sombra. Carvalho Calero en escena* (2020, 2ª ed. corr. e acresc.). Também é responsável pela edição de *Ricardo Carvalho Calero. Obra literaria: poesía, teatro e narrativa* (2022), em colaboração com Mª P. Garcia Negro. O seu esforço orienta-se para tornar acessível o conhecimento apaixonado da literatura como genuíno processo de comunicação social, pois aquela, mesmo se se viver em privado, é assunto público de alcance transcendente.



## O Príncipe de Aquitânia e Martinho Dumbria

Otero Pedrayo visto por  
Carvalho Calero

Henrique Rabunhal

### Resumo

Este trabalho revê a intensa relação intelectual e pessoal de meio século entre Otero Pedrayo e Carvalho Calero, figuras da cultura galega do século XX. Reflete o panorama global que ao longo de sua vida Carvalho vem traçando do seu mestre e sua obra como romancista, político, dramaturgo, orador, poeta, ensaísta ou columnista. Carvalho revela-se o primeiro estudioso e máximo conhecedor da obra de Otero. Carvalho e Otero coincidem antes e depois da guerra em múltiplas instituições e iniciativas desde o Seminário de Estudos Galegos, a revista *Nós* e o Partido Galeguista à Real Academia Galega, Galaxia ou o Padre Sarmiento no pós-guerra.

### Palavras-chave

Otero Pedrayo, Carvalho Calero, Seminário de Estudos Galegos, revista *Nós*, Real Academia Galega, Galaxia, Padre Sarmiento.

### Abstract

This work reviews the intense intellectual and personal relationship for half a century between Otero Pedrayo and Carvalho Calero, figures of 20th century Galician culture. It reflects the global panorama that Carvalho has been drawing throughout his life of his master and his work as a novelist, politician, playwright, orator, poet, essayist or columnist. Carvalho reveals himself as the first scholar and the greatest connoisseur of Otero's work. Carvalho and Otero coincide before and after the war in multiple institutions and initiatives from the Seminary of Galician Studies, the *Nós* magazine and the Partido Galeguista to the Real Academia Galega, Galaxia or Padre Sarmiento in the postwar period.

### Key words

Otero Pedrayo, Carvalho Calero, Seminary of Galician Studies, *Nós* magazine, Real Academia Galega, Galaxia, Padre Sarmiento.

## Patriarcas da cultura galega

Otero dissera ser o príncipe de Aquitânia valendo-se do poema “O desditado” de Gérard de Nerval. Carvalho é Martinho Dumbria, uma das personagens que em *Devalar* encarna os jovens do SEG<sup>1</sup>. Carvalho foi em vida de Otero, e quando morreu, o seu cronista fazendo uma leitura global e profunda da sua obra. Trata-se de duas personalidades sobressalientes no seu século que apesar de se levarem 22 anos e viverem afastados, mantiveram uma das mais cordiais e prolongadas relações pessoais. Ajudaram-se e reconheceram-se durante 50 anos. Otero é um dos primeiros defensores do ferrolano, e Carvalho um dos maiores canonizadores da obra do ourensano.

Orfãos de pai e mãe, formados em direito e filosofia e letras não exercendo a primeira carreira, galeguistas em todas as horas, serodiantemente incorporados à docência universitária na USC, da que foram catedráticos, brilhantes professores no ensino secundário, excelentes oradores, venerados por amigos e discípulos, as suas biografias expressam a recreação e estudo da personalidade do país porque Galiza é o tema central da sua actividade.

Polígrafos, escritores de ficção em todos os géneros, de ensaio e divulgação, colaboradores da imprensa e revistas literárias, dentro e fora da Galiza, viajantes pelo exílio galego, insuficientemente lidos e tardiamente reeditados, representaram uma comunhão com as suas cidades natais e a excelência nas suas achegas à nossa cultura. Os últimos em viver como o fizeram o seu compromisso com o país quando exerciam de Patriarcas das Letras Galegas.

Antes da guerra coincidem no SEG, na revista *Nós* e em *ANT*, no PG, na Associação de Escritores e num feixe de publicações. Depois da guerra

---

<sup>1</sup> Usamos estas abreviaturas: *ANT* (*A Nosa Terra*), *BRAG* (*Boletín da RAG*), *CEG* (*Cuadernos de Estudios Gallegos*), *DLG* (Dia das Letras Galegas), *IF* (Irmandades da Fala), *PG* (Partido Galeguista), *PNRO* (Partido Nacionalista Republicán de Ourense), *RAG* (Real Academia Galega), *SEG* (Seminário de Estudos Galegos) e *USC* (Universidade de Santiago). Para os livros de Carvalho usamos: *ALGC* (1955)= *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*. Madrid: Gredos. *EELG* (1989)= *Estudos e ensaios sobre literatura galega*. Sada: Edición do Castro. *GALEGO* (1990)= *Do galego e da Galiza*. Santiago: Sotelo Blanco. *HLGC* (1981)= *Historia da literatura galega contemporánea*, 3ª ed. Vigo: Galaxia. *LAGII* (1982)= *Libros e autores galegos: século XX*. A Corunha: Fund. Pedro Barrié de la Maza. *LEGAL* (1984)= *Letras Galegas*. A Corunha: AGAL. *LFP* (1987)= *La fuerza pública en la Universidad de Santiago y otros escritos escolares*. (1930-1933). Sada: Edición do Castro. *SOLI* (1971)= *Sobre lingua e literatura galega*. Vigo: Galaxia. *TEATRO* (2000)= *Escritos sobre teatro*. A Corunha: Biblioteca F. Pillado/UDC. *VOZ* (1992)= *Umha voz na Galiza. Artigos de jornal (1933-1989)*. Santiago: Sotelo Blanco.

mantiveram uma permanente relação pessoal e epistolar, coincidem em *La Noche*, no Padroado Rosalía de Castro, em *Galaxia* e *Grial*, no Instituto Padre Sarmiento, na Fundação Penzol, na RAG, e em várias publicações. Juntos elaboram algumas obras.

Desde a resenha de 1932 dos *Contos do camiño e da rua* para *Nós* e até os últimos momentos da sua vida, Ricardo manifesta na sua actividade editorial predileção pela obra e figura de Otero. Não conhecemos em vida de Otero e Carvalho outro estudoso que conheça melhor o mundo oteriano e as suas reflexões ainda têm uma vigência indubitável e constituem uma firme ajuda para descifrar muitos aspectos da obra oteriana vistos com o rigor, a independência de critério e a valentia dos escritos de Ricardo.

Ricardo acode generoso a qualquer obra ou acto de estudo da obra oteriana. Sempre se sentiu o seu discípulo e a ele dedica mais de trinta trabalhos ao longo da sua vida. A compilação desses textos estaria ao nível dos *Estudos rosalianos* ou dos *Escritos sobre Castela* pelo que Otero entra na tríade sublime com Rosalía e Castela.

Ricardo comenta obras particulares, situando a sua produção literária no contexto de um grupo, género ou período, em particular o que vai de 1925 a 1936, reconstruindo os alicerces da sua personalidade literária, humana e ideológica no grupo *Nós*, estudando a importância da *Lagarada* e editando a obra, avaliando a sua actividade política e parlamentar, o seu labor como erudito e ensaísta, a sua condição de poeta e orador, a sua novelística em espanhol, o seu estilo literário, a sua religiosidade, a sua mitificação, estudando todas as dimensões da sua obra e figura.

No trabalho que Ricardo começa nos anos 50 para estabelecer uma história fiável da nossa literatura, a obra global de Otero sempre ocupa um lugar sobranceiro como o melhor e mais ambicioso prosista do seu tempo. Carvalho colabora nos dois volumes<sup>2</sup> de Homenagem a Otero de 1958, num deles com o extraordinário “Don Ramón, o príncipe de Aquitania”.

---

<sup>2</sup> [1958 a] “Otero fala i escribe” em *Ramón Otero Pedrayo; a súa vida e a súa obra*. Caracas: Centro Galego. Como “Otero fala e escribe” em LAGII: 117-119. [1958 b] “*Ramón, príncipe de Aquitania*” em *Homaxe a Ramón Otero Pedrayo*. Vigo: Galaxia. Em SOLI:112-133.

### Otero e Carvalho antes de 1936<sup>3</sup>

Quando nasce Ricardo, Ramón era um jovem de 22 anos a pique de concluir por livre Direito e Filosofia e Letras. Ao ferrolano morre-lhe a mãe quando tem 8 anos e ao ourensano o pai quando tinha 16. Quando Ricardo pisa por vez primeira as salas de aulas da USC, em 1926, Otero é catedrático de liceu em Geografia e História em Ourense, está casado com Fita, integrara-se nas IF, anima a revista *Nós* e acaba de publicar *Pantelas, home libre*, a *Guía de Galicia* ou *O purgatorio de don Ramiro*. Já é Adrián Solovio.

No SEG publicam textos e ocupam diversos cargos. Conhecem-se o 24 de abril de 1927 na Festa da Prosa celebrada no Colégio São Clemente, sede do SEG. Carvalho lembrará em *Seara Nova*<sup>4</sup> a primeira vez que o viu (1952: 86):

“coidaba que estaba recitando un texto adprendido de memoria. A elocución un tanto enfática i a extraordinaria riqueza de imáxenes, facían verosímil tal impresión. Mais era falsa. Otero é un portentoso improvisador. O improvisador máis extraordinario que eu tiña ouvido endexamáis. I é curioso ouservar que Castelaio, cuia verba de cristaiña sinxeleza, agromaba sen retórica algunha, era, en troques, o orador que todo o tiña previsto, que todo o escribía e que nada deixaba á improvisación”.

Com Otero, vestido de obscuro, com chapéu de ancha aba, fumando um charuto, coincidiam na editora *Nós*, na Universidade ou na Ferradura. Sendo estudante Carvalho, depois de assistir a uma conferência de Otero no Paraninfo da USC, pergunta ao professor Hernâni Cidade, assistente em 1931 à inauguração do Instituto de Estudos Portugueses, que lhe parecera. Cidade dissera-lhe: “Não foi conferência, mas uma canção de gesta” (1952: 91).

Otero era admirado pelos membros do SEG, os galeguistas, os escritores e intelectuais do momento. Em palavras de Carvalho<sup>5</sup> (1982: 163) “Líamolo e admirábamolo os que fomos colectivamente reflexados nas páxinas de *Devalar*: todos os Pauliños Fontenla, todos os Martiños Dumbria”.

<sup>3</sup> Para uma visão global de Carvalho pode ver-se da nossa autoria (2020) *Ricardo Carvalho Calero. O anxo da terra*. Vigo: Galaxia.

<sup>4</sup> “Sobre a personalidade de Ramón Otero Pedrayo”, *Seara Nova*, 1254-1255, 21 e 28 de junho de 1952, 85-87 e 91.

<sup>5</sup> LAGII.

Na revista *Nós*, Otero publica 90 trabalhos e Carvalho 30, como as resenhas dos *Contos do camiño e da rua* e o *Ensayo histórico de la cultura gallega*. Carvalho é um dos analistas e defensores do talento literário de Otero. Em *Nós* publica Carvalho “A xeneración de Risco”<sup>6</sup> à qual comparava com a espanhola do 98. Carvalho percebia que havia três gerações, a dos precursores ou do primeiro renascimento, a de Risco ou do segundo renascimento, e a do próprio Ricardo.

A geração de Risco, encarnação superior da galegidade, supera a obra dos precursores, também em literatura onde criam a nossa prosa e corrigem o desnível a favor do verso. Com uma etapa pregaleguista e céptica, militaram nas IF e no PG. Pessoas universitárias e de ampla formação, entregadas a europeizar a nossa cultura, a introduzir o galego na literatura científica.

O galeguismo de Otero e Carvalho é uma casa comum na que cabem diferentes posições. Um nacionalismo europeísta como serviço ao país de duas pessoas que não voltarão à militância partidária mas que seguirão entregando a Galiza uma impressionante folha de serviços. Uma Galiza que aspiravam a inserir numa Espanha federal — ou confederada com Portugal — na qual a eles correspondia proteger os interesses e idioma galegos.

Para Otero, a nação galega, lucense e bracarense, europeia e histórica, é um povo de substrato celta, ancorado na tradição católica, no seu território e com idioma de seu. O galeguismo é a oportunidade de salvação colectiva para seguirmos sendo donos da nossa cultura e identidade. Para Otero, o território galego é o da Galiza histórica e romana, que se estende por Astúrias até o Navia, pelo Berço de Leão até Samora, que chega ao Douro. Um território no que a gente e a geografia fazem agromar uma cultura e um idioma, língua própria da Galiza, comum ao norte e ao sul do Minho, cujo abandono suporia o desaparecimento da nação.

A militância de Otero vinha das IF e quando se avizinha o final da Ditadura de Primo de Rivera coincide com Carvalho na reformulação do espaço político nacionalista. Coincidem no Dia da Galiza de 1930, no aniversário dos Mártires de Carral ou no Comício das Arengas. Em 1931, assistem em Pontevedra ao nascimento do PG onde ocupam cargos relevantes. O primeiro, líder com Risco da área mais conservadora, contrário à aliança com a esquerda e com uma visão católica. O segundo, na zona mais progressista, proclive a aquela aliança desde uma

---

<sup>6</sup> “A xeración de Risco”, *Nós*, 131-132, 1934, 182-184.

posição laica<sup>7</sup>. Participam nas assembleias do PG, em comícios e nas actividades de propaganda centradas na campanha a favor do estatuto de 1936. Em 1934 Otero pronuncia em Ferrol, onde Carvalho preside o PG, a conferência “Door i espranza do XIX galego”. Carvalho fora redactor do anteprojecto estatutário, participa na assembleia de câmaras municipais (1932) e é representante do PG para a eleição do presidente da República. Presente no Pacto de Barrantes e presidente do PNRO, Otero consegue para este partido nas constituintes acta de deputado (1931-1933).

Carvalho era dirigente do PG e sintetiza o programa político que os seus amigos deputados desenvolvem no Parlamento republicano<sup>8</sup>. O primeiro definir a relação da Galiza com um estado que deve ser plurinacional somando ao federalismo espanhol, o ibérico e internacional. Outro assunto era a aspiração à cooficialidade do galego e a aceitação do bilingüismo. Para Carvalho, os quatro deputados reconheciam a unidade sistémica do galego-português, usado aquém e além Minho. Num dos seus discursos parlamentares, Otero considera o galego a mesma língua que a de Portugal e afirma que nos planos etnográfico, geográfico e idiomático, Galiza é uma prolongação de Portugal e vice-versa. Finalmente está a questão da economia agrária. Os deputados galeguistas exaltam a economia rural (pesca, agricultura e gaderia) e propõem modernizar a produção rural, a extinção dos foros, o cooperativismo, a reforma agrária, a livre importação do milho e uma reforma fiscal congruente com as necessidades do nosso país. Otero vota em contra do artigo 26 da Constituição referente às relações igreja/estado, assina o “Manifiesto de los deputados católicos al país” e colabora numa interpelação ao governo sobre os problemas culturais e linguísticos galegos.

Carvalho nunca viu Otero cómodo na atividade política e lembra que o moço fidalgo fora enviado a Madrid para formar-se como letrado e humanista. Mas em Madrid exerce a alta política nos debates sobre a Constituição em elegante dialéctica com Unamuno, Fernando de los Ríos ou Claudio Sánchez Albornoz.

Otero, coma Unamuno, não voltará ao Parlamento depois das eleições de 1933. A alta política dará passo a uma actividade intelectual e editora deslumbrante

---

<sup>7</sup> Otero é um dos assinantes em 1931 da *Afirmación católica d'un grupo de nacionalistas* mentres Carvalho assina nesse ano o manifesto “A esquerda galeguista fálalle ao país”.

<sup>8</sup> Resenha dos *Discursos parlamentarios* (1931-1933) de Castela, Otero Pedrayo, Suárez Picallo e Villar Ponte editados por Xosé Lois García em 1978 (Sada: Eds. do Castro), *Grial*, 62, 1978, 492-497. Em LE-GAL: 77-84.

ao serviço da Galiza. Ao abandonar o Parlamento deixará a direcção do PG mas quando este decide a aliança com a esquerda na Frente Popular, fica no partido, não se une à Direita Galeguista de Pontevedra mas não aceita ser candidato nem participar na campanha eleitoral de 1936.

A Associação de Escritores da Galiza, criada em março de 1936 em Compostela por iniciativa de Ánxel Casal e Álvaro de las Casas, e presidida por López Abente, é a última iniciativa na que confluem antes da guerra.

### **Vencidos, não derrotados**

1936 é um ano fatídico para os intelectuais do nacionalismo republicano. Assassinados, presos, exilados e represaliados. Os dois escritores não se vêem desde 1936 a 1949 quando Otero dá uma conferência no Círculo Mercantil de Ferrol. Coincidirão fisicamente de maneira excepcional, mas vivem afastados. Ricardo ao abandonar o cárcere (1941) instala-se em Ferrol. Otero, expulsado da docencia, confinado em Trasalba, em palavras de Carvalho<sup>9</sup> (1982: 153-163) soldado de um exército vencido, não derrotado. As relações entre os restos do galeguismo recompoem-se nos anos 40 quando voltam coincidir nas páginas de *La Noche* onde Ricardo publica em 1949 “Gelmírez, héroe de romance”.

Carvalho distingue duas etapas no papel que joga Otero. Na preguerra, um Otero mais combativo politicamente e o prosista galego por excelência. De grão orador antes da guerra a orador lírico e ritual durante a ditadura franquista quando padece com dignidade a perseguição de que é objecto e se desmaiam os aspectos mais comprometidos da sua figura. Para Carvalho<sup>10</sup> (1992: 220-226), Otero converte-se no etnarca, o venerado líder da nação por riba de grupos e rivalidades. Não se involucra na recomposição do nacionalismo, evita as pronunciações políticas, exerce como símbolo e principal figura da cultura galega, sobretudo depois da morte de Castelao.

Na ditadura, segundo Carvalho<sup>11</sup> (1992: 288-292), Otero exerce um patriarcado honorífico, sem autoridade real, é uma figura sacerdotal que evita gestos partidistas, situado por riba de discórdias internas dos jovens galeguistas com quem manteve uma relação cordial. Mais orador que escritor e político,

---

<sup>9</sup> LAGII.

<sup>10</sup> VOZ.

<sup>11</sup> VOZ.

um galeguista reformado mas um símbolo venerado e respeitado das essências galegas, aclamado por novos discípulos e pouco lido.

No franquismo, segundo Carvalho<sup>12</sup> (1992: 324-327) Otero era como um pai, a máxima autoridade, um sacerdote senatorial que não luta. Preside instituições e empresas, pronuncia discursos, mas sem poder, honoris causa, porque mais que homem de ação é um pensador, um teórico. O Otero de pós-guerra renuncia ao seu pensamento reintegracionista, escreve em espanhol sete romances e apenas publica um em galego. Otero é aplaudido por quem não o lê, por um público alheio à sua obra que celebra a sua oratória e conduta. A sua obra ficara num plano secundário por estar escrita numa língua muito exigente e num estilo culturalista que só desfrutava uma minoria. Os seus livros passaram das livrarias às bibliotecas.

À altura de 1950, em conversa com Juan Manuel González Luengo, evocada por Carvalho<sup>13</sup> (1955: 170-172), Otero define-se como um senhor de aldeia, um viajante incansável em rádios pequenos “y un lector y a veces estudioso apasionado y sin método” (1955: 171), fiel amador “de los crepúsculos sobre las aguas y los montes” e vindica, no ano da sua morte, a figura de Castelao.

Otero junto com Cabanillas, Borobó e Del Riego faz parte do júri que concede em 1950 o prêmio de romance “Bibliófilos Gallegos” a *A gente da Barreira*. Os dois colaboram nos Galician Programme (1947-1956) da BBC de Londres. Em 1951 Carvalho era nomeado académico correspondente da RAG a proposta de Otero, Leandro Carré, Vales Villamarín e José Luís Bugallal. Em 1952 Carvalho publica em *Seara Nova* o citado “Sobre a personalidade de Ramón Otero Pedrayo”.

Colaboram na coleção dos Cadernos Grial<sup>14</sup> (1951-52), em *Grial* e publicam em *Galaxia* numerosas obras desde os anos 50. Carvalho fará resenhas de *Antre a vendima e a castañeira* (1957), *O espello na serán* (1966) ou *Parladoiro* (1973). *Galaxia*<sup>15</sup> coedita com o Centro de Estudos Fingoi as suas publicações e publica em 1958 a edição da *Homaxe a Ramón Otero Pedrayo* na que colabora Carvalho.

---

<sup>12</sup> VOZ.

<sup>13</sup> ALGC.

<sup>14</sup> Carvalho no n.º 3 *Presencia de Curros y D<sup>a</sup> Emilia* (1951) e Otero no 4 *Aspectos económicos y jurídicos de Galicia* (1952).

<sup>15</sup> Também colaborou Carvalho em *Galaxia 1950-1980. Trinta anos de cultura* (1980).

À Fundação Penzol (1963) pertenceram Ricardo e Otero, uma parte de cujo legado se conserva na sua sede. Estão vinculados ao Padroado Rosalía de Castro constituído em 1947. Quando aparecem as edições do Patronato, Carvalho publica com Lydia Fontoira as *Poesías* de Rosalía (1973).

Coincidem nas actividades e publicações do Instituto Padre Sarmiento, caso dos *CEG*. Otero publica no Sarmiento a monografia sobre *El doctor Varela de Montes* (1952). Carvalho colabora nos *CEG* desde 1957 até 1973 publicando catorze trabalhos, centrados na figura de Rosalía e dois sobre Valle-Inclán.

Desde 1949 produz-se um rico intercâmbio epistolar<sup>16</sup>, testemunho da cordialidade, complicidade e colaboração. São 167 cartas datadas entre 1949 e 1974 que demonstram afecto e interesse mútuo, um sofisticado intercâmbio intelectual, amostras de agradecimento mútuo. Abordam questões familiares referidas às filhas de Carvalho e à mãe e esposa de Otero. Comentam a doença ou a morte de amigos comuns: Castela, Usero Tiscar, Cabanillas, Risco ou Silvio Santiago. Nas cartas aparecem citados amigos comuns, protagonistas da cultura galega no franquismo.

Comentam conferências e intervenções em actividades académicas e editoriais. No caso de Otero, a cátedra na USC, as viagens a Caracas e Buenos Aires, o Padroado Rosalía de Castro, a aposentação, o prémio da Fundação March, o 50 aniversário do seu casamento. No de Carvalho, o prémio Bibliófilos Gallegos, as angueiras em Fingoi e o seu Centro de Estudos, *Aturuxo*, Benito Soto ou Xistral, o doutorado, O Facho, as oposições para catedrático de Liceu, a chegada à USC, a concessão do Pedrón de Ouro, a deslocação a Compostela e a cátedra. No caso dos dois Galaxia, a RAG, *Grial*, *La Noche*, *CEG*, o Padre Sarmiento e *Ínsula*. Também agradecimentos por se ocupar um da obra do outro, especialmente Carvalho da de Otero, em particular nas duas homenagens de 1958. Presenteiam-se as obras que vão publicando.

Aparecem referências à vida e actividades da RAG: a entrada dos académicos Parga Pondal, Del Riego, Cunqueiro, Fole, Álvarez Blázquez, García-Sabell, as mortes de Cuevillas, Cabanillas e Casás, a Homenagem ao Padre Feijóo ou a elaboração das *Normas ortográficas* em 1969.

---

<sup>16</sup> (2020). *Polos camiños das horas: epistolario de Ricardo Carballo Calero e Ramón Otero Pedrayo*. A Corunha: RAG.

Rematando os 50, Otero vive os últimos cursos na USC enquanto Ricardo segue como um ermitão em Fingoi elaborando a *Historia da Literatura e a Gramática*. Otero prodiga-se em publicações de carácter turístico, em congressos de todo o tipo, assistindo a vários em Portugal, um em Braga em 1956.

Dom Ramón reforma-se em 1958. No seu 70 aniversário, publicam-se os dois volumes de Homenagem citados, um em Caracas e o de Galaxia que lhe foi entregue em Trasalba por uma delegação da que Ricardo fazia parte.

### Carvalho visto polo Príncipe de Aquitania

O 17 de maio de 1958, Ricardo lê o discurso de ingresso como numerário na RAG — fora eleito um ano antes — a proposta do próprio Otero, de Cuevillas e de Ferro Couselo. Otero responde ao discurso *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía*, editado em 1959 no ano em que Ricardo publica em *Ínsula*<sup>17</sup> “Personalidad literaria de Otero Pedrayo” num número dedicado às “Letras Gallegas” no qual colabora o próprio Otero.

Na sua resposta<sup>18</sup> (1959: 105-132) ao discurso de Carvalho, Otero faz uma viagem pelo conjunto da obra caleriana, o seu trabalho docente em Fingoi e sublinha o “xuício atinado” e claro de quem considera desde novo um mestre da cultura galega e um amigo que encarnava os valores da cultura e o humanismo, um novelista e ensaísta que é “poeta de ricas e domiñantes sensaciós”. Sublinha em Carvalho a condição de ensaísta, crítico literário rigoroso e solvente e os seus trabalhos rosalianos e currosianos sacrificando a sua obra de criação. Mas põe em valor a sua condição de novelista e poeta sensível. Assegura que já os colegas de Ricardo lhe reconheciam os seus méritos, capacidades e mestria. Daquela (112)

“A verba de Carballo Calero guiaba a discusión asegun axeitados rumos. Era como a fala de un antigo e moderno petrucio a do noso amigo, de aquela un mociño xa escolleito por as ceibes alboradas das dedicaciós absolutas, ialma rexida por escolleitas cordas”.

“Carballo Calero é mestre no estudo deica il non ben feito da historia da crítica sobre cada poeta” (111). Cita os múltiplos trabalhos de Ricardo e Fernando Cadaval desde os anos prévios à guerra ou as suas colaborações em *Galicia emigrante*, *La Noche*, *Vida Gallega* e destaca a combinação em Ricardo do ético e do poético.

<sup>17</sup> “Personalidad literaria de Otero Pedrayo”, *Ínsula*, 152-153, 1959, 3.

<sup>18</sup> En *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía*. Lugo: Celta.

Destaca a força e a disciplina, o seu papel na cultura contemporânea onde é “un precursor, un xoven mestre” (113). Sublinha o labor definitivo de Ricardo em Galaxia e as ALGC, o tom mantêm-se nos seus livros nas duas línguas onde Ricardo busca uma ordem “unha teleoloxía conceptual”(115) porque relaciona obras e poetas, tem em conta a constelação inteira “procurando a xeometría do sistema e a súa formulación”(115). Vê Ricardo como um humanista culto nas letras antigas e modernas que põe em ordem a nossa literatura porque também conhece as chaves e segredos da arte poética. “En Carballo Calero a poesía escúitase e enxerga”(116).

Destaca junto com *Sete poetas galegos* e ALGC, *A gente da Barreira* e a poesia dos anos 30 e 50: a mulher, alegria e melancolia, a severidade conceptual, disciplina, serena filosofia, a “arelanza”, o Eros sensível, o erotismo, as constelações metafísicas.

### Anos 60 e 70

Em 1959 Otero realiza a segunda viagem a Argentina, escreve em *La Región*, e noutros médios nos que colabora Ricardo como *El Pueblo Gallego*, *Galicia emigrante*, *Vieiros* ou o *Boletín Auriense*. Em 1961 colaboram os dois no *BRAG*, 339-344<sup>19</sup>. Ricardo celebra com entusiasmo em 1962 a concessão do Prémio da Fundação March a dom Ramón quem havia receber em 1964 o da Deputação de Ourense pelo seu estudo sobre o Padre Feijóo. A morte de Risco em 1963 deixa Otero como único sobrevivente do grupo Nós esboralhado na memória das novas gerações. Em 1963 assistem em Portugal ao Congresso Internacional de Etnografia celebrado em Santo Tirso<sup>20</sup>. Em 1966 colaboram no especial de *Ínsula* (nº 236-237) “Homenaje a Ramón del Valle-Inclán” e em 1967 será Otero quem celebre a concessão do Pedrón de Ouro a Ricardo. Coincidem as suas assinaturas nos tomos 23<sup>21</sup> (1968) e 24<sup>22</sup> (1969) dos *CEG*.

---

<sup>19</sup> De Carvalho publica-se o “Discurso de D. Ricardo Carballo Calero” (sobre Cabanillas) e de Otero “Sobre algunos establecimientos de enseñanza en la Galicia del siglo XIX”.

<sup>20</sup> No tomo III das *Actas* figuram as achegas de Otero “Superticiones compostelanas en los siglos XVIII y XIX”, e de Carvalho “O conto popular na provincia de Lugo. Contos de animás”.

<sup>21</sup> No número 69 Otero publica “Formas y expresiones de la cultura de Orense durante el siglo XIX” e Carvalho “Nótulas rosalianas”. No 70 Otero publica “Paisajes, formas y ritmos de vida del Orense decimonónico” e Carvalho “A miña cantiga”.

<sup>22</sup> Nos números 72-74 Carvalho publica “Un manuscrito de D. Mario Cubí y Soler” e Otero “El planteamiento decisivo de la novela romántica de Rosalía de Castro”.

Em 1969 quando se dedica a Noriega o DLG, Otero escreve as palavras liminares e Ricardo o epílogo à edição de *D'o ermo* da RAG. Em 1970 colaboram no *Cinquentenario de Nós. Homenaxe da RAG*. Na achega de Otero, "No suco da revista *Nós*", lembra Risco, Castelao, Losada, Villar Ponte e Arturo Noguerol. Para Carvalho em "Nós, onte, hoxe e mañá" ter colaborado na revista significou "traballar dentro dunha tradición, escoitar a mestres amados, venerar a devanceiros queridos, sentirse instalado nunha liña de continuidade histórica" (26). Declara-se aprendiz em *Nós*, onde se aprende a amar a cultura e a Galiza, e considera o exemplo de *Nós* "unha lección para o presente" (27).

Otero e Carvalho apoiaram os projetos empreendidos por Isaac Díaz Pardo<sup>23</sup> por volta do grupo Sargadelos e das iniciativas derivadas do Laboratório de Formas da Galiza. Carvalho publicou vários livros em Ediciós do Castro nos 80 e incorporou-se ao novo SEG.

Na conferência pronunciada em Coimbra o 21 de janeiro de 1971 "Figuras representativas da literatura galega actual"<sup>24</sup>, Carvalho (1984: 88) tem uma lembrança para Otero, responsável por uma achega definitiva às nossas letras e a quem considera "educador do seu povo". No trabalho "Un século de vida galega"<sup>25</sup> (1836-1936) (1973 a), ocupa-se do significado da trilogia *Os camiños da vida, Arredor de si e Devalar* no que paira esse século.

Nos 70, Ricardo encara a sua última década de docência universitária e Ramón os últimos anos de vida. Sempre há uma distância que os separa. Mas sempre seguem unidos. Na RAG onde Ricardo trabalha nas suas *Normas*, colaboram em 1972 na *Escolma de poesías* de Lamas, a quem se dedica o DLG. Também em diversas publicações com motivo do 25 aniversário do passamento de Castelao, importante na biografia dos dois. Referimo-nos aos trabalhos de 1975 publicados no *BRAG*<sup>26</sup> (357), nos Cuadernos para el diálogo<sup>27</sup> e no n<sup>o</sup>47 de *Grial*<sup>28</sup>, todos de homenagem a Castelao.

---

<sup>23</sup> Pode ver-se o nosso trabalho "Isaac Díaz Pardo, galego bom e generoso", *Signum*, vol. 22, n<sup>o</sup> 2, 2021, 179-195.

<sup>24</sup> LEGAL: 85-93.

<sup>25</sup> LAGII: 120-124.

<sup>26</sup> O de Carvalho "Esquema argumental de *Os vellos non deben de namorarse*" e o de Otero "O compos-telanismismo de Castelao".

<sup>27</sup> No volume titulado *Castelao*, Carvalho publica "Castelao, narrador" e Otero "Evocación de Castelao".

<sup>28</sup> Publica-se de Otero "Castelao" e de Carvalho "Aspectos de *Os vellos non deben de namorarse*".

## O passamento de Otero

Em 1975 Otero entrega a *La Región* “O pazo navegante”, um último artigo que enzalza o vinho do ribeiro<sup>29</sup>. O 10 de abril de 1976, dom Ramón morre na sua casa ourensã. Ao seu enterro assistem milhares de pessoas, membros das entidades e instituições vinculadas com o finado e representantes do galeguismo. Carvalho é um dos persoeiros que o transporta a ombros.

Para Ricardo, dom Ramón fora durante cinquenta anos uma companhia, um amigo e uma sombra protetora. Um correligionário e “unha concepción e un sentimento do que foi e debe ser o destino da terra” (1982:153)<sup>30</sup>. Com Otero, morríamos todos. Para dom Ricardo “Non se pode facer unha Galicia de costas a Otero Pedrayo” (1982: 117-119). Naquele ano Carvalho clausura um ciclo de homenagem ao autor de *Arredor de si* sobre quem publica um trabalho no número 56 de *Grial* (1977)<sup>31</sup>. Em 1978 publica “A saga de Trasouto”<sup>32</sup> e em 1979 *Teatro Nós*.

Morto Otero, Carvalho reconhece que em 1977 a gente nem lê nem admira a sua figura, enquanto ele e outros discípulos vêem a Galiza coma ele a viu. Com Otero soterra-se “non só ao mestre de Galicia, senón á Galicia do mestre” (1982: 162-163). No número 90-92 (1976/1977) dos *CEG* dedicado a Otero podem ler-se textos deste e de Carvalho<sup>33</sup>.

Quando em 1978, Galaxia publica a segunda edição de *Os caminhos da vida*, Carvalho denuncia a indiferença ante a obra de Otero e a preferência por uma literatura maniquea, simples, urgente e propagandística. Critica a revisão da obra exigindo proteger a sua linguagem com os seus erros, praticar uma mera adaptação ortográfica e evitar soluções contraditórias. “O escrito, escrito está”. Em LAGII reúne dez trabalhos sobre Otero.

Entre 1986 e 1989 Carvalho deu várias conferências e escreveu uma decena de trabalhos sobre Otero nos que avalia para as novas gerações o mundo de um escritor preterido e esquecido, testemunha de um mundo em desaparecimento. E sempre vindicou o seu legado coincidindo com o décimo aniversário do passa-

<sup>29</sup> Ricardo é autor da “Louvança do vinho do Ribeiro” (1980) em *LEGAL*: 127-131.

<sup>30</sup> LAGII.

<sup>31</sup> [1977] “Otero Pedrayo: unha visión de Galicia”, *Grial*, 56, 1977, 133-141. LAGII: 153-163.

<sup>32</sup> [1978 a] “A saga de Trasouto”, *Grial*, 62, 1978, 499-501. LAGII: 142-146.

<sup>33</sup> De Otero publica-se “Temáticas y estilos del paisaje actual de Galicia” e de Carvalho “Una descripción poética del combate naval de Rande (1702)”.

mento de Otero (1986), o centenário do seu nascimento (1988) e a dedicatória do DLG. Certifica com tristura que Otero não está vigente excepto num “círculo devoto de eruditos e artistas” ao que pertencia e propõe estudá-lo evitando desfigurar uma pessoa a quem admirou e quis e de quem se sentia um dos seus primeiros discípulos e estudiosos.

Em 1990 publica-se a sua intervenção na Aula Castelao de 1987 “Otero Pedraio: das Irmandades ao Seminário”<sup>34</sup> em *O pensamento galego na historia*. O 13 de maio de 1987 imparte num liceu de Lugo a sua última conferência nessa cidade sobre a narrativa de Otero. O 18 de novembro de 1987 fala de “Otero Pedraio na história do romance galego”<sup>35</sup> para O Galo. Em fevereiro de 1989 ocupa-se da narrativa de Otero numas jornadas de Didáctica da Língua e da Literatura em Compostela.

No libro GALEGO (1990) podemos ler “Otero Pedraio na história do romance galego”, “Otero Pedrayo: comentário de texto”, “A ideia da Galiza em Otero Pedrayo” e “Otero Pedrayo: o home e o escritor”, escritos entre 1987 e 1988. Em VOZ (1992) aparecem “Otero Pedraio, dez anos depois”, “A teoria da Galiza em Otero Pedraio”, “Otero Pedrayo, liberal”, “Otero Pedrayo, escritor católico” e “¿Quen foi Otero Pedrayo?”.

### A personalidade de Otero

Para Carvalho, Otero, a sua obra e o seu exemplo, constitui um caso de compromisso com o país que recreia incessantemente na sua obra. Um autor difícil que não se lê, que Ricardo lê com as armas da crítica literária face à idolatria. Presenta um Otero extravertido e generoso, optimista e feliz, elegante e tímido, modesto e sóbrio, brilhante e profundo, espontâneo, desinteressado e nada sectário, indulgente no trato, harmónico e sereno, nada pedante nem afetado, grande conversador, cortês e benevolente, e sem vocação política. Uma figura que produz admiração e simpatia. Daí o seu prestígio, o respeito que se lhe professa, a expressão da digna calma e da sabedoria socrática. Pudoroso, exemplar, inimigo da polémica, foge do dogmatismo e do fanatismo e nem critica a obra dos outros nem defende irritado a própria.

É o polígrafo e orador que não origina escola, que combina a literatura didáctica e a poética (ficção, drama, lírica) e que despreza a divisão de géneros para abordar sempre um tema: Galiza, no aspecto real e ideal. Ninguém se dedicou como ele à

---

<sup>34</sup> EELG: 234-243.

<sup>35</sup> *Agália* 13, 1988, 9-26.

narrativa, tinha vocação de romancista, grande capacidade para criar personagens, lugares e ambientes.

Otero na sua obra oferece da Galiza uma visão completa “xeográfica e histórica, sincrónica e diacrónica, física e espiritual”<sup>36</sup> (1982: 157) e sujeita a névoa “consustancial co espírito de Galicia”<sup>37</sup> (1971 a). Um escritor que quis ser o romancista do seu povo na língua do seu povo, o precursor de uma literatura galega europeia convertido no grande polígrafo das nossas letras.

Um escritor liberal e católico atento à vida das abadias e priorados, à arte religiosa e à tradição jacobea. Um católico praticante, não um catequista, que não fazia nem política nem literatura ao serviço do catolicismo mas sim aborda o motivo do cisma e recreia bispos, cregos e arciprestes rurais, Prisciliano ou Gelmírez.

Orador de prodigiosa inspiração, é um “acróbata da retórica”, a quem é preciso ler para chegarmos à alma da sua obra. Transparenta o amor às personagens do país e o amor aos livros. É o criador do romance galego, um romance ao serviço da nação, o único romancista que aborda o problema da Galiza, na sua dupla dimensão corporal (*Guia da Galiza*) e espiritual (*Ensayo histórico*). Com ele, “Galicia aprendeu a se conhecer a sí mesma, a tomar plena conciencia de si”<sup>38</sup> (1958b:122). Esta é a façanha de Otero, o filósofo da cultura: construir o sentimento, a ideia, a visão e a teoria da Galiza:

“Quen soupo dar ao concepto de Galicia o senso que os tempos recramaban, quen traballóu a prosa galega cunha intensidade i extensión superiores do que ningún outro escritor, é credor ao noso agradecimento, e polo tanto á nosa atención”. (1958b: 129)

E exerce nas letras galegas um rol estelar, um sol reverenciado pelos outros astros, um sol insular sem escola, uma obra não percebida nem amada porque está anegada de alusões históricas e literárias das que não podem gostar os críticos asténicos e albinos. Otero não foi um autor popular, foi mais admirado que lido e muitos dos seus livros tardaram décadas em ser reeditados<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> LAGII.

<sup>37</sup> SOLI.

<sup>38</sup> SOLI.

<sup>39</sup> *A roxeira de Gelmírez*, publicada em 1934 e nunca reeditada nem em vida de Otero nem na de Carvalho

Uma figura na que o escritor e o homem estão fusionados, um fidalgo próximo das arelas do campesinato convertido em cronista da decadência da sua classe e do galeguismo na etapa que vai de Mendizábal à guerra civil. Sem renunciar a fazer literatura patriótica. Está com a saudade do passado e ainda conheceu “os derradeiros solpores da vida fidalga no campo galego”, a comunhão entre senhores e lavradores e um apaixonamento romântico em retóricas e condutas. O mais novo e brilhante prosista da geração Nós. O Ossian que sobreviveu ao desaparecimento dos seus colegas. O mais fecundo e opulento dos nossos narradores e o mais dotado para chegar-nos uma novelística, observar ambientes, personagens e paisagens, evocar a vida rural lavradora e fidalga do XIX e retratar os trabalhos da gente.

Otero é portador e transmissor de uma enorme cultura humanística através duma obra patriótica e gigantesca que mistura géneros, combina a dimensão poética e científica, a capacidade imaginativa e o verismo e que se serve do realismo para observar o natural e da idealização romântica para escrever algumas páginas supérfluas.

Otero escreve a mão (1990: 211-225)<sup>40</sup> e a muita velocidade, o que provoca desequilíbrios em quem deve governar a força de um ímpeto romântico, a inspiração arrebatada de um alento poético, altas doses de energia e de intuição e uma riqueza literária insólita.

Otero oferece-nos a imagem de uma Galiza antidogmática, imaginativa, irónica, sonhadora, panteísta, atlântica, europeia, ligada à paisagem e organizada em pequenos núcleos de povoação. Essa Galiza amada (1990: 211-225) e procurada na sua essência que conhece nas suas páginas uma visão e dimensão plenas, claras e novidosas, convertida em tema recorrente, uma Galiza conectada a Europa e às tradições medievais. Uma Galiza que é um povo numa terra, a gente na sua paisagem e geografia, constituindo a nação cultural estabelecida no *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*<sup>41</sup>.

Carvalho reconhece as particularidades de um autor culto, difícil e enciclopédico que encarnou um “pangaleguismo conciliador”, uma mensagem nacional não partidista. Uma mensagem que encerra uma conceção coerente e espiritual da Galiza elevada à categoria de mito e que suporia a simultaneidade

---

<sup>40</sup> GALEGO.

<sup>41</sup> [1933 b] Resenha por Carvalho do *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*, Nós, 118, 1933, 229.

do saber histórico. A sua obra é modelação literária daquele princípio do PG: “Galiza, célula de universalidade” ainda que o povo galego tivesse dificuldades em se reconhecer nela pois oferece um retrato “demasiado verdadeiro” e completo. “Otero Pedrayo é un mundo poético, e no seu caos e no seu cosmos están, mesturados ou isolados, todos, todos os átomos da creación”<sup>42</sup>.

A sua obra retrata e define o país, medita sobre a nossa história, pinta a nossa paisagem. Capta toda a vida que boia e fulgura entre nós ao longo do tempo. Com uma olhada tão poderosa que penetra a olhada das gerações posteriores que vêm o seu país com a alma e os escritos de um autor que justapõe o rigor científico do geógrafo e a intuição poética e o talento da sua literatura para apresentar a nossa realidade nacional.

Uma literatura inteira que compreende a Galiza lavradora e propugna e pratica a comunhão com a terra. Otero despreza a quem derruba os alicerces de uma cultura e uma vida consagradas pela tradição. Caso do comerciante forâneo, do burguês e do curial. Para ele, o nacionalismo é uma forma de salvação e de preservação daquela vida e cultura. Uma tradição que se expressa na vida do antigo regime que povoa a sua literatura: paços, mosteiros, aldeias, fidalgos, cregos, lavradores.

Ricardo ama e conhece essa obra na medida que se produzia e situou-a num lugar preeminente na história da nossa literatura e cultura.

### **Otero narrador**

Carvalho sublinha no plano estilístico a variedade, riqueza e liberdade da prosa oteriana. Um estilo nucleado em torno da “amplificatio” retórica e às figuras da repetição alternando uma prosa plana e outra poética. Carvalho (1958 b) aborda o estilo oratório mas literário de Otero, um autor amazónico e fluvial, farturento, com facilidade verbal, um poeta imaginativo que improvisa e ornamenta, que cultiva o barroquismo, que produz um pensamento que é um Nilo com múltiplas cataratas. Às vezes deteta espontaneidade descuidada, improvisação e inspiração. Muitas e ricas imagens. O escritor prefere a estilização à reprodução fotográfica. As imagens achegam um ar barroco, a impressão de luxo, uma cascata de figuras de pensamento, períodos compridos presididos pela subordinação e a digressão. Rios e árvores com numerosos afluentes e polas. Prosa labiríntica, enfática,

---

<sup>42</sup> LAGII: 119.

lírica. Escreve sem respiro, não corrige, é espontâneo, original, numa inesgotável fluência.

Otero faz uma mistura entre o galego popular e dialetal de Ourense e a língua literária. Léxico rico, não depurado; morfologia vacilante, ortografia pouco sistémica. Depois da guerra abandona o seu pensamento lusista. Critica Carvalho a edição que nega a língua de Otero e reclama uma reedição respeitosa da sua obra. Modificam e corrigem a sua linguagem “conforme um galego decretado que el nem sequer conheceu”<sup>43</sup>.

Divide a obra narrativa de Otero em vários capítulos. O mais sobranceiro está constituído pelos romances de preguerra ambientados na Galiza que formam um ciclo fechado no que se retratam os séculos XIX e XX e a geração dos Precusores, o grupo Nós e a geração do SEG<sup>44</sup>.

No grupo dos romances galegos figura *Os camiños da vida*<sup>45</sup> que narra a ruína dos senhores dos paços, o trânsito da economia natural à economia do dinheiro, a desamortização e a exclausuração dos regulares, o viver aldeão de fidalgos e lavradores, a chegada de comerciantes castelhanos, a construção de novas estradas ou a revolução de 1846. E que contém um apelo à consciência galega.

*Arredor de si*<sup>46</sup> é o romance de acção interior que indaga na conversão ao galeguismo de Adrián Solovio e retrata a viagem dos membros da geração Nós. *Devalar* complementa *Arredor de si* e tem como protagonistas a dois membros do SEG, Martinho Dumbria e Paulinhos Fontenla. *O mesón dos ermos* é uma réplica concentrada a *Os camiños da vida*: a aldeia e a montanha que num vocabulário rural tecem um “poema em prosa de agreste beleza”, poema rural que nasce da observação realista.

Romances “não galegos” seriam *A romeiría de Gelmírez*<sup>47</sup>, romance histórico e galeguista que conta a viagem de Gelmírez a Roma para solicitar o pálio

---

<sup>43</sup> GALEGO: 196.

<sup>44</sup> “Un século de vida galega (1836-1936)”, LAGII: 120-124.

<sup>45</sup> “A saga de Trasouto”, LAGII: 142-146.

<sup>46</sup> “Arredor de si”, LAGII: 127-131.

<sup>47</sup> “Xelmírez, herói de novela”, LAGII: 124-127.

arcebispo a Pascual II. E *Fra Vernero*, romance cultural e de ideias, à margem do galeguismo, um poema histórico sobre o dramaturgo romântico e predicador Zacharias Werner (1768-1823), um luterano alemão baptizado em Roma em 1811.

Para Carvalho, *O Señorito da Reboraina* (1960) parece uma paródia dos seus romances de fidalgos de preguerra, um romance de aventuras, arbitrária e “libertina” que supõe uma “caricatura (...) de tipos, motivos y situaciones que Otero había tratado anteriormente con noble e ingenua seriedad” (1975a)<sup>48</sup>. Um romance fora do programa patriótico de preguerra, cheia de acontecimentos extravagantes arredor de Xoán Manuel Pereira.

Os livros de contos estão representados pelos *Contos do camiño e da rúa* que superam o relato costumista e modernizam o formato<sup>49</sup>, contêm uma galeria de tipos galegos, apresentam uma prosa brilhante e novidosa e fazem de O fidalgo “unha epopeia, que recolle todo un espírito, todo un tempo e todo un xeito de vivir”. Celebra com menos interesse a escolma de contos inéditos de *Antre a vendima e a castañeira* (1957)<sup>50</sup>.

Carvalho ocupou-se dos esquecidos romances em espanhol de Otero<sup>51</sup>. Clasifica-os em contemporâneos (ambientados no XIX e começos do XX) e históricos (situados em épocas anteriores ao XIX). Ao primeiro grupo pertencem *Adolescencia* (1944), romance autobiográfico que evoca os anos infantis e adolescentes de Otero, Ourense, a família e os seus mestres e *La vocación de Adrián Silva* (1949), ambientada no Ourense de finais do XIX e centrada na triunfante vocação eclesiástica de Adrián Silva e a força atrativa de duas irmãs. Ao segundo grupo *Las palmas del convento*, “Biografía novelada de Rodríguez del Padrón”, (1941) e *La fiesta del Conde Bernstein* (1988), romance histórico e cultural inédito desde 1943 até 1988, e centrado no ocaso do XVIII. O Conde Bernstein celebra uma festa no seu castelo de Inselberg antes de abandoná-lo para sempre. Otero presenteou-lhe a Ricardo uma cópia em 1961, em Trasalba.

<sup>48</sup> “La novela gallega actual”, *Revista de la Universidad Complutense*, XXIV, 19, 1975, 59-80.

<sup>49</sup> Resenha de *Contos do camiño e da rúa*, em *Nós*, 106, 1932, 196. Veja-se também “Balance e inventario da nosa literatura”, *Nós*, 108, 1932, 222-223 e em LFP: 147-151.

<sup>50</sup> “Entre a vendima e a castañeira”, *Vida Gallega*, 721, abril de 1957.

<sup>51</sup> “Novelas en español de Otero Pedrayo”, *Saber leer*, 32, 1990, 4-5. Otero é autor de três romances inéditos: *Del Noviciado al Ateneo*, ambientada na etapa madrilenha de estudante, *El responso y el espejo*, sobre a vocação eclesiástica e *Contra el filo del río*.

## Os outros Oteros

Carvalho valora o cultivo do teatro pelos membros da geração Nós. Antes da guerra, o Otero dramaturgo é o autor da *Lagarada* (1929), editada por Carvalho em 1979, um drama rural austero, perfeito, económico e arcaico que reivindicou muitas vezes. Carvalho fala da força desta tragédia dionisíaca por volta do poder demoníaco do vinho que contém a fatalidade, o simbolismo e a ingenuidade galega e que testemunha um conhecimento privilegiado das “formas populares de vida do seu país” (2000: 135)<sup>52</sup>. Onde intervêm as forças primitivas e cruas da fome e do amor, da cobiça e da luxúria. Uma tragédia nucleada sobre um assassinato. Menos atenção prestou às farsas não consumadas do *Teatro de máscaras* e à “sátira dialogada” que é para ele *O desengano*.

Para Carvalho, o orador é um ser social que busca o aplauso. Sublinha a sua condição de “dotado orador” “por su capacidad extraordinaria para la improvisación lírica, merced a la riqueza de su imaginación”. Otero não recita textos escritos, “hace auténticos discursos, piezas sólidas y expresivamente logradas”(1955: 193)<sup>53</sup>. O orador é consequência do escritor, “la poesía domina siempre a la elocuencia”(1955:193). Para Otero falar é como escrever. “Dice en la tribuna lo que hubiese dicho en las cuartillas”(1955: 193), cultivava uma oratoria “sin arrebatos ni depresiones”(1955:194), o público desfrutava da fantasia, evocação pois é criação literária. Ao ouvi-lo é “como si hubiésemos sorprendido al escritor en plena tarea productora”(1955:194).

Carvalho reivindica desde 1958 a obra poética de Otero por muito que este não lhe deixe recompilar os seus poemas. Para Carvalho, a poesia de Otero é uma poesia completa, grave, enxebre, sábia, uma obra entre Cabanillas e Bouza Brey e que compara com a de Díaz Castro: “sabedoría cultural e un enxebre, fondísimo e relixiosísimo sentimento do campo galego” (1958b: 131)<sup>54</sup>. Otero é como escritor um excelso poeta, esse poeta de Nós que falta entre o modernismo de Cabanillas e o semisimbolismo semivanguardista de Bouza. Esse poeta simbolista mais enxebre próximo dos simbolistas portugueses que tanto liam os autores de Nós. Mas os poetas de Nós são Cabanillas e os seus discípulos e Bouza e os vanguardistas. Otero exerceu pouco e marginalmente de poeta, era um

---

<sup>52</sup> TEATRO.

<sup>53</sup> “Otero orador” em ALGC: 192-194.

<sup>54</sup> SOLI.

escritor rápido e improvisador, sem sentido do ritmo prosódico pelo que o seu verso (1981:679)<sup>55</sup> “resulta moitas veces duro, con hiatos e sinéreses violentos, e ictus que non coinciden cos acentos gramaticáis”. *Bocarribeira. Poemas pra ler e queimar* contém textos escritos em Trasalba nas festas de Páscoa de 1955 a 1956 com impressões líricas da bocarribeira. Textos breves, epigramáticos, em profunda comunhão com o meio natural. Considera textos de mais qualidade os conteúdos na *Escolma* de Del Riego<sup>56</sup> (1955: 70-79). Carvalho desejou sempre um volume antológico dos versos de Otero<sup>57</sup>.

Carvalho ocupa-se da viçosa produção ensaística e científica de Otero que não se afasta do núcleo temático principal. Existe um Otero geógrafo e historiador. O ensaio oferece uma teoria da Galiza, estimula a liberdade e flexibilidade e pode executar-se sem sistema e rigor metódico. Os grandes ensaios antes da guerra são a *Guía de Galicia* e o *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*, visto como a história da nossa cultura manifestada na barca apostólica, as fogueiras de São Martinho, a Galáxia, a arquivolta florida, a selva encantada, os caminhos do mundo ou o barroco. Fala de Otero como o melhor “glosador” da arte de Compostela e dos seus acertos de interpretação estética.

Otero foi autor de centenas de artigos nos que expressa a sua ideologia e complementa o mundo da sua obra literária, às vezes em formato aforístico: as tradições e a história do país, o catolicismo, a vida lavradora. *O espello na serán. Entre o Pedroso e o Viso* (1966)<sup>58</sup> contém relatos, prosas, compostelanas, pequenos cantos sobre a cidade com técnica impressionista. Orações dominadas por uma conceção mística e mítica de Compostela. Natureza e cultura. “Reflexos e intuicións” (1982: 132)<sup>59</sup>, pequenos quadros de um grande mural. Motivos compostelanos ao modo lírico, isolados e justapostos.

Carvalho ocupa-se dos artigos inseridos em *Parladoiro* (1973)<sup>60</sup> quando reclama umas *Obras completas* para um clássico, romântico e barroco. Trata-se de artigos e fragmentos de livros de memórias e de viagens, de épocas diferentes

---

<sup>55</sup> HLGC.

<sup>56</sup> *Escolma de poesía galega*. Vigo: Galaxia.

<sup>57</sup> HLGC.

<sup>58</sup> *O espello na serán* (1966), LAGII: 131-134

<sup>59</sup> LAGII.

<sup>60</sup> “Parladoiros”, LAGII: 134-137. “Obras selectas: Parladoiro: Artículos”, LAGII: 137-142.

cuja ortografía foi emendada sem respeitar-se a língua e o estilo do autor. As correções morfológicas e gráficas alteram para Carvalho o valor histórico da prosa oteriana e “a cromática da súa fala”: “crónicas do devalar da vida do país, semblanzas de figuras humás, evocación de momentos históricos, comentarios líricos sobre os mitos e os fastos da nosa terra” (1982: 134-5)<sup>61</sup>. Prosa espontánea sobre a nosa realidade cultural e natural. No parladoiro domina a sabedoria humanística, a realidade quotidiana e a temática popular.

## Referências

- Carvalho Calero, Ricardo e outros (1932). “A Ezquerda Galeguista fálalle ao país”, *A Nosa Terra*, 1 de xullo de 1931.
- Carvalho Calero, Ricardo (1932). Resenha de *Contos do camiño e da rúa*, *Nós*, 106, p. 196.
- Carvalho Calero, Ricardo (1932). “*Balance e inventario da nosa literatura*”, *Nós*, 108, pp. 222-223 [em LFP: 147-151].
- Carvalho Calero, Ricardo (1933 b). Resenha do *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*, *Nós*, 118, p. 229.
- Carvalho Calero, Ricardo (1934). “*A xeneración de Risco*”, *Nós*, 131-132, pp. 182-184.
- Carvalho Calero, Ricardo (1949). “*Gelmírez, héroe de romance*”, *La Noche*. [Como “Xelmírez, herói de novela”, em LAGII: 124-127].
- Carvalho Calero, Ricardo (1951). “*Algo sobor da poesía de Curros*”. in *Presencia de Curros y D<sup>a</sup> Emilia*. Col. Grial, n<sup>o</sup> 3, pp. 23-44.
- Carvalho Calero, Ricardo (1952). “*Sobre a personalidade de Ramón Otero Pedrayo*”, *Seara Nova*, 1254-1255, 21 e 28 de junho de 1952, pp. 85-87 e 91.
- Carvalho Calero, Ricardo (1955). *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*. Madrid: Gredos. “Otero orador” em pp. 192-194.
- Carvalho Calero, Ricardo (1957). “*Entre a vendima e a castañeira*”, *Vida Gallega*, 721.
- Carvalho Calero, Ricardo. (1958 a) “Otero fala i escribe”. in *Ramón Otero Pedrayo; a súa vida e a súa obra*. Caracas: Centro Galego, pp. 45-46. [Como “Otero fala e escribe” em LAGII: 117-119].
- Carvalho Calero, Ricardo (1958 b) “Ramón, príncipe de Aquitania”. in *Homenaxe a Ramón Otero Pedrayo*. Vigo: Galaxia, pp. 27-45. [Em SOLI: 112-133].
- Carvalho Calero, Ricardo (1959). “*Personalidad literaria de Otero Pedrayo*”, *Ínsula*, 152-153, p. 3.
- Carvalho Calero, Ricardo (1959). *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía*. Lugo: Celta.

---

<sup>61</sup> LAGII.

- Carvalho Calero, Ricardo (1961). “Discurso de D. Ricardo Carballo Calero” (sobre Cabanillas), BRAG, 339-344, pp. 519-527.
- Carvalho Calero, Ricardo (1966). “Don Ramón ante el 68”, Ínsula, nº 236-237, “Homenaje a Ramón del Valle-Inclán”.
- Carvalho Calero, Ricardo (1966). “O espello na serán” (1966), em LAGII: 131-134.
- Carvalho Calero, Ricardo (1968). “Nótulas rosalianas”, CEG, nº 69, pp. 120-124. [Em *Estudos rosalianos*. Vigo: Galaxia, pp. 152-156].
- Carvalho Calero, Ricardo (1968). “A miña cantiga”. CEG, nº 70, pp. 40-44.
- Carvalho Calero, Ricardo (1969). “Un manuscrito de D. Mario Cubí y Soler”, CEG, nº 72-74, pp. 275-289.
- Carvalho Calero, Ricardo (1969). “Epílogo” a *D’o ermo*. A Corunha: RAG, pp. 72-83. Antes en *Sete poetas galegos* (1955). Vigo: Galaxia, pp. 85-98.
- Carvalho Calero, Ricardo (1970). “Nós onte, hoxe e mañá”. in *Cinquentenario de Nós. Homenaxe da RAG*. A Corunha: RAG, pp. 26-27.
- Carvalho Calero, Ricardo (1971). “O conto popular na provincia de Lugo”, em SOLI: 153-169. Trabalho presentado no III Congreso Internacional de Etnografía celebrado em Santo Tirso, e publicado no Tomo III das Actas.
- Carvalho Calero, Ricardo (1971). Resenha de *Arredor de sí*, Grial, nº 31, pp. 115-117. [LAGII: 127-131].
- Carvalho Calero, Ricardo (1971). *Sobre lingua e literatura galega*. Vigo: Galaxia.
- Carvalho Calero, Ricardo (1972). “Valentín Lamas Carvajal” na *Escolma de poesías* de Lamas. A Corunha: RAG, pp. 64-68.
- Carvalho Calero, Ricardo (1973 a). “Un século de vida galega (1836-1936)”, *La Voz de Galicia*, 20 de outubro de 1973. [Em LAGII: 120-124].
- Carvalho Calero, Ricardo (1973). “*Obras selectas: Parladoiro: Artículos*”, Grial, 42, pp. 500-503. [LAGII: 137-142].
- Carvalho Calero, Ricardo e Fontoira, Lydia (1973 a). Edición das *Poesías* de Rosalía de Castro. Vigo: Patronato Rosalía de Castro.
- Carvalho Calero, Ricardo (1973). “Parladoiros”, em LAGII: 134-137.
- Carvalho Calero, Ricardo (1974). “*Figuras representativas da literatura galega actual*”, Grial, nº 45, pp. 269-279. [Em LEGAL: 85-93].
- Carvalho Calero, Ricardo (1975). “*Esquema argumental de Os vellos non deben de namorarse*”, BRAG, nº 357, 15-20. [Em LAGII: 84-90 e em *Escritos sobre Castelao*: 277-285].
- Carvalho Calero, Ricardo (1975). “*La novela gallega actual*”, *Revista de la Universidad Complutense*, XXIV, 19, pp. 59-80.

- Carvalho Calero, Ricardo (1975). “Castelao, narrador”, in *Castelao*, Cuadernos para el diálogo, Los Suplementos, 58, pp. 26-28. [Em *Escritos sobre Castelao*: 137-145].
- Carvalho Calero, Ricardo (1975). “Aspectos de *Os vellos non deben de namorarse*”. *Grial*, nº 47, pp. 24-32. [Em *Escritos sobre Castelao*: 287-299].
- Carvalho Calero, Ricardo (1976/1977). “*Una descripción poética del combate naval de Rande (1702)*”, CEG, 90-92, pp. 157-164.
- Carvalho Calero, Ricardo (1977). “*Otero Pedrayo: unha visión de Galicia*”, *Grial*, 56, pp. 133-141. [Em LAGII: 153-163].
- Carvalho Calero, Ricardo [1978 a] “A saga de Trasouto”, *Grial*, 62, pp. 499-501. [Em LAGII: 142-146].
- Carvalho Calero, Ricardo (1978). Resenha dos *Discursos parlamentarios (1931-1933)* de Castelao, Otero Pedrayo, Suárez Picallo e Villar Ponte editados por Xosé Lois García em 1978 (Sada: Eds. do Castro), *Grial*, 62, pp. 492-497. [Em LEGAL: 77-84].
- Carvalho Calero, Ricardo (1979). *Estudos rosalianos*. Vigo: Galaxia.
- Carvalho Calero, Ricardo (1979). *Teatro Nós*. Santiago: Follas Novas. Contém *A lagarada* de Otero Pedrayo.
- Carvalho Calero, Ricardo (1980). “Galiza fora de si. A vida da nosa cultura fora do país (1950-1980)”, in *Galaxia 1950-1980. Trinta anos de cultura*. Ourense: Imp. La Región, p. 6.
- Carvalho Calero, Ricardo (1981). *Historia da literatura galega contemporánea*, 3ª ed. Vigo: Galaxia.
- Carvalho Calero, Ricardo (1982). *Libros e autores galegos: século XX*. A Corunha: Fund. Pedro Barrié de la Maza.
- Carvalho Calero, Ricardo (1984). “Louvança do vinho do Ribeiro” (1980), em LEGAL: 127-131.
- Carvalho Calero, Ricardo (1984). *Letras Galegas*. A Corunha: AGAL.
- Carvalho Calero, Ricardo (1987). *La fuerza pública en la Universidad de Santiago y otros escritos escolares. (1930-1933)*. Sada: Edicións do Castro.
- Carvalho Calero, Ricardo (1988). “*Otero Pedraio na história do romance galego*”, *Agália*, nº 13, 9-26.
- Carvalho Calero, Ricardo (1989). *Escritos sobre Castelao*. Santiago: Sotelo Blanco.
- Carvalho Calero, Ricardo (1989). *Estudos e ensaios sobre literatura galega*. Sada: Edicións do Castro.
- Carvalho Calero, Ricardo (1990). “A identidade galega na História. O pensamento contemporâneo. Otero Pedraio: Das Irmandades ao Seminário”, em EELG, pp. 234-243. Antes em *O pensamento galego na historia*. Santiago: USC.

Carvalho Calero, Ricardo (1990). *Do galego e da Galiza*. Santiago: Sotelo Blanco. Neste livro podemos ler “Otero Pedraio na história do romance galego” (pp. 179-200), “Otero Pedrayo: comentário de texto” (pp. 301-210), “A ideia da Galiza en Otero Pedrayo” (pp. 211-224) e “Otero Pedrayo: o home e o escritor”(pp. 225-236)<sup>23</sup>, escritos entre 1987 e 1988.

Carvalho Calero, Ricardo (1990). “*Novelas en español de Otero Pedrayo*”, *Saber leer*, n<sup>o</sup> 32, pp. 4-5.

Carvalho Calero, Ricardo (1992). *Umha voz na Galiza. Artigos de jornal (1933-1989)*. Santiago: Sotelo Blanco. Contém “Otero Pedraio, dez anos despois” (pp. 192-193), “A teoría da Galiza em Otero Pedraio” (pp. 288-292), “Otero Pedrayo, liberal” (pp. 314-316), “Otero Pedrayo, escritor católico” (pp. 322-323) e “¿Quen foi Otero Pedrayo?” (pp. 324-327).

Carvalho Calero, Ricardo (2000). *Escritos sobre teatro*. A Corunha: Biblioteca F. Pillado/UDC.

Fernández del Riego, Francisco (1955). *Escolma de poesía galega. Vol. IV, Os contemporáneos*. Vigo: Galaxia.

Monteagudo, Henrique, coord. (2020). *Polos camiños das horas: epistolario de Ricardo Carballo Calero e Ramón Otero Pedrayo*. A Corunha: RAG.

Otero Pedrayo, Ramón (1926). *Guía de Galicia*. Madrid: T. Espasa-Calpe.

Otero Pedrayo, Ramón (1928). *Os camiños da vida*. A Corunha: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1928). *A lagarada*. A Corunha: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1930). *Arredor de si*. A Corunha: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón e outros (1931). “Afirmación católica d’un grupo de nacionalistas”, *Logos*, n<sup>o</sup> 10.

Otero Pedrayo, Ramón (1932). *Contos do camiño e da rúa*. Santiago: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1933). *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*. Santiago: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1934). *A romeiría de Gelmírez*. Santiago: Nós. 2.<sup>a</sup> edición, en 1991, Vigo: Galaxia.

Otero Pedrayo, Ramón (1934). *Fra Vernero*. Santiago de Compostela: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1935). *Devalar*. Santiago: Nós.

Otero Pedrayo, Ramón (1936). 1936: *O mesón dos ermos*. Ourense: Aláuda.

Otero Pedrayo, Ramón (1941). *Las Palmas del Convento*. Buenos Aires: Emecé.

Otero Pedrayo, Ramón (1944). *Adolescencia*. Buenos Aires: Nova.

Otero Pedrayo, Ramón (1949). *La vocación de Adrián Silva*. A Corunha: Moret.

- Otero Pedrayo, Ramón (1952). “O celtismo de Chateaubriand”, in *Aspectos económicos y jurídicos de Galicia*, col. Grial, 4, pp. 113-123.
- Otero Pedrayo, Ramón (1952). *El doctor Varela de Montes*. Santiago: CEG.
- Otero Pedrayo, Ramón (1957). *Antre a vendima e a castañeira*. Vigo: Galaxia.
- Otero Pedrayo, Ramón (1958). *Bocarribeira*. Madrid: Brais Pinto.
- Otero Pedrayo, Ramón (1959). Resposta a *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía*. Lugo: Celta. 105-132. nº 4.
- Otero Pedrayo, Ramón (1959). “*El recodo de Casdenón*”, *Ínsula*, 152-153, p. 32.
- Otero Pedrayo, Ramón (1960). *1960, O Señorito da Reboraina*. Vigo: Galaxia.
- Otero Pedrayo, Ramón (1961). “*Sobre algunos establecimientos de enseñanza en la Galicia del siglo XIX*”, *BRAG*, nº 339-344, pp. 234-246.
- Otero Pedrayo, Ramón (1963). “Supersticiones compostelanas en los siglos XVIII y XIX”, in *Actas do Congreso Internacional de Etnografía: promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso de 10 a 18 de Julho de 1963*. Lisboa: JIU, pp. 393-404.
- Otero Pedrayo, Ramón (1966). “*El viaje a Orense de D. Ramón del Valle-Inclán*”, “*Ínsula*, nº 236-237, “Homenaje a Ramón del Valle-Inclán”, p.3.
- Otero Pedrayo, Ramón (1966). *O espello na serán*. Vigo: Galaxia.
- Otero Pedrayo, Ramón (1968). “*Formas y expresiones de la cultura de Orense durante el siglo XIX*”, *CEG*, nº 69, pp. 89-114.
- Otero Pedrayo, Ramón (1968). “*Paisajes, formas y ritmos de vida del Orense decimonónico*”, *CEG*, nº 70, pp. 224-236.
- Otero Pedrayo, Ramón (1969). “*Verbas limiares*” in *D’o ermo*. A Corunha: RAG, pp. 8-21.
- Otero Pedrayo, Ramón (1969). “*El planteamiento decisivo de la novela romántica de Rosalía de Castro*”, *CEG*, nº 72-74, pp. 290-314.
- Otero Pedrayo, Ramón (1970). “*No suco da revista Nós*”, in *Cinquentenario de Nós. Homenaxe da RAG*. A Corunha, RAG, pp. 46-47.
- Otero Pedrayo, Ramón (1972). “*Valentín Lamas Carvajal*” na *Escolma de poesías de Lamas*. A Corunha: RAG, pp. 7-16.
- Otero Pedrayo, Ramón (1975). “*O compostelanismo de Castela*”, *BRAG*, nº 357, 94-98.
- Otero Pedrayo, Ramón (1973). *Obras selectas. Parladoiro. Artículos*. Vigo: Galaxia.
- Otero Pedrayo, Ramón (1975). “*Evocación de Castela*”, in *Castela*, Cuadernos para el diálogo, Los Suplementos, 58, pp. 37-42.
- Otero Pedrayo, Ramón (1975). “*Castela*”, *Grial*, nº 47, 1-3.
- Otero Pedrayo, Ramón (1975). “*O pazo navegante*”, *La Región*.
- Otero Pedrayo, Ramón (1975). *Teatro de máscaras*. Vigo: AA. AA. de Otero Pedrayo.

Otero Pedrayo, Ramón (1976). *O desengano do prioiro*. Vigo: Castrelos.

Otero Pedrayo, Ramón (1976/1977). “Temáticas y estilos del paisaje actual de Galicia”, CEG, nº 90-92, pp. 9-44.

Otero Pedrayo, Ramón (1988). *La fiesta del conde de Bernstein*. A Corunha: Fund. Barrié de la Maza.

Rabunhal, Henrique (2020). *Ricardo Carvalho Calero. O anxo da terra*. Vigo: Galaxia.

Rabunhal, Henrique (2021). “Isaac Díaz Pardo, galego bom e generoso” *Signum*, Revista da ABREM, vol. 22, nº 2, pp. 179-195.

## HENRIQUE RABUNHAL

Henrique Rabunhal é Doutor em Filologia Galega e Catedrático de Língua e literatura galegas no IES Ramón Menéndez Pidal (A Corunha). Autor de *Poemas da luz e da loucura*, *Textos e contextos do teatro galego*, *Rafael Dieste: a franqueza e o mistério*, *A fariña das horas*, *A Coruña na historia*, *Manuel Murguía*, *O tempo demorado nos marmelos*, *J. Marinhas del Valle*, *a vida escura*, *Manuel Murguía e Arteixo*, *O P. Sarmiento*, *Ollos negros*, *Palabra e patria*, *M. Lugrís Freire*, *O cristal da sede*, *Literatura galega*, *X. M<sup>a</sup> Álvarez Blázquez na súa canle secreta*, *Poemas coruñeses*, *O teatro en J. Marinhas del Valle*, *Teatro incompleto*, *Escritos sobre teatro galego*, *Porlier en Pastoriza*, com Miguel Sande, *R. Carvalho Calero. O anxo da terra e Xela Arias: liberdade, subversión, innovación*.

Publicou edições de *O marinheiro* de Pessoa, do *Entremés famoso sobre a pesca no río Miño*, de *La primera luz* de Murguía e de *Noite invadida* de Xesús Pisón. En 1993 publica com X. M. Fernández Costas *Luz Pozo Garza. Códice calixtino*, *X. L. Méndez Ferrín. Con pólvora e magnolias* e *Carlos Casares. Ilustrísima*.



**A poesia de  
Ricardo Carvalho Calero:  
Uma aproximação**

Paulo Fernandes Mirás

**Resumo**

Este trabalho tenciona dar uma vista geral da poesia de Ricardo Carvalho Calero, fazendo um breve percurso pelos seus poemários, a sua composição e as suas características mais importantes.

**Palavras-chave**

Ricardo Carvalho Calero, poesia, literatura.

**Abstract**

This work aims to give an overview of Ricardo Carvalho Calero's poetry, making a brief journey through his poetry books, giving attention to its composition and most important characteristics.

**Key words**

Ricardo Carvalho Calero, poetry, literature.

## A poesia de Ricardo Carvalho Calero

A obra poética de Carvalho está composta por onze poemários: *Trinitarias* (1928), *Vieiros* (1931), *La soledad confusa* (1932), *O silencio axionllado* (1934), *Anxo de terra* (1950), *Poemas pendurados de un cabelo* (1952), *Salterio de Fingoy* (1961), *Pretérito imperfeito* (1980), *Futuro condicional* (1982), *Cantigas de amigo e outros poemas* (1986) e *Reticências...* (1990); ou dezassete se tivermos em conta a *Poesía perdida* (1993) (*Versos para olvidar*, *Versos para romper*, *Romancero de Apócrifos e Canónicos*, *Teoría de Eva e Avena loca*) publicada por Claudio Rodríguez Fer, onde recolhe os poemas em castelhano não publicados pelo autor em vida (mas é necessário mencionar que os dois primeiros, *Versos para olvidar*, *Versos para romper* contém os poemas quer de *Trinitarias*, quer de *La soledad confusa*, ainda que ampliados) e *O trebo de catro follas* (1944), publicado por Carmen Blanco, que recolhe 153 quartetos de carácter popular que seguramente foram excluídos pelo seu autor por achá-los mais uma prática poética do que uma obra séria. Não é o caso da *Poesía perdida*, poemário em castelhano que não foi estampado porque Carvalho, convencido e implicado com a língua galega, decidira não reproduzir mais obras literárias que não fossem na língua da Galiza, daí ter guardado os seus poemas em castelhano posteriores a *La soledad confusa*, último poemário publicado na língua da Castela.

Poderíamos estruturar os seus poemários em três grandes blocos.

O primeiro, acolheria os poemários de pré-guerra, é dizer, *Trinitarias*, *Vieiros*, *La soledad confusa* e *O silencio axionllado*.

O segundo, agruparia a poesia de pós-guerra, *Romancero de apócrifos y canónicos*, *Teoría de Eva*, *O trebo de catro follas*, *Avena loca*, *Anxo de terra*, *Poemas pendurados de un cabelo*, *Salterio de Fingoy* e também *Futuro condicional*<sup>1</sup>.

Finalmente, o derradeiro bloco dá conta de *Cantigas de amigo e outros poemas* e de *Reticências...*, poemários onde Carvalho atinge a sua plenitude poética, conservando muitas características dos anteriores, mas com um grande polimento e peculiaridades pessoais.

---

<sup>1</sup> Evitamos mencionar *Pretérito imperfeito* por ser uma antologia da sua poesia de pré-guerra e metemos no bloco de pós-guerra *Futuro condicional* por ser um contínuo a respeito de *Salterio de Fingoy*, conservando muitas características em comum, ainda que numa trajetória para a consolidação poética carvalhiana.

O primeiro livro que publicou foi *Trinitarias* (1928), que posteriormente ampliou, mas não publicou de novo, mudando-lhe o nome a *Versos para olvidar* (Rodríguez 1993: 6). Este último, está composto por 60 poemas, 26 mais do que na sua primeira versão. Trata-se de um livro que recolhe os poemas que Carvalho escreveu entre os 15 e os 20 anos, isto é, da sua adolescência. Quanto aos temas do poemário, como bem diz no prólogo Nicolás García Pereira, estamos ante uma obra envolta nos amores da juventude e com uma enorme carga sentimental, deste modo o explicita García Pereira “un corazón adolescente” (Carballo, 1928: I) ou “estos versos, mas sentidos que pensados” (em Carballo, 1928: IV) e com o que coincide Rodríguez Fer (1993: 6), que incide na recorrência constante da temática amorosa e a fascinação pela mulher.

O segundo livro, *Vieiros* (1931), é o primeiro que publica em língua galega e está composto por trinta poemas escritos entre 1927 e 1931, que ficarão reduzidos a nove quando reedite a sua poesia em 1980, no exemplar de *Pretérito imperfecto* onde supomos que descartará a imensa maioria deles por não achar a suficiente qualidade para fazer parte do tomo que reúna a sua poesia de 1927 a 1961. É um poemário que, bebedor da estética rubeniana (Pallarés, 1992: 12), já ultrapassada, aprofunda no questionamento existencial, na ilusão no seu sentido português, na impostura, o engano, o artifício, caminho dum pessimismo sentimentalista. Além disto, influenciado pelas vanguardas, incorpora imagens criacionistas e ultraistas, achegando uma visão da realidade tradicional galega como identidade nacional. A ideia de Carvalho era renovar a poesia galega, mas sem deixar atrás o tradicional e definitório, o que nos situava no mundo como galegos (March, 2000: 173). Neste sentido, a poesia carvalhiana, transita num duplo caminho, achega-se lentamente às vanguardas enquanto não abandona a tradição/identidade. Também é necessário comentar a profunda influência de Amado Carballo na sua poesia, quanto aos motivos paisagísticos (hilozoíza o mundo) e aos elementos religiosos, no caso de Manoel Antonio, compartilha a necessidade de projetar uma ideia de nação (March, 2000: 179).

O terceiro livro, *La soledad confusa* (1932), foi a segunda e derradeira obra em castelhano publicada por Carvalho Calero. Está formada por 28 poemas, que o autor mudará a nome da obra para *Versos para romper* (Rodríguez, 1993: 11) e modificará quer a disposição e os títulos, quer a quantidade dos poemas — omitindo sete, mudando três para o livro *Romancero de apócrifos y canónicos*

e acrescentando o restante — até chegar aos sessenta e três poemas. O livro inicial fora escrito entre os anos 1929 e 1930, mas com a ampliação, passa a estar composto por poemas escritos em épocas muito diferentes, tais como a República, a guerra civil, ou mesmo da pós-guerra. Atendendo à temática e estética desta obra, podemos dizer que segue a estela pós-modernista, devedora da promoção do 27, cujo título faz lembrar a Juan Ramón Jiménez — muito próximo a *La soledad sonora*, aludindo possivelmente a Góngora, à dedicatória das suas *Soledades* — e o neopopularismo da Geração de 27, interesse fruto do cultivo das formas populares, que Carvalho conheceu, entre outros autores, da mão de Federico García Lorca e o seu *Romancero gitano* e de Rafael Alberti e as suas obras *Marinero en tierra*, *La amante* e *El alba del alhelí*. Como indica Rodríguez Fer (1993: 12), o erotismo é um elemento dominante nos romances deste volume, para além de toda a obra de Carvalho Calero.

O quarto livro, *O silencio axionllado* (1934), está formado por 38 poemas, que deixam atrás o modernismo e o romantismo, frente a iconoclastia, o erotismo, a intranscendência ou o jogo metafórico (Pallarés: 2018, 45). O número de poemas que o conformam ficará reduzido a 26 quando publicar *Pretérito imperfecto*. Mantém uma forte ligação com *Vieiros*, já que permanecem o hilozoísmo e a abstração existencialista, convivendo com o neopopularismo presente em *La soledad confusa*. Elementos do seu primeiro poemário em galego seguem a aparecer, tais como: a mulher e o seu vínculo com a natureza, o erotismo, a razão etc. Cobram vital importância a intranscendência e a ironia vanguardistas que inundam agora a sua poesia (Pallarés, 2000: 189). Seria destacável o facto de a mulher, além estar vinculada com a natureza, passa aqui a ser a Deusa que o homem adora (Pallarés, 1992: 14) e o autor vê-se seduzido pela possibilidade de ser ele também um deus criador.

O quinto livro, *Romancero de apócrifos y canónicos* (1930-1943), está composto por vinte e uma composições, todas elas romances bíblicos. Seguindo a linha de Lorca, Carvalho começa com oito romances relacionados com a matéria do *Génesis*, primeiro livro da Bíblia e continua incorporando nos seguintes diversas personagens bíblicas: Iave, Adão, Eva, Caim, Abel etc. O mais destacável é a escolha do nosso autor pelo caminho apócrifo, por Lilith, a primeira mulher de Adão. Esta encarna a sexualidade, a rebeldia, e contrasta com Eva, a figura que substituirá a Lilith e se caracterizará por valores

diametralmente opostos. Aparece novamente Abisag, mantendo a temática que acompanhava em Vieiros, o relacionamento entre o velho e a moça (Rodríguez, 1993: 20). Por último, cabe destacar que o “Romance de Salomé”, segundo Rodríguez Fer (1993: 21) antecipará os versos de “Salomé” e “In Memoriam” de *Salterio de Fingoy*.

O sexto livro, *Teoria de Eva* (1939-1942), está formado por 100 sonetos, todos eles retratos femininos. Estão envoltos numa ótica amorosa, que como anuncia Rodríguez Fer (1993: 22), poderia considerar-se um antecedente dos *Cien sonetos de amor* (1960), de Pablo Neruda. Estamos ante a que poderia ser considerada a sua melhor obra em castelhano, coerente, com entidade e formando um tudo completo e compacto. Mantém as influências rubenianas e petrarquistas, oscilando entre descrições físicas e rasgos morais ou psicológicos, mas sempre com uma ética interna e inerente, inseparável. É importante, também, a descrição sensorial e a presença de metáforas vanguardistas relacionáveis com o futurismo e com o ultraísmo, além das referências mitológicas, históricas ou artísticas (Rodríguez, 1993: 28).

O sétimo livro, *O trebo de catro follas* (1944), não foi publicado em vida do autor porque, como já comentamos, não tinha a qualidade suficiente para considerar publicá-lo. Não foi até o ano 2000, que apareceria este poemário num dos tomos de Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, da mão de Carmen Blanco. Esta obra está formada por 153 quartetos onde poderíamos destacar as referências à natureza, à mulher e ao passar do tempo.

O oitavo livro, *Avena loca* (1945-1947), último poemário escrito em castelhano por Carvalho Calero, está composto por cinquenta e quatro poemas que, como afirma Rodríguez Fer (1993: 30), entronca com a tradição poética castelhana, mais concretamente com o *Libro de Buen Amor* (1330-1343) de Juan Ruiz. Nele há referências ao Arcipreste de Hita, Alonso Martínez Fernando de Rojas, Gil Vicente ou Unamuno, de maneira mais ou menos direta. Nesta obra há influências do *noventa e oito*, coincidindo às vezes com Antonio Machado, mas mantém características modernistas, a presença mitológica, do mundo referencial, do mundo bíblico, o amor e o pessimismo (Rodríguez, 1993: 32-34).

O noneno livro, *Anxo de terra* (1950), está formado por dezasseis composições escritas maioritariamente entre 1934 e 1938 (Carballo, 1980, 5), e desenha o desterro como o nosso destino final, desterro com ecos simbolistas,

onde aparecem elementos como a injustiça, o terror e o peso da consciência. Convida à reflexão existencialista e a desvelar o negativo que se agacha atrás da natureza, da mulher, da vida (Pallarés 2000: 190-191). Além disso, o desenho do humano como ser duplo, que como indica Elvira Souto (1991: 67), “polariza as ánsias da sua alma e no oxímoro impiedoso de se encerrar no finito transitório da sua dramática condição o sonho inquebrantável do eterno”. Em resumo, é uma obra profundamente marcada pelas feridas da Guerra Civil e um racionalismo existencialista fruto de um inquieto espírito que se fragmenta e descompõe criando vários pontos de vista desde os que orientar o texto, todos eles parte do mesmo ser, Carvalho.

O décimo livro, *Poemas pendurados de un cabelo* (1952), está formado por dezoito poemas escritos maioritariamente entre 1934 e 1938, igual que o livro anterior (Carballo, 1980, 5) e, em ambos, recupera a fé na transcendência e retoma muitos dos motivos da cosmovisão simbolista (Pallarés 2000: 190). É uma obra carregada de interrogantes, de questionamentos existenciais, sobre a verdade, a incapacidade de compreender a realidade ou a vida e a morte. A figura da mulher segue a fazer parte fundamental da sua obra, neste caso, a mulher e a liberdade para escolher o seu destino, mas ligada também em muitos casos ao seu carácter divino, que desvela o caminho ao homem. Entre outros temas, destaca “o passado” que habita na lembrança e que convive com o imparável passo do tempo. Em geral, a obra destila romanticismo, mitologia e questionamento existencial e temporal.

O undécimo livro, *Salterio de Fingoy* (1961), está composto por sessenta poemas. Aqui, como assinala Pilar Pallarés (2018: 45), o absurdo de raiz existencialista é uma constante. Neste período Carvalho é diretor e professor no colégio experimental Fingoi, onde trabalhará após sair do cárcere sem cumprir lá a condena completa. Será vigiado pela maquinaria franquista durante dez anos, isto influirá no seu estado anímico, fazendo que apareçam poemas como “Ti que procuras a infinda liberdade”, onde é fácil enxergar a situação de imobilidade do nosso poeta, que se queixa da sua “ceibidade inútil”, porque, apesar de ter saído da prisão, não é realmente livre. Aliás, a solidão, a dor e o pessimismo fazem parte deste volume, que mantém as constantes alusões mitológicas e bíblicas tão características da poesia carvalhiana.

O duodécimo livro, *Pretérito imperfeito* (1980), é uma coletânea de toda a poesia em galego escrita por Carvalho até a data (1927-1961). O autor, para além de recolher a sua obra poética, escolheu, omitindo determinados poemas, adaptou ortograficamente e corrigiu todos os poemários (eliminando castelhanismos). A exclusão de poemas produz-se, fundamentalmente, em *Vieiros* e *O silencio axionllado*, perdendo esta primeira obra a metade dos poemas e a segunda uma terça parte. Este livro foi redigido após reformar-se neste mesmo ano, momento a partir do qual incrementará a sua atividade tanto literária como de ensaística.

O décimo terceiro livro, *Futuro condicional* (1982), está formado por cento e vinte cinco composições datadas entre 1961 e 1982. Como afirma Pilar Pallarés (2018: 45-47), esta obra está fortemente ligada a *Salterio de Fingoy*, já que entre ambas convive o absurdo de raiz existencialista em confronto com a exaltação do feminino e o retorno ao mito. Esta exaltação do feminino e a dialética amor-paixão em contraposição com a norma, serão uma constante na poesia de Carvalho, desde a mocidade à velhice. O autor joga com a sensualidade e com a ironia, transitando entre o filho de Lilith e o filho de Eva, a bipolaridade do indivíduo que faz parte do próprio Carvalho Calero e a sua capacidade para criar personagens dentro do seu “eu”. O seu romance *Scórprio* é mais um exemplo desta técnica, onde o autor é cada uma das personagens da obra e todas elas estão a falar deste. Achamos alusões a esta multiplicidade e o indivíduo sendo um uno em versos como “um ser humano é uno”, assim recolhido em *Reticências*.

O décimo quarto livro, *Cantigas de amigo e outros poemas* (1986), está composto por sessenta e três poemas datados entre 1980 e 1985 e há nele um grande contraste ortográfico a respeito dos anteriores poemários, utilizando o padrão ortográfico desenhado pela AGAL na década de 80. Como o título indica, este poemário está fortemente influenciado pelas cantigas medievais, não estruturalmente, mas sim quanto à temática. Carvalho começa o primeiro poema fazendo referências metapoéticas para se referir a recursos retóricos como o refrão e o paralelismo. Aliás, altera os papéis de homem e da mulher nas cantigas e introduz novidades, portanto não estamos ante uma imitação da poesia medieval, mas sim o uso de certos recursos temáticos e retóricos. Além disto, mantém a exaltação do feminino e o retorno ao mito que apareciam em

*Futuro condicional* e mesmo a consciência do absurdo existencial nas seções VII e VIII (Pallarés, 2018: 47). Uma das diferenças quanto à mulher na sua poesia seria assumir o papel desta nos poemas, elaborando o escrito como se o autor fosse uma mulher ou como simples observador da mulher ou da natureza. Aliás, existe neste livro a visão da mulher na sua decadência, abandonando a conceição virginal, de perfeição e pureza que costuma utilizar. Finalmente, achamos interessante comentar que, para além da multiplicidade comentada já na obra *Futuro condicional*, é digno de menção que Carvalho gosta de receber a atenção das outras personagens (quer femininas como no caso de *Scórpio*, quer masculinas em *Cantigas de amigo e outros poemas*, quando toma o papel de uma mulher). Esta atitude literária — não sabemos se também na vida real — em Carvalho, e que excede o espaço da lírica, tem de ser analisada e compreendida para não cair em erros de apreciação, nomeadamente nos estudos de género ou feministas, pois a sua atitude perante o mundo quando faz poesia é indiferente sendo homem ou mulher. Ele gosta de ser atraente indiferentemente do disfarce que crie na sua produção.

O décimo quinto e último livro, *Reticências* (1990), está formado por cem composições. Tematicamente mantém a linha de *Salterio de Fingoy*, *Futuro condicional* e *Cantigas de amigo e outros poemas* quanto à consciência do absurdo existencial, como aclarei anteriormente e também a exaltação do feminino e o retorno ao mito. Além disto, o passo do tempo e a ironia têm um grande peso, sobretudo quando se referir ao ostracismo que viveu durante os últimos anos da sua vida “Excomungado, anónimo,/ viveu, morreu. Já somente eu o lembro./ Poeta verdadeiro” (Carvalho, 1990: 53).

Em resumo, se somarmos todos os poemas, estaríamos ante mais de trezentas composições em castelhano e mais de quatrocentas em galego, um total de mais de setecentos poemas, tal e como certifica Rodríguez Fer (1993: 35), que fazem de Carvalho Calero um dos poetas mais prolíficos da Galiza. Aliás, com uma obra qualitativamente invejável.

## Referências

- Blanco García, Carmen (2000). “*O trebo das catro follas: un poemario popular inédito de Carballo Calero*”. Em Rodríguez, José Luís (ed.). *Estudos dedicados a Ricardo Carballo Calero*, vol. I, 105-140. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia & Universidade de Santiago de Compostela.
- Carballo Calero, Ricardo (1928). *Trinitarias*. Ferrol: Talleres tipográficos “El Correo Gallego”.
- Carballo Calero, Ricardo (1931). *Vieiros*. Santiago: Nós.
- Carballo Calero, Ricardo (1932). *La soledad confusa*. Santiago: Nós.
- Carballo Calero, Ricardo (1934). *O silencio axionllado*. Santiago: Nós.
- Carballo Calero, Ricardo (1950). *Anxo de terra*. Pontevedra: Gráficas Torres (Colección Benito Soto, vol. VII).
- Carballo Calero, Ricardo (1952). *Poemas pendurados de un cabelo*. Lugo: Colección Xistral.
- Carballo Calero, Ricardo (1980). *Pretérito imperfecto (1927-1961)*. Sada-A Corunha: Edicións do Castro.
- Carballo Calero, Ricardo (1982). *Futuro condicional (1961-1980)*. Sada-A Corunha: Edicións do Castro.
- Carvalho Calero, Ricardo (1986). *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)*. A Corunha: Asociación Galega da Língua (AGAL).
- Carvalho Calero, Ricardo (1990). *Reticências (1986-1989)*. Barcelona: Sotelo-Blanco.
- March, Kathleen (1982). “A figura feminina na poesia de preguerra de Ricardo Carballo Calero”, *Grial* 75, 18-34.
- March, Kathleen (2000). “As pegadas de Manoel Antonio na poesia de Ricardo Carvalho Calero”. Em López Teresa e Salinas Francisco (ed.). *Actas do Simposio Ricardo Carvalho Calero Memoria do Século*, 171-181. A Corunha: Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña e Asociación Sócio-Pedagóxica Galega.
- Pallarés, Pilar (1992). *Fillo de Eva (88 poemas de Ricardo Carvalho Calero)*. Ferrol: Sociedad de Cultura Valle-Inclán (Colección Esquíu de poesía).
- Pallarés, Pilar (2000). “Carvalho Calero. Mitos para un exilio”. Em López Teresa e Salinas Francisco (ed.). *Actas do simposio Ricardo Carvalho Calero memoria do Século*, 183-202. Corunha: Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña e Asociación Sócio-pedagóxica Galega.
- Rodríguez Fer, Claudio (1993). *Poesía perdida. Ricardo Carballo Calero*. Sada-A Corunha: Edicións do Castro.

## **PAULO FERNANDES MIRÁS**

Paulo Fernandes Mirás nasceu em Ordes e realizou estudos superiores na cidade da Corunha (Galiza), onde realizou os cursos de Inglês e Galego e Português; os mestrados de Literatura Cultura e Diversidade e de Professorado de Educação Secundária Obrigatória, Formação Profissional e Ensino de Idiomas. Atualmente, está a fazer o Doutoramento em Estudos Literários também na Universidade da Corunha. Foi o responsável das antologias poéticas de Ricardo Carvalho Calero (2019) e Ernesto Guerra da Cal (2021) e o poemário *Estado demente comrazão* (2022), publicados na Através Editora e a biografia de Ricardo Carvalho Calero (2020) publicada na editora Ir Indo. É professor de língua e literatura galegas e português e Académico Correspondente da AGLP.

## Carvalho, Murguia, Valera?

Pré-Textos, Textos e Comentários

António Gil Hernández

### Resumo

No texto cito extensamente os artigos de don Juan Valera, de don Manuel Murguia, a contestar o de Valera, um mais de don Juan Valera, sem contestação nem resposta de Murguia, e mais o do Prof. Carvalho Calero, a comentar os precedentes.

Pela minha parte tento explicar ou racionalizar os posicionamentos ideológicos ou projetos e processos nacionalizados em que se acham os três autores. No intento sirvo-me das reflexões ao caso, diversas e díspares até, do referido Prof. Carvalho Calero e dos Professores e investigadores Lluís V. Aracil e Evandro Vieira Ouriques, relativamente às faces rastreáveis na resposta-contestação de Murguia a Valera: 1.<sup>a</sup> a quase psiquiátrica; 2.<sup>a</sup> a filológico-linguística; e 3.<sup>a</sup> a político-socializante.

### Palavras-chave

Carvalho, Murguia, Valera, nação, estado, grafia, hábitos e usos idiomáticos.

### Abstract

In this text I quote extensively from articles by Juan Valera, by Manuel Murguia responding to Valera's, another one by Valera, with no response from Murguia, and Professor Carvalho Calero's piece where he comments on Valera's and Murguia's.

I attempt to explain or rationalize the ideological positions or the nation-building projects and processes in which the three authors find themselves. I make use of the reflections, diverse and even disparate as they may be, of Carvalho Calero and of scholars such as Lluís V. Aracil and Evandro Vieira Ouriques when referring to the three faces that can be seen in Murguia's response to Valera: 1<sup>st</sup> a quasi-psychiatric one, 2<sup>nd</sup> a philological-linguistic one, and 3<sup>rd</sup> a political-socializing one.

### Key words

Carvalho, Murguia, Valera, nation, state, spelling systems, idiomatic habits and uses.

## Prelúdio

De longe venho refletindo nas condutas, que cruzam e lavram pensares e sentires das notabilidades da Galiza-Galicia face à dita *Questione della Lingua Galiziana*; foi enquanto comecei a colaborar na *Normalización-Normalização* do Galego e da Terra. Essas denominações resumem as divergências no sentido e objetivos que cumpre lograr.

Desde o séc. XIX, os galeguistas foram e são competentes no castelhano, mas só no galego coloquial. Será por isso que foram e são incapazes (?) de aplicar à *Fala da Terrinha* os critérios que praticam no uso da *lengua nacional* do *Reino borbónico de España* (RbE). Em 1888 a Pardo Bazán, no fim do artigo “¿Idioma ó dialecto?”, testemunhava essa conduta:

Hoy el gallego posee, como el catalán y el provenzal, una nueva literatura propia; pero á diferencia de estos dos romances meridionales, el gallego no lo hablan los que lo escriben. Esta anomalía curiosa hace que, para los nacidos en tierra galaica, llegue á ser ambigua y difícil la recta interpretación de aquella elocuente cláusula de Juan de Valdés, en su *Diálogo de las Lenguas*: “Todos los hombres somos más obligados á ilustrar y enriquecer la lengua que nos es natural y que mamamos en las tetas de nuestras madres, que la que nos es pegadiza y que aprendemos en los libros.” (Bazán 1888: 362)<sup>1</sup>

Essas condutas persistem hoje nas pessoas interessadas no Galego:

1. Uns, porque, extraviados na vertigem da oficialidade borbónica, argalharam um galego baseado na fala (sic) e, assemade, não conflituoso com a *lengua nacional* do RbE<sup>2</sup>.

2. Outros, porque, acaso pretendendo respeitar a política idiomática do RbE e a história usual da *lengua propia de Galicia*, elaboraram um *tertium quid* que nem é português padrão nem deixa de o ser. O resultado é a *Norma AGAL*, proposta pela *Associação Galega da Língua*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Talvez seja certa essa apreciação da Condessa contra os escritores em *dialecto gallego*. Acontece que eu, que não *mamei* a língua da Galiza, em ocasiões fui desautorizado como *advenedizo ao galego*: não o *mamei* das tetas de minha mãe, castelhana de Valhadolid, só o recebi de biberão já na Galiza e, por riba, *lusista*.

<sup>2</sup> Na Galiza estes *normadores* oficialistas costumam alcunhar de *lusista* os que não comungam com eles, enquanto, como hispanófonos, referem *hispanista* aos estudiosos da Cultura institucionalizada no RbE.

<sup>3</sup> Confesso-me co-autor da *NormAgal*, derivada de AGAL-Comissom Lingüística (1983.1989), *Estudo*

3. Uns terceiros promovemos a assunção do português comum, como escrita que cobre suficientemente as falas galegas, na versão, discutida mas certa, do *Acordo Ortográfico* (Lisboa, 12 de outubro de 1990), hoje vigorado<sup>4</sup>.

*Os notáveis / notables*<sup>5</sup> discutem a condição linguística do Galego, a que remete o título do artigo da Pardo Bazán; em suma: *As falas galegas integram um idioma ou apenas um dialeto de ...?* Carme Hermida Gulías (1992) deteve-se nessa contradição entre os *notáveis / notables* galegos, referida à identidade de Galego e Português, quer dizer, se as falas galegas podem ser ainda cobertas pela *grafia* tradicional, hoje mantida na portuguesa<sup>6</sup>

Juan Valera foi, sen dúvida, un dos máis firmes defensores da idea de que os galegos deberían escribir en portugués, sempre que o non quixesen facer en castelán. As razóns nas que baseaba as súas teorías eran as seguintes: a) o galego e mailo portugués foron unha mesma lingua noutros momentos históricos e non había ningunha razón para mudar esa consideración [...];

---

*Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego (ILG-RAG, 1982)*, Crunha, AGAL. Justificávamos a proposta na urgência de criar uma norma galega face à portuguesa e à brasileira. Mas o *Acordo Ortográfico* para a Lusofonia quebrou essa argumentação.

Foram meses de trabalho, em fins de semana, da *Comissom Lingüística* da AGAL, “integrada polos seguintes membros: Secretário: José António Souto Cabo. Membros: Isaac Alonso Estraviz, Joám José Costa Casas, Júlío Diéguez González, Alberto García Vessada, António Gil Hernández, Luís González Blasco, M.a do Carmo Henriques Salido, Joám Carlos Rábade Castinheira, Henrique Rabunhal Corgo, José Luís Rodríguez Fernández, Felisindo Rodríguez Vilarinho, Paulo Valério Árias. (AGAL 1989: 4).

<sup>4</sup> A prática do AO estende-se. Até a *Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa* (CEP) anunciou [14 nov 2019] a aprovação da edição do Missal Romano, seguindo o AO.

<sup>5</sup> Sem pretender correção teorizante distingo entre as pessoas interessadas no Galego e na sua normação gráfica: *notáveis* (e *notabilíños*) e *notables* (e *notabilillos*). Essas denominações ecoam a classificação das falas galegas, pelo Prof. García González (DEP): *galego vs. castelano*; *galego castelhanizado vs. castelhana agalegado*. Vid. 1976: 327-344; também Gil Hernández 2008 e Vilhar Trilho 2008.

<sup>6</sup> Entendo que os encontros e desencontros entre Portugal e o Brasil a respeito dos processos oficiais na formalização do Português (da segunda parte do séc. XIX ao *Acordo de 1990*) se ecoariam nos encontros e desencontros das notabilidades galegas sobre qual opção formalizadora conviria ao Galego, acrescentados aliás pela interposição do Castelhanao.

De um ponto de vista mais amplo, os investigadores do *Grupo Galabra* e o seu responsável Elias José Torres Feijó trataram o assunto referindo-o a implicações culturais e políticas congruentes com a *Questione della lingua galiziana* e, em definitivo, à colusão entre poderes nacionais, *español* e português.

Do Prof. Torres Feijó vale consultar os artigos: 1999: 273-318; 2000: 967-996; 2004 a: <http://www.agal-gz.org>; 2004 b: <http://www.agal-gz.org>; 2009: 371-402. Também de Roberto López-Iglésias Samartim 2011 [2005]: 9-50, <http://www.poesiagallega.org/arquivo/ficha/f/377>.

b) o galego literario era unha lingua sen antecedentes e inventada recentemente; c) de os galegos adoptaren como lingua literaria o portugués *ganaría la lengua en elegancia y riqueza y tendrían los autores un público menos reducido* [...]; d) o galego era un dialecto vulgar apto, e mesmo recomendable, para a produción de *coplas, cantares y aun de algunas cortas y ligeras narraciones y diálogos dramáticos*, pero de ningún xeito se podía admitir "la pretensión de crear, en virtud de estas obrillas, un nuevo *idioma literario, destruyendo así la ingenuidad espontánea, la sencillez campesina y hasta el hechizo del dialecto*"; e) os que escribían en galego utilizaban *una jerga caprichosa que ellos inventan* e que posiblemente non entendesen os verdadeiros galegos; e f) a aparición dunha cuarta lingua literaria (as outras eran o castelán, o catalán e o portugués) na Península fraccionaría demasiado o seu espírito poético e converteríaa nunha torre de Babel. (Hermida 1992: 114)

Não analiso nem discuto esses pontos, mas apenas comento:

- 1.º as razões de Don Juan Valera, que Carme Hermida resume, para os escritores galegos usarem o português;
- 2.º a contestação de Murguía e, por fim,
- 3.º o comentário e valorização que o Prof. Carvalho Calero<sup>7</sup> fez sobre esse diálogo *interruptus* entre Valera e Murguía.

### Interlúdio primeiro

Começo por mostrar como é que Murguía entendeu as razões (*tema* e *rema*<sup>8</sup>) de don Juan Valera e em quais coordenadas o Prof. Carvalho situa a confrontação de Murguía contra Varela.

---

<sup>7</sup> Vid. Ricardo Carvalho Calero 1977: 102-105.

<sup>8</sup> Em geral os primeiros parágrafos do texto dizem o *tema* e nos restantes são dados os *remas*: Por *tema* entende-se a parte introdutória de um enunciado, havendo autores que postulam que o *tema* é sempre ocupado pela posição inicial na oração (é o tópico). Por *rema* entende-se a informação que o falante quer referir (é o comentário) ou, por outras palavras, o *rema* constitui o conteúdo semântico propriamente dito da oração. (in *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, <https://ciberdúvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-tema-o-rema-e-o-rese-/10509> [consultado em 22-02-2022])

Así, *tema* é *Galego literário*; *rema* é *Português* (Valera) ou *Duidosamente Autónomo, Duidosamente Português* (Murguía). Vid. Também Raymundo Da Costa Olioni 2010: *passim*.

Murguía inicia, esgrévio, a sua contestação a Varela:

Si de alguna manera hubieran de decirnos los ajenos, cuando se ocupan — siquiera sea incidentalmente — de nuestras cosas, que a una inconsciente mala voluntad unen siempre un perfecto desconocimiento de cuanto a Galicia se refiere, nada como las breves líneas que el Sr. D. Juan Valera consagra en la *Revista Crítica* [...] al estudio de la literatura regional gallega. Si en alguna manera también había de manifestarse, afirmándose, nuestro espíritu regional, nada como ver el efecto que han causado entre nuestros escritores, las escasas, ligeras — y ¡ay! más que ligeras! — e insustanciales consideraciones y juicios que tan discreto escritor emite al juzgar de pasada, la literatura regional gallega, su espíritu y tendencias. (Murguía 1896.1976: 178)

E prossegue:

Por mi parte confieso que no me sorprendieron ni los tomé en más de lo que valen, como hijos que son de un total desconocimiento del asunto. Mas a la gente joven pareció todo ello tan insólito que [...] me obligó a tomar la pluma en defensa de lo que nos es tan caro. Sírvame esto de disculpa, y al Sr. Valera de castigo, que hartado será para él verse obligado [...] a leer la presente contestación. (Ib.: 178-179)

Pelo seu lado, o Prof. Carvalho Calero assinala os aspetos que devem ser valorizados para entender corretamente a contestação de Murguía:

Verdadeiramente, non se acaba de comprender cómo nos tempos da psicoanálise, e sendo os galegos tan afeizoados ás teorías, non se nos ten formulado por algún connatural a que diagnosticase ao noso país unha neurose (colectiva) remanecente da dificultade de conciliar un destino histórico que vencella Galicia ao pobo castelán e unha natureza lingüística que a vencella ao pobo portugués. Crea esto [...] a contradición interior que determina un grave desequilibrio estrutural, reflexado nun comportamento psicopático do que son manifestacións *a saudade, os queixumes, o sentimento de inferioridade, a teima* (os itálicos são meus) e outros fenómenos análogos. Galicia síntese esgazada pola atracción de dous centros distintos de enerxía, mantida perpetuamente na inestabilidade [...]. Así, a súa esistencia é pura ansiedade, criatura híbrida advogada á esterilidade pola non resolta pugna dos seus elementos constitutivos. (Carvalho 1977.1979: 163)

## 1.<sup>a</sup> Murguia

Acusa o *discreto escritor*, Don Juan Valera, de un *perfecto desconocimiento* da Galiza<sup>9</sup> e até de *uma inconsciente mala voluntad*. Na realidade o descomedimento do Patriarca seguía a opinión ofendida de persoas interessadas no *dialecto gallego, nuestro dialecto*, que se ofenderam e contestaram agremente as opinións do *discreto escritor*. Em Carme Hermida, *passim*, acho algumas contestacións<sup>10</sup>.

Uma, de 1877, publicada no *Diario de Lugo*:

*No podemos conceder que el portugués sea el gallego y, para insistir en esta opinión, tenemos un fundamento [...]. El gallego [...] es de creer que será*

---

<sup>9</sup> Murguia talvez não erre ao qualificar desse jeito o Valera. Julgue o leitor a sua imparcialidade (do Valera) nalguns excertos das cartas familiares que escreveu em Lisboa e no Rio de Janeiro:

1.- *Lisboa, 28 de agosto de 1850*. Hoy he escrito uno o dos despachos. Todos los días damos audiencia a los gallegos (hay 16.000 en esta ciudad) de doce a dos, y aunque dan que hacer, no dejan de divertirme sus cosas.

2.- *Lisboa, 31 de agosto de 1850*. He estado de tertulia en casa de unas señoritas muy amables [...] Se llaman mis nuevas conocidas las de Fonte Nova, y hablo con ellas en español y ellas contestan en portugués, comprendiéndonos así perfectamente.

3.- *Lisboa, 7 de Octubre de 1850*. En este lugarcillo había gran fiesta; [...] un clérigo pronunció un sermón, el primero que he oído en portugués, y una multitud de campesinos *endomingados* y de campesinas diferentes de las mujeres de Lisboa, porque son bonitas, llevaron la imagen del santuario en procesión, con muchas banderas, ramos verdes y cirios, y al son de tres gaitas y dos tambores, que después sirvieron para acompañar la danza, que fue bastante profana, para venir bien con el sitio, a la puerta de la iglesia, y con la fiesta, se bebió, se corrió y se dispararon muchos cohetes. El criado de Vera, que es ruso, se puso como una cuba y rompió a hablar en portugués de la manera más cómica y divertida del mundo.

4.- *Lisboa, 12 de octubre de 1850* Entre las personas notables que conocí aquel día, es la más digna de memoria el poeta Garret, fecundísimo autor, jefe y maestro de los literatos portugueses [...]

5.- *Río de Janeiro, 4 de agosto de 1853*. [...] El señor don Pedro es también muy purista y doctísimo filólogo. Sus cortesanos tratan de imitarle, ocupándose de la lengua y procurando menearla con maestría. Dos de esos cortesanos tuvieron ha poco una profunda discusión filológica en presencia de su majestad. Sostenía el uno que se decía *proguntar*, y el otro aseguraba que *preguntar* era como se decía. El emperador los estuvo escuchando largo rato y al cabo, señalándoles sucesivamente con el dedo, les dijo: «Ni *pro ni pre* y les volvió las espaldas muy enojado. Aturdidos ellos con esto, empezaron a indagar cómo habían de decir en adelante, y después de varias consultas vinieron a descubrir que en portugués se dice *perguntar*. Por este orden se va aquí adoctrinando la gente poco a poco. Vid. *Juan Valera y Brasil - Entrevista a M.<sup>a</sup> de la Concepción Piñero Valverde* online <http://www.hottopos.com/rh2pII/valera.htm> Para o epistolário, cf. [https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/correspondencia--1/html/ffoe4f88-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_3.html#I\\_40\\_](https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/correspondencia--1/html/ffoe4f88-82b1-11df-acc7-002185ce6064_3.html#I_40_) (Consultado em 11/02/2022)

<sup>10</sup> Procurei as fontes desses textos, mas não achei, para além a Professora não dá com precisão algumas referências.

*el que han usado nuestros [sic] primeros poetas regionales como Pondal, Camino, Añon, Rosalía Castro y otros mil, y en el que está redactado O tío Marcos d'a Portela.*

*[...] hay puntos y muchos de contacto: en su origen identidad: infinidad de palabras comunes á ámbos, pero á pesar de todo esto, no puede nadie afirmar sin cometer un error que el portugués es gallego. (Hermida 1992: 114)*

Outra, de 1890, de Garcia Ferreiro:

*Qu'ò gallego é unha lengoa acabada de inventar, inventada como quen di honte mesmo. Alá s'entenda o respetable membro d'Academia c'ò aquel Gonzalo Hermíguez qu'alá polo sigro XI (o lus da somana pasada) esquirbia cántigas gallegas: C'ò aquel fray Prudencio de Sandoval qu'afirma qu'ò rey Alfonso X, o d'as Partidas, doíase d'a morte d'ò seu herdeiro decindo: Ay meu fillo! [...]; e, vindo ós tempos modernos, c'ò procer inxenio d'Alexandro Herculano, que sostén que Portugal lle deba á Galicia língoa e historia, y-hastra c'ò seu compañeiro d'a limpa e fixa D. Víctor Balaguer, que dixó: máis xustas pretensións ten á antigoodá a literatura gallega; os seus títulos son lexítemos, os seus brasós honrosos, puras as suas tradicións e herdada a sua historia. (Hermida 1992: 116)*

Mais uma referência, de 1884. Grilo Berzas, o autor, contesta as opiniões de que Valera se fará eco. Cito de Carme Hermida:

*[...] Un dos textos máis salientables [contra o aportuguesamento do galego] é o de Grilo Berzas [...] que recriminaba o Tío Marcos “porque vexo que non fala como falan os gallegos, que ben falan, senon os que non saben falar, e ven usando palabras que xa usan na terra gallega, e tanto é así que ô Tío Marcos preguntan todos: ¿il fala portugués? E caixe que teñen razón. ¿A quen se lle ocorre chamarlle ós lugares pobos, si solo lle chaman en Portugal? Chamalle ás calles ruas?” O Tío Marcos retrucou sinalando a galeguidade da palabra pobo e tamén de rúa, e indicando que se non se ían poder utiliza-las palabras galegas que tamén existían no portugués “chegaríamos a non poder falar en gallego, pois as máis d'elas d'unha e d'outra fala son o mesmo, cousa que lle parecerá milagre á ninguén que sen botalas de filólogo conoza un pouco a procedencia, formación e desenvolvemento d'ambas falas”. (Hermida 1992: 116-117)*

Colateral à questão estritamente linguística ou filológica, nos *notables españoles*, entre eles Castelar, existia o temor de *el renacimiento del antiguo y flexible dialecto gallego ser como un germen de graves y posibles conflictos*. Leandro de Saralegui y Medina tranquilizava-os:

No encontramos motivo legítimo ni fundamento plausible que justifique el temor de una absorción, en el sentido de sus afinidades etnográficas y filológicas respectivas, que si no fueron poderosas á destruir ni quebrantar la unión de los dos reinos, en las épocas en que el idioma portugués no se había separado todavía del gallego, cuando nuestro espíritu inspiraba las formas de la sociedad y la literatura lusitana [...]; no está en el orden natural de las cosas que baste la influencia actual de los rasgos comunes de aquella afinidad originaria para romper ni debilitar los lazos consolidados durante los ocho siglos transcurridos desde la definitiva incorporación del reino de Galicia á la monarquía de Sancho II de Castilla (Hermida 1992: 117)<sup>11</sup>. (Saralegui 1888: 294; vid. p. 293)

Um elemento discursivo ainda hoje persiste; atinge à proposta, concordante com a do Valera, da necessidade de o galego confluir com o português para aquele subsistir face ao castelhano oficial:

O primeiro comentario que coñecemos neste sentido foi realizado polo *Heraldo Gallego* [ourensano]. Na polémica que este xornal se viu obrigado a manter na defensa dunha maior presenza pública do galego recibiu as críticas de *El Diario de Ferrol* que se opuña ás pretensións do ourensán indicando que o galego non tiña personalidade propia: ou era castelán ou era portugués. A resposta do *Heraldo* foi formulada nos seguintes termos<sup>12</sup>:

*¿Acaso porque la lengua española y portuguesa, efecto de ser habladas en una nacionalidad, hayan adquirido mas predominio y conseguido un período de esplendor, han de esclavizar y sobreponerse á la lengua gallega,, que es la hija mas castiza de la madre comun de todas, el latín? ¿Por ventura debe sucumbir víctima de estas circunstancias nuestro dulcísimo idioma gallego, que ya no vida esencial, prestó, cuando menos, desarrollo y apoyo al*

<sup>11</sup> Vid. *Galicia. Revista regional*, julio de 1888, año II, núm. 7.º, o artigo “El regionalismo en Galicia”. Em nota de rodapé explica-se: “Del libro *Estudios sobre Galicia*, próximo á publicarse en la *Biblioteca gallega*.” Revista digitalizada pela Biblioteca Nacional de España.

<sup>12</sup> Em nota de rodapé cita a Professora (1992: 115): “A *El Diario de Ferrol*”, *Heraldo*, 15 (10.4.1877),1.

*portugués y castellano en sus respectivas formaciones? Opinamos que no; y como consecuencia de esta opinion, sostenemos con inquebrantable firmeza que es de extrema importancia para nuestro país — siquiera filológicamente considerada — la conservacion, perfeccion y propaganda del idioma de Alfonso el Sábio.* (Hermida 1992: 115)

Tal defensor ourensano do galego parece entendê-lo *filologicamente* como um *tertium quid* entre castelhano e português, segundo os fautores do oficioso *galego normativo* procuram essa condição intermédia para uso do ensino e dos âmbitos da administração *española* na *Comunidad Autónoma de Galicia* (CAG).

## 2.<sup>a</sup> Prof. Carvalho Calero

No início do artigo, o Professor acha a Galiza<sup>13</sup> entre dous pólos de atração e de força contraditórios: o *castelhano*, inclusor política, religiosa e socialmente, domina-a, enquanto o *português*, forâneo *por imperativo legal bourbónico* (?), a acompanha em idioma, cultura, costumes e momentos históricos fortes. Tal situação deriva dos factos que condizem com a conceção da história galega como *história clínica*, como *doença* que padecem as pessoas submetidas ao *double bind* (duplo vínculo), dúplice obediência, pessoal, social e política.

Bateson definiu a *doença*<sup>14</sup> do *double bind* e Lluís V. Aracil adaptou-a à situação das comunidades linguísticas inclusas no RbE, também à galego-lusofónica.

Na resposta ao Tiago Peres (Durão-Gil 2016: 20-21), resumi o conceito batesoniano (Gil Hernández 2006: passim):

Temo que os galeguistas (em que incluo “galeguistas” de boa vontade, nacionalistas, soberanistas e independentistas, segundo nomes utilizados sem muita discriminação) ainda não foram capazes de caracterizar quê e qual seja a sua língua, nem o território nem as gentes sequer.

Acham-se, opino, submetidos ao *duplo vínculo* (*double bind* batesoniano), que os liga ao seu povo, sim, mas com maior força ao RbE.

<sup>13</sup> GALIZA ou *Galicia*, evidentemente, são abstrações a substituírem ou mascararem a realidade humana e ainda mais. Ao caso, poderíamos questionar em qual ou quais das realidades repara o Prof. Carvalho Calero: nas pessoas em geral, do Povo, ou/e nas pessoas NOTÁVEIS ou notables?

<sup>14</sup> Vid. Marco Vinicius (2022?), “teoria do duplo vínculo” in <http://deltazetalota.blogspot.com/2010/07/teoria-do-duplo-vinculo.html> (Consulta em 16/05/2022)

Essa ligação ao RbE evidencia-se na aceitação pacífica (sic) ou não conflituosa da definição e delimitação de *Galicia*:

a. *Língua*, a que instituições do RbE [...] conformam, sobre a qual, mesmo determinado reintegracionismo redefine a sua proposta (-om / -ons; -ao, -aos, sem usar o til de nasalação).

b. *Território*, o delimitado pela divisão provincial de don Javier de Burgos (1833), sem considerar a hipótese de continuidade territorial quer *intra-regnum*, quer *extra-regnum*, com Portugal.

c. *Gentes*, apenas as reconhecidas pelo reino como *ciudadanos* seus.

Acho que os problemas da língua, que a questão ortográfica, não são em exclusivo linguísticos e culturais, que alguns pretendem, mas estritamente políticos, a ultrapassarem os posicionamentos ideológicos dos partidos.

A situação do idioma da Galiza e das pessoas há de ser ponderada na relação sociopolítica entre Galego e Castelhanos, entre a língua *también oficial* na CAG e a *lengua oficial* [e nacional] *del Estado* (art. 3.º 1. e 2. da CE 1978); quer dizer, entre a *Comunidad hispanófono*, envolvente, e a *Comunidade galegófono*, envolvida. Os estudiosos costumam chamar *diglósica* essa relação, quando sob ela escondem o real processo de substituição do idioma galego pela língua castelhana afim de incorporar em exclusivo os súbditos galegofonos do RbE à *Comunidad Lingüística Hispanófono*.

A tese do Prof. Carvalho sobre a *história clínica* pode parecer pessimista, se for tomada como que a *existência da Galiza é pura ansiedade, criatura híbrida advocada à esterilidade pela não resolvida pugna dos seus elementos constitutivos*, o imposto *pelo RbE e o continuado na República portuguesa*, cada vez mais ignorado dos galegos.

## Interlúdio segundo

Vejamos *in vivo* que e como conversaram Don Juan Valera e Don Manuel Murguía para poder refletirmos sobre os comentários do Prof. Carvalho Calero.

Valera, na resenha ao livro do P.º Francisco Blanco García (1896), *La literatura española en el siglo XIX. Parte tercera: las literaturas regionales y la Hispanoamericana*, detém-se sobretudo na literatura catalã:

[...] La literatura catalana, no muy estimada y conocida en Castilla hasta hace poco, empieza ya á conocerse y estimarse; pero la portuguesa continúa en Castilla bastante ignorada, y así también lo están en Portugal la castellana y la catalana, con gran perjuicio de la total civilización ibérica, cuya fusión y monotonía no son de desear, pero que podrían, hermanándose más, tener de común cierto sello y rasgos fraternales, con lo cual se marcaría mejor y más hondamente y resplandecería con mayor brillantez sobre la rica variedad de las tres hermanas, la unidad de principio y la originalidad castiza del conjunto. (p.11)

E precisa:

Así como yo quiero desechar y desecho toda sospecha de propensión separatista y de enemistad hacia los castellanos en los catalanes que han resucitado su idioma y que, escribiendo en él, han producido un nuevo y hermoso florecimiento, así también quiero desechar y desecho, al desear que la literatura portuguesa sea más conocida de nosotros y fraternice más con la castellana, todo proyecto de fusión en un solo Estado y todo plan político de unión ibérica en un porvenir que no sea muy remoto. Lo único que yo pretendo es que la gran literatura de Portugal se acerque de nuevo á la castellana, como lo estuvo en los mejores y más fecundos días de su grandeza, cuando Camoens, Gil Vicente, Sá de Miranda, el Infante Don Pedro, Jorge de Montemayor, Melo y tantos otros portugueses [...] (p. 12)

Para já centrar-se no movimento cultural e literário da Catalunha em catalão:

[...] Al contemplarle [*el movimiento intelectual en Cataluña*], podemos reconocer y decir con orgullo que España, además de poseer en el día una literatura castellana no inferior á la de cualquiera de las más cultas naciones de Europa, cuenta en una no muy dilatada región, que es parte de España, con otra literatura, manifestada en distinto idioma y que no es inferior tampoco, ni en calidad ni en cantidad proporcional al número de las personas que pueden cultivarla, á la de cualquier otro pueblo. En esta literatura [...] hay elegantes, inspirados y originales poetas líricos y épicos, entre los cuales descuella Mosén Jacinto Verdaguer; novelistas ingeniosos y fecundos, como Vidal y Valenciano, Oller, Pin y Soler, Genís y Emilio Vilanova; y una pasmosa abundancia de autores dramáticos que han cultivado todos los géneros: la tragedia, el drama,

la comedia de costumbres y la zarzuela, y han creado un teatro catalán fértil y abundante de sazónados frutos. [...] (pp. 14-15)

As extensas citações *ad litteram* (escusem-mas) ajudam a entender quer a contestação de Murguía, quer a subseqüente explicação do Prof. Carvalho. O juízo de Valera sobre a literatura na Galiza acha-se como em inciso. É nesse inciso que Murguía alicerça a sua contestação não só acusando o Valera de ignorância, mas sobretudo denunciando que diz por boca de terceiros, isto é, da Pardo Bazán:

[...] no es seguramente a tan ilustre escritor a quien se deben en realidad las enormidades por él asentadas en la ocasión presente y con el espíritu y justicia que pueden presumirse. No es él el responsable. [...] lo que éste dice no es más que lo dicho y confirmado ayer y hoy, con una constancia digna de mejor empleo, por una pluma ligera, atrevida y pretenciosa que suele a menudo, con una ignorancia igual a su desaprensión, hablar de lo que se le ocurre, sobre todo si conviene a la propia exaltación y hasta al propio peculio. (p. 179)

Disponho em paralelo a conversa entre:

Don Juan Valera	Manuel Murguía
El libro del Padre Blanco García me induce á entrar en cierto género de consideraciones, que deben hacerse aunque enojen á no pocos entusiastas partidarios del regionalismo. [...] Yo reconozco y hasta aplaudo como mayor riqueza y gloria de nuestra península, que existan en ella tres idiomas literarios, ricos y bien cultivados; pero, francamente, conceder que existan más de tres, me parece demasiado. Como dialectos ó variedades de catalán, bueno es que duren el mallorquín y el valenciano; pero, ¿no sería conveniente que los autores de Valencia, de las Baleares y de Cataluña propendiesen á unificar literariamente su lenguaje y á tener literariamente uno solo? (p. 24)	Empieza el Sr. Valera por asegurar una verdad, aunque lo hace temiendo que se la desconozca en Galicia, esto es, que el portugués y el gallego son una misma cosa. ¡Descubrimiento notable! Por acá estamos hartos de saberlo; y si no fuera así, en la <i>Gramática de las lenguas románicas</i> de Díez, que es obra más vieja que yo — y eso que ya cuento años — hubiéramos podido leer a propósito del portugués, que esta lengua “tiene por territorio Portugal y además Galicia: el portugués y el gallego, añade, son una sola y una misma lengua”. Si hay alguna diferencia, advierto por mi parte, es tan sólo en el vocabulario. Ya ve como estamos conformes en algo. (p.180)

Lo mismo, aunque los gallegos se enojen, se puede decir del dialecto gallego con relación á la lengua portuguesa, que en mi sentir [...] es el gallego literario, atinada y ricamente cultivado durante cuatro siglos. En su origem, el portugués y el gallego eran el mismo idioma, y sin duda se escribía y se hablaba mejor que en Portugal en Galicia. Las *Cantigas* del Rey Sabio son anteriores al *Cancionero* del Rey D. Dionís y á los demás cancioneros portugueses. En el de Resende hay no pocos poetas castellanos que escriben aún en el mismo idioma portugués ó gallego, sin distinción todavía. Sólo más tarde, aislado y confinado el lenguaje en Galicia, y sin el esmerado cultivo que tuvo en Portugal, dió origen al dialecto gallego del día de hoy.[...] ¿No sería mejor que los autores gallegos de elevada importancia, siguiesen escribiendo en lengua castellana, como Feijóo, Pastor Díaz y doña Emilia Pardo Bazán, ó bien que asimilasen al portugués su lengua escrita, con lo cual ganaría la lengua en elegancia y riqueza y tendrían los autores un público menos reducido? Yo no he de condenar, en vista de lo dicho, los primorosos y atinados esfuerzos de Rosalía de Castro, Curro[s] Enriquez, Pereira, Barcia Caballero y otros poetas, cuyas obras el Padre Blanco García cita, analiza y encomia; sin embargo, no puedo menos de hallar conveniente y deseable que se detenga un poco la corriente y se mitigue el afán de fraccionar demasiado el espíritu poético de la península y de convertirla en Torre de Babel. (pp. 25-26)

Mas de esto a afirmar que el gallego se estacionó, sólo porque no fue usado en la producción literaria durante cierto lapso de tiempo — y no es verdad — hay una gran distancia [...]. Las lenguas no se enriquecen cuando se fijan gracias a su cultivo literario; como tampoco se estacionan o vienen a menos, cuando quedan relegadas al uso diario y nada más. *La mayor parte de las lenguas*, dice Max Müller, *no han producido una obra literaria, y no por eso han dejado de ser aptas para tener una literatura*. Así y todo se da el caso, que la lengua gallega una con la portuguesa fue tan cultivada literariamente como cualquiera otra de las de Europa hasta mediados del siglo XVI, y después hablada por una población culta, cultísima, que ya que no le diese la fijeza de una lengua literaria, en cambio la mantuvo en su pureza y la enriqueció con innumerables voces sirviendo perfectamente a las necesidades materiales e intelectuales de una población numerosa y civilizada.)<sup>15</sup> (pp.180-181)

<sup>15</sup> Murguia insiste, mesmo acudindo (sorrateiramente?) à modernidade científica:

Confesemos [...] que ignorar lo que es trivial, esto es, que la lengua que no se fija literariamente es lengua en constante formación y por lo tanto más rica, es dar muestra de un tristísimo atraso científico, como es también prueba de una ligereza indisculpable confesar que no se conoce el gallego para concluir afirmando que algunos de nuestros escritores regionales escriben en una jerga inventada por ellos. ¿Con qué derecho se dice eso? (p. 181)

<p>Confieso que no conozco bastante el dialecto gallego para decir como afirmación lo que voy á decir como sospecha. Sospecho que los que creen escribir en él han de escribir á menudo cosas que, ni por lo que son en sí ni por el habla en que van expresadas, sean entendidas por los verdaderos gallegos, ó dígase por la gente vulgar para quien ellos escriben, en cuya lengua ó dialecto imaginan que escriben, cuando en realidad tal vez no escriban ni en portugués ni en gallego, ni en castellano, sino en una jerga caprichosa que ellos inventan. [...] (p. 27)</p>	<p>En mi niñez oí hablar el gallego en mi casa y fuera de ella a personas tan sabias y discretas como las que lo sean más en otros países. Lo hablaban preferentemente las clases nobiliarias. De esas clases distinguidas, salió aquella infortunada señora que, unida al suelo de la patria por más de veinte generaciones, dio a Galicia una poesía regional, sin que hasta el presente haya llegado mujer alguna a igualarla en su tierra, ni por sus dotes del entendimiento ni por la grandeza de su alma, verdaderamente superior. (pp. 180-181)<sup>16</sup></p>
--	--

Murguia continua no intento de justificar a querença dos escritores na Galiza pelo Galego, para fazerem das falas galegas idioma de cultura:

[...] el gallego — sépalo el señor Valera y sépalo también, si es capaz de ello, la persona que, nueva Baptista, se dio a ilustrar al mundo en estos y otros muchos asuntos — se cultivó en Galicia, como lengua literaria, desde el siglo XVI al XIX. Desgraciadamente, como idioma no oficial no produjo obras capitales; bien es verdad que tampoco las tuvimos en castellano. Sería curioso decir por qué; mas por el momento bastará consignar que a últimos de la décimo sexta centuria, Fr. Gerónimo Bermúdez se disculpaba de escribir en castellano por ser para él lengua extraña; que en el siglo XVII se valieron del gallego para sus composiciones, cuando menos, un Vázquez de Neyra y un M.<sup>o</sup> Torrado; y en

<sup>16</sup> Murguia lembra a Valera que pôde conhecer valorizações das falas portuguesas do norte, alcunhadas de galegas. Considero que na realidade é argumento mais a favor da proposta do Valera:

Al Sr. Valera que vivió algún tiempo en Lisboa debe constar que los mismos portugueses, llaman gallegos a los de su nación conmorantes en tierra de entre Duero y Miño, así como gallego es la lengua que hablan. Es más, señalan diferencias esenciales entre el portugués de alén y aquén del Duero. Pues bien, no lo hacen a humo de pajas. La verdadera lengua, gallega o portuguesa, — para el caso es igual — la lengua que nos es propia, hija del celta, modificada por el latín, sobre todo el eclesiástico, enriquecida por el habla y sentimientos suevos, y ajena a toda influencia árabe, es la corriente en Galicia y gran parte de Portugal, la misma que hablaron Camoens y Saa de Miranda: idioma y no *patué*, como con visible desconocimiento del asunto, le denominó alguno pretendiendo que en su calidad de lengua inferior, sólo debe usarse en la poesía idílica y rústica. Ella sabrá por qué. (pp.181-182)

fin, que en el XVIII muchos de nuestros poetas lo usaron también, entre ellos el P. Sarmiento, quien confiesa que en su tiempo “no era lengua vulgar en Galicia el castellano”. Ya del presente siglo no es preciso hablar. Todos sabemos el vuelo que tomó entre nosotros el uso del gallego como lengua literaria. Y cosa especial; fue de los primeros a usarlo el prosaico autor de *Os rogos d'un gallego*; pariente bien cercano, de quien tengo la seguridad de que no le conoce siquiera, a pesar de saber tantas cosas del cielo y de la tierra. Ya ve el Sr. Valera como el cultivo literario de nuestro idioma particular no era nuevo, ni mucho menos, en Galicia, cuando se inició el actual renacimiento literario regional.

Y ahora vamos a la pregunta que se nos hace respecto al por qué ha de querer convertirse el gallego en lengua literaria. Pues muy [pág. 185:] sencillamente; porque en cuestión de poesía en verso, se quiso, y lo que es peor se necesitaba librarse de la hegemonía castellana que llevaba nuestros poetas atados de pies y manos a aquella especialísima producción poético-castellana, en la cual lo externo es todo. Los poetas gallegos para hacerse poetas modernos y europeos se vieron obligados a abandonar el uso de una lengua que los ligaba para siempre a lo artificial y convencional de una poesía en que la rotundidad del metro y el rumor de las palabras parecen ser lo esencial. Para sacudir, pues, su yugo y poder expresar, como hombres, sus sentimientos de gente civilizada, tuvieron que usar el idioma materno. El castellano no les servía. (pp. 184-185)

O Patriarca prossegue nesse intento porque Valera trata de jeito diverso os escritores catalães e galegos a favor de aqueles e em contra destes, como a Pardo Bazán (Vid. *supra*), aliás, presumível informadora do Valera:

He aquí [...] la verdadera ofensa inferida a nuestro país y a sus escritores regionales, negando a unos lo que se concede a otros con mano pródiga. Pasa el Sr. Valera, y aún le parece bien, por la producción literario-catalana, y sólo le pide que una a su carro triunfador la valenciana y mallorquina unificando su lenguaje: a la gallega la condena a muerte, desde el momento en que entiende que sus destinos son unirse a la portuguesa, o cuando más dedicarse a los asuntos vulgares, propios de la gente popular. Aparte de que ésta tiene su alma [...], ¿por qué se han de reducir a tanto sus dominios? ¿Es que no se la cree bastante para la expresión de los afectos más levantados? ¡Extraña contradicción! Se nos recuerda que el gallego es el portugués, se dice que en el siglo XVI el gallego se estacionó, y se olvidan que en el portugués de la décima sexta centuria, se escribieron *Os Lusíadas*. ¿En qué quedamos entonces? (p. 187)

Reconheço que não entendo bem o argumento ou argumentário do Manuel Murguía, que, a meu ver, incide na mesma eiva que atribuí a D. Juan Valera, a qual consiste em dizer o que terceiros afirmam.

No hay ya motivo ni lugar para extenderse a más, siquiera el asunto lo merezca. Conviene sin embargo resumir haciendo constar que el Sr. Valera no aparece tan pecador a nuestros ojos por lo que dice como por lo que calla; no hiere a Galicia con sus juicios sino con su silencio, no molesta a nuestros escritores por lo que expone como por la indiferencia con que trata de ellos y su obra, callando todo cuanto se refiere a la justicia y conveniencia de nuestro renacimiento literario. Para él, sólo deben contarse las literaturas castellana, catalana y portuguesa. A la catalana no la manda a unirse con la provenzal, como a la gallega, a la cual endosa a la portuguesa. (pp. 187-188)

Eis os parágrafos finais, que, à maneira de resumo, talvez esclareçam o texto murguiano:

Creo que basta y aún sobra con lo dicho para que se convenza el Sr. Valera, que no ha apreciado bien el movimiento literario regional de Galicia y que ha estado injusto con sus principales escritores, con quienes cree haber cumplido a conciencia, mencionándolos sin más en un par de líneas, mientras los catalanes, tal vez porque los conoce mejor, le merecen todo género de miramientos y consideraciones.

Agradecemosle, como regionalistas, esto último, pero como gallegos pidámosle para lo adelante, si es posible, alguna más justicia y, tal vez, algunos más conocimientos que los que tiene de mano indocta, respecto de Galicia y sus poetas regionales<sup>17</sup>. (pp. 188-189)

### Interlúdio terceiro

Valera recebeu a contestação de Murguía e quis lhe dar resposta:

En tono muy cortés, pero mostrándose enojado y quejoso, el Sr. M. Murguía, en el número del 15 del corriente de *La Voz de Galicia*, periódico de la Coruña, ha insertado contra mí un apasionado escrito en defensa de las letras gallegas, que supone que yo menosprecio.

---

<sup>17</sup> O artigo de Murguía foi publicado em *La Voz de Galicia*, Crunha, 15 de agosto de 1896. Cito pelo reproduzido em Vicente Risco (1976), *Manuel Murguía*, Vigo, Galaxia, Col. Conciencia de Galicia.

Me desagradan las polémicas y las rehuyo siempre que puedo. No voy, pues, á entablar polémica con el Sr. Murguía. Previamente estoy convencido de que ni yo lograré traerle á mi opinión ni él logrará llevarme á la suya. Disputando, sólo conseguiríamos fatigar al público con nuestra disputa. No puedo, sin embargo, resistir al deseo de aprovechar esta ocasión para explicar, si me bastan pocas palabras, lo que pienso sobre lenguas, dialectos, regionalismo, nacionalidades y varios otros puntos que forman el proceso de este negocio. [...] (pp. 65-66)

Interessa-me recolher o miolo da sua narrativa, referida logicamente (sic) à *Nación*, a *España*, que parece ecoar a narrativa da Pardo Bazán, *supra* citada:

Cuando un pueblo tiene ser propio y grande, cuando su historia es gloriosa, cuando ha influído profundamente en los destinos del género humano, así por el pensamiento como por la acción, este pueblo no muere, vive, tiene siete vidas como los gatos: nadie le arranca la vida ni á tres ni á trescientos tirones. Puede perder todas sus conquistas; los continentes y las islas, por donde en los días de su mayor auge y expansión logró dilatarse, pueden dejar de ser suyos; puede hundirse el Estado que le da unidad política; y hasta puede ser invadido y dominado por el extranjero el suelo natal, la cuna misma de ese pueblo; mas no por eso el pueblo muere. Vivirá acaso, durante siglos, vida latente y oscura, pero vuelve al fin á recobrar la vida luminosa y clara. El idioma propio es el talismán donde va escrito el conjuro para lograr esta á modo de resurrección. (p. 68)

Valera, ao assim exprimir-se, parece não advertir que essa argumentação pode aplicar-se a qualquer Povo, também ao galego. De facto Murguía não aproveitou essa fraqueza e calou. Antes, Valera talvez acabasse entendendo que os *regionalistas*, se achando, como ele, imersos na narrativa nacional *española*, se negavam a praticar a idealização da unidade idiomática galaico-portuguesa. Como assim foi acontecendo até hoje entre os já nacionalistas. Mas continuemos com Valera:

Yo quiero suponer que en España, no sólo no hubo unidad de Estado, sino que ni unidad de nación hubo hasta fines del siglo XV. Supongo [...] que antes no hubo verdaderamente españoles, sino portugueses, gallegos, castellanos, aragoneses y catalanes. También es evidente que hasta fines del siglo XV había en España tres lenguas literarias y nacionales. Eran estas tres lenguas la castellana, la catalana y la portuguesa ó gallega, ya que el mismo Sr. Murguía

confiesa que el gallego y el portugués fueron lo mismo hasta entonces<sup>18</sup>. Ni Las *Cantigas* del Rey Sabio, ni cuantos versos hay en los *Cancioneros* del rey D. Dionís, de Resende, etc., podrían atribuirse por las palabras y las frases mismas, á poetas de Portugal ó de Galicia. Por el habla, por lo que dejó escrito, tan gallego es el infante Don Pedro, como es portugués Macías el enamorado. Hay más aún: esa lengua galaico-portuguesa, tal vez no fué escrita sólo por portugueses y gallegos, sino también por trovadores de toda España, que la consideraban cómo lengua elegante y más propia que el castellano para la poesía lírica y de la corte. (pp. 69-70)

Valera acode a outras situações, como a dos romenos sob o Império Austro-Húngaro, que confere com a dos galogos no RbE:

[...] podría comprenderse que así como los rumanos, súbditos del emperador de Austria, hablan y escriben la misma lengua del vecino reino independiente de Rumania, así los gallegos, ciudadanos españoles, se dedicasen, por amor y patriotismo atávicos, á escribir como lengua nacional y literaria la portuguesa. Pero ni aun así se comprende; porque los rumanos de Austria son un pueblo como anexionado y sometido y unido artificialmente á otros pueblos de muy distinto origen, mientras que los gallegos, como los asturianos, forman el núcleo, y el germen, y la raíz, de donde ha brotado esta gran nación. (pp. 72-73)

Por fim, do argumentário nacional-nacionalista do escritor e político Valera saliento a “miudeza” do *imperium* ou domínio pelas armas em que incidira a escritora Pardo Bazán (1988) e antes (1492), Lebrixa:

Quiso, no obstante, la suerte, ó sea el orden providencial ó fatal que llevan los sucesos históricos, que el idioma de Castilla prevaleciese: que, aun antes de llegar á la unidad de que he hablado presentase los títulos de su hegemonía y de su imperio, como son el *Poema del Cid*, los versos del arcipreste de Hita, *Las Partidas*, la *Crónica general* y *El Conde Lucanor*; y que, después de formada la unidad, corroborase su imperio con otros títulos soberanos: con el *Amadís*, con *La Celestina*, con Garcilaso y Herrera, con ambos Luises, con Cervantes,

---

<sup>18</sup> Surpreende o “apostolado” dos isoladores galegos (ILG, RAG, ConCulGa, num *totum revolutum*) sobretudo no Brasil até ao ponto de convencerem algumas pessoas para afirmarem, sem grande fundamento filológico, que “foi a partir do processo de Reconquista cristã que o rio Minho, e não mais o Douro, se consolidou como a fronteira cultural entre a Galiza e os territórios em poder dos islâmicos, com outras culturas e outros falares. De fato, o rio Minho já se tornara a fronteira, ainda não definitiva, entre os cristãos e os muçulmanos” (Nilsa Areán García 2011: 7).

con historiadores como Mariana y con nuestro fecundísimo y rico *Romancero* y con nuestro original y maravilloso teatro. (p. 70)

Em definitivo:

Esta lengua no se limitó á presentar dichos, títulos, sino que también se difundió por el mundo, llevada en triunfo bajo el amparo del estandarte de Castilla, por el inmenso continente recién descubierto, por las remotas islas del mar del Sur, y aun por las naciones de Europa, que reconocían entonces, ya que no nuestro imperio, nuestra preeminencia. (ibídem)

Eis, ao caso, o juízo de D. Emilia em *De mi tierra*:

Lengua nacional es tan sólo, en el sentido político, la que logra prevalecer é imponerse á una nación; y las demás que en ella se hablen, dialectos. Estos idiomas nacionales llevan en sí elementos de fuerza, resistencia y vida, que siquiera no procedan de íntima virtud, y se deban á circunstancias exteriores, alcanzan á asegurarles fecundidad, longevidad y carrera próspera y brillante. No importa que, como el latín, pasen al estado de lenguas muertas, porque, roto su molde clásico, sobreviven en formas innumerables, adoptadas por naciones poderosas. Del latín saldrán los hermosos romances, mientras los idiomas de las razas políticamente subyugadas, cual la céltica, perecerán en algún rincón desierto, extinguiéndose, como el patué de Cornualla, en labios de una aldeana vieja. (Pardo Bazán 1888: 359)

No prólogo à sua *Gramática castellana* (1492) Antonio de Lebrixa (Lebrixa, 1444-Alcalá de Henares, 1522) foi ainda mais explícito:

A la mui alta y assí esclarecida princesa doña Isabel, la tercera deste nombre, reina i señora natural de España y las islas de nuestro mar.

Comiença la gramática que nueva mente hizo el maestro Antonio de Lebrixa sobre la lengua castellana. Y pone primero el prólogo. Lee lo en buen ora.

Cuando bien conmigo pienso, mui esclarecida Reina, i pongo delante los ojos el antigüedad de todas las cosas, que para nuestra recordación y memoria quedaron escritas, una cosa hállo y: saco por conclusión mui cierta: que siempre la lengua fue compañera del imperio; y de tal manera o siguió, que junta mente començaron, crecieron y florecieron, y después junta fue la caída de entrambos.

É no parágrafo derradeiro que Lebrixa mostra o objetivo certo:

El tercero provecho deste mi trabajo puede ser aquel que, cuando en Salamanca di la muestra de aquesta obra a vuestra real majestad, y me preguntó que para que podía aprovechar, el mui reverendo padre Obispo de Avila me arrebató la respuesta; y respondiendo por mi dixo que después que vuestra Alteza metiesse debaxo de su iugo muchos pueblos bárbaros y naciones de peregrinas lenguas, y con el vencimiento aquellos ternian necesidad de recibir las leies quel vencedor pone al vencido, y con ellas nuestra lengua, entonces, por esta mi arte, podrían venir en el conocimiento della, como agora nos otros deprendemos el arte de la gramática latina para deprender el latin. I cierto assí es que no sola mente los enemigos de nuestra fe, que tienen ia necesidad de, saber el lenguaje castellano, mas los vizcaínos, navarros, franceses, italianos, y todos los otros que tienen algún trato y conversación en España y; necesidad de nuestra lengua, si no vienen desde niños a la deprender por uso, podrán la más aina saber por esta mi obra.

Vale a pena a leitura e consideração do percurso de Eugenio Asensio pelos avatares do lema ou sentença lebrixana; fá-lo no artigo “La lengua compañera del imperio. Historia de una idea de Nebrija en España [Castilla] y Portugal”<sup>19</sup>. Os antecedentes inmediatos do conceito acham-se nas *Elegantiae linguae latinae*, (1430-1449) do humanista italiano Lorenzo Valla (Roma, 1407-1457), por sua vez, em frase resumida pelo jurista aragonês Gonzalo García de Santa María (Saragoça, 1447-1521), e advogado pelos gramáticos portugueses Fernão de Oliveira (Aveiro, Santa Comba Dão, 1507-Aveiro, 1581) e João de Barros (Viseu, c. 1496-Pombal, Santiago de Litém, 1570). Sem mais comentários, Eugenio Asensio:

El concepto de relación entre la lengua y el imperio se desplegaba en abundantes permutaciones según el fondo histórico a que se aplicaba. La ampliación del horizonte iba convirtiendo el tópico inicial de Valla en una cambiante perspectiva que ofrecía una interesante visión de la lengua como instrumento político y cultural. La historia sucesiva se ordenaba en un prólogo y tres jornadas: Italia o el lugar común; Aragón o la unidad hecha desde la corte; Andalucía — es decir, Nebrija — o la integración nacional; Portugal o la expansión cultural y misionera. (p. 399)

<sup>19</sup> Comunicación presentada en el Simpósio de Filología Românica de Río de Janeiro, agosto de 1958. Publicada na Revista de Filología Española, vol. XLIII, núm. ¾, 1960, pp. 399-413.

## Poslúdio

Como *supra* disse, o Prof. Carvalho Calero tratou a curiosa conversa interrompida entre Valera e Murguia no artigo “Murguía contra Valera”<sup>20</sup>. Nele examina três faces rastejáveis na resposta-contestação de Murguia: 1.<sup>a</sup> a quase psiquiátrica; 2.<sup>a</sup> a filológico-linguística; e 3.<sup>a</sup> a político-socializante<sup>21</sup>. Tal é, a meu ver, a sequência pertinente ao indivíduo, a que aponta o Professor; não obstante, a sequência lógico-cronológica relativa à Galiza, como conjunto humano, é justamente a inversa.

Acima, no INTERLÚDIO PRIMEIRO, comentei a primeira, que inicia e encerra o artigo do Professor, conferida com a *ideia força* sobre a história da Galiza, como *história clínica*.

Consultei na rede diferentes procedimentos de verificação de histórias clínicas, médicas, para entender e no possível praticar a conceção carvalhana. Numa delas, o Dr. Alberto J. Muniagurria (2014) explica:

O registro das informações obtidas, na entrevista médico-paciente, através do interrogatório, exame físico e também os resultados dos estudos clínicos laboratoriais, bem como os de diagnóstico por imagem, é conhecido como HISTÓRIA CLÍNICA. Tem como objetivo coletar as informações necessárias para o atendimento completo dos pacientes. O registro das informações obtidas na entrevista inclui indicações médicas, evolução diária, anotações de enfermagem e Epicrisis ou nota final.

O Dr. Jorge Alberto Costa e Silva (2006.2013), distingue componentes, que, *mutatis mutandis*, vale aplicar à *Comunidade de Falas Galegas e/ou Comunidade Lusófona*, inclusa no RbE, histórica, social e político-administrativa, e às pessoas que as integram para estabelecer a *história clínica* do Galego e/ou “galego”; são: *Anamnese ou Interrogatório, Exame físico, Diagnóstico sindrómico, Evolução* e por fim *Epicrise*.

Seja como for, o Prof. Carvalho toma da prática médica o nome e, com certeza, o conteúdo. Em diferentes ocasiões, quer conferências ou palestras,

---

<sup>20</sup> In *Grial. Revista galega de cultura* núm. 55, janeiro-março 1977, pp. 102-105; reproduzido em *Libros e autores galegos: dos trovadores a Valle-Inclán*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, “Colección Galicia Viva”, disposta pola Real Academia Galega, Crunha, 1979, pp. 163-167.

<sup>21</sup> Não posso estender-me, como corresponderia. Sem excluir outras referências, deixo-me guiar por textos do Prof. Vieira Ouriques (2012), (2016), (2017); e do sociólogo Lluís V. Aracil (1980), (1983), (1985), (1987); (1993), (2004).

quer artigos, definiu a situação irregular da sociedade na CAG do RbE, que pode afetar também à saúde mental das pessoas<sup>22</sup>.

Em todo o caso, tomada por analogia ou como alegoria, cumpre diferenciar a *doença* (os sintomas) do “paciente” e a *história clínica*, resultante da análise da *doença*, com o fim de achar e aplicar o *tratamento* adequado até à sua total *curação*. Ou para certificar o seu falecimento.

O *interrogatório* sobre a situação do Galego e dos seus utentes será indireto, como, por exemplo, o proposto pelo Prof. Freixeiro Mato (2011: 70 e ss.), uma “líña de continuidade que vai desde o Padre Sarmiento no século XVIII, Murguia no XIX, Castelao na primeira metade do XX, até chegarmos a Carvalho”. Com certeza este interrogatório terá de ser feito a filólogos, linguistas, historiadores nos diversos ramos do saber ou por eles, mas cumprirá se remontarem às origens.

Terá de ser também direto, aos falantes (e não falantes) atuais, residentes na Galiza, por meio de inquéritos que abranjam todos os aspetos pertinentes, das circunstâncias dos diferentes usos de Galego, face aos usos da *lengua oficial del Estado*, até às opiniões sobre a formalização gráfica do idioma da Galiza e o seu relacionamento com o Português e, em geral com a Lusofonia.

Acho pertinente a memória do Prof. Evandro V. Ouriques (2012: 47) sobre processos de extermínio promovidos por instituições estatais, como está a acontecer no RbE contra a pervivência das falas galegas<sup>23</sup>:

A estratégia do genocídio utiliza o mesmo princípio. Seguindo com Antonio Míguez a teoria de G. H. Stanton (1998) (apud Sanmartin, 2010:184), verificamos suas oito fases: (1) *Classificação*, feita em época de paz, quando os genocidas separam-se dos ‘inimigos’; (2) *Simbolização*, quando faz aderir, através sobretudo da pedagogia e da mídia, símbolos negativos ao “inimigo”; (3) *Desumanização*, quando logra-se definir o “inimigo” como “não humano”; (4) *Organização*, atendendo às demandas de quem o controla; (5) *Polarização*, com o agravamento, inclusive legal, da tensão; (6) *Construção de listas de morte*; (7) *Extermínio*, sempre organizado e programado pela força; e

<sup>22</sup> Teríamos de voltar à aplicação da teorização batesoniana sobre o *double bind* para explicar situações pessoais e coletivas reiteradas na Galiza até cair na esquizofrenia ou outros desequilíbrios mentais. Vid. ao caso o artigo de Helena Correia Knight 1991. Embora não vise nem a situação galega nem a coletiva, acho que pode fornecer explicação suficiente do que se passa na Galiza.

<sup>23</sup> Vid. as reflexões e propostas do sociólogo Lluís V. Aracil 1980: 17-33; 1985: 127-138; 1983, passim.

(8) *Negação*, quando “os perpetradores de genocídios cavam tumbas coletivas, queimam corpos, tratam de ocultar toda evidência e intimidar testemunhas [...] mesmo muitas décadas depois dos factos” (op. cit.:185).

Portanto, dos oito pontos do genocídio, sete são operações psicológicas para gerarem efeitos políticos, portanto são operações psicopolíticas, mentais (o fluxo de pensamentos, afetos e percepções), e apenas um é o extermínio propriamente dito.

Na CAG (e portanto na Galiza) o RbE vem praticando, mormente desde o nascimento da *Nación española* (1812), essas fases; o intuito resume-se em inocular nos galego-utentes a impossibilidade de *viver em galego* na Galiza. Basta ler o protervo art. 3.º da CE 1978, confrontado com os arts. 14.º e 10.º. Na realidade mormente os parágrafos 1. e 2. desse art. 3.º impõem às autoridades das *comunidades bilingues* a obriga de assumirem o *duplo vínculo* (ou *double bind*), afinal indutor de *esquizofrenia*, e o estenderem ao *pobo* sob pretexto de harmonia e convivência social.

Helena Correia Knight (1991: 236) traduz (!) o *dilema impossível*, constitutivo do *duplo ligame*, numa peculiar relação *mãe-filho*: *Se eu quero conservar os laços com a minha mãe, não lhe devo mostrar que a amo; mas se não lhe mostrar que a amo, vou perdê-la*. Poderia acomodar-se à relação político-administrativa *España-Galicia* ou à pessoal *hispanófono-galegófono*. Explica Helena:

Ao impossibilitar o paciente de falar da sua situação, a mãe interdita-o também de utilizar o nível metacomunicativo, ou seja, o nível que nos permite corrigir a nossa percepção dos comportamentos comunicativos. Ora, a capacidade de comunicar sobre a comunicação, de comentar as nossas acções significantes e as dos outros, é primordial para o estabelecimento de relações sociais com êxito.

Em qualquer relação normal se produz uma troca incessante de mensagens metacomunicativas, tais como: *O que é que queres dizer com isso?, Porque é que fizeste isso?, Será que te importas comigo?*, etc.. Para interpretar correctamente o que exprimem os outros, devemos ser capazes de o comentar directa ou indirectamente. É com este nível metacomunicativo que o esquizofrénico parece incapaz de lidar correctamente.

Claro que as injunções paradoxais são frequentes na vida quotidiana e não são suficientes para produzir uma esquizofrenia. Para isso é necessário que este tipo de relação seja induzido de uma forma precoce e repetitiva na infância, por um ente próximo e muito significativo, a maior parte das vezes a mãe. (ibidem)

Na verdade reconheço, vistos os vistos, que o *duplo vínculo*, mais ou menos esquizofrenizante, incide com maior força nas autoridades académicas (ILG, RAG), governativas (*Xunta, Parlamento, Concellos*) e socializantes (dinamizadores dos usos de galego) do que nas pessoas do comum, porquanto aquelas têm a obriga de ser constitucionalmente bilingues<sup>24</sup>. Acho. O *pobo*, os novos do *pobo* acham-se imersos no processo trânsfuga do bilinguismo imperfeito de galego e castelhano ao unilinguismo castelhano, com frequência bastante engraçado.

Acontece que os inquéritos sobre os usos de ambas as línguas, realizados até hoje na CAG, ignoram aspetos importantes desses usos, como a grafia correta e adequada ao galego e o seu relacionamento com o português; arbitrariamente estimam-no “alleo ó galego”.<sup>25</sup> Apenas em um inquérito, não oficial, Ângelo Cristóvão perguntava os inquisitados tanto sobre a grafia, quanto sobre a relação do Galego com o Português<sup>26</sup>.

Valeria a pena conferir a vivência do *duplo vínculo* pelas notabilidades e no *pobo* com as explicações sobre a relação entre galego e castelhano, em geral dito

---

<sup>24</sup> Lluís V. Aracil muito cedo analisou doutra perspectiva a impossibilidade de normalizar o bilinguismo, salvo reduzindo-o à condição de mito, na aceção literal de Levi-Strauss, enquanto os mitos são apresentados como “solucions al problema d’unir dues concepcions contrapostas i aspiren a resoldre una contradicció (la qual cosa és impossible ja que la contradicció és real)”. Com efeito, se os usos de castelhano obrigadamente têm de ser normais na CAG, será impossível normalizar os usos de galego nas mesmas e idênticas condições.

<sup>25</sup> Não obstante, instituições “galegas” e, em geral, do RbE promovem curiosas participações em órgãos da CPLP, como a do oficial *Consello da Cultura Galega*, entre os *Observadores Consultivos*, quando este proclama que o “galego” é “língua diversa da portuguesa”.

<sup>26</sup> Vid. Ângelo Cristóvão (2009: 95-113). É artigo que merece a pena ter muito presente não só como quadro teorizador da nacionalização galega, mas também como marcador de sentido e objetivos nas pessoas ativistas:

Advertimos duas serem as convicções que nos guiam para elaborarmos esta investigação:

- 1.<sup>a</sup> Que é possível estudar rigorosamente o processo nacionalizador enquanto, considerado objeto de análise, se lhe apliquem metodologias científicas.
- 2.<sup>a</sup> Que é possível e necessária na Galiza uma ciência exigentemente satisfatória e radicalmente libertadora mais do que aquela a que está afeita a “elaborar” neste país a comunidade científica. (p.96)

diglósico. É com a distorção do *conceito de diglossia*<sup>27</sup> que as notabilidades do RbE encobrem, cónscios ou não, o real proceso de substitución da “lengua propia de Galicia” (EAG 1981 art. 5.1) pela “lengua oficial del estado” (CE 1978 art. 3.1). Aliás, não me parece estranho que essa distorção ou confusão, interessada?, tenha a ver com o *duplo vínculo* a que essas notabilidades se acham submetidas e que as induz a fugir de evidenciar, por meio da formalização gráfica, a identidade de “galego” e portugués, afinal a realidade de o Galego ser “língua extensa e útil”.

Nessa linha argumental, o Prof. Carvalho Calero sustinha no artigo em causa<sup>28</sup>:

No mundo de hoxe as miniaturas lingüísticas poden ter interés para os lingüistas, mais, suxeitas á presión de poderosas linguas veciñas, teñen escasas posibilidades de perduración. Se Murguía fora consecuente, non adoptaría unha actitude tan negativa perante as teses de Valera. Cando Castelao falaba de aproximarmos o galego ao portugués ata confundírense as dúas linguas, desenrolaba unha idea que se pode xustificar en Murguía. É curioso que tamén se ache no Patriarca, como vimos de ver, base suficiente para xustificar de algún xeito a teoría separatista do galego e o portugués. A resistencia á concordia galego-portuguesa en nome dos mesmos sentimentos que se invocan para rexeitar unha concordia galego-castelá — sempre falando en termos de lingua literaria —, é un exemplo máis da tensión [ou *duplo vínculo*?] á que un azar histórico ten sometida a alma de Galicia e a dos galegos. (p. 167)

---

<sup>27</sup> Vid. António Gil Hernández / Henrique Rabuñal Corgo (1989), “O concepto de diglossia aplicado à Galiza - Diglossia deslocada”.

<sup>28</sup> Mauro Fernández (1997) opõe-se aos Prof.es Lapa e Carvalho; na parte final do seu artigo afirma, lindo: A la vista de cómo se ha ido planteando el tema de las identidades colectivas en estos últimos años, parece claro que la predicción de Rodrigues Lapa resultó equivocada, pues el mundo actual sí que hace alarde (no sé si excesivo) de toda clase de matizaciones. Las identidades distintivas proliferan y los discursos que las sustentan se trasvasan de unas a otras. Más acordes con la sensibilidad actual parecen las posiciones que propugnaban una vía autónoma para el gallego, claramente diferenciado del español; pero también, en la medida de lo posible, del portugués. Finalizaré resaltando que en estos momentos todo (incluido el tono crecientemente ofensivo de los discursos reintegracionistas) parece apuntar hacia una consolidación de la vía autonomista, especialmente debido al poco eco que ha tenido en el nacionalismo gallego la acusación de estar sirviendo por intermedio de la lengua los intereses del nacionalismo español. (p. 102)

O Professor formulou, em confluência com o conselho de don Juan Valera, a realidade e certeza do dilema, aliás, válido não só para a *língua literária*:

Polo que se refire ao problema da lingua literaria, non cremos que existan máis que dúas solucións viáveis. Ou o galego cede definitivamente ao castelán, aproximándose a el ata constituirse nun dialecto galego-castelán, ou regresa ás súas fontes, restablecendo o contacto cos seus codialectos, e adquirindo a forma dun dialecto galego-portugués. Unha terceira vía, a dun galego descastelanizado e deslusitanizado ao mesmo tempo, seméllanos unha vía morta. Ese galego-galego sería non un galego elevado a calquer potencia, senón un galego ao que se lle estraguería a raíz. (p.167)

O Prof. Rodrigues Lapa, em “A recuperação literária do Galego” (1973), sustinha a mesma proposta salvadora do Galego; eis os parágrafos finais:

Isto que dizemos, com pureza de intenções, que nascem do nosso entranhado amor pela Galiza, poderá aos que não conhecem o nosso passado galegófilo parecer uma especie de incitação a um *Anschluss* [anexação] cultural e linguístico do galego. [...]. Ainda há pouco tempo um escritor galego, Basilio Losada, nas colunas desta mesma revista (n.º 9, p. 97), a propósito de um livro em prosa de Álvaro Cunqueiro e dos seus portuguesismos de linguagem, declarava que "o lusismo é o recurso lóxico e desexábel de todo escritor galego". E um desses escritores, cidadão do mundo, que até nisso é galego-português, Ernesto Guerra Da Cal, já iniciou esse trabalho de integração [...]. Nos seus dois livros de poesia, *Lúa de Além-Mar* (1959), prefaciado por Jacinto do Prado Coelho, e *Rio de Sonho e Tempo* (1963), este "mestre da nova Galeguidade", como lhe chamou justamente Otero Pedrayo, não hesitou em utilizar a ortografia portuguesa para todos os fonemas galegos que por meio dela possam ser representados. Deu para isso duas razões: uma por que o sistema ortográfico vigente para o galego não tinha base histórica nem científica; a segunda e a mais importante:

é o considerarmos inadiável o restabelecimento dos vencellos tradicionaes das nosas letras con o ámbito amplo e rico da cultura luso-brasileira, á cal, tanto pola verba, canto polo esprito pertencemos. Non fazemos nisto senón seguir o conselho venerábel do patriarca Murguía, que xá recomendou a unificación lingüística con Portugal, apontando que nela estaba o porvir do noso idioma. E, nefeito, creemos que ise é o caminho mais seguro para

sobardar os límites rexionaes e dialeitaes que ainda estreitan a espresión cultural galega. Coidamos pois ineludibel reenrarmos no perímetro e nas correntes universaes do *mundo que o portugués criou* aquén i-alén mar. [...] (*Lúa de Além-Mar*, p. 14).

Como se vé, a nossa longa explanação não fez mais do que glosar e concretizar o pensamento dum prestigioso escritor galego, hoje medianeiro autorizado entre a Galiza, Portugal e o Brasil, em cujo porvir cultural acredita religiosamente. Para que essa alianza dê os frutos que dela se esperam nos domínios da cultura, torna-se indispensável que o seu membro mais antigo faça um esforço de adaptação, se quiser vir a ser uma língua de cultura em todo o Noroeste hispânico, irradiando para esse vasto mundo que o Português criou. É urna opção crucial, já agora, a que se não pode fugir, pela força incoercível das circunstâncias. E é quase um milagre ter sido um escritor galego, superiormente apetrechado, o primeiro a dar a esta ideia a forma justa e concreta por que todos esperávamos. Assim seja, pois. (pp. 286-287)

\*\*\*\*\*

CODA.- Anterior à conversa interrupta supra examinada, don Juan Valera topou com um *notable regionalista* galego. Valera publicou um extenso comentário à *Historia de la civilización ibérica* (1885), de “mi amigo J. P. Oliveira Martins” (Revista de España 7/1887, núm. 117, pp. 593-611), em que fez fortes afirmações sobre o regionalismo, contestadas pelo lucense Diego Pazos García em *Galicia. Revista Regional* (Crunha), 1 de janeiro de 1888, pp. 15-19. Fique para outra ocasião a resenha pertinente.

## Referências

AGAL-Comissom Lingüística (1983.1989), *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego (ILG-RAG, 1982)*, Crunha, AGAL

Lluís V. Aracil (1980) “A sociolingüística da experiencia e da acción. O modelo galego” in *Problemática das linguas sen normalizar. Situación do galego e alternativas*, Santiago de Compostel-la, AS-PG-Xístral, pp. 17-33.

Lluís V. Aracil (1983) *Dir la realitat*, Barcelona, Edicions Països Catalans.

Lluís V. Aracil (1985), “A Sóciolingüística da experiéncia e da açcom: o modelo galego”, versão de Lluís V. Aracil (1980) in *Lingüística e sócio-lingüística galaico-portuguesa, Temas de O Ensino*, núm. 4/5, Braga-Ponte Vedra, pp. 127-138. Postado in academia.edu.

Lluís V. Aracil (1987), “Lengua nacional ¿una crisis sin crítica?” in AA.VV. *Innovación en la enseñanza de la lengua y literatura*, Madrid, MEC, pp. 215-228.

Lluís V. Aracil (1993) *Para uma história de «Iruinean sortua. Declaração de Pamplona e comentários*. Crunha: I.E.L.-G., Associação de Amizade Galiza-Portugal.

Lluís V. Aracil (2004), *Do latim às línguas nacionais: Introdução à história social das línguas europeias*. Cristóvão d'Ángelo e Josep J. Conill (eds.). Santiago de Compostela, Associação de Amizade Galiza-Portugal.

Nilsa Areán García (2011), “A divisão do galego-português em português e galego. Duas línguas com a mesma origem” in *Revista Philologus*, núm. 49. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. pp. 7-15.

Ricardo Carvalho Calero (1977), “Murguia contra Valera”, in *Grial. Revista galega de cultura* núm. 55, janeiro-março 1977, pp. 102-105; reproduzido em *Libros e autores galegos: dos trovadores a Valle-Inclán*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, “Colección Galicia Viva”, disposta pola Real Academia Galega, Crunha, 1979, pp. 163-167.

Comunicado final da 197.<sup>a</sup> Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa.- A Assembleia aprovou a nova edição portuguesa do Missal Romano, que seguirá o novo acordo ortográfico [...]. Os Bispos manifestaram profundo agradecimento à Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade, ao Secretariado Nacional de Liturgia e a todos os colaboradores que levaram a bom termo este longo e minucioso trabalho, tão relevante para a celebração da liturgia em Portugal e nos Países lusófonos. Online: <https://paroquiasaoluis-faro.org/comunicado-final-da-197-a-assembleia-plenaria-da-conferencia-episcopal-portuguesa/>

Jorge Alberto Costa e Silva (2006), *Historia clínica*. Apontamentos enviados por Magret Montero em julho 20 de 2013. Online: <https://pt.scribd.com/document/154937511/Historia-Clinica-Jorge-Costa-PDF>

Ângelo Cristóvão Angueira (2009), “Secção quinta. Inquéritos sociolinguísticos na Galiza espanhola” in AA. VV. *Galiza: língua e sociedade, XIV ensaios*, Santiago de Compostela, promove AAG-P, edita AGLP, pp. 95-113.

Ângelo Cristóvão Angueira (2009), “Secção décimo quarta. *La Questione della Lingua: introdução e bibliografia*” in AA. VV. *Galiza: língua e sociedade, XIV ensaios*, Santiago de Compostela, promove AAG-P, edita AGLP, pp. 327-344.

Diário de Lugo (1877), apenas referenciado em Carme Hermida Gulías 1992: 114. *El Diario de Lugo: periódico político y de intereses generales (1872-1884)*, in *Galiciana. Biblioteca Dixital de Galicia*. Não consta.

Carlos Durão (2016), “Contributos à *Breve História do Reintegracionismo*, do Tiago Peres” in BAGLP 9, pp. 11-26.

Mauro Fernández Rodríguez (1997.2000), “Entre castellano y portugués: La identidad lingüística del gallego” in AA.VV. (1997), *Identidades lingüísticas en la España autonómica. Actas de las Jornadas Hispánicas de la Sociedad Suiza de Estudios Hispánicos*, Georg Bossong-Francisco Báez de Aguilar González (eds.), Frankfurt am Main, Veuert : Madrid, Iberoamericana, pp. 81-105.

Xosé Ramón Freixeiro Mato (2011), “Carvalho Calero e a lingua galega: coherencia, compromiso e visión de futuro” in AA.VV.(2011), RICARDO CARVALHO CALERO: ciencia, literatura e nación, Carlos Caetano Biscainho Fernandez-Xosé Manuel Sánchez Rei, A Coruña, Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións, Cursos-Congresos-Simposios, núm. 117, pp. 68-85.

Constantino García González (1976), “Interferencias lingüísticas entre gallego y castellano” in *Revista Española de Lingüística*, vol. 6, 1, 1976, pp. 327-344.

António Gil Hernández (2006), *Temas de Lingüística Política*, Compostela / Braga, AAG-P.

António Gil Hernández (2008), “Estado, Nação e Tríade Linguística Teorização leve sobre factos graves” in BAGLP 1, pp. 89-104.

António Gil Hernández (2011) “Apontamentos para uma Galeguística” in BAGLP vol. 4 pp. 167-183.

António Gil Hernández / Henrique Rabuñal Corgo (1989), “O conceito de diglossia aplicado à Galiza - Diglossia deslocada” (a, b, c) in *Livro novo de Textos velhos - Teorização sociolingüística - II - 3ª*, Separata da revista *Nós*, janeiro-dezembro 1989, pp. 361-373. In academia.edu

*Heraldo Gallego. El Semanario de ciencias, artes y literatura*, Ourense, 1874. Hermida 1992: 114, adverte em nota de rodapé que o texto tomado de *Diario de Lugo* foi reproduzido na secção “Noticias de Galicia” do *Heraldo*, 8 (25.2.1877).3”. in *Galicianana. Biblioteca Dixital de Galicia*. Não consta.

Carme Hermida Gulías (1992), *Os Precursores da Normalización. Defensa e reivindicación da lingua galega no Rexurdimento (1840-1891)*, Vigo Xerais, passim.

Helena Correia Knight (1991), “Double-bind e esquizofrenia”, *Instituto Superior de Psicologia Aplicada Análise Psicológica*, 9, 235-238.

Manuel Rodrigues Lapa (1973), “A recuperação literária do Galego” in *Grial*, 41: 278-287; *Colóquio/Letras*. Ensaio, núm. 13, maio 1973, p. 5-14. Online: <https://www.cervantesvirtual.com/descargaPdf/num-41-1973> e <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/432290>

Roberto López-Iglésias Samartim (2011 [2005]). “Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: o caso de *Galaxia*”. *Agália*: 83/84, pp. 9-50. reedição em [poesiagalega.org](http://www.poesiagalega.org). Arquivo de poéticas contemporâneas na cultura. Online: <http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/377>.

Sebastian Moranta (2019), “Discursos sobre el *bilingüismo mítico* en clave europea e hispanoamericana” in 1.º *Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro*, Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín. Online: <https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1535.pdf>

Alberto J. Muniagurria (2014), Historia clínica. Pode consultar-se online: <https://semiologiaclinica.com/index.php/pt/articlecontainerpor/531-historia-clinica>

Helena Correia Knight (1991) “Double Bind e Esquifrenia” in *Análise Psicológica*, 9, 235-238, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Online <http://hdl.handle.net/10400.12/2695>

Raymundo Da Costa Olioni (2010), *Tema e N-Rema: a construção do fluxo de informação em textos narrativos ...* Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Área de Linguística Aplicada – da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras. (423924.pdf)

Evandro Vieira Ouriques (2012), “Psicopolítica e emancipação intercultural. A questão Galiza, Brasil e Lusofonia”, *BAGLP* 5, pp. 43-67.

Evandro Vieira Ouriques (2016), “A emancipação psicopolítica frente ao trauma epistêmico e a teoria da comunicação” in *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, núm.131, abril-julio, pp. 63-75.

Evandro Vieira Ouriques (2017) *Teoria Psicopolítica. A emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura*, Prefácio de Carlos Del Valle Rojas. Apresentação de Michel Misse. Co-Edición Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto, Universidad de Groningen

Emilia Pardo Bazán (1888), “¿Idioma ó dialecto?” in *De mi tierra*, Crunha, Casa de la Misericordia, pp. 354-364. Online: [https://www.cervantesvirtual.com/portales/pardo\\_bazan/obra/de-mi-tierra-1048194/](https://www.cervantesvirtual.com/portales/pardo_bazan/obra/de-mi-tierra-1048194/)

Diego Pazos García (1888), “Los ataques que el regionalismo gallego dirige al excelentísimo señor don Juan Valera, de la Academia Española y ministro plenipotenciado de España en Bruselas” in *Galicia Revista Regional*, etc. janeiro pp. 15-19. Citado por Hermida 1992: 116, em nota de rodapé.

Henrique Rabuñal Corgo / António Gil Hernández (1989), “O conceito de diglossia aplicado à Galiza - Diglossia deslocada” (a, b, c) in *Livro novo de Textos velhos - Teorização sociolinguística - II - 3ª*, Separata da revista *Nós*, janeiro-dezembro 1989, pp. 361-373. In academia.edu

Carlos Sáenz de Tejada Benvenuti (1971), Juan Valera. Serafin Estébanez Calderón. 1850-1858. Crónica histórica y vital de Lisboa, Brasil, París y Dresde (como coyunturas humanas a través de un diplomático intelectual), Madrid, Editorial Moneda y Crédito, 395 pp.

Elias José Torres Feijó (1999), *Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)*, *Ler História*, vol. 36, pp. 273-318;

Elias José Torres Feijó (2000): “Norma lingüística e intersistema cultural: o caso galego”, in [ Actas do ] *Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera*. 1.º Encuentro de Lusitanistas Españoles. Cáceres, Universidad de Extremadura, Tomo II, pp. 967-996.

Elias José Torres Feijó (2004a): “Novas estratégias para um novo reintegracionismo”, palestra apresentada ao *Fórum da Língua* (Movimento Defesa da Língua, Faculdade de Filologia-USC, 2004/02/28) (conclusões recolhidas em GZE-ditora 4, acessíveis em <http://www.agal-gz.org>; última consulta 2005/12/22).

Elias José Torres Feijó (2004b): “Portugal, para quê? Para umha interpretação do corpus identitário galego: potencial e carências no relacionamento galego-português”, in Lois, Rubén; Constenla, Xosé (ed.): *Galiza-Portugal: a reorganização territorial do ocidente atlântico do Ocidente ibérico*. Santiago de Compostela, Ed. Laivento (no prelo, acessível em <http://www.agal-gz.org>; última consulta 2005/12/22)

Elias José Torres Feijó (2009): “Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa”. *Actas do I Congresso Internacional O Pensamento Luso-Galaico entre 1850 e 2000*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 371-402.

Juan Valera (1896), “La literatura española en el siglo XIX” in *Obras completas*, II, Madrid, Aguilar, 1958, pp. 890-901. Referência em Hermida 1992: 309.

Javier Vilhar Trilho (2008), “Sobre o conceito de Notáveis na obra sociolinguística de António Gil”, in BAGLP 1 pp. 153-163.

Marco Vinicius (2022?), “teoria do duplo vínculo” (resumo suficiente) Online: <http://deltazetolota.blogspot.com/2010/07/teoria-do-duplo-vinculo.html>

## ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ

António Gil Hernández, membro da AGLP, nado em Valhadolid (Castela) em 1941 e residente na Crunha e em Bandeira (Ponte Vedra), é co-autor de *Que Galego na escola?*, Eds. Do Castro, 1984, e de *Silêncio ergueito*, Eds. Do Castro, 1996; de *Temas de Linguística Política*, AAG-P, 2006; de *Solilóquios com Manuel Maria*, F-AGLP, 2016, para além de artigos publicados em diversas revistas e de poemários, bastantes inéditos. Dirige o BAGLP.



**Instituição**

---



## **Atividades da AGLP no ano 2020**

Maria S. Dovigo  
Àngelo Cristóvão

### **Projeto Fontenla**

O tratamento do espólio doado pela família Fontenla à Fundação AGLP (fundo bibliográfico, documentos de arquivo e obra pictórica) permitirá chegar conhecimento de factos de enorme valor para o conhecimento do desenvolvimento cultural da Galiza nas décadas de 1970 a 1990, entre os quais toda a documentação original das reuniões de 1986 e 1990 dos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa, em que participara uma Delegação de Observadores da Galiza. Este projeto contou com o apoio económico da Deputação da Corunha.

### **Reunião plenária de 11 de janeiro**

Foram eleitas Antia Cortiças Leira e Pedro Casteleiro como académicos numerários e Paulo Fernández Mirás como académico correspondente.

### **Reunião de 1 de agosto**

Foram eleitas Iolanda Aldrei como académica numerária e Paulo Soriano e Samuel F. Pimenta como académicos correspondentes. Neste último plenário teve lugar a renovação da Comissão Executiva do Patronato da Fundação AGLP.

### **Criação do blogue Apontamentos Académicos**

No dia 30 de outubro, centenário da revista Nós e aniversário de Carvalho Calero. Segundo a notícia de apresentação, esta iniciativa da AGLP “tem como finalidade criar um espaço para a divulgação do conhecimento, a geração e

análise de discursos, o intercâmbio de conteúdos e de opiniões, e a publicação de análises conceituadas e fundamentadas sobre a língua e a cultura em geral, e sobre a Galiza em particular”.

**Participação nas reuniões da Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos Observadores Consultivos da CPLP, sob a presidência da Fundação Gulbenkian, nos dias 21 de outubro e 25 de novembro.**

**Tertúlia *Mulheres na Música Galega e Portuguesa*, em colaboração com o Centro de Cultura e Intervenção Feminista da UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta (CCIF-UMAR), ONG portuguesa com sede em Lisboa.**

A sessão, realizada no âmbito do ciclo do *Conversas Soltas* e celebrada em formato on-line no dia 20 de novembro, abordou o papel e contributo das mulheres na música galega e portuguesa, com as músicas Helena Marinho e Isabel Rei Samartim, académica AGLP.

ATIVIDADES DA FUNDAÇÃO ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Atividade 1:**

Assistência a reuniões da Comissão temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa, dos Observadores Consultivos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

A) Identificação

Denominação da atividade	Participação nos meses de fevereiro, março, maio, setembro e novembro, nas reuniões periódicas da Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa, dos Observadores Consultivos da CPLP.
Tipo de atividade	Colaboração internacional
Identificação da atividade por sectores	Institucional
Lugar de execução da atividade	UCCLA-União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Lisboa, Portugal ON-LINE.

B) Descrição detalhada da atividade

Esta participação realiza-se na sequência da admissão da Fundação AGLP nessa Comissão dos Observadores Consultivos da CPLP, em que se partilham projetos, informações e colaborações em aplicação de um programa de atividades que é divulgado por todas as entidades integrantes a nível internacional.

## Atividade 2:

Jornadas das Letras Galego-Portuguesas de Pitões das Júnias (Montalegre, Portugal)

### A) Identificação

Denominação da atividade	Colaboração na organização das IV Jornadas das Letras Galego-Portuguesas em Pitões das Júnias.
Tipo de atividade	Colaboração
Identificação da atividade por sectores	Educativa
Lugar de execução da atividade	Lisboa (Portugal)

### B) Descrição pormenorizada da atividade prevista

De 30 a 31 de maio, em colaboração com a Associação Desperta do Teu Sono, entre outras associações galegas e portuguesas, e o apoio da Câmara Municipal de Montalegre, realiza-se as *IV Jornadas das Letras Galego-Portuguesas* que têm lugar na Junta de Freguesia de Pitões das Júnias (Montalegre, Portugal).

### Atividade 3:

#### Atualização do *Vocabulário Ortográfico da Galiza online*

##### A) Identificação

Denominação da atividade	Atualização continuada do <i>Vocabulário Ortográfico da Galiza online</i> . Atividade da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da Fundação AGLP. De livre consulta online: <a href="https://academiagalega.org/publicacoes/outras-publicacoes/1889-vocabulário-ortográfico-em-linha.html">https://academiagalega.org/publicacoes/outras-publicacoes/1889-vocabulário-ortográfico-em-linha.html</a> .
Tipo de atividade	Própria
Identificação da atividade por sectores	Educativa e Cultural
Lugar de execução da atividade	Santiago de Compostela

##### B) Descrição pormenorizada da atividade prevista

Consiste em atualizar e divulgar o *Vocabulário ortográfico da Galiza*, de acesso livre para todos os públicos. No momento do início dos trabalhos informáticos, a base de dados conta com algo mais de 154.000 entradas. Os vocábulos são definidos unicamente na sua categoria gramatical, não constituindo um dicionário. Será atualizado regularmente. A responsabilidade académica da elaboração e revisão desta iniciativa corresponde à Comissão de Lexicografia e Lexicologia sob a direção do patrono e académico Carlos Durão Rodrigues.

#### Atividade 4:

Publicações do Âmbito Filológico, Linguístico e Literário

##### A) Identificação

Denominação da atividade	Publicações próprias da Fundación AGLP: Boletim da AGLP, vol. 11 e ensaio de título <i>A evolução histórica dos limites da Galiza</i> .
Tipo de atividade	Própria
Identificação da atividade por sectores	Educativa
Lugar de execução da atividade	Santiago de Compostela

##### B) Descrição detalhada da atividade

1. Edição do número 11 do Boletim da AGLP, órgão oficial da Fundação, em que se incluem artigos de diversas áreas de conhecimento das ciências sociais.
2. Colaboração na edição do ensaio *A evolução histórica dos limites da Galiza*, vol. I, livro de investigação de José Manuel Barbosa Álvarez, que inclui documentação e mapas medievais sobre as fronteiras do antigo Reino da Galiza no percurso da sua história.

**Atividade 5:**

Participação no *Colóquio Anual da Lusofonia*, nos Açores, Portugal

A) Identificação

Denominação da atividade	Assistência e participação em <i>Congresso Internacional de Cultura Lusófona</i>
Tipo de atividade	Colaboração
Identificação da atividade por sectores	Divulgativa
Lugar de execução da atividade	Ilha de São Miguel, Região Autónoma dos Açores (Portugal)

B) Descripción detallada de la actividad prevista

Participação de duas pessoas do Patronato no evento cultural e científico que se realizou de 2 a 6 de outubro na Ilha de São Miguel e on-line, da Região Autónoma dos Açores (Portugal). É continuidade da participação que se vem realizando durante os últimos anos, em cumprimento do convénio em vigor com a *Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia* (AICL).

## Atividade 6:

Participação no VI Congresso da Cidadania Lusófona em Lisboa

### A) Identificação

Denominação da atividade	Participação no Congresso da Cidadania Lusófona, que se realiza anualmente em el Lisboa.
Tipo de atividade	Colaboração
Identificação da atividade por sectores	Divulgativa e institucional
Lugar de execução da atividade	Lisboa, Portugal

### B) Descrição detallada da atividade

Participação e intervenção de dous membros do patronato de la Fundación AGLP, Maria Dovigo e Ângelo Cristóvão, neste evento internacional anual, com o intuito de internacionalizar o conhecimento da realidade cultural da Galiza, explorando as possibilidades de trabalho colaborativo e reconhecimento mútuo. As comunicações apresentadas são publicadas nas atas do evento. Realizado os dias 26 e 27 de novembro no Palácio da Independência da capital portuguesa.

## Atividade 7:

### Programa *Projeto Fontenla*

#### A) Identificação

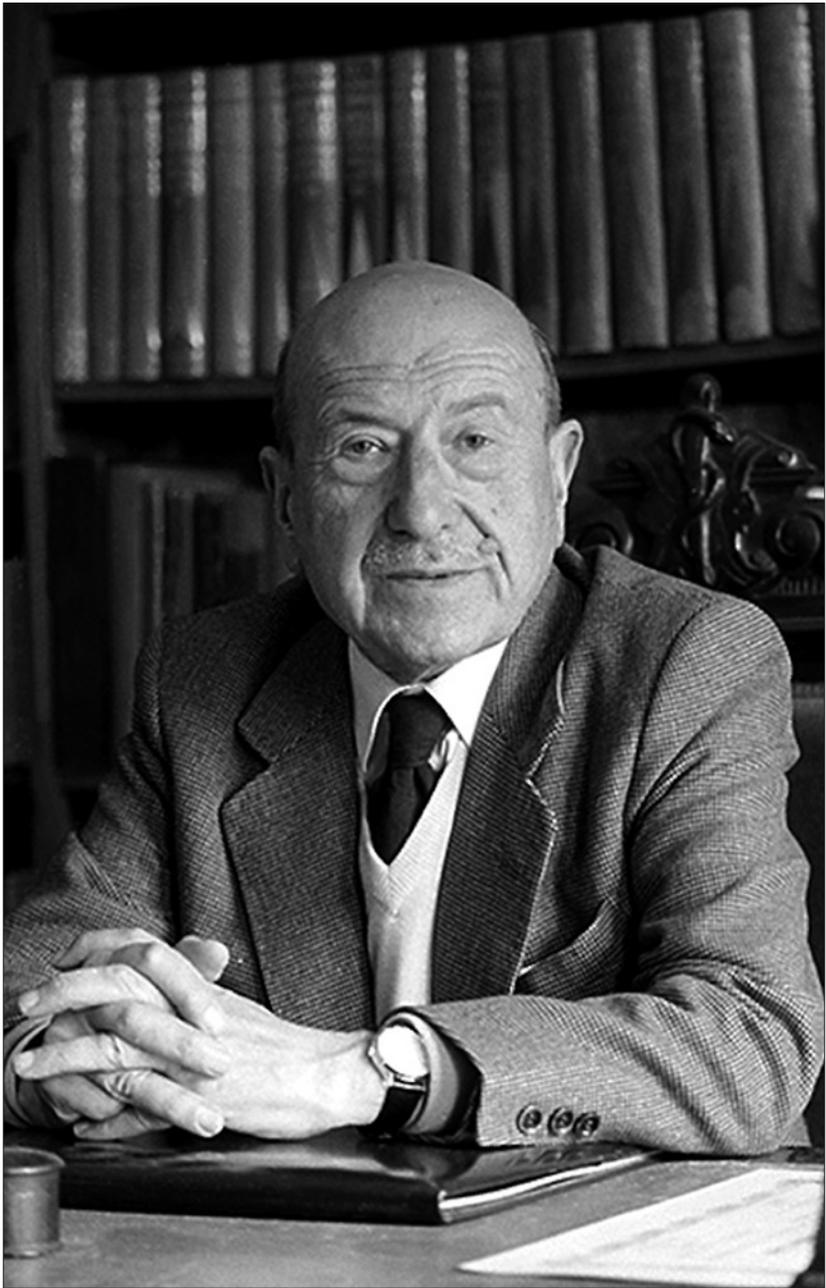
Denominação da atividade	Continuidade do <i>Projeto Fontenla</i> para a ordenação, classificação e digitalização dos fundos documentais da Doação Fontenla.
Tipo de atividade	Própria
Identificação da atividade por sectores	Cultural
Lugar de execução da atividade	Santiago de Compostela

#### B) Descrição detallada da atividade

A Fundação conseguiu, em concurso público, um contributo económico da Deputación da Corunha por valor de 12.000 euros, para o desenvolvimento da *segunda fase do Projeto Fontenla*, apresentado oportunamente conforme aos critérios e prazos da convocatória (adiado do ano 2020). A Doação da família Fontenla Rodrigues contém milhares de documentos da atividade cultural, artística, cívica, política e associativa de José Luís Fontenla Rodrigues, de enorme valor para conhecer o desenvolvimento cultural da Galiza nas décadas de 1970 a 1990. Recebeu-se em várias dezenas de caixas de cartão, sem identificação, mas relativamente bem ordenadas, e foram depositadas na sede da Fundação em Santiago de Compostela. A encomenda da tarefa profissional foi para a empresa Severiano Servicio Móvil.

Os trabalhos desenvolvidos consistiram na descrição e classificação dos materiais impressos, entre os quais toda a documentação original das reuniões de 1986 e 1990 dos *Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa*, em que participara uma *Delegação de Observadores da Galiza*.

Acesso online: <https://arquivofontenla.academiagalega.org>



*Ricardo Carvalho Calero. Fotografía de Moncho Rama.*  
<http://consellodacultura.gal/>

**Transcrição da alocução do Prof.  
Elias Torres Feijó, Decano da  
Faculdade de Filoxia da USC,  
com motivo do *Dia das Letras  
Galegas (Ano 2020)* dedicado ao  
Prof. Ricardo Carvalho Calero  
pela RAG**

Elias Torres Feijó

Há pessoas certamente que podem ter incidência relevante nalgum dos coletivos a que estão vinculadas; há mesmo quem se destaca como co-adjuvante de fenómenos que redundam na comunidade.

E há pessoas como Ricardo Carvalho Calero, decisivas.

Facilmente, vem à memória a sua História da Literatura Galega, bem valiosíssimo, referente de prestígio comunitário, *ferramenta* fundamental para o ensino e a investigação da literatura galega, e para a coesão e legitimidade da Galiza como entidade DE SEU no concerto do mundo. E, ao lado daquela História, o correlato que as várias edições da sua Gramática constituírom, tão basilares que o nosso presente seria mais precário sem aquela e sem estas.

E, mesmo assim, Carvalho é muito mais.

Como intelectual de vanguarda, respondeu a cada passo aos desafios com que a vida e as circunstâncias do País o interpelavam, com coerência verdadeiramente notável até ao final dos seus dias; recolhendo a tradição do pensamento galeguista, acrescentando-lhe o seu saber e sensibilidade, *sempre* com honestidade e profundo sentido da responsabilidade.

Desde os anos trinta até aos oitenta do século que habitou, trabalhou sobre a Galiza, mas, fundamentalmente com a Galiza, propondo soluções de porvir e futuro.

Quando lembramos isto emerge toda a floresta que o singular Carvalho é: jovem do Seminário de Estudos Galegos e ativista estudantil; universitário

comprometido, na juventude, na maturidade. Político, protagonista de momentos fortes da nossa História na elaboração dos primeiros rascunhos do estatuto de autonomia referendado em 1936 ... Defensor da legalidade republicana e por isso mesmo represaliado, encarcerado, excluído. Inovador no ensino em Fingói, pioneiro nas letras como primeiro romancista de pós-guerra e autor, nos anos oitenta, dum romance determinante para entender o galeguismo, a guerra e suas conseqüências. Poeta, persistente poeta, sempre que pudo, poeta; e autor teatral. Sócio-linguista, ensaísta, investigador: só ancorar na sua dedicação rosaliana justificaria o ato público de reconhecimento.

Orador, articulista, divulgador.

Arquiteto dum pensamento sólido como sólidas foram as pontes que tendeu: entre as gerações do pré-guerra e as que até hoje o contemplam; entre a Galiza e Portugal, e o universo todo da língua portuguesa. Achegando, dando sentido, dimensão e compreensão à nossa língua e a quem nela produziu. Veículo e apoio de passagens para melhores dias e conhecimentos.

E Professor; levam a sua marca-de-água de estudo, gerações inteiras, desde o franquismo até às primeiras promoções de Filologia Galego-portuguesa saídas da Alma Mater que tanto honrou com a sua presença e dedicação, como está honrada esta Faculdade por tê-lo entre os mais ilustres membros do seu claustro.

O saldo é de tal magnitude que coloca Carvalho Calero na mais seleta plêiade de artífices imprescindíveis e incontornáveis do nosso ser coletivo. Polo que é e polo que representa.

“Cada dia tem o seu afâm” é SENTENÇA que penso define o norte essencial de D. Ricardo: orientou-se à tarefa, aos diversos afâns que sentiu dever enfrentar, com a disciplina de quem entende que deve dedicar o seu tempo ao que poda fazer pola comunidade. Os seus tempos não foram marcados polo produtivismo a tempo taxado; era a tarefa por fazer que os determinava.

*Aquele que no horizonte  
duas vezes enxergou o cometa,  
viveu muito.  
Nom antecipes o teu próprio luito,  
nem ao cabo te laies se esmoreces*

São versos do último livro de poemas, póstumo, de Ricardo Carvalho Calero, *Reticências...* título de quem omite o que poderia dizer e não diz; espelhando o modo vital do seu autor, marca genética da atitude respeitosa mesmo nas amargas adversidades.

Esses versos parecem sintetizar a assunção da vida, e do que a vida lhe deu e negou, com atitude elegante, elegante como era a sua prosa e o seu verso, a sua oratória e o seu ensaio. E, sobretudo, o seu modo de estar e viver.

Foi um intelectual decisivo. Não intelectual de estrondo ou pompa. Se comemorarmos Carvalho, comemoramos a fortuna de quem se dedicou à comunidade e para a sua melhoria trabalhou. Não lhe prestamos homenagem, que, morto, não poderá receber este tributo. É à nossa existência coletiva a quem homenageamos; e fazemo-lo graças ao que ele nos legou.

Como Decano da Faculdade de que ele fez parte, tenho a certeza de que ao assim evocá-lo e comemorá-lo, estou transmitindo o orgulho sincero de toda a nossa comunidade académica.

Beijão a Ricardo Carvalho Calero!

*P. sc. Agradecemos ao Prof. Torres Feijó que nos autorizasse publicar no BAGLP esta transcrição da sua alocução com motivo do Dia das Letras Galegas dedicado ao saudoso Prof. Ricardo Carvalho Calero.*

*Depoimentos*

---

## Carvalho Calero em Buenos Aires

Higino Martins Esteves

**1977.** Começam os cursos de língua no Centro Galego de Buenos Aires e *A gente da Barreira* de Ricardo Carvalho Calero é a leitura básica, reintegrada a ortografia do léxico, que na altura era o mais apurado de todo o panorama literário galego.

**1983.** Anos andados, José Posada, empresário galeguista e depois parlamentar europeu, de passo por Buenos Aires iniciou o diálogo da diáspora local com a AGAL, lá dirigida pela sua mulher, a Dr.a Maria do Carmo Henríquez Salido. Isso resultaria na convocatória por parte da AGAL do *I Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza*, Ourense, no setembro de **1984**. Mas antes brotou o *I Simpósio Internacional da Língua Galego-portuguesa*, em Buenos Aires os dias 12 e 13 de agosto de 1983, na biblioteca do Centro Galego. Da Galiza veio a Dr.a M.a do Carmo Henríquez, que aturou a parte mais esforçada e onerosa da organização. Houve assistentes de Portugal, Catalunha e Argentina. O bom êxito trouxe um vento que levou para o I Congresso Internacional de Ourense, fito decerto mais importante na história galega. Mas o Congresso de **1984**, realmente internacional, por sua vez suscitou a vontade de fazer um segundo simpósio platino.

**1985.** Convocou-se o *II Simpósio Internacional da Língua Galego-portuguesa* para agosto, dedicado à memória de Rosalia de Castro. Em 1937, na guerra, não se celebrou o centenário do nascimento e não se quis deixar passar o do passamento sem honrá-la. O simpósio esteve marcado pelos seus presidentes de honra, Dr. Ricardo Carvalho Calero e Dr.a M.a do Carmo Henríquez. Chegaram o 22 de agosto, às 11 hs. Ele vinha recomendado pela família por razões de idade, que na altura não eram tão claras como o tempo revelou. Abriu-se o mesmo dia 22

às 18, na biblioteca do anterior, do Instituto Argentino de Cultura Galega, parte do Centro Galego portenho. O lugar ficou transbordado de assistentes e enchidos os corredores próximos. Dentro estavam as autoridades da casa, o claustro da Universidade de Buenos Aires e os meios, entre eles a agência EFE.

O presidente de *Amigos do Idioma Galego*, Dr. Fiz Fernández, abriu-o salientando a transcendên-ia do evento, a estatura intelectual e moral do Prof. Carvalho Calero e a flamejante presença da Dr.a Henríquez Salido. A seguir Carvalho Calero iniciou os contributos a falar na editoração do poema *Silêncio!*, de *Folhas Novas*, É penoso não se ter gravado as palestras; e essa não se lê na bibliografia. Depois o poeta Carlos Penelas expôs nas *Visões de Rosalia*. Ao cabo a Dr.a Henríquez Salido falou na língua galega nas gramáticas do tempo dos *Cantares Galegos*.

O 23 o poeta Rodolfo Alonso falou na língua literária, a identidade e a vigência social da criação poética. Eu falei no mistério do poema *Adiante! de Folhas Novas* e a Dr.a Henríquez Salido tratou da constituição da língua padrão na Galiza. Encerrou a jornada o Prof. Carvalho Calero expondo as suas pesquisas sobre a formação literária de Rosalia.

O último dia, 24, o jornalista e escritor Denis Conles tratou da cronologia da obra rosaliana. O romanista catalão Abili Bassets destacou a presença de Rosalia na Catalunha do seu tempo e do posterior. A seguir a Dr.a Henríquez Salido analisou os versos de *A Gaita Galega* dos *Cantares Galegos* na perspetiva sociolinguística e da gramática generativa. Depois Julieta Gomez Paz leu seu “Rosalia em Pimentel”. Encerrou Carvalho Calero com “A importância histórica da obra de Rosalia”. O fundo e forma da palestra final atingiu um calor difícil de transmitir.

Simpósio era “ato de beber juntos”. Para merecer o nome acabou nos brindes de uma ceia de centos de pessoas no restaurante *El Orensano*, diante do Centro Galego, que já não existe. O *Simpósio* não foi a sua única atividade em Buenos Aires. O 27 de agosto o professor falou na *Sociedade Argentina de Escritores* sobre o eco crescente de Rosalia no âmbito internacional.

Roto o silêncio conspirativo com as honras em 2020 no *Dia das Letras Galegas*, quero contribuir às do que por décadas foi proscrito por ser um vidente entre cegos. Mas, que se pode dizer que os bons e generosos já não saibam? Pouco presta repetir o consabido. Desses dias tenho outras pegadas na memória. Certo é que os que tivemos trato esporádico pendemos a avaliar as breves vivências com mais cobiça

do que os que tiveram a fortuna de tratá-lo por anos. Exagero o valor das memórias, mas é inevitável orgulhar-se de ser testemunha.

Antes de vê-lo, li-o. O primeiro que lembro é o prólogo à *obra completa* de Cabanilhas, editadas no Centro Galego de Buenos Aires em 1959. Na facúndia barroca notava-se o amor à língua. Como disse, no '77, nos cursos de galego estudávamos a limpa língua de *A Gente da Barreira*. Depois cruzei com ele cartas sobre assuntos linguísticos, que tenho de rebuscar.

A primeira vez que o vi foi no outono de 1984, no *I Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza*. Baixo, atilado, olhar agudo, singelo e afável, dignidade natural. Falar preciso pesando as palavras. Lembro conversas nos jantares e ceias no comedor do *Hotel San Martín*, sempre na companhia da sua mulher, e as magistras intervenções no congresso. Tenho comigo um exemplar dedicado do livro *Letras Galegas*, editado pela AGAL e então apresentado. Queixava-se de nas pressas não lhe terem posto colofão. Na dedicatória há um lapso: “*Ao bom amigo Higinio Martínez Estevez, ao conhecê-lo de vista em Ourense, o 19 de agosto de 1984. R. Carvalho*”. Era 19 de outubro; lapsos de sábio sumido no pensamento, mas atento a do interlocutor. Quisera evocar cada uma dessas conversas, mas a memória é fraca.

Dos dias do simpósio de 1985 lembro as conversas nas comidas no meu lar e no restaurante *Sorrento* da rua Corrientes. E visitas a diplomatas para falar no caso galego, então pouco visível. Vejo sua viva defesa do amor como valor irredutível, hipóteses a respeito de poemas rosalianos, pesquisas na vida da poeta e etimologias. Falávamos com o dó dos filhos do séc. XX pela decadência do cinema como fenómeno social. A palavra sóbria, nada enfática, interrogante na busca do matiz. Acusada característica sua era que escutá-lo tinha o mesmo efeito que lê-lo. Mais fácil surgem outras memórias não convocadas. Por caso, gostou muito do linguado ao queijo azul e da tarta de leite preso, tam naturalizados na cozinha do Rio da Prata. A viajar sem a inseparável companheira, inculcaram-nos acompanhá-lo e protegê-lo zelosamente, e isso foi um prazer.

A derradeira vez que o vi foi no outono de 1987, no *II Congresso da AGAL*. Como sinal de partida, a imagem a vir-me é a solene de ele a falar no paraninfo da Universidade de Santiago abrindo o Congresso com a pompa e circunstância merecidas. Ocorrem-me depois as socráticas caminhadas polas ruas de Santiago. Éramos vários os moços a caminhar com ele: Montero Santalha, Monterroso, Gil

Hernández, Estraviz e outros que perdoarão o esquecimento. Na Porta Faxeira, pola rua do Vilar, sentados numa cafeteria, ou caminho da sua casa. Falava-se do presente e do futuro da reintegração. Comunicava paz, não a enervante, ao invés, uma serenidade de olhos abertos para organizar as forças com eficácia sem despesas inúteis. Acautelava-nos de ter a astúcia necessária e empenhar o esforço preciso no confronto, que a alternativa não era a vitória de outros, senão a morte da Galiza.

O vazio que deixou foi inesperadamente duro. Além do afeto que sabia ganhar, a ausência veio ser muito sentida pela condição de guia numa navegação sem bússola com poucas estrelas, como elo generacional, pai bom e autor fecundo até o derradeiro dia. Mas sabe-se que o tempo acalma dores e estagna feridas, e os discípulos a crescer sempre madurecem. Com certeza sabemos também que a sua obra continuará a falar com toda a voz por muito tempo e que como semente viçosa germinará e frutificará.

\*\*\*\*\*

Anexo

### **Declaração dos Amigos do Idioma Galego**

Buenos Aires, outubro de 1982

#### **A ÚNICA LÍNGUA PRÓPRIA DOS GALEGOS É O IDIOMA GALEGO**

*Os que subscrevemos esta declaração, galegos de Buenos Aires AMIGOS DA LÍNGUA GALEGA, à que amamos porque amamos a nossa identidade e da que reivindicamos o direito de sermos defensores;*

*CONSCIENTES de estarmos vivendo num.a encruzilhada histórica decisiva para a sobrevivência da língua que herdamos dos nossos devanceiros, e, já que logo, para a sobrevivência do mesmo povo galego como sujeito da história com identidade de seu;*

*SABEDORES de que somente se salva e sobrevive quem aceita em pleno a própria identidade, única realidade profunda; de que esta se define num.a cultura específica no espaço e no tempo; de que a cultura própria se cifra na língua concreta que a encarna como visom do mundo e como atividade sobre o mundo;*

*ESPERANÇADOS* coas imponderáveis possibilidades que oferecem as novas normas [pré]autonómicas, que, mal que reticentes e tímidas, contodo inéditas no atingente a ensino e proposta de uso normal da língua materna;

*ALARMADOS* polas ominosas notícias, que quase nom podemos crer, de intentos de empregar os poderes auto-nómicos e o peso das instituições contra a língua e o povo galegos represando a maré crescente da normalizaçom, que a mocidade precipita e impom, e legiferando um programa bilingüista que é um preservar a paz do raposo no galinheiro;

*CARREGADOS* co peso de certa tradiçom de exemplaridade que exercera outrora e por anos a comunidade galega de Buenos Aires perante o povo da Terra;

*APERCEBIDOS* de manobras para aproveitar dessa exemplaridade por parte dalgum elemento desligado desta comunidade que, fingindo representar os emigrados, tem feito apresentaçoms formais na Terra aconselhando o rejeito da língua própria, dum jeito tam abraiante que só é possível explicá-lo polo propósito de ver se se pode ferir e abater o espírito exultante das novas geraçoms galegas; e

*DISPOSTOS* a pôr os meios que forem necessários e eficazes para assegurar a continuidade da nascente normalizaçom da língua galega, que hoje se vê comprometida polos esforços concertados de quem nom querem que nós sejamos nós, é que fazemos um afervoadado convite a compatriotas e amigos, onde quer que residam, e às instituições da Terra e de forta, para que do profundo do coraçom e sem reservas declarem connosco que:

1. A ÚNICA LÍNGUA PRÓPRIA DOS GALEGOS É O IDIOMA GALEGO. O Galego vivera normal e exclusivo no território da Galiza atual até o século XV, e vive ainda hoje nessas condiçoms no que foi a Galiza do Sul, a que co tempo e a expansom territorial chegaria a ser Portugal. O Galego falado hoje dentro dos lindes do estado espanhol apenas sobrevive, do ponto de vista orgânico, desde que no século XV começou a ser sistematicamente proscrito dos âmbitos da cultura superior e progressivamente tolhido pola língua oficial. Apesar de todas as travas ensaiadas e exercidas, o galego continua a ser o meio habitual de comunicaçom do 80% dos habitantes de Galiza. A persistência vegetal do galego e a simultânea indefensom ativa ante a presença do castelhano criaram no seio do galego um.a série de falares que nom deixam identificá-los coa língua galega a normalizar, e da que somente som achegamentos parciais, apoios na realidade dos que partir.

2. PARA TIRAR O POVO GALEGO DO SEU MARASMO SECULAR É PRECISO NORMALIZAR A LÍNGUA EM CHEIO, despenalizando o seu uso, espalhando-a cum ensino ativamente estimulado, levando-a a todo âmbito e nível, apurando-a das escórias à força nela inseridas e fornecendo-a das estruturas cristalizantes que lhe permitam realimentar-se em qualquer disciplina. Todo intento de frear a restauraçom lingüística a partir da estatística, ou de posiçons pseudocientíficas que rejeitam toda noçom de valor no social, todo intento de estagnar o galego no marasmo das suas lazeiras, toda violência para consagrar o *status quo*, somente serve à causa da perda do galego.

3. PARA NORMALIZAR A LÍNGUA CUMPRE ESPERTAR NELA A MEMÓRIA DO QUE FOI QUANDO SÃ, o que automaticamente assinalará todo canto de espúrio atura hoje. Por fortuna, a Universidade, cum.a maciça inscriçom em Filologia Românica, fai esse labor de retorno às fontes. Contudo, nom avonda a volta às fontes e a apuraçom dos tecidos tumorosos, o qual tam somente constitui a primeira fase do caminho a percorrer. Ficar nisso importaria um.a simples regressom, um arcaísmo romântico però infrutuoso. Tem-se de fazer o caminho de saída para o futuro, o caminho que algum.a vez nom se percorreu, e para isso, apesar das resistências inconscientes que todos levamos e que nos foram instiladqas durante cinco séculos.

4. TEMOS DE LHE PROPOR AO GALEGO O MODELO DAS GALHAS SÁS DA ÁRVORE À QUE PERTENCE para assim resolver cada incerteza entre variantes, tantas vezes multiplicadas no curso de séculos sem cânon escrito, e para encher as lacunas de vocabulário técnico. Neste campo nom há alternativa fora do castelhano e do português, e a escolha terá de ser medida nas suas conseqüências. Optar o castelhano como língua subsidiária, além do que apresenta de incoerente por ser língua diferente, importa assegurar o processo de deglutiçom e dialetalizaçom do galego por parte da língua do estado. Optar o português para subsidiar vazios é recorrer a um codialeto da mesmqa língua però gera resistências internas fortíssimas, resistências que som o produto final da longamente induzida divisom da alma galega. Há nos galegos um.a sorte de esquizofrenia: duas almas coexistem em nós, já ocultamente, já em conflito mais ou menos manifesto. Às vezes um.a delas é inconsciente e finda por possuir o sujeito; outras, debatem-se em pugna surda de conseqüências trágicas. A indecisom galega e as incoerências galegas provenhem deste duro conflito.

5. A NORMALIZAÇÃO TEM DE SER FEITA POLOS GALEGOS E DESDE O MESMO GALEGO, num processo gradual però constante, sem resignar nenhum dos elementos legitimamente peculiares do galego, isto é, retendo todo aquilo que nom foi inserido pola transculturaçom castelhanizante ou produzido pola paralisia orgânica que lhe sobreveo a conseqüência dela. Cumpre sublinhar que o objeto e os agentes da normalizaçom tenhem de ser galegos, e cumpre sublinhá-lo porque somente na clareza de objetivos se podem atingir logros. Ainda que pareça estranho, há quem, com certa simplicidade, supom que a meta a alcançar é um idioma uniforme, cujo padrom seria talvez Coimbra, Lisboa ou Rio, desconhecendo que mesmo dentro desse português normal coexistem, como em todo idioma moderno espalhado polo mundo, numerosas variantes locais e dialetos fortemente perfilados, estilos e formas culturais particulares, que nom impedem a comunicaçom básica escrita. É que nom é a reintegraçom um.a substituiçom dum.a língua por outra, nem mesmo dum falar por outro; é a viagem do galego polas suas às suas próprias fontes históricas e o retorno desde esse passado para um futuro de língua desenvolvida. Nesta segunda parte da viagem terá sem dúvida a companhia dos falares portugueses — os seus codialetos na mesma grande língua galego-portuguesa —, però o protagonista será ele mesmo, paulatinamente apurado e enobrecido e, assemade, idêntico no tempo.

6. A NORMALIZAÇÃO DEVE FUNDAR-SE NO CONSENSO COLETIVO. Todo intento clandestino dos poderes governativos ou institucionais de ditar normas arbitrárias de costgas à vontade popular ou que nom se acordem co imparável renascimento galego, somente servirá para atrasar a soluçom. No entanto, receberá a resposta condigna do povo galego. A estigmatizaçom dos seus autores.

7. O CONSENSO SOMENTE PODERÁ SER LOGRADO SOBRE BASES CIENTÍFICAS e coa participaçom ativa de todos aqueles que tenhem competência para a tarefa. Galiza conta hoje cos lingüistas de que antes carecia. A Universidade veo a mudar criticamente o estado das cousas neste campo. Cumpre estimular este processo e nom enervá-lo, como fãem os que tencionam legislar de costas à realidade opondo-se à convocatória dum *Congresso da Língua Galega*.

*Se som dados estes passos, a longa travessia do povo galego através da noite estará a concluir. E nom é que nom saibamos que afinal triunfaremos, però é que quijéramos que fosse aginha e que fossem as atuais geraçons as que gozassem da alvorada que tem de chegar. Para isso, sem egoísmos vãos e com*

*Higino Martins Esteves*

*puro amor à pátria, comprometemo-nos e convidamos a comprometer-se à tarefa de fazer do galego a língua mais criativa do século XX e do vindouro.*

*Conselho orientador:* Dr. Fiz A. Fernández, Prof. Julieta Gómez Paz, Dr. Perfeito López Romero, Higino Martínez Estévez, L.do José Martínez Romero, Dr. António Pérez Prado, Dr. German Quintela Nóvoa.

*Junta organizadora:* Presidente Angélica Fontenla, secretário Luìs Martínez, Alice M. de Carrau, Maria Antónia Luna, Esther Vásquez de Ruiz, Manuel Ucha, José B. Abreira.

Notícia fornecida pelo Prof. Higino Martins Esreves

## **Carvalho Calero na minha memória**

Higino Martins Esteves

Há 40 anos que Ricardo Carvalho Calero nos deixou, no 25 de março de 1990. Todos estes anos foi proscrito por ter vista entre os cegos. Ao se romper o silêncio conspirativo e ser homenageado no *Dia das Letras Galegas* de 2020, o que posso dizer? Pouco presta repetir o consabido. Se possível, no retrato é melhor pôr o inaudito. Os de trato esporádico entesouramos breves vivências com mais cobiça que os que tiveram a fortuna de tratá-lo por anos desorbitando o valor da memória, sem poder evitar o orgulho de ser testemunhas.

Antes de vê-lo, conheci a obra. O primeiro texto que lembro ter lido é o prólogo à obra completa do Cabanilhas, editada no Centro Galego de Buenos Aires em 1959; na barroca facúndia nota-se o amor à língua. No '77, no início dos cursos de galego, estudávamos a tersa língua de *A Gente da Barreira*. Depois cruzei com ele cartas sobre assuntos linguísticos.

A primeira vez que o vi foi em Ourense no *I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, no outono de 1984. Baixo, atilado, olhar agudo, singelo e afável, dignidade natural. Falava preciso pesando as palavras. Vejo-nos a conversar nos jantares e ceias no comedor do *Hotel San Martin*, sempre na companhia da sua mulher, antes que nas magistras intervenções no congresso. Tenho comigo um exemplar dedicado do livro *Letras Galegas*, editado pela AGAL e apresentado então. Queixava-se de com as pressas não lhe terem posto colofão. Na dedicatória teve um lapso: “*Ao bom amigo Higino Martinez Estevez, ao conhecê-lo de vista em Ourense, o 19 de agosto de 1984. R. Carvalho*”. Era 19 de outubro. Lapso de sábio sumido em pensamentos, mas

atento ao do interlocutor. Quisera convocar aqui cada uma dessas conversas, mas a memória é fraca e sinuosa.

Em 1985 faziam-se cem anos da morte de Rosalia. Em Buenos Aires organizou-se o *II Simpósio Internacional da Língua Galego-Portuguesa*, dedicado a ela no quadro dos cursos de galego no Instituto Argentino de Cultura Galega, aos impulsos do lembrado Abraira, o incómodo “tavão”, tal qual ele mesmo gostava de ser qualificado. A presidente da AGAL (Associação Galega da Língua), Dra. Maria do Carmo Henríquez, viajou a Buenos Aires e com ela trouxe o professor. Para a crónica fiel desses dias temos as notas jornalísticas e as suas palestras no simpósio, e depois na SADE (a Sociedade Argentina de Escritores) sobre a importância internacional de Rosalia, todas comoventes.

Desses dias lembro mais os colóquios nas comidas no meu lar e no restaurante *Sorrento* da rua Corrientes. Vejo a sua viva defesa do amor-paixão como valor irredutível, agudas hipóteses a respeito de poemas rosalianos, pesquisas na vida da poeta e etimologias. Falávamos com o dó dos filhos do séc. XX pela decadência do cinema como fenómeno social. De palavra sóbria, nada enfática, interrogante na busca do matiz. Acusada característica sua era que escutá-lo tinha o mesmo efeito que lê-lo. Injusto me fará a memória, mas apenas lembro tal rasgo em Félix Luna.

Mais fácil vêm outras memórias não convocadas. Por caso, gostou muito do linguado ao queijo azul e da tarta de leite preso, naturalizados na cozinha do Rio da Prata. A viajar sem a companheira, bem nos inculcaram por idade e estima acompanhá-lo e protegê-lo zelosamente. Foi um prazer.

A derradeira vez que o vi foi no outono de 1987, no *II Congresso da AGAL*. Como sinal de partida, a imagem que vejo é a solene, ele a falar no paraninfo da Universidade de Santiago abrindo o Congresso com toda a honra e pompa. O que me ocorre depois som as socráticas caminhadas pelas ruas de Santiago. Éramos vários moços a caminhar com ele: Montero Santalha, Monterroso, Gil Hernández, Estraviz e algum outro que perdoará o esquecimento. Na Porta Faxeira, pela rua do Vilar, sentados numa cafeteria, ou caminho da casa. Falava-se no presente e o futuro da reintegração. Comunicava paz, não a enervante, ao invés, uma serenidade de olhos abertos para organizar as forças com eficácia e sem despesas inúteis. Acautelava-nos de ter a astúcia necessária e empenhar o esforço preciso no confronto, que a alternativa não era a vitória de outros, senão a morte da Galiza.

O vazio que deixou foi inesperadamente duro. Além do afeto que bem sabia ganhar, a falta sua veio ser muito sentida pela condição de guia numa singradura com poucas estrelas, como elo generacional, pai bom e autor fecundo até o derradeiro dia.

O tempo acalma dores e estagna feridas, os discípulos a crescer sempre madurecem. Com certeza sabemos também que a sua obra continuará a falar com toda a voz por muito tempo e que, semente poderosa, germinará e frutificará.



*Monumento a Ricardo Carvalho Calero no Xardín da Carreira do Conde.  
<https://compostelaverde.santiagodecompostela.gal/>*

## **Depoimento de Carlos Durão**

Carlos Durão

Recebi do Académico Carlos Durão (domingo, 23/05, 19:17) esta mensagem que copio literalmente como me foi enviada:

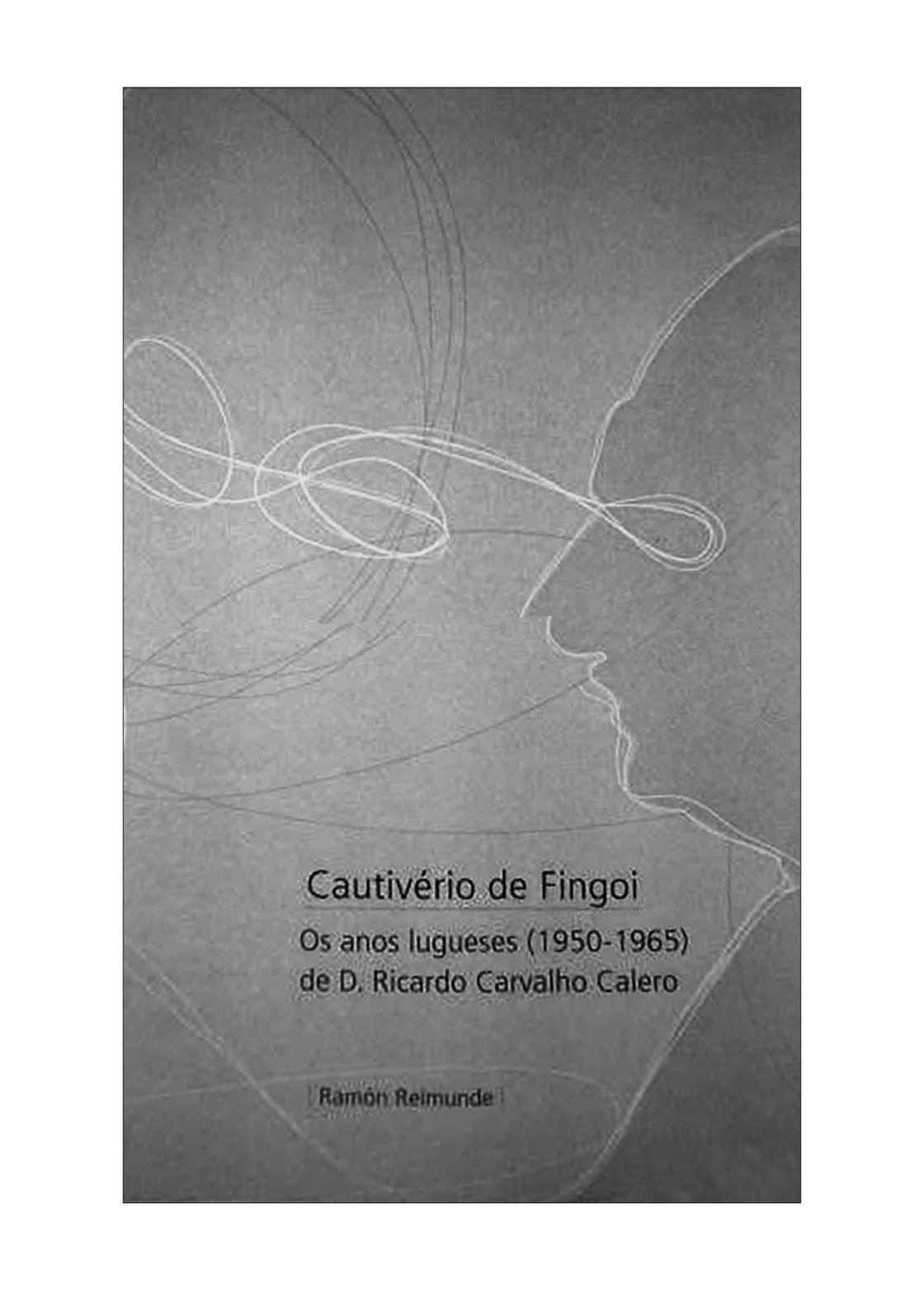
Caro António: não sei se valerá este pequeno “depoimento” para o vol. dedicado a Carvalho? Diz lá; (naturalmente, conto com uma foto do tal busto, para acompanhar o texto; e conto com as correções que vejas ser do caso...)

Um abraço, Carlos.

“Quem, dando um passeio por Santiago de Compostela, tiver o ensejo de visitar a Carreira do Conde, pode contemplar o formoso busto de Ricardo Carvalho Calero, realizado por José Molares, justo em frente da que fora a sua morada final.

Parece uma figura senheira; e mesmo é, considerando onde está situado, e como simbolizando o seu isolamento: o ostracismo a que foi condenado pelos poderes fácticos durante muitos anos da sua longa vida, e depois, até hoje.

E contudo... contudo foi, e é, o máximo representante do movimento lingüístico / político denominado “reintegracionismo”, quer dizer: a ideia de que o galego e o português, tendo sido em épocas passadas a mesma língua, continuam sendo-o (sendo-a?), para todas as pessoas que os/as utilizam, no singular ou no plural, indistintamente: digamos então, o galego-português.”

An abstract line drawing in white on a dark grey background. It depicts a profile of a person's head and neck, facing right. The drawing is composed of thin, continuous lines. The hair area is filled with several overlapping, circular scribbles. The jawline and neck are defined by a single, clean line. The overall style is minimalist and gestural.

## Cautivério de Fingoi

Os anos lugueses (1950-1965)  
de D. Ricardo Carvalho Calero

| Ramón Reimunde |

## Cativeiro de Fingoi

Carvalho Calero em Lugo (1950-1965)

Ramom Reimunde

### História deste livro

O original deste livro estava escrito antes do 31 de março de 1992 em que se apresentou ao 6.º *Prémio Ánxel Fole de Ensaio* dedicado a Ricardo Carvalho Calero, o que ganhou Aurora Marco com o texto *Foula e Ronsel. Os anos xuvemis de Carvalho Calero (1910-1941)*. A esse mesmo certame também concursou o excelente estudo da autoria de José-Martinho Montero Santalha intitulado *Carvalho Calero e a sua obra*, que conseguiu mais tarde o *Prémio Carvalho Calero do Concelho de Ferrol* e foi publicado por Edicións Laiovento em 1993.

Este trabalho meu não teve a mesma fortuna, sem dúvida pelas suas limitações e as minhas próprias, além de outras causas alheias. Mas vem-me agora à mente uma frase da nota editorial de um antigo livro muito estimado e comprado clandestinamente, o de Ediciones Galicia de Buenos Aires em 1959 da *Obra Completa de Ramón Cabanilhas*, poeta amado por mim, que diz assim:

O Centro Galego de Buenos Aires [...] fai constar que a demora desta edición, débese á intolerancia dos que impediron que houbera aparecido no decurso do pasado ano de 1958, na terra natal, como se tiña proietado.

Salvando as diferenças e a nossa modéstia como autor quase desconhecido, poderíamos justificar que, se estas páginas ficaram no olvido, não foi porque não fossem fundamentais para compreender a trajetória de um dos intelectuais mais relevantes do século XX, mas pela oposição visceral ao reintegracionismo durante o longo período fraguenho e cacharrento, em que participaram não só os políticos e as forças ocultas espanholistas que o decidem tudo, mas também

— o que é mais grave — os escritores e intelectuais galegos que se venderam por um miserável prato de lentilhas institucional ou editorial, e que foram colaboracionistas dos poderes antigalegos que coutaram a divulgação de textos em galego reintegrado ou português.

O reintegracionismo, como prática ortográfica e política cultural, foi esmorecendo nestes anos que passaram desde 1991, ainda ressurgindo agora com a AGLP, mas seguimos muitos pensando o mesmo que então, quando o considerávamos uma alternativa lícita e democrática de aproximação progressiva ao português e a Portugal, convencidos da sua viabilidade e com a esperança — contra toda esperança neste povo secularmente terque e perdedor por causas e motivos próprios e alheios, como dizia ultimamente Carvalho —, de que é a única táboa de salvação a que agarrar-se, após o iminente afundimento deste *Titánic* linguístico que mal governado choca contra o poderoso icebergue do gigante espanhol que avança imparável contra ele. É evidente que o galego provinciano retrocede no seu berço rural, que vai ficando deserto e envelhecido, sendo substituído pelo espanhol nas cidades.

Por outro lado, não me evado da minha culpabilidade pessoal por não ter publicado este trabalho de investigação, que é unha conta que tinha pendente comigo mesmo e com os leitores e alunos, para o que cumprui interrogar muita gente. Uma conta que lhe devia ao meu professor predileto e que lhe seguíamos devendo todos os galegos mentres non lhe dediquecássemos o Dia das Letras Galegas, que por fim tem chegado com atraso em 2020. Se o tema o merecia, devia ser divulgado, abofé.

Mas, como D. Ricardo Carvalho Calero dizia com refrão marinho e falsamente luminoso: *Cada pau há de termar da sua vela*. No meu caso não me posso explicar este esquecimento e atraso, ainda contando com a vida laboriosa que tive que levar desde 1992, ocupado todo o meu tempo na dedicação ao ensino secundário no IES de Foz ou no trabalho florestal que me foi assinalado para sustém da nossa casa e família.

### **Objetivos deste ensaio**

Queria fazer também algumas esclarecimentos pertinentes sobre o tema deste ensaio e a sua gestação e objetivos.

Em primeiro lugar é um ensaio no sentido de ser uma “tentativa de” achegamento a um tempo, a um lugar e a um homem que não conhecemos então, mas nos últimos quinze anos da sua vida, nos quais nos obsequiou com o seu magistério e amizade. Para reconstruir esse passado luguês entre os anos 1950 e 1965 partimos de dados alheios, tivemos que utilizar tudo o que for lícito e comprovável: fotografias, publicações, cartas, recortes de jornais, e informantes da época aquela, que hoje infelizmente não estão vivos, mas sim o estavam em 1991, um ano depois da morte do escritor, fundamentalmente a sua esposa Dona Maria Ignácia Ramos, que nos proporcionou documentos originais e relatos familiares.

Em segundo lugar indico que conjugamos os verbos em plural porque já está bem de tanto individualismo presumptuoso nas investigações, quando somos felizmente muitos os que pensamos e sabemos o mesmo sobre o autor estudado.

Em terceiro lugar, não faz falta aclarar, porque é obvio, que a escrita deste texto coincide com a ortografia empregada pelo professor Carvalho Calero nas suas obras completas autocorrigidas e nos artigos de jornal dos últimos anos, dando um passo mais ao adaptarse ao *Acordo Ortográfico* do português atual, como ele teria feito, pelo que ninguém deve escandalizar-se, nem hipocritamente afirmar que não entende este galego definitivamente reintegrado na sua versão internacional, avalado pelo exemplo e autoridade de um dos mais grandes homens “de letras” do passado século. Confiamos esta vez não ser discriminados por esta escolha na escrita, pedindo sinceramente desculpa aos leitores que tenham alguma dificuldade em decodificar o português, que confio superarão com um pequeno esforço que se verá compensado afinal.

O nosso conhecimento sobre os escritos de Carvalho Calero em Lugo, artigos soltos e publicações sob pseudónimo ou anónimos e manuscritos, não é exaustivo, podendo aparecer novos textos em arquivos familiares e futuras investigações. Uma parte dos documentos consultados aparecem fotocopiados no Apêndice final. Outros estarão arquivados na Biblioteca do escritor doada ao Parlamento de Galiza ou em poder da sua família, amigos ou discípulos. Com certeza muitos deles serão publicados no futuro.

Seguramente ficaremos todos algo insatisfeitos e defraudados com este ensaio e do muito que faltará nele pela sua simplicidade divulgativa, não abarcando a nossa olhada mais que quinze anos lucenses de uma vida intensa que durou

oitenta. Não falaremos aqui dessa vida rica culturalmente, nem repetiremos o que já dizem muito bem outros livros sobre Carvalho, que citamos.

Em um deles, da responsabilidade duma invulgar discípula e escritora lucense, a professora Carne Blanco, intitulado *Carballo Calero: Política e Cultura*, fala-se da existência de três Carvalhos (o de antes da guerra civil espanhola, o do pós-guerra, e o de depois da morte de Franco), do qual a nós nos teria tocado o segundo posbélico. Respeitando essas opiniões no que têm de didáticas, duvidamos que existissem três Carvalhos, a não ser na homenagem humorística que lhe rendeu Siro com três variantes da espécie *robur* de árvores (carvalho alvarinho, carvalho cerqueiro e Carvalho Calero) que podíamos ampliar no dicionário de Isaac Alonso Estravis com mais variedades botánicas (carrasqueiro, covo, negral, reboleiro e sanguinho). Porque cremos que bastou com um só Carvalho Calero único e irrepetível, monolítico, que foi sempre galeguista em diferentes etapas e graduações segundo lhe permitiram as circunstâncias, coerentemente, prudentemente, flutuando de mais a menos explicitamente manifestadas, girando ideologicamente de esquerda para direita como acontece normalmente em toda pessoa cabal desde moço a velho, ou melhor dito, desde o rebelde progressista ao conservador mais tradicional.

O galeguismo autêntico e tradicional, o de Castelao e Otero, foi para ele a única convicção política, fé da qual nunca renegou. Tudo o mais, pregou em voz baixa ou guardou silêncio. Porque os anos de Ferrol e Lugo foram tempo de silêncio e de medo, de secretas intrigas galeguistas de resistência interior, de prudência e mensagens em clave de dissimulo, até que a tormenta passou e chegou um tempo aprazível. Mentres tanto esteve abrigado ali, naquela murada e fria cabana de Lugo, sem exilar-se forçosamente como outros republicanos, já que o seu exílio não foi americano mas íntimo. E depois foi escampando o trevão e foi vindo lentamente o bom tempo das flores. Assomou aquele homem a já calva cabeça inteligente e foi ousando passear por caminhos próximos, cada vez mais longe, aventurando-se pelas vias da pátria silenciosa desde a cela conventual de Fingoi onde estava preso pela política e o ensino privado, até que mãos amigas o levaram por um Caminho francês e jacobeu indicado pelas estrelas, de Lugo a Santiago. De Ferrol a Lugo, quiçá como o trovador Esquio, para ir depois a Compostela, onde descansa para sempre no cemitério de Boisaca, mentres no Ferrol natal um Liceu de ensino secundário de Carança leva o seu nome desde o 16 de março de 1992. Ele dizia, como bom melómano, que o de «Lugo-Ferrol» fora um passadobre, ao revés.

### **Que adubastes, amigo, alá em Lugo?**

A pergunta fundamental com a qual começamos citação é a mesma que fazia Fernand' Esquio em trovador lá pelo século XIII, pondo voz feminina de cantiga de amigo a uma pergunta inquisitória: *Que adubastes, amigo, alá em Lugo?*

Que arranjou Carvalho Calero em Lugo? Que fez lá? E voltamos a pergunta por passiva: Que Carvalho foi feito em Lugo?

A nossa resposta a esta pergunta inicial vão-na achar os leitores que a procurem, nas páginas que seguem, onde podemos seguir os passos de um homem precavido que elabora cuidadosamente a sua própria imagem, executando um ambicioso projeto para vida e obra, que finalmente logra cumprir, superando as adversidades: chega em 1950, conhece a sociedade e as tertúlias luguesas, ganha prestígio docente em Fingoi, faz literatura e investiga rigorosamente, publica livros importantes e participa em instituições culturais, fala em palestras do que sabe por todo o país e finalmente vai para Santiago, para trabalhar na Universidade e alcançar a meta final do reintegracionismo.

Digamo-lo claro: era a vingança intelectual e incruenta de um perdedor da guerra civil que inculcava o galeguismo com alto nível científico aos filhos dos ganhadores e dos perdedores, que de tudo havia.

### **Os anos lugueses**

Respondemos agora a pergunta maliciosa de por que falamos só dos anos lucenses de Carvalho Calero e não do resto. Pois bem, porque somos lucenses, mádia leva! E estamos orgulhosos e convencidos da extraordinária importância, na vida de Carvalho Calero, destes anos passados em Lugo, que são fundamentais para construir o mítico e único “Carvalho Calero” que nos interessa: o que passaria à História do nosso país.

À medida que avancemos iremos perfeccionando a sistemática do estudo, que deve brotar das características de cada contido, sem ajustar-nos a um esquema metódico fixo e rígido para a totalidade do trabalho, onde alternam capítulos centrais mais densos — verdadeiros pratos fortes — com outros marginais mais livianos — de aperitivo e sobremesa — para maior facilidade na leitura.

Fragmento que estaria muito bem acrescentar para terminar esta introdução se fosse nosso e se ajustasse ao nosso projeto de análise, mas que em realidade é tradução exata da página 10 da magnífica tese doutoral do Dr. Ricardo Carvalho

Calero, lida em Madrid em 1954, intitulada «Aportaciones fundamentales a la literatura gallega contemporánea» (da qual consultamos o original mecanografado e anotado à mão pelo autor), com a qual se iniciava o estudo sério do nosso sistema literário.

D. Ricardo Carvalho lamentava com sorriso irónico que fosse suprimido a palavra *fundamentales* na edição da Editorial Gredos, dado que não eram fundamentais porque ele as aportasse no seu estudo, mas porque os aportadores se chamavam Rosalia, Curros, Pondal, Cabanilhas, Noriega, Amado Carbalho, Manuel António, Otero e Castelao, nada menos. Ele explicava desde Lugo em castelhano por que foram e são fundamentais.

Em Adelám (Concelho de Alfoz, Lugo, Galiza), 8 de janeiro de 2020.

*Cativeiro de Fingoi*. Segunda edição corrigida e aumentada. Outubro 2020. Servizo de publicacións da Deputación de Lugo.

## **D. Ricardo e a letra pequena no rodapé**

José-Ramom Rodrigues Fernandes

Centro estas linhas no campo da influência que D. Ricardo exerceu na minha pessoa, que sem eu ser de letras (estudei *Electrónica* e desempenhei a minha profissão como técnico de equipas electrónicas de controlo e condeño automática em comboios do Metro de Madrid ... cumpre aclará-lo, já que um sujeito metido a crítico literário há algum tempo, e num semanário galego, atribuía-me a profissão de sapateiro!) cheguei ao conhecimento do reintegracionismo linguístico apenas feitos os vinte anos, em parte polas leituras que fizem da sua obra.

Sendo estudante em Madrid um bom dia topei no *Rastro* com um livro publicado no ano 1947 (daquela ainda não existiam as "autoridades" linguísticas da *Xunta!*) e intitulado *Alfonso X, el hombre, el Rey y el sabio ...* Naquelas páginas pude, por fim, achar o porquê eu de miúdo na minha aldeia escutava emissoras de rádio portuguesas e considerava-as menos estrangeiras do que os maiores IDOSOS?! Lendo esse livro sobre Afonso X é que contatei por primeira vez com os dígrafos LH e NH sem que ninguém o discutisse como pertencentes a ortografia do Galego. Foi essa "chispa" que provocou uma viragem radical, num momento dado, na filosofia de toda pessoa.

Imediatamente pus-me a buscar imprensa escrita em português ... O semanário *Tempo* era a única publicacáo portuguesa que naquela altura havia nos quiosques de Madrid. Redigi uma carta muito ingénua para os leitores daquele semanário. Aos dous meses soube que tinha sido publicada porque alguém que a lera me enviara cópia e um extenso escrito recriminando os

galegos por estes serem muito *espanholistas* e antiportugueses ... Quem aquilo escrevia era Ricardo Coelho Iglesias cujo bisavó fora de perto de Vigo.

Muito poucas cartas recebera respondendo ao meu chamado de solidariedade luso-galaica, e o mais magoante ainda era saber que a recriminação que fazia aquele português resultava totalmente acertada e objetiva. Com ele manteria eu oito anos de relação epistolar ininterrompida até que um cancro o levou para onde está também o nosso homenageado, D. Ricardo Carvalho Calero.

O meu amigo Coelho Iglesias enviar-me-ia cópia também de urna carta que Rodrigues Lapa publicara no semanário *Tempo* dando resposta à minha e animando-me a prosseguir na luta. Ignorava eu, um moço estudante de *Electrónica*, quem era Rodrigues Lapa! Mais tarde, por indicação do amigo Ricardo Coelho, chegaria às minhas mãos o seu livro publicado na *Colecção Noroeste* da editora Sá da Costa, *Estudos galego-portugueses*.

Um ano ou dous antes destas leituras e numas férias nas Astúrias andara a folhear na *Gramática elemental del Gallego común*, de Ricardo Carvalho Calero, publicada pela editorial Galaxia ... Na letra miúda, a pé de página, o nosso professor já apontava para o futuro, quando o galego chegasse às escolas, é que teriam que ser desterradas da nossa ortografia certas grafias castelhanas como o Ñ e o LL. A leitura deste livro, ainda que por cima, foi o meu primeiro contato com a obra de D. Ricardo Carvalho Calero. Então eu militava na UPG e comentava estes aspetos com os companheiros a quem lhes parecia chinés! Ou pretendiam fazer crer isso?

Durante todo o ano 1979, e devido a minha candidatura a autarquias, permaneci afastado do mundo da língua no aspeto de fornecer conhecimentos.

Celebradas as eleições, abandonado o cargo para que eu fora eleito polo *Bloco* e já em Madrid de novo, e por terceira vez, esqueci a política de partido e fui-me do BNG, já que na agrupação de Madrid se nos proibiu a exibição dum autocolante reintegracionista que anos mais tarde reproduzimos na revista *Renovación* que me honro dirigir. Pode haver gente que ache este meu escrito um chisco politiqueiro ou ressentido ... Mas creio que já é hora de ir dizendo de vez as cousas. E o certo é que no *Bloco Nacionalista Galego*, e concretamente na agrupação de Madrid, perseguiu-se sem dissimulação o reintegracionismo. Cumpre ademais dizê-lo em honra de D. Ricardo, já que este grupo político não duvidou em utilizar o prestígio que dava o ser amigo do professor e bem

que o convidavam aos seus actos culturais, ainda que logo os presidentes de Câmaras Municipais (ou *alcaldes*) do citado grupo *normalizavam* (e suponho que continuarão a fazê-lo) em "normativo"!!

E de novo redescobri o Mestre. Foi no *I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, realizado em Ourense de 20 a 24 de setembro do ano 1984. Lembro muito bem com que energia ele fazia defesa das propostas que achava mais consequentes. Numa altura determinada das acaloradas discussões alguém doestou a *Academia Galega (da lingua?)* mas ele quis diferenciar entre os indivíduos que manipulam a política da instituição e a própria Academia. Acertadamente sentou a breve lição de professor perante a concorrida sala e ninguém o contradisse.

Vou-me referir a urna anedota que em nenhum outro lugar comentei.

Num recesso das intervenções estava eu na porta de acesso ao local onde se celebrava o congresso, andava a procura de vultos famosos! Carvalho Calero, Celso Cunha, Óscar Lopes, Leodegário de Azevedo Filho, Eugénio Coseriu. Num instante detive-me perto dum jornalista que perguntava ao ilustre congressista Eugénio Coseriu.

—Senhor Coseriu, me puede conceder una entrevista para *La Voz de Galicia*?

Eu que ainda conservava o espírito de militante "revolucionário" não pude conter-me:

—Mas que cousa mais burra são os da Voz ... , nem sabem falar galego!

A minha alporizada voz ouviu-se em todo aquele espaço ante a sala onde tinham lugar os actos que estávamos a realizar. O jornalista que se mostrou ofendido pelo meu comentário assegurava saber falar galego e fitava-me com gesto desprezativo. Carvalho Calero observava a deixou assomar um sorriso de aprovação à minha raiva exteriorizada.

D. Eugénio Coseriu, e quando eu me retirava do lugar em prevenção de incidentes mais graves, espetou-lhe ao castelhanizado e ridículo jornalista:

—Mas, se você é que sabe falar o galego, por que o não utiliza?

Ignoro a resposta do trabalhador no jornal "galego", quem já se afastara avondo para eu a poder ouvir.

Esse incidente foi o motivo que fez com que D. Ricardo reparara na minha modesta pessoa. Não lembro em que altura do *Congresso* ele comentou comigo o sucesso. Falámos das minhas atividades no *Bloco* e também o do porquê me fora dessa organização política. Ele confessou-me não entender os partidos pretendidamente nacionalistas. Como é que são capazes de rejeitar o emprego da ortografia própria do/no galego? Eu também lhe mostrei a minha perplexidade perante o facto de esses partidos políticos (ou antes, os seus dirigentes) não lhes importar a língua do país. Bem deviam ver que os outros partidos, os de âmbito estatal, aplicam ao idioma próprio da Galiza uma política e prática idêntica da que o regime de Franco dedicava aos bailes *regionales y bien entendidos!* De modo que, comprovada tanta desídia, até mesmo parece que os nacionalistas galegos descuidam propositadamente a defesa do galego. Obviamente quando critico os "nacionalistas" não me estou a referir aos militantes senão àqueles dirigentes vitalícios que se chamam independentistas (sic) e a seguir chegam ao esperpento de usarem, e defenderem como galega, a letra exclusiva do espanhol, "la ñ" ... É algo assim como se a violada se namorasse do agressor?

—Certo, certo!, assentiu D. Ricardo quando eu lhe punha este exemplo quiçá excessivamente gráfico.

O destino tinha-me reservados alguns outros encontros com o Mestre. Todos eles em Congressos ou Reuniões relacionados com o nosso idioma.

Em Monção, Portugal; em Ponte Vedra numa reunião sobre a Lusofonia organizada pelas *Irmadades da Fala*, no *II Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza ...*

A maior honra para os que no ano 1989 iniciamos a andaina da publicação da revista *Renovação* foi poder contar com um poema de D. Ricardo Carvalho Calero que ele nos enviara, *No Líbano nom hai cedros do Líbano*, com uma carinhosa nota em que me saudava pessoalmente.

Voltando aos partidos políticos pretendidamente nacionalistas, bem como aos seus sindicatos, associações, publicações, etc., desde a experiencia que me confere o ter sido vereador ou concelheiro duma destas organizações políticas, acuso-os de se limitarem ao uso de um galego, mais ou menos "acastropado", e de não aplicarem uma terapia apropriada a um doente de cancro, afetado polo vírus denominado pelos doutores como *castelhanite radical ...* Permitam a metáfora. A atitude dessas organizações "nacionalistas" poderia ser a correcta se

o Galego fosse um corpo sáo, em contacto, isso sim, com os "vírus", mas ao ter as defesas ótimas pois com uma medicina de prevenção seria avondo suficiente ...

Então sim poderiam os partidos nacionalistas limitarem-se simplesmente ao uso da língua. Mas na actualidade, meus amigos, esta política passiva leva o *doente* — permitam-me continuar com a metáfora — a morte segura e num breve espaço de tempo. Jamais houve na Galiza uma campanha séria levada adiante por um partido *nacionalista* além da “correccións” (à castelhana) que se aplicou aos indicadores dos topónimos nas estradas.

Quando eu era militante do *Bloco* foi a única atitude em jeito de campanha. Eu sempre que tive oportunidade propus posições mais comprometidas, decerto, totalmente pacíficas:

Nas festas do verão, as orquestras, a igreja, etc., tudo se converte num instrumento ao serviço da castelhanização. Onde é que estão esses partidos *nacionalistas* para mobilizarem pacificamente os seus militantes?

Nas partidas de futebol qualquer anúncio ao público (em qualquer estádio galego) é feito em espanhol. Onde é que estão os partidos nacionalistas mobilizando os mais ativos e conscienciados dos seus militantes?

As touradas comecam a ser já um "ingrediente" demasiado habitual nas festas galegas e inclusivamente já o "passeio" de vaquilhas! Senda como é uma aculturacão para a Galiza, onde é que estão os protestos dos partidos pretendidamente galegos?

Perdoem-me as pessoas individuais. Eu também fui um deles e se quis fazer muitas das cousas que realizei tive de as concretizar livremente e sem o abençoamento da organizacão a que pertencia.

Outra cousa que sempre me surpreendeu é a atitude passiva de militantes dos partidos "galegos" perante esse acto certamente repugnante e de auto-ódio de lhes falar castelhano aos miúdos. Nao só nao se fai nada senáo que os "dirigentinhas" locais continuam a dinâmica destrutora; falando em público em galego e aos filhos em castelhano, tal como se a nossa língua fosse elemento de apestados!

Qual será a opiniáo desses miúdos se algum dia atingem a capacidade intelectual suficiente para se decatarem de que os seus pais os privaram das suas próprias raízes?

Afortunadamente já existem partidos políticos que começaram a lhe aplicar ao doente a terapia apropriada. Mágoa que estas opções políticas ainda não tenham uma aceitação ampla devido a alguns aspectos do seu programa.

Perante a falta duma política institucional do Governo Galego sincera em prol da língua própria e sem complexos, o idioma da Galiza só ganharia espaço à língua imposta enquanto chegue a estar "mal vista" a utilização pública do idioma de Nebrija. Cousa improvável sem uma atitude decididamente forte dos grupos sociais e institucionais que artelham a sociedade galega, e não são outros que os partidos políticos.

Não estou chamando a guerra, não estou propondo a substituição absoluta do castelhano, senão pedindo que o idioma Galego-Português como única Língua Própria da Galiza seja também a única em que a vida pública e oficial do país se desenvolva, deixando o idioma de Castela como instrumento, além da possível incorporação, com o mesmo estatuto, de outras línguas: Ingles, Francés, etc..

Sem animo de querer interpretar os desejos de D. Ricardo Carvalho Calero e muito menos de me apropriar da sua mensagem filosófica, científica etc., creio que estas minhas humildes propostas e comentários seriam sem dúvida do seu agrado, e assim é que as entrego aos organizadores deste livro em honra do ilustre Professor.

Nota Bene.- Moncho de Fidalgo, fac-totum de *Renovação / Embaixada Galega da Cultura* (Madrid), começava o seu contributo na Homenagem ao Prof. Carvalho Calero promovida pela USC e o Parlamento galego e dirigida pelo Prof. José Luís Rodríguez Fernández. Mantemos a literalidade do texto, salvo leves correções:

Perante a circular da Associação Galega da Língua (AGAL) em que se me/nos convida, para participar num "volume de trabalhos em honra do saudoso Mestre da galegidade Prof. R. Carvalho Calero", a primeira resistência que o meu espírito sempre põe a estas cousas foi vencido nas primeiras horas com o apoio do meu sobrinho Tomé, sempre tão optimista e animador das actividades galegas que realizo. Mas, decidida a participação, de que escrever que não o tenham feito já ilustres professores e estudiosos de sua obra e biografia?

Assim pois, um humilde escritor de romances e ficções pouco ou nada poderia acrescentar ao conhecimento da obra e da vida do professor Carvalho.

**Ricardo Carvalho Calero  
com O Facho**

José-M<sup>a</sup> Monterroso Devesa

*Cando en tempos de Franco xurdiron as sociedades culturais de tipo popular, como O Facho, calquer que fose en moitos casos a ganga política que inevitavelmente se registase — ulos daquela os regos legais da discrepancia? —, foron un produto espontáneo e necesario dos mecanismos de defensa da realidade profunda do país.*

*Asi, historicamente, unha asociación como O Facho, que agora cumpre vinte anos de vida, apoiada e mesmo agarimada durante a súa minoridade por todas as forzas galeguistas; hoje, chegada á idade da emancipación, sujeita, como é lógico, ao feliz exercicio da controversia e ao higiénico estímulo da crítica; asi, historicamente, O Facho — e outras entidades análogas — está mais que justificada, e, sen perjuízo de conservarmos a liberdade de opinión sobre o maior ou menor acerto de todas e cada unha das suas iniciativas, pasadas, presentes ou futuras, cómo non deseñar perante ela — se non se perdeu a fe nos ideais comuns — o gesto cariñoso do aplauso?*

*Cando se formalice o balanço das aportacións que nestes últimos anos se fixeron á causa que defendeu Castelao — hoje tan mitificado como mistificado —, O Facho ha figurar cunha alta partida de entusiasmo. Sen el, o home transige, engrosa, dorme, ronca, transpira. O Facho pode ajudar-nos a nos manter puros, magros, espertos, atentos e vigiantes.*

Ricardo Carballo Calero. *La Voz de Galicia*, 08-12-1983.

\*\*\*\*\*

Estas generosas palabras de dom Ricardo Carvalho Calero (em diante, RCC), exemplificam, como poucas, a importância que a intelectualidade galega atribuía ao fenómeno associativo e activista daqueles grupos de moços a fundarem colectivos culturais em tempos ainda difíceis, como que faltava mais de umha década para a morte do ditador (que nom para o desaparecimento da sua obra).

Nom é o momento para examinarmos as causas e a realidade do surgimento das associações culturais galegas na década de 60 do século passado. Quem queira ter umha visom recente bifronte e complementar do fenómeno pode se assomar aos trabalhos de Olivia Rodríguez González e particularmente de Ricardo Gurriarán no volume “A cultura e o asociacionismo cívico na Coruña” (1).

### **A Agrupación Cultural O Facho**

A exemplo d'O Galo, criada o ano anterior em Compostela, como primeira destas associações, O Facho (no sucessivo, ACOF), nasce na Corunha (1963) ao pulo dos irmáus Harguindey Banet e de Andrés Salgueiro Armada e a partir do inspirador acordo da *Real Academia Gallega* (sic, RAG) sobre a criação do Día das Letras Galegas, sendo a única com esse carácter galeguista que houvo na cidade na última década da ditadura, e contando co apoio moral de diversas figuras do galeguismo histórico e outras, assi como instituições oficiais e privadas (Concelho, Deputação, a futura Caixa Galicia...).

Desenvolvemos, a continuação, muito esquematicamente, a série de acções da ACOF a constituírem importantíssimo factor de regaleguização, nom só da cidade mas da Galiza toda.

Assi temos os pioneiros CURSOS DE IDIOMA GALEGO a se impartirem, desde 1964, fora de aulas, nalgum dos dous centros de ensino meio, quer o feminino (Eusébio da Guarda), quer o masculino.

Seguem OS RECITAIS DE POESIA, principalmente nucleados em torno ao Día das Letras.

Oportunísimos forom OS CICLOS DE CONFERÊNCIAS, algunhas delas editadas em livro, entre cujas publicações compre salientar a edição tetralíngüe (nas falas do Estado espanhol), no seu 40<sup>o</sup> aniversário, da “Declaración universal dos dereitos do home”, a jeito de solidariedade co movimento rebelde européu desse ano. Tamém cumpre mencionar OS CICLOS DE CHARLAS desenvolvidos nos bairros da cidade.

Nom som de desprezar as sucessivas etapas do GRUPO DE TEATRO da ACOF que, desde 1965, levarom a voz da agrupaçom pola Galiza e ainda por fora dela, com obras dos nossos autores e tamém dos européus.

Prodigarom-se as EXPOSIÇONS de toda caste, bibliográficas e artísticas, assi como a APRESENTAÇOM DE LIVROS de autores clássicos e novos.

Desde 1973, e durante cinco anos, emitiu-se, em Rádio Nacional de España a EMISSOM DA TERRA D DOS TEMPOS, de periodicidade quincenal, guionizada pola ACOF (que fora objecto de mais dum ataque por escrito). Neste campo, no jornal *El Ideal Gallego* articulou-se, por mais de três anos (1976-1979), a folha O ARCO DA VELLA, a fazer finca-pé nas anomalias toponímicas e noutras eivas da nossa realidade.

Talvez o mais importante de todo esse labor, pola sua dimensom nacional, foram OS CONCURSOS DE CONTOS INFANTIS (coas duas modalidades, *para nenos e de nenos*), seguidos, em 1973, polos CONCURSOS DE TEATRO INFANTIL e, desde 1978, polos CONCURSOS NACIONAIS DE POESIA NOVA, e OS CONCURSOS DE CÓMICS e DE CONTOS DE TERROR, já na década de 80, estes de vida efémera. É facilmente deduzível que nestas jeiras nascerom muitos dos futuros vultos literários da Galiza.

Nos anos 1988 a 1991 celebraram-se as TERTÚLIAS DOS XOVES NO FACHO (*xoves*, por quintas-feiras), tertúlias sui generis onde umha figura expunha um tema logo matizado ou contestado polo público assistente.

Por nom nos estender de mais, vede-aí, num *flash*, o resto de actividades, tales: as EXCURSIONS POLA TERRA, OS PRONUNCIAMENTOS PÚBLICOS nos *mass media*, a série de PLACAS COMEMORATIVAS pola geografia corunhesa, a ideia do DIA DA NOSSA FALA (18 de Maio) para, co DIA DAS NOSSAS LETRAS, constituir as XORNADAS DO REXURDIMENTO (iniciativa que apenas calhou e que a RAG declinou assumir)... assi como a iniciativa do DIA DE CASTELAO (30 de Janeiro), que foi aprovada pola *Comisión Institucional do Parlamento Galego*, se bem ficou em letra morta; a breve existéncia do GRUPO XUVENIL EDRAL... e um número apreciável de PUBLICAÇONS (quer de *Galaxia*, quer d'O Castro, quer de *La Voz de Galicia*) com material dos citados concursos e cursos...

Finalmente, a BIBLIOTECA da instituiçom, dentro da sua modéstia, constituiu um excelente acópio da Literatura galega e, a certa altura, da luso-brasileira, único na Corunha.

### **Carvalho Calero com O Facho**

É bem eloqüente que RCC esté entre os mais citados no índice onomástico da Memória 1963-1991 da ACOF (2), à par e apenas por riba – fora Castelao – de Marinhas, Dónega ou Seoane, todos três muito presentes, desde a sua vizinhança corunhesa, no devir da associação. E colaborou em todos os âmbitos cubertos polas actividades descritas no capítulo anterior.

Querendo sermos lineais, imos resumir, cum aproximado ordenamento cronológico, esse longo vínculo de quase trinta anos, o período em que a agrupação corunhesa se desempenhou com mais brilho.

**1964.-** Como nom podia ser doutra maneira, RCC encerra, em Novembro, o I Curso de Galego, impartido que fora polo académico D. Leandro Carré Alvarelos. O curso celebrara-se desde Setembro, no salom de actos da Casa da Cultura (no actual edificio do Arquivo do Reino de Galiza). Os cursos, até o número de 13, desenvolverom-se até 1977, quando já impartia outros com carácter oficial a Escola de Idiomas da Corunha.

No seguinte 1970, RCC abre, em Fevereiro, o VI Curso, impartido no paraninfo do Instituto Da Guarda, com outra conferéncia. Destas duas intervençõs, que se inscrevem, como se verá, num total de oito, nom sabemos o seu contido, supondo giraria em torno á língua.

**1966.-** Em Novembro, e no Circo de Artesáns (nome popular por *Círculo*, a mais velha colectividade cultural da cidade), a ACOF evoca o centenário de Valle-Inclán com três palestras (RCC, dom Paco del Riego e D. Sebastián Martínez-Risco, este como presidente da RAG). O tema do nosso Professor, a inaugurar o ciclo o día 8, foi “Testimonios galegos sobre Valle Inclán”.

**1967.-** Incluímos este ano para deixar constáncia da presenza da ACOF em Padrom, o 21 de Maio, no acto de entrega do Pedrón de Ouro a RCC.

**1968.-** RCC presidirá, em Maio, o júri do I Concurso de Contos Infantís O Facho, completando o tribunal Xohana Torres, Marino Dónega, Jenaro Marinhas e Xosé L. R. Pardo. Levou o prémio na categoria de adultos um praticamente desconhecido Carlos Casares, co relato “A galiña azul”.

**1970 e 1975.-** Dirigido aquele ano por Ramiro Cartelle, o Grupo de Teatro d'O Facho, no colégio Curros Enríquez, procede á leitura cenificada (fórmula habitual na época) das obras *O mendíño e o can morto* (de B. Brecht) e *O auto*

do prisioneiro, de RCC, texto este que acabava de sair na revista “Grial”. É de salientar que, passados cinco anos, a obra tornou a ser representada, esta volta cenificada cabalmente, em várias localidades: em Maio 17, Sada (junto com *O cantar dos cantares*, de Blanco-Amor); em Maio 25, Ribadavia (no curso da III Mostra de Teatro Galego, junto coa mesma); em Maio 27, no Colégio Universitário da Corunha (em uniom da citada)... texto que o daquela director do grupo, X.M. Rabón, tem opinado ser “difícil, muito fechado, metafísico...”.

**1972.-** Em Fevereiro a ACOF dá a RCC os parabéns pola sua consecução da cátedra de Lingüística e Literatura Galega na Universidade de Santiago de Compostela, a primeira na história do país, trás o outorgamento unánime do tribunal académico.

(Há um salto grande aqui, num tramo temporal no que se produz a transição política espanhola e mesmo dá-se um certo esmorecimento destas instituições, polo absorvente compromisso político *full time* dalguns dos seus membros).

**1978.-** Co antecedente de *El Ideal Gallego* (no que se publicara, entre Abril de 69 e Fevereiro de 70, “Do idioma galego”, iniciativa conjunta das associaçõs O Galo e O Facho, a cargo, respectivamente, dos professores A. Santamarina e R. Fraga)... vé a luz em *La Voz de Galicia*, entre Novembro de 77 e Junho de 78, o “Curso de Galego” impartido polo Equipo de Língua da ACOF. Pois bem, este mesmo ano e no mês seguinte, sai do prêlo “O galego hoxe”, que recolhe dito empreendimento e que alcançará as nove ediçõs em pouco mais de dous anos: verdadeiro *best seller* da nossa história editorial, essa 9ª edição fora revisada polo Prof. X.C. Rábade, a teor da nova normativa da língua que, ironias da vida política do país!, ao ser novamente modificada em 1982 – a bom entendedor ... – supuxo a brusca obsolescência de método tam exitoso.

Para a 1ª e para a 9ª tiragem (Outubro de 80), os prólogos, diversos, deveram-se a RCC, este assinado no prévio Abril deste ano.

**1981.-** Sob pretexto do IV Centenário de Camoes e do centenário de “Follas novas” e de “Aires da miña terra” (todos três eventos do ano anterior), e mais para fazer público reconhecimento de umha importante doaçom, polo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, de livros da Literatura irmá, a ACOF organiza, entre o 1 e o 13 de Fevereiro e na sala de exposiçõs da Casa da Cultura (ver ano 1964), a Mostra do Livro Luso-brasileiro. (Posteriormente a Fundação Calouste Gulbenkian doaria outra quantidade de livros).

No marco da mesma tivo lugar um ciclo de palestras e um recital de poesia do país irmau (este a cargo da Sra. Ma. Teresa da Silva Evangelista, portuguesa de Madrid), aquelas proferidas por J.A.Fernandes Camelo, José Luís Rodríguez e Carlos Sixirei, com RCC encerrando a série (o día 11), co tema “España e Portugal nas origes da literatura galega moderna”, sessom de encerramento presidida polo presidente da ACOF, o alcalde da Corunha e o embaixador em Madrid, Joao de Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior, conde de Aurora.

**1982.-** É a hora da “Homenagem Nacional ao Prof. RCC”, organizada por seis colectivos (a ACOF, a AGAL, a AS-PG, a ACAB, o Ateneo da Coruña 'Curros Enríquez' e a Escola Dramática Galega) e desenvolvida em sedes diversas da cidade, entre o 19 e o 27 de Maio. Déu-se um recital de textos poéticos (por Aracéli Herrero) e teatrais (a cargo da EDG) e falarom, em dias sucessivos, J.M.Montero Santalha (sic), Francisco Rodríguez, X.C. Verdini e J. Marinhos, encerrando o ciclo o próprio RCC co tema “Pondal, profeta do iberismo”.

Essa mesma noite do 27 tivo lugar, num restaurante de Riaçor, a ceia na que se lhe ofereceu ao homenageado umha peça de cerámica de F. Pérez Porto, dando-se leitura a mais de 250 adesons. Ficou-nos testemunha do cronista que acaba dizendo: “Com emoçoadas palavras, RCC agradeceu a ausentes e presentes — entre os quais os académicos Marinhos e Chao Espina e os dirigentes da prática totalidade dos partidos nacionalistas — a homenagem de carinho que se lhe tributava”.

**1983.-** Nos 20 anos da ACOF RCC publica o texto do qual um fragmento encabeça as presentes linhas.

**1984.-** Este ano é um cabal muestrário do ánimo colaborador co colectivo corunhês por parte de RCC.

Em Abril 3, o nosso Professor inaugura a série de homenagens de várias instituiçõs (a ACOF entre elas) da Corunha e de Ferrol e do Muséu Carlos Maside e com vários apoios oficiais, que se rende a Luís Seoane, no seu 5<sup>o</sup> cabodano. Tal data RCC fala no histórico “Kiosco-Alfonso” (sala municipal de exposiçõs) sobre “Introdución á obra e pensamento de Luís Seoane”.

Já no mês seguinte, Maio, e o día 3, encerra-se com RCC e a sua palestra “A poesia profana de Afonso X”, o ciclo de três intervençõs no VII Centenário do citado rei, impartido no salom de actos da entom “Caixa Galicia”. (As outras duas estiveram a cargo de M. González Garcés e de B. Graña).

E, ainda mais, no mês de Junho, sai do prêlo o primeiro número (de um cativo total de dous) da “Revista monográfica de cultura” da ACOF, dedicado ao homenageado no Dia das Letras, Armando Cotarelo Valledor. “Homenage a Cotarelo”, intitula-se o texto carvalhiano nesta publicação polifónica.

**1987.-** Entre o 27 de Maio e o 5 de Junho, a ACOF desenvolve, na já tradicional aula de cultura de Caixa Galicia, o ciclo “Homenaxe ao galeguismo histórico”. Foron cinco actos consistentes em três palestras e duas mesas colectivas; duas das intervenções individuais correram a cargo de Ramón Maiz e Xavier Castro; nas duas colectivas participaram alguns dos últimos representantes daquelas jeiras: Manuel Beiras, Ramón Martínez López, Jenaro Marinhos, Avelino Pousa Antelo e Xaquín Lorenzo.

E foi RCC quem encerrou essas jornadas, dito dia, falando sobre “Os deputados galeguistas. Lembranças pessoais”. Reiteramos que com esta, o nosso Professor completou um total de oito intervenções ao longo de 24 anos coa ACOF.

**1990.-** Como final, cumpre evocar que, ao mês e meio contado desde o passamento do lembrado dom Ricardo, a ACOF celebra umha “Homenagem urgente a Ricardo Carvalho Calero”. Esta consistiu em três palestras colectivas, cumpridas os dias 8, 9 e 10 de Maio, na aula de cultura de Caixa Galicia, a última no Salom Fonseca.

Estiverom cubertas por: Carmen Blanco e M.A. Fernán-Vello (día 8, sobre a “Dimensom humana de RCC”); Claudio Rodríguez Fer e Carlos Quiroga (día 9, acerca de “A obra literária de RCC”); e Ma. do Carmo Henríquez Salido, J.M. Montero Santalha (sic) e José Luís Rodríguez (día 10, sobre “O idioma em RCC”).

Esta primeira evocaçom seguirá-se por umha contínua homenagem. Da grandeza de RCC e da escola que soubo criar som demostraçom eloqüente essas muitas testemunhas que um ano e outro seguem a se manifestar em todo o país e mais aquelas que, com nula elegância literária, mas com verdade documental, deixamos expostas: todas a darem fé da viçosidade do seu legado.

Corunha, Setembro de 2020.

## Referências

- (1) Rodríguez González, O. & Gurriarán, R. in “A cultura e o asociacionismo cívico na Coruña. Entre a oficialidade e a resistencia (1939-1979)”. Ed. R. Gurriarán. Fundación 10 de Marzo. Colección Testemuños, núm. 11. Compostela, 2019. Págs. 107-126 e 127-159.
- (2) “A Agrupación Cultural O Facho. A Coruña na cultura galega”. Papeis do Curro. Corunha, 1991.

RICARDO  
CARVALHO  
CALERO | CORAÇOM  
DE TERRA

Colección CASTELAO nº 5

Coleção ATRAVÉS | DE NÓS 20

**Direção de projeto:** Manel Cráneo e Valentim Fagim

**Produção e comunicação:** Germám Ermida

**Assesores:** Tiago Peres Gonçalves, Ernesto Vasques Souza

**Entidades promotoras:** Através Editora e Demo Editorial

**Entidades apoiantes:** AGLP, AGAL e Asociación BD BANDA

**Direção de arte:** Manel Cráneo

**Design gráfico e diagramação:** Demo Editorial

**Assistente de design:** Brandán González Coruxo

**Revisão linguística:** Valentim Fagim, Diego Bernal

© Polos desenhos Iván Suárez, 2020

© Polos roteiros, Xico Paradelo, Irene Veiga e Carlos Rafael Ramos

© Polo prólogo, Xavier Alcalá, 2020

© Pola presente edición, Através Editora e Demo Editorial, 2020

**ISBN:** 978-84-948931-7-9

**Depósito Legal:** C 567-2020

Agradecemos às seguintes entidades terem colaborado na presente edición:

Komic Librería, Librería Paz, Asociación BD Banda, A Mesa pola Normalización Lingüística, Concello de Ferrol, Concello de Lugo, Concello de Santiago, Concello de Pontevedra, Concello de Carballo, Xunta de Galicia

**Demo Editorial**

Rúa Gramela, 19 baixo

15010 - A Coruña

[www.demoeditorial.com](http://www.demoeditorial.com)

[info@demoeditorial.com](mailto:info@demoeditorial.com)

**Através Editora**

Santiago de Compostela

[www.atraveseditora.com](http://www.atraveseditora.com)

[atraves@a.gal](mailto:atraves@a.gal)



## **Coração de terra**

Elena Veiga, Xico Paradelo  
e Iván Suárez



**RICARDO  
CARVALHO  
CALERO** | **CORAÇOM  
DE TERRA**



# EXCUSATIO NON PETITA |

A obra propõe uma biografia ficcionada de Carvalho Calero, apoiada nos seus próprios textos, em diversos testemunhos e em diferentes obras sobre o autor mas também com muitos elementos inventados ou recriados livremente. Apostamos nesta fórmula como uma forma de mostrar, através da figura de D. Ricardo, os problemas da situação cultural, linguística e política do país ao longo do século XX. São questões que a biografia deste autor permite estudar de um jeito exemplar. Como ponto de partida, situamos o autor numa Ucronia: uma realidade alternativa em que as suas teses sobre a língua e cultura de Galiza tinham triunfado, com tudo o que isso implica de diferente na situação do galego e da Galiza. A partir dessa realidade é onde a nossa personagem, Carvalho, rememora a sua vida e pensa como teria sido o percurso linguístico e cultural do país se a realidade tivesse transcorrido doutro modo. Ou seja, imagina a vida na nossa realidade, onde Carvalho Calero acabou por ser marginalizado e o reintegracionismo afastado das instituições e das políticas culturais. Com esta piscadela queríamos convidar para a reflexão: como pequenos factos podem determinar o futuro de coletividades inteiras e como poderiam as circunstâncias ter sido diferentes, ainda mais numa cultura como a nossa, que em determinados momentos da sua história foi definida e orientada por pequenos grupos de pessoas (geralmente homens) que, segundo o seu critério ou interesse, decidiam que campos era necessário estudar ou como se definia a ideia do país.

## Nota sobre a língua empregada

Nestas páginas íredes achar diferentes formas da língua galega. Queríamos ser fiéis aos diferentes modelos que foram utilizados polo próprio autor ao longo da sua vida e também respeitar, na medida do possível, os textos originais que empregamos na obra, segundo foram redigidos polos seus autores e autoras. Esperamos que isto não vos confunda e sirva para visualizardes a evolução do galego escrito ao longo do século XX, um elemento fulcral para entendermos muitos dos acontecimentos relatados na BD e que, em boa medida, fazem parte do debate permanente sobre a nossa língua, que continua aberto hoje em dia e ao qual Ricardo Carvalho Calero dedicou boa parte da sua obra.

## MEMÓRIA DE UM ROTEIRO

Por Irene Veiga

“Mais o home está so.  
So coa terra, na terra, dentro dela,  
como nun berce, ou ventre da sua nai”.

*Intre de soidade.* Saltério de Fingoi, 1961 (Fragmento).

Quando, em dezembro de 2018, iniciamos conversas entre nós para indagar como íamos fazer frente aos densos estudos biográficos, epistolares, bibliográficos... sobre Carvalho Calero, que já começavam a se acumular em colunas altas em qualquer canto das nossas casas, pensamos: “Mas que vamos fazer com tudo isto?”, “Bom, haverá que começar a ler”.

Os meses passavam e nós, a ler, a tirar anotações, a sublinhar anotações, a resumir anotações... Os livros iam mudando de coluna e as anotações iam abarrotando o disco rígido do nosso computador.

No verão demos um avanço enorme a tão “criativa” tarefa e quase até poderíamos ter escrito um novo livro com todos os apontamentos extraídos para redigirmos o roteiro desta novela gráfica. Nessa altura estivemos a ponto de telefonar para os editores para lhes dizer:

- Impossível. Este homem é impossível. Não podia ter mais obra escrita (poética, narrativa, teatral, ensaística, académica, divulgadora...); mas também não podia ter vivido mais (Seminário de Estudos Galegos, Federação Universitária Escolar, Anteprojeto do Estatuto da Galiza, Revista Nós, Partido Galeguista, Milícias da FETE na guerra civil, Galaxia, Fingoi, USC, RAG... E finalmente, figura iniciática do movimento reintegracionista).

Mas, em lugar de desistir, dedicamo-nos a fazer piadas, a brincar com as anotações, a enfiar ideias absurdas e, tirando do fio de uma destas últimas, que começa com uma daquelas frases que sempre salvam a vida da criatividade (“...E que teria acontecido se...”) demos com a fórmula: “...E se a Galiza tivesse tido outro projeto político diferente do atual? E se a universidade e a Real Academia Galega tivessem feito parte deste projeto? E se Carvalho tivesse acabado os seus dias como figura reconhecida dentro desta realidade virtual? E foi com estas reflexões com as quais decidimos iniciar o relato da vida e obra de Carvalho Calero como uma ucronia (um futuro alternativo).

E é assim que abre esta novela gráfica. Mas a criatividade histórica pouco durou, só deu para abertura, porque, mesmo depois, colunas inteiras de livros lidos e relidos e arquivos cheios de anotações no nosso computador desabaram por cima de nós, fazendo-nos recuperar o “sentidinho”, e a vida de Carvalho e a história da Galiza voltaram “ao seu”. Nada mais de futuros alternativos.

Esta novela gráfica está composta por seis capítulos de reelaboração da realidade crua e nua, de um prelúdio, três interlúdios e um epílogo de pura ficção e muitíssima poesia para tentar compreender as variadas pessoas que habitavam dentro de D. Ricardo.

Para ele, todo o nosso amor criativo, não soubemos fazê-lo melhor. E para vós, leitoras e leitores, apenas um conselho: abride esta obra com os dedos cobertos de um suave veludo de amor à nossa língua como o que saiu de nós para criá-la.

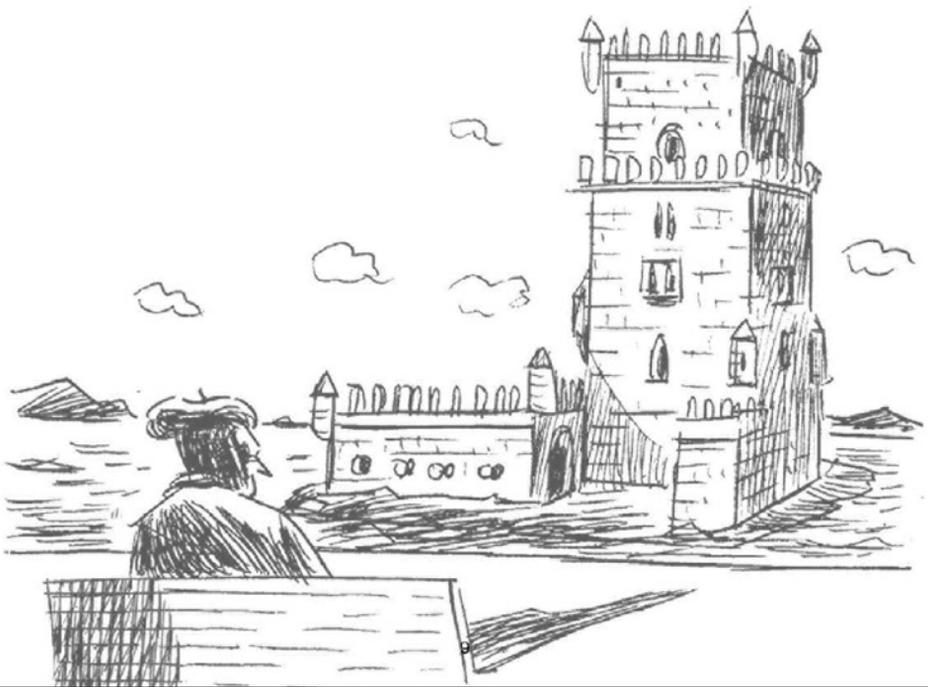
“Se sobrevivo, e tenho sossego para isso, talvez retome aquele projecto que outrora alimentei de escrever a tua história. De inventá-la, pois foste sempre um mistério para mim”.

*Salgueiro, Scórpio.*

“Há que esperar contra toda esperança. Porque mentres não decidamos suicidar-nos como povo temos que confiar na possibilidade de rectificar a história e a história, por suposto, tem que ser rectificadã”.

**Ricardo Carvalho Calero**  
*Voz e silêncio, Conversa com Francisco Salinas Portugal.*

# PRELÚDIO | UCRONIA



# A Voz da Galiza

QUINTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1996.

A CPLP FICOU CONSTITUÍDA ONTEM EM LISBOA  
**GALIZA, MEMBRO DA COMUNIDADE DE  
PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA**

OS PROFESSORES RICARDO CARVALHO CALERO  
E FRANCISCO F. DEL RIEGO REPRESENTARAM O NOSSO PAÍS.



Depois de sete anos de preparação, o Brasil, Portugal, a Galiza e os cinco países africanos de língua portuguesa criaram ontem em Lisboa a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP).

LISBOA, 17 DE JULHO DE 1996.

É AGORA SOM UM VELHO  
PATROM QUE SE SENTA AO  
SOL NO BANCO DE UM  
PASSEIO.



A MINHA VIDA FICA ATRÁS.  
FOI MINHA?  
QUEM FUM OUTRORA?

A MINHA BOCA QUE ARTICULA AGORA  
UM MONOLÓGICO SILÊNCIO, É  
AQUELA QUE SABIA DIALOGAR  
CONSOANTE A GRAMÁTICA PERDIDA?



MOCIDADE NOM TIVEM; SOM UM VELHO  
DE POUCOS ANOS, QUE NACIM ASSI.

APÓCRIFA É A HISTÓRIA  
COM QUE ALBUNS ME ENCADEIAM  
ÀS ALEGRES TRISTEZAS DE UM PASSADO  
DE HARMONIOSO FUROR PRIMAVERAL.

RICARDO...



EM QUÉ RECANTO DO TEMPO ESTÁ SOTERRADO O CADÁVER DA NOSSA INFÂNCIA, PACO?

COMO TORNAR A CORRENTE DO RIO POLO QUELHA ENRIBAR?



## **CRONOLOGIA DE UMA LINHA TEMPORAL ALTERNATIVA**

- **1968.** A retirada de R. Piñeiro da vida pública deixa um vazio na liderança do galeguismo cultural.
- **1969.** No mês de maio Constantino Garcia visita o Brasil e decide residir permanentemente. Carvalho, recém nomeado catedrático, emerge como figura central do movimento e vai-se orientando para o português.
- **1970-1980.** O nacionalismo galego aposta no uso de norma reintegrada e vai emergindo uma consciência política que, a nível galego e estatal, valoriza a conexão cultural entre a Galiza e Portugal.
- **1974.** Os movimentos políticos galegos atuam de ponte da oposição espanhola com o novo estado português. Reciprocamente, Portugal mostra um maior interesse pela Galiza. Partidos na clandestinidade apoiam-se no país vizinho para a sua reorganização e desenvolvem laços estreitos além da fronteira. Os partidos galegos e as secções galegas dos partidos estatais conseguem um maior peso no conjunto do Estado.
- **1975.** No fim do franquismo aparece a primeira proposta padronizadora reintegracionista, que consegue apoio maioritário na RAG.
- **1976.** O "Instituto da Lingua Galega" (fundado em 1971) transforma-se no "Instituto Galego da Língua" no seio da Universidade de Santiago, centrado na investigação da variantes galegas da língua galego-portuguesa. Os grupos isolacionistas reorganizam-se na "Asociación da Lingua Galega" (ALGA), defensora de hiperenxebrismos e dialectalismos, com pouco sucesso.
- **1979.** Manuel Rodrigues Lapa entra como numerário na RAG proposto por Jenaro Marinho del Valle. Carvalho Calero entra na Academia das Ciências de Lisboa, como membro numerário.
- **1980.** Os dicionários portugueses recolhem vocabulário galego.
- **1980.** Aprova-se o Estatuto de Autonomia da Galiza, ao mesmo nível dos da Catalunha e o País Basco. A diplomacia portuguesa pressiona a favor dum status autonómico pleno para o país. As relações com Portugal ficam blindadas no texto do estatuto.

- **1981.** No 23-F Portugal exerce pressão contra o golpismo e oferece asilo político.
- **Desde 1981.** Circulação geral de imprensa e livros de Portugal, apoio na RTP para a TVG, retransmissões em língua original e posteriormente, transmissão direta. Aceitação geral na Galiza da identidade linguística lusófona.
- **1980-1990.** A Galiza ganha importância estratégica para Espanha o que se traduz em mais investimentos e um maior peso no contexto peninsular e na União Europeia. A cultura galega desenvolve-se com um maior destaque para as ciências, a música ou o audiovisual frente à literatura. O contrapeso da Lusofonia influi numa maior conexão internacional e fica menos dependente de Espanha.
- **1992.** Autores significativos da literatura galega recebem importantes reconhecimentos na lusofonia.
- **1996.** Primeiro Prémio Camões para um galego: o poeta Manuel Maria.
- **1996.** Ricardo Carvalho Calero, como presidente do “Conselho da Cultura Galego-Portuguesa” (organismo estatutário orientado nas relações culturais com a lusofonia e em assessorar o governo da Junta) lembra aspetos da sua vida nos momentos prévios ao ingresso da Galiza como membro oficial da CPLP.

### **Não aconteceu assim, mas podia ter acontecido...**

Nas seguintes páginas veredes o que se passou na realidade. Bom...“quase tudo” o que se passou na realidade. Esta é a história da vida de Ricardo Carvalho Calero tal e como nós a imaginamos. É a nossa visão muito pessoal e, portanto, parcial dos factos.

Não pretende ser uma biografia rigorosa (para isso já há vários livros excelentes à venda e nas bibliotecas). Só pretende ser a nossa humilde homenagem não só ao professor Carvalho, mas também a todas aquelas pessoas que, como ele, entregaram os seus esforços e mesmo as suas vidas para conseguir um melhor futuro para a Galiza e que, por causa disso, muitas vezes sofreram o esquecimento, a repressão e mesmo a morte. Carvalho foi um homem que imaginava outro futuro para a nossa terra e que tinha fé em que esse futuro era possível. Gostaríamos que esta obra ajudasse nessa “retificação da história”, como ele deixou dito...

## **Debulhando o pensamento de Dom Ricardo Carvalho Calero**

Alexandre Banhos Campo

### **A história clínica da nossa Língua na Galiza**

Uma das afirmações recorrentes de Carvalho, era insistir no facto de que a nossa língua mais que uma história normal, o que tinha era *uma história clínica*.

Para ele a passagem do reino da Galiza (e de Portugal), ou da experiência de normalidade, à recuperação da escrita da língua na Galiza no século XIX, ou à recuperação institucional no último quarto do século XIX, não é inteligível, sem conhecer essa história clínica.

Como sem ela poderia alguém entender decisões e caminhos pelos que se andam.

*A história clínica da Língua é a história clínica do país*, ambas as duas são inseparáveis.

Quando começam? Quando uma certa normalidade, que no reino do norte já levava algum tempo em problemas — perda a Corte —, esse lugar, onde, segundo a primeira gramática da nossa língua, a de Fernão de Oliveira (1536), as palavras se cozinham e acham o brilho. Fernão de Oliveira na gramática refere-se a situação da língua no reino do norte, e diz ele: *No reino do norte perdida a corte, esmorece*.

Mas como foi que se passou para passarmos de dous reinos com suas cortes e relações bem estreitas entre eles de todo tipo a essa situação?

A cousa é muito simples, Portugal é a criação indireta de Gelmirez, a melhor cousa que ele fez, pensai a Galiza sem Portugal e logo pensai num espaço para a Galiza como o do asturoleonês.

A Galiza veio ao mundo da história com um general romano, Décimo Júnio Bruto (esse do rio do esquecimento), quem viera de Cônsul a Hispania para derrotar o lusitano Viriato. Porém acabado o trabalho, como bom romano queria estender os domínios e aproveitou para ir a terras inexploradas. Ele vinha pela costa para o norte, e ao passar o rio Douro achou que lá moravam os calecos (os *calecoi* que diz Estrabão) os de Cale. E deu o nome que eles se davam a si próprios a todo o noroeste peninsular. Eis como a Galiza apareceu. E o lugar onde moravam os calecos de Cale, chamou-o de Portus-Cale, que andando o tempo se converteria em Portugal (Porto dos Galegos<sup>1</sup>).

Logo viria com Augusto a Província da Galiza, com cabeça em Braga. Logo o reino dos galegos, *Galaeciorum Regnum* (411), com cabeça em Braga. Logo de novo Reino da Galiza etc. E a Braga cabeça civil, virou como cristã cabeça da Galiza e como tal continuou até 1495, além de se converter na cidade primaz (ainda é) de Portugal. A cousa de ela ser a cabeça da Galiza é tão simpática, que na Galiza há umas quantas aldeias que levam o apelido de galegos, e são-no por responderem os seus fundadores a bracarenses fugidos das razias muçulmanas.

A nossa língua, a nossa criação mais original e alma coletiva foi gerada pelas gentes da Faixa ocidental peninsular entre o Ortelgal e o Douro, no tempo que vai do século quinto ao nono.

## Compostela

É provavelmente uma idealização da Corte de Carlos-o-Magno, em Aquisgrana, como farol motivador da Hispânia. A Sé do bispo não se estabeleceu em Compostela até mais de 200 anos depois. Porém vinha recém de se estabelecer e caiu nas mãos de quem era bem ambicioso e sonhava com dirigir como Sé apostólica, toda a península. Que a ambição era peninsular temo-la no facto de quando ao nené Afonso, sob a sua tutela, o proclama rei da Galiza, também o faz rei de Toledo. E Braga cabeça é com certeza o primeiro espaço para ocupar, a Braga da que dependia, logo viria Mérida, e tentaria Toledo...

As manobras, da nova sé de Compostela (Gelmirez) para ocupar a posição da Sé de Braga (Paio) cabeça da Galiza<sup>2</sup>, deu lugar a um conflito que acabou

---

<sup>1</sup> Segundo Higinio Martins, *galego* é uma palavra celta que significa “da terra”.

<sup>2</sup> Capital da Galiza romana, capital do *galaeciorum regnum*, da Igreja da Galiza, e logo de Portugal

na divisão do reino em dous. A divisão, não foi obstáculo para Braga conseguir manter — desaparecido Gelmirez — a cabeça religiosa de muitas entidades, instituições e sés religiosas da Galiza até 1495.

O território ao norte fruiu para o seu reino o nome de Galiza. O território ao sul, tomou o da velha cidade galega Portus-Cale. Todos os nossos nomes a norte e a sul venhem do mesmo sítio e são a mesma coisa.

No reino que fruiu o nome de Galiza, Compostela era muita cousa, e ela e a sua ideologia o *compostelanismo*, seguiam com uma só aspiração, governar a península.

Em 1230 falece o nosso rei Afonso VIII, e frente ao seu testamento — norma legal obrigatória —, que era oposto à união com Castela, manobra Compostela e Castela (ante o papa) para que a unidade, com um rei galego, da casa dos Reimundez, se produza, um triunfo do *compostelanismo*. Bem que nos fornece os dados Emílio González López de como as sés que dependiam e obedeciam a Braga, se opunham à trapalhada de Compostela; eram maioria, estavam no grupo inclusas Samora e Oviedo.

Isso foi grande sucesso do *compostelanismo*, até a lírica em língua galega mandava na Corte de Castela. Porém o jogo peninsular acaba por colocar a Galiza compostelã na periferia e pronto novas elites reais não ligadas a Galiza assenhoreariam o reino de Castela.

### **Agora vem a nossa experiência clínica**

No 1.º de março de 1476, tem lugar em Toro a batalha mais decisiva para o futuro da Península ibérica e para a nossa história. Para o reino do norte quase mortal (ou mortal de todo, se não acordamos e descobrimos com quem nos jogamos tudo). Para o reino do sul, lá esteve a semente da sua ocupação por quem levava a coroa de Castela em 1580. Nessa batalha desfez-se muita cousa. Ernesto Vasquez Souza diria: *A desfeita do projeto ocidental e a virada da coroa de Castela para Aragão*. (Os catalano-aragoneses pensavam que fizeram bom negócio...)

Após essa batalha a Galiza sofre dura guerra de castigo que se prolonga por bem anos. O país é destruído bem a fundo. Ourense, repetidamente atacada, só foi submetido após um cerco de 11 meses e Ponferrada custou também muitos meses aos castelhanos submetê-la.

Era a chamada guerra de *doma e castração*. Para a Galiza foi destruição da sua economia, proibição das relações económicas internacionais que havia, destruição da sua nascente burguesia. Os aristocratas (classe dominante), derrubados os seus castelos, uns são ajustiçados (Pardo de Cela, Alvares Osório, Conde de Lemos), outros fogem e instalam-se em Portugal, e os mais são tirados do reino para a Corte. Não é casual que Andaluzia e Castela estejam hoje em dia cheias de títulos de origem galega. A Igreja e as ordens religiosas que ainda dependiam da velha capital da Galiza, Braga, passam a depender de Valhadolid, e os cargos religiosos o poder conformador do consenso ideológico, passam todos para elementos castelhanos. Desaparecem os galegos do aparato da administração e da justiça na Galiza. Há galegos em postos de responsabilidade civil e religiosa, mas sempre fora do seu solar pátrio, na Galiza só nas vagas de menos categoria, contínuos; e isso durou até último quarto do século XIX.

Na Galiza, reino ocupado, os cargos são reservados aos estrangeiros do reino dominador. E a Galiza reino se lhe retira o voto e participação nas cortes da monarquia de Castela, e *num processo de humilhação ao nosso povo, verdadeiramente inacreditável*, os seus votos e representação nas Cortes são entregues à cidade de Samora.

A documentação toda no reino da Galiza era em galego e, se um fazia um testamento ou uma venda, era em galego, e os tabeliões tudo faziam em galego. Mas agora declaram que só vão valer as escrituras dos escrivãos da escola de Toledo.

Dizem alguns néscios, ao serviço do *amo*, que a nossa língua não se proibiu. Mas quem sabia ler e escrever? Os religiosos, os aristocratas, os burgueses. E onde iam apreender agora e com quem, e onde andavam, ...? Não sumiu a nossa língua por vontade dos galegos e galegas, mas por imposição. A Galiza tornou-se ágrafa, e as novas realidades chegam-lhe na língua do poder, o castelhano<sup>3</sup>. E pouco a pouco vão apagando a nossa história os carros e carros de documentos que existiam na nossa língua na Galiza, de que falava Sarmiento, como se fossem um sonho. Ainda que a nossa Língua é a língua falada e vivida pelo cento por cento dos galegos e galegas.

---

<sup>3</sup> Ainda que o intenso é tradicional comércio e emigração de todo tipo com o reino de Portugal, vai permitir que novos termos incorporados ao galego de Portugal voltem ao território ao norte do Minho perfeitamente integrados.

Em meados do século XIX renasce para a literatura uma língua socialmente estigmatizada, funcionalmente minorizada<sup>4</sup>, banida das instituições oficiais e hostilizada pelo Estado. Popular e realmente falada, a língua galega começará a ser posta ao serviço dum movimento cultural e político que irá perfilando uma vocação que (com cautela, porém) poderíamos chamar nacional<sup>5</sup>.

E como escrevem? Da única maneira que sabem, da única forma que podiam conhecer. O ágrafo galego passou a escrever-se conforme a feição gráfica da língua oficial e *única língua verdadeira*. Acresça-se, em ordem a perceber as intenções do programa linguístico dos primeiros promotores da língua *regional*, que, *entre estas, de nenhum modo se encontrava a de concorrer com a língua nacional*, cuja hegemonia estava fora de causa. (Não procurem em Rosalia o que não há). Correlato visual da minorização linguística, a ortografia perfilhada servia ainda para ratificar que as notabilidades escreventes do galego eram e queriam ser um subconjunto *regional* do conjunto *espanhol*. Aliás isto se passou em mais lugares, por exemplo nas Astúrias.

Desde inícios do século XX, contra tudo e apesar de tudo, sectores da comunidade linguística galega transgredirão normas imemoriais, abrirão brechas em altos muros e sondarão novos caminhos, passando a fazerem servir o galego como instrumento do discurso público e da ação política.

Eis um resumo das novas posições:

De um Murguia: *Portugal manteve a nossa língua cuidada e protegida e além disso converteu-a na do Brasil*. Antom Vilar Ponte: *Quanto mais galego for o galego, mais português ele é*. Leandro Carré: *O português é o nosso mesmo idioma*. Joham Carvalheira: *A unificação ortográfica com o português*

---

<sup>4</sup> As consequências da minorização linguística eram também patentes no plano lexical e na estrutura morfo-sintáctica. Como resumem e categorizam em relação ao primeiro Carlos Garrido e Carles Riera (Manual de Galego Científico).

O confinamento social do galego nos usos coloquiais e rústicos, a língua, por um lado, perdeu recursos expressivos e o léxico culto, especializado e de carácter abstrato que desenvolvera e, por outro, viu-se submetido a um processo de corrupção, que se traduziu na generalização de alterações vulgarizantes (plebeísmos) de algumas unidades lexicais; desprovido de registo e de centro normador, o léxico galego padeceu uma diversificação e atomização em variantes geográficas; o processo de substituição lexical atuou fazendo desaparecer unidades lexicais em benefício das correspondentes castelhanas; a estagnação da língua, decorrente da falta de usos formais, impediu que o galego habilitasse novas unidades lexicais para designar novos conceitos; no entanto, as lacunas expressivas foram preenchidas [...] por unidades lexicais da língua de cultura, que não era outra que o castelhano (suplência lexical).

<sup>5</sup> Este parágrafo e os seguintes bebem sem dissimulo em Fernando Corredoira

é fulcral. Afonso Castelão: *O galego é extenso e útil. Eu desejo que o galego se confunda com o Português*. Irmandades da Fala: *Temos que pôr as bases para convergirmos na ortografia com o português, ortografia que é a nossa histórica e original*. Seminário de Estudos Galegos (instituição criada pelo nacionalismo e ainda não devolvida pelo estado): *Galego e português são a mesma língua*.

Foram três décadas animosas e febris, férteis, que enveredavam por novos caminhos. Além disso temos que saber que em nenhures a ninguém lhe estavam ensinando a nossa ortografia histórica..., parecendo tão simples usar a do castelhano<sup>6</sup>.

O levantamento militar fascista de 1936 cortou isso com feroz eficácia<sup>7</sup>.

Escrever e meter a língua no traje da imposta por quem domina e aliás é a única que se conhece, é o natural, pois o imposto aparece como a forma natural. Porém se um é livre isso é um absurdo. Eis um exemplo: O galeguíssimo território do Couto Misto, em palavras de Garcia Manhã<sup>8</sup>, foi o último naco incorporado à Galiza (1864) e após um referendo reclamado por Portugal, no que 860 pessoas votaram se unirem com Portugal e 1 com Espanha. Diz Garcia Manhã: *Não entendo como ali nunca escreveram em galego sendo eles bem galegos*. Sem reparar ele, que para escrever o galego, cumpre antes uma cousa, ter recebido o castelhano ... E até lá não chegara.

### **Os remédios de Carvalho para a nossa sanção**

Carvalho começava por exprimir esta sentença: *Ou o galego é galego-português ou é galego-castelhano*. E o galego-castelhano é muito forte na adesão da sub-comunidade linguística nossa no estado à comunidade castelhana, e é liquidador da comunidade galego-portuguesa.

Para o galego-castelhano qualquer cousa que for castelhana pode-se passar por galega, mesmo por isso, por ser castelhana e, ao ser a língua imposta ao

---

<sup>6</sup> Mas no ano 1935 o PG edita um dicionário já etimológico.

<sup>7</sup> As escolhas adotadas após o franquismo e recuperação da autonomia vão ser feitas ao serviço do projeto dos dominadores. *Da Identidade a Norma*, de Vítor Vaqueiro e Nicolás Xamardo, na editora Laivento, apresentam muito bem a política de Espanha com a língua da Galiza: Como dizia Lluís Aracil, na Galiza há quem trabalha bem firme em prol da língua, vive disso, e garante o seu futuro, o mesmo que o do analfabetismo desaparecer.

<sup>8</sup> Online: <https://www.iberlibro.com/buscar-libro/titulo/couto-mixto-unha-rep%FAblica-esquecida/autor/lu%EDs-manuel-garc%EDa-ma%F1%E1/>

cento por cento dos galegos e galegas, converte-a em língua teito e elemento de correção dos utentes do galego-castelhano (quem dizer que não, mente).

Em 1981 Carvalho Publica na editora de Lisboa Sá da Costa, o livro *Problemas da Língua galega*. Ele exprime na sua contorna de reintegracionistas e de amigos, que no intitular se enganou, pois ele tinha de o intitular: *Problemas do português da Galiza*. Pois para Carvalho o dobrar o nome de línguas, aliás é bastante frequente, bem perto temos castelhano/espanhol; franciano/francês; toscano/italiano, romeno/moldavo... O nome não deve ser causa de confusão, e o termo galego representa mais a nossa afirmação de formarmos parte do subconjunto Espanha, que da realidade linguística, cultural e nacional que somos.

A ele fazia graça, o problema de muitos com o iota. Custa entender para eles, que não teriam problema os falantes de castelhano em usar na nossa língua (e topónimos...) o som iota (j, g+e,i), como ele é, se eles não estivessem tão inseridos no universo da norma castelhana, que chegam a adotar, ao falarem na língua da Galiza, a pronúncia castelhana dessas letras, daria riso.

Carvalho sobre a Espanha pensava que a Espanha não sente a Galiza como algo que lhe é consubstancial e próprio. Mas, se isso não fosse assim, Espanha amaria a nossa língua, reconheceria o direito dos galegos e galegas a vivermos nela; nem confundiria o conhecimento do castelhano com o direito dos castelhanos a serem atendidos na sua língua na Galiza de jeito universal, simples exercício de imposição. As relações comunicativas com Portugal, TVs, seria o normal e não impedidas como estão. As grandes datas e fatos comemorativos da nossa história, seriam festejados por todos, e fariam parte do acerbo comum da Espanha<sup>9</sup>. Mas infelizmente são apagados, ocultados, tergiversados, como mais um caso de povo submetido e negado.

Para Carvalho, a nossa língua, como língua internacional extensa e útil, tem a diversidade interna que é comum a qualquer uma das línguas internacionais que há no mundo, que formam o que a linguística chama um diassistema. Todas as línguas tem diversidades segundo utentes, segundo ambientes, é segundo territórios e os modos que essas línguas tem de modelo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> No ano de 2011 foi o 1600 aniversário do nascimento do reino da Galiza. Nada se fez desde as autoridades espanholas pelo seu estudo e festejo, o que contrastou com o milenário de Granada. O segundo sentem-no do seu acerbo, o primeiro não, e portanto é problemático.

<sup>10</sup> Por isso temos na internet códigos de língua, por exemplo na nossa temos pt-gz, pt-br, pt-pt, pt-an etc.

Carvalho, tendo em conta a *história clínica da língua*, presidiu a *Comissão Oficial de Elaboração das Normas da Língua galega* (1980, *Boletín Oficial da Xunta de Galicia*, núm 6), que propôs na altura umas normas de mínimos de reintegração no modelo histórico, e nas que todos se pudessem sentir bem cómodos e ir avançando segundo as necessidades e a sua consolidação a começar pelas universidades etc. Mas foram banidas por Espanha, pelas suas políticas sobre os idiomas "españoles". Como se viu, havia neles o assalto aos nossos muros da subalternização "española" e havia medo do sucesso.

Que diria hoje Carvalho do insucesso da normalização?

Que, sob a pretensa normalização da língua da Galiza, sempre inacabada, as autoridades espanholas a apresentam carente de qualquer sentido de utilidade e expurgada da sua dignidade e da sua condição de ser uma das línguas europeias de maior difusão internacional, usada em todos os continentes, que com a variedade própria das línguas internacionais é falada por centos de milhões de pessoas no mundo.

Que, enquanto se reforça continuamente o fator da utilidade e a correspondente necessidade da língua castelhana, para a língua da Galiza as políticas a reduzem a um sentimento carente de utilidade e necessidade, o qual a faz perceber como uma escolha na intimidade privada e sentimental, despida do que é a realidade das línguas: *Uma criação coletiva que se vive socialmente e como tal é necessária e útil.*

Como ficou provado, ainda não conseguimos sair da nossa história clínica.

*In memoriam*  
do Prof. Malaca Casteleiro,  
académico correspondente  
da AGLP

O eminente linguista João Malaca Casteleiro, figura central na elaboração do novo Acordo Ortográfico, faleceu na sexta-feira, 7 fevereiro de 2020, aos 83 anos, em Lisboa, no Hospital da Cruz Vermelha, onde estava internado.

Malaca Casteleiro, natural de Teixoso, Covilhã, licenciou-se em Filologia Românica, em 1961, tendo obtido o doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1979, com uma dissertação sobre a sintaxe da língua portuguesa. Professor catedrático naquela faculdade desde 1981 e membro da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro foi o principal responsável na elaboração do novo Acordo Ortográfico de 1990, acordo esse que só entrou em vigor em Portugal mais de uma década depois (2009).

Foi também diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Ao longo da sua carreira de professor orientou mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Tinha coordenado e colaborado em diversos projectos de investigação e de edição, em Portugal e noutros países, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

Membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979, foi presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia entre 1991 e 2008. João Malaca Casteleiro foi o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da

Língua Portuguesa, bem como coordenador científico do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, publicado em 2001, e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa editado pela Porto Editora em Outubro de 2009.

Em representação da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro fez parte da delegação portuguesa ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em maio de 1986, com presença de Isaac Alonso Estraviz, José Luís Fontenla e Adela Figueroa Panisse, como Observadores em representação da Galiza. Participou também no Anteprojeto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, em 1988, tendo visitado a maior parte dos países da CPLP nesse ano, criando as condições que conduziram ao Acordo Ortográfico de 1990, firmado nesse ano, em 12 de outubro, na Sala de Reuniões Internacionais da Academia das Ciências de Lisboa, com a adesão da Delegação de Observadores da Galiza, representada nessa ocasião por José Luís Fontenla e António Gil Hernández.

A 24 de abril de 2001 foi feito Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Outra faceta menos conhecida do grande linguista português é ter sido herói de guerra, tendo salvado a vida de vários compatriotas durante a Guerra Colonial portuguesa.

O professor Malaca Casteleiro, grande amigo da Galiza, tomou posse como Académico Correspondente da AGLP em sessão solene no dia 5 de outubro de 2012, junto com os professores Chrys Chrystello, Evandro Vieira, Evanildo Bechara e Maria Dovigo, e, in absentia, Carlos Reis, Adriano Moreira, Eugénio Anacoreta Correia. Nessa sessão foi também acreditado académico de mérito José Luís Fontenla Rodrigues. O evento teve lugar em Ourense, no contexto dos *XVIII Colóquios da Lusofonia*. Participou nos seminários de lexicologia organizados em Santiago de Compostela em 2009, 2010 e 2011, tendo registado diversas entrevistas. O BAGLP-4 (2011) rendeu homenagem ao Professor.

Fonte: Notícias de Coimbra.- Mais informação na web da AGLP.

## **Publicações**

---



**Publicações de/sobre  
Carvalho Calero, 2020**

Paulo Fernandes Mirás

**E**ntre os anos 2019 e 2021 foram dadas a lume de/sobre Carvalho Calero diversas publicações, que podem ser distribuídas em novas edições da sua obra, antologias poéticas e ensaísticas, biografias, história em quadrinhos e poesia musicada.

Da sua enorme obra literária só saliento:

Uma nova edição da sua *Farsa das zocas*, com estudo complementar do Carlos Biscainho, tirada do seu livro *Teatro completo* de 1982 e publicada pelo *Consello da Cultura Galega*;

*A Xente da Barreira*, uma nova edição do seu romance publicado em 1951 e que, em vez de reeditar a versão contida em *Narrativa completa* de 1984, a editorial Galaxia, sem muito critério, decidiu imprimir a primeira publicação de novo, ignorando as alterações posteriores do autor.

O romance *Scórpio*, que toma como base a última edição deste de 2017 da Através editora. Em 2020 publicam-se duas novas edições na mesma editora, uma prologada por Arturo Casas.

Também foram, aliás, publicadas duas antologias da sua poesia, da mão de Pilar Pallarés e Paulo Mirás.

Relativamente ao ensaio, foram publicados diversos livros que recolhem artigos, estudos e discursos, relacionados estes com sociolinguística e pedagogia, fundamentalmente.

Também foram difundidas diversas biografias de tipo divulgativo para dar a conhecer a obra do Carvalho Calero nas escolas.

Finalmente, foram editados um par de trabalhos com formato diferente do habitual: uma história alternativa da vida do Carvalho Calero em quadrinhos e um disco com poemas de Carvalho musicados por José Luís Carnicero e cantados por Xiko Paradelo.

Eis a relação (quase) completa das obras publicadas em 2020, Ano Carvalho das Letras Galegas:

Baleirón Sóñora, Rosario e Domínguez Tenreiro, Marta (2020): *De Carballo Calero a Carvalho Calero*. A Corunha: Hércules ediciones. [BIOGRAFIA]

Bernal Rico, Diego e Lagares, Xoán (2020): *Antología de textos para pensarmos a língua: Umha proposta didáctica*. Santiago de Compostela: Através. [ANTOLOGIA ENSAIOS]

Biscainho Fernandes, Carlos (2019): *Farsa das zocas*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega. [NOVA EDIÇÃO E ESTUDO]

Cajaraville, Héctor (2020): *Ricardo Carvalho Calero, a pegada do compromiso*. Vigo: Xerais. [BIOGRAFIA]

Carreiro, Pepe (2020): *Amigo Carvalho. Do Halley ao Hubble*. Corunha: Galiza Cultura Federación. [BANDA DESENHADA]

Carballo Calero, Ricardo (2020): *A Xente da Barreira*. Vigo: Galaxia. [NOVA EDIÇÃO, réplica da primeira e não da última]

Carvalho Calero, Ricardo (2020): *Scórpio*. Santiago de Compostela: Através. [NOVA EDIÇÃO, duas edições]

Carvalho Calero, Ricardo e Otero Pedrayo, Ramón (2020): *Polos camiños das horas: Epistolario de Ricardo Carballo Calero e Ramón Otero Pedrayo*. Preparado por Arias Chachero, Patricia; Cosme Abollo, Nélica e Estévez Iglesias, Adrián. Corunha: RAG [EPISTOLÁRIO]

Dacosta, Henrique (2020): *Carvalho Calero, vida e obra dun ser polifacético*. Vigo: Xerais. [BIOGRAFIA]

Dobarro, José Maria (2020): *Ricardo Carvalho Calero. Ferrol a minha terra (versos ferroláns)*. Ferrol: Embora. [ANTOLOGIA POESIA]

- Fernández Carnicero, José Luis (2020): *Cantando a Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Conselheria de Cultura, Educación e Universidade. [POESIA MUSICADA]
- Fernández Lorenzo, Rafael (2020): *Abecedario de Ricardo Carvalho Calero*. Cangas do Morraço: Morgante. [BIOGRAFIA]
- Fernández Mirás, Paulo (2019): *Antologia da poesía em galego: Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Através. [ANTOLOGIA POESIA]
- Fernández Mirás, Paulo (2020): *Ricardo Carvalho Calero. Unha vida pola Galiza e o galego*. Vigo: Ir Indo. [BIOGRAFIA]
- García Negro, Pilar (2019): *Ricardo Carvalho Calero: A ciencia ao servizo da nación* (2ª ed.). Santiago de Compostela: Laivento. [ANTOLOGIA ENSAIOS]
- García Negro, Pilar (2020): *Ricardo Carvalho Calero. Orador. Discursos e leccións*. Santiago de Compostela: Parlamento da Galiza. [ANTOLOGIA ENSAIO]
- García Negro, Pilar (2021): *Rectificar a historia. Escritos sobre Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Laivento. [ANTOLOGIA ENSAIO]
- García Negro, Pilar e Castelao Mexuto, Manuel (Ed.) (2022): *Ricardo Carvalho Calero. Obra literaria: poesía, teatro e narrativa*. Mandaio - Cesuras: Biblos. [OBRA COMPLETA]
- García Soto, Luis e Roca Tareixa (2020): *Carvalho sempre. Alustres de vida e obra*. Corunha: Espiral Maior. [BIOGRAFIA]
- Pallarés, Pilar (2020): *Ricardo Carvalho Calero. Beleza, verdade*. Santiago de Compostela: Chán de Pólvora. [ANTOLOGIA POESIA]
- Paradelo, Xico; Veiga, Irene e Suárez, Iván (2020): *Ricardo Carvalho Calero. Coraçom de terra*. Santiago de Compostela: Demo editorial e Através. [BANDA DESENHADA]
- Rabuñal, Henrique (2020): *Ricardo Carvalho Calero. O anxo da terra*. Vigo: Galaxia. [BIOGRAFIA]

**Ricardo Carvalho Calero ...  
por fim!**

AA.VV. Cadernos de Estudos Xerais

Sada, A. C. Irmáns Suárez Picallo, 2020

António Gil Hernández



**F**olheto ou mais do que folheto, em apenas 52 páginas densas e com informação (e variedade) maior e melhor do que talvez ... *Actas de Congressos* institucionais ou institucionalizados. Os *Cadernos de Estudos Xerais*, da betanceira A. C. Suárez Picallo, alcança com este o volume 17, como digo, pleno e diverso, e sem os atrancos da censura, nem prévia nem "pósvia". Ótima resenha será mostrar excertos dos artigos que o integram:

**Apresentaçom (p.1)**

[...] o Caderno que a *Asociación Irmáns Suárez Picallo* tira hoje do prêlo alicerça-se em todo aquele conjunto de esforços privados e colectivos e, prévia a inevitável escolha, entre dúzias de possíveis, dum feixe de autores, vem dar fé do indubitável magistério ético, intelectual e literário que dom Ricardo representa para o nosso país.

É projecto desta instituição publicar um segundo Caderno no decorrer do presente ano, tal a riqueza e o viçoso polifacetismo do nosso inesquecível ferrolám.

**Quadrinho (Xaquín Marín, p.2):**



**O promotor de *A nosa cinza* (Xavier Alcalá, pp. 3-5):**

Si podo asegurar que entre 1973 e 1979 ocorreron feitos que viriam consolidar a minha admiración por Carballo: a publicación de *A nosa cinza*, a aparición da colección Noroeste da editorial Sá da Costa de Lisboa e fiación da malha de conhecimentos persoais entre os profesores Manuel Rodrigues Lapa, Ernesto Guerra da Cal e Ricardo Carvalho Calero. Na periferia dessa malha estivem eu, sempre tratado con mostras de agarimo. O que aprendim deles mudou a minha trajetória vital.

Contodo, na orde dos agradecimentos devo comezar pola aventura d'*A nosa cinza* [...]

Daquela foi quando dom Ricardo me falou directamente. *A nosa cinza* devia-se publicar. Procurou-lhe editor e a súa aposta funcionou. [...]

Isso devo-lho a dom Ricardo, como lle devo o seu apoio na batalla que tentamos dar desde o reintegracionismo. [...]

**Don Ricardo Carvalho Calero na Academia (Xosé Luís Axeitos, pp. 6-11):**

Os expedientes académicos e institucionais adoitan, pola súa propia natureza, ser asépticos e parcos. O de D. Ricardo Carvalho Calero non é unha excepción neste senso pero algúns datos cobran hoxendía especial relevancia debido aos moitos anos de postergación que padeceu por parte da Real Academia Galega. Compre valorar que o seu expediente comeza sendo presidente da RAG D. Manuel Casás e remata, despois de pasar pola presidencia de Sebastián Martínez-Risco y Macías, con D. Domingo García-Sabell. [...]

Obviamente o seu expediente comeza cando é nomeado "Correspondiente" no ano 1951 a instancias de Vales Villamarín, Otero Pedrayo, José Luís Bugallal e Leandro Carté. A breve proposta, en castelá por suposto, sinala ao candidato como "ilustre ensayista ferrolano y notable escritor, autor de la celebrada novela del país [sic] "A xente da Barreira". Non era o redactor desta proposta mecanoscrita, naturalmente, Otero Pedrayo que, como veremos máis adiante, adoitaba dirixirse á RAG en galego e de forma manuscrita. Compre salientar que os asinantes da proposta como "correspondente" de Carvalho Calero non eran integrantes do grupo Galaxia, aínda non conformado como tal por estas datas. Pero si o serán xa cando o presenten como numerario seis anos máis tarde.

Nada hai no expediente ata que seis anos máis tarde a prensa do 3 de abril de 1957 dá noticia do nomeamento como numerario de Carvalho Calero proposta de Otero Pedrayo, López Cuevillas e Ferro Couselo. Fora elexido na sesión celebrada no concello da Coruña, sede da RAG, con data 31 de marzo de 1957 [...] (pp. 6-7)

Todo o artigo merece lectura atenta dos textos oficiais e oficiosos que o académico Axeitos coloca, além dos acima citados; o parágrafo final, breve, torna-se denuncia:

Destaco o último párrafo como sabia opción para que a literatura non atope caminos pechados de tipo normativo tal como ocorre na actualidade. (p. 11)

**Carvalho Calero e Fernando Cadaval. Uma dilatada convivência**  
(Xoán Costa, pp. 12-15):

Quando em 1979 Carvalho Calero publica *Estudos Rosalianos. Aspectos da vida e da obra de Rosalía de Castro* inclui no volume um artigo "O motivo do cravo" e, no final do texto, a referência da primeira publicação: "La Noche, suplemento del sábado, núm. 5, 12 noviembre 1949".

Consultada essa referência no suplemento original, comprovamos que esse artigo, com idêntico contido, aparece assinado por Fernando Cadaval no suplemento do diário compostelano. É esta a primeira duma série de colaborações que com esta assinatura se iriam estender até 1964 nesse meio e noutros até bem entrada a década de 1970.

Em abril do ano seguinte, 1950, o próprio jornal *La Noche* indica que este Fernando Cadaval é pseudónimo de Ricardo Carvalho Calero. Difunde-o ao dar conta da concessão a Carvalho do prémio de romance instituído pela sociedade Bibliófilos Gallegos e que recaí na obra *A xente da barreira*. A este respeito diz o diário vespertino santiaguês:

"Ricardo Carballo Calero, el novelista galardonado, es un escritor de merecida fama en los círculos literarios gallegos... Las últimas muestras de su pulcro estilo como prosista aparecieron en LA NOCHE, donde colabora bajo el seudónimo de Fernando Cadaval". (p. 12)

Na página seguinte Xoán Costa dá conta doutros pseudónimos utilizados por Carvalho.

**Carvalho Calero, o sabio polígrafo** (*Miguel Anxo Fernán Vello, pp. 16-18*):

En toda a obra de Carvalho, como escritor, lingüista e investigador, máis tamén como profesor e orador, brilla a sabedoría. Unha caste de sabedoría "emancipadora", como expresaría Habermas, e tamén unha sabedoría aberta á razón literaria. O noso sabio e polígrafo será sempre no tempo — tamén pola súa posición lingüística — unha referencia ineludíbel, un paradigma incesante. Na harmonía futura da República Libre escintilará ben alta a figura de Ricardo Carvalho Calero. (p. 18)

**O compromiso galeguista de Carvalho Calero e a fidelidade aos seus postulados lingüísticos** (*Xosé Ramón Freixeiro Mato, pp. 19-22*):

En definitivo, Carvalho Calero traballou en prol da lingua galega e ao servizo da nación con grande esforzo e dedicación, e con fidelidade aos principios galeguistas que defenderan Murguía, Castelao ou Vilar Ponte, entre outros. Así como durante a guerra civil loitou disciplinadamente a favor da causa da liberdade e da democracia, pagando o seu compromiso e a súa fidelidade coa privación da liberdade, unha vez conseguida esta e incorporado á vida civil na súa propia terra, traballou co mesmo esforzo e sacrificio ao servizo da causa galeguista, simbolizada no seu caso na defensa, estudo e dignificación do idioma propio, ben como na elaboración dunha proposta reintegracionista na procura de garantir o seu futuro. De certo que non foi o único da súa xeración en dedicar a súa vida a tan nobre causa, mais ninguén o puido facer con máis responsabilidade e disciplina. (p. 22)

**Ricardo Carvalho Calero: onte e hoxe** (*María Pilar García Negro, pp. 23-24*):

En 2010, centenario do seu nacemento, quixen recordalo editando o volume que dei en titular *Ricardo Carvalho Calero: a ciencia ao servizo da nación*. Nestas datas, acordei reeditalo, como homenaxe directa — antoloxía mediante de estudos e de textos ensaísticos da súa man — a unha obra que continúa sendo viva, útil e chea de suxestións para o noso presente. Animar a súa lectura demorada e atenta confortaranos nunha galeguidade tan precisada de reforzos e de instrución sobre nós mesmos. Que a celebración do Día das Letras Galegas sirva, pois, para este exercicio de (re)coñecemento e de avance na nosa identidade conscientemente posuída. (p. 24)

**Vivências com Dom Ricardo Carvalho Calero** (*Maria do Carmo Henriques Salido*, pp. 25-30):

Das minhas vivências vou assinalar apenas quatro: a primeira a do curso académico 1965-1966 na Faculdade de Filosofia e Letras (Secção de Filologia Românica) na Universidade de Santiago [...]. A segunda tivo lugar nas duas primeiras semanas de agosto do ano 1972, quando Dom Ricardo me acompanhou à igreja de Sar em Compostela (era a minha paróquia), pois que o pároco precisava saber (por duas testemunhas) se nom estava casada em nengumha parte do mundo; a resposta fora: 'até onde el sabia, nom estava casada'. A terceira será o dia 30 de outubro de 1980, quando lhe dedicamos um exemplar do livro de 1.º de Bacharelato (Enríquez Salido e Fernández Pérez, 1980), em que se aplicavam ao ensino secundário as normas denominadas 'de mínimos' [...]. A quarta inicia-se no ano 1981, em que se legaliza a 'Associação Galega da Língua' (AGAL), e finaliza em Ferrol o dia 7 de janeiro de 1990, quando o acompanhamos na Câmara Municipal, para receber o título de 'Filho Predilecto'. Desta última existe informação em Henriques Salido (1984), na revista *Agália* e publicações como as Actas dos quatro congressos internacionais (1986, 1989, 1992 e 1996). (pp. 25-26)

**Carvalho Calero e Suárez Picallo** (*José M. Montero Santalha*, pp. 31-35):

No capítulo 16 [da] segunda parte [de *Scórpio*] já começou a guerra. Aqui narra-se uma visita de Carvalho (Rafael no romance) a Castelao na sua pensão; e chega também ali o deputado Suárez Picallo:

Estamos em guerra, e nom sabemos cando esta guerra acabará. [...]

Rafael levou-me a ver o deputado Castelao. Estivemos bastante tempo na pensom em que vive. Chegou outro deputado galeguista, Ramon Suárez Picallo. Conhecia algo ambos, porque Rafael mos apresentara no *Lucky Club*!...!

"Que chefe político perderom os facciosos coa morte de Calvo Sotelo!", di Suárez Picallo. "Foi um assassinato, hai que condená-lo; mas como negar que restou à rebeliom um tanto importantíssimo? Quem senom Calvo Sotelo ia ser o caudillo político do movimento subversivo?"<sup>7</sup>

O fim da guerra civil marcaria a separação entre os dois amigos, que já não voltariam a encontrar-se: Suárez Picallo no exílio americano e Carvalho Calero na prisão primeiro e depois no longo exílio interior. (p. 35)

É o fim de um artigo que o autor distribuiu em duas secções, "No Partido Galeguista" e "Na guerra civil espanhola".

**[De] Santiago, Ferreira, do Vale ...** (*José-M.<sup>a</sup> Monterroso Devesa, pp. 36-39*):

O autor, estudioso incansável de patronímicos galegos, diz em carta a Carvalho (19 de janeiro de 1990), reproduzida no artigo, sob a epígrafe "Umha portuguesa camuflada":

É do caso, lembrado Professor, que no Arquivo Histórico Diocesano de Santiago de Compostela (AHDS) acabo de achar, em Sam Jorge da Corunha, a partida de baptismo de Francisca Herrera Garrido, nascida o 6 de Mayo de 1869, filha de Manuel e de Josefa, da mesma freguesia, e neta paterna de António e Maria Silvestra Hernández, esta da mesma paróquia e aquel, atencom, "de Angara (sic), en Portugal", é de supor Angra do Heroísmo, nos Açores.

Ora, como esse Herrera português era estranho, seguim rastejando e topei, em 1819, com a acta do baptismo do pai, Manuel Ferrera (sic), "hijo de Antonio Ferrera, de San Mateo, Angra", donde se deduz que a versom original do castelhaníssimo Herrera fora, neste caso, Ferreira! Algo do que se passou com os Linares-Rivas (que foram Liñares/Linhares) ou os cervejeiros Rivera (Ribeira que foram). (p. 38)

**Ricardo Carvalho Calero** (*Camilo Nogueira, pp. 40-41*):

Acho interessante a confissão do Camilo, que cabe acrescentar com intervenções de terceiros de modo que a "Disposición adicional" da LNL (1983)<sup>1</sup> não tornasse obrigada o uso das denominadas NOMIGA.

Tratei a Ricardo Carvalho Calero sobre 1982. Caida a Ditadura franquista, e recoñecida Galiza como Nacionalidade, a consecución dun Parlamento propio foi o resultado dunha singular batalla democrática.

Desde esa realidade, a primeira Lei entre as formuladas e aprobadas polo Parlamento de Galiza, como outras próximas, por iniciativa de Esquerda Galega, foi a *Lei de Normalización Lingüística*.

Lembrando a obra presidida por Rosalía Castro e a de todo o galeguismo, a acción de Carvalho Calero respondeu a realidades presentes e históricas inequívocas, como a do galego como "Língua Nacional e Universal".

Non se pode esquecer que se no texto presentado por Esquerda Galega se

---

<sup>1</sup> *En las cuestiones relativas a la normativa, actualización y uso correcto de la lengua gallega, se estimará como criterio de autoridad el establecido por la Real Academia Gallega. Esta normativa será revisada en función del proceso de normalización del uso del gallego.*

integraba explicitamente no Limiar a identidade histórica e presente do galego e do portugués, unha parte dos membros do Parlamento [Alianza Popular, do Fraga?] o impediu. Tampouco que representantes en Galiza do poder estatal [García-Sabell, então delegado do "gobierno" e presidente da RAG] negaron a inclusión do deber de coñecer o galego aprobado no Parlamento, unha forma profundamente agresiva, que o deixa en inferioridade a respeito do castelán.

Duas desgraciadas realidades a superar axiña. Necesariamente. (p. 41)

### **Carvalho Calero entre Rosalía e Castelao** (*Henrique Rabuñal, pp. 42-45*):

Carvalho Calero pasou a vida estudando e escribindo con especial dedicación a dúas figuras, Rosalía de Castro e Castelao. Na súa opinión, son dous autores que sumando as súas achegas artísticas e os seus compromisos cívicos acadan a condición de heroes nacionais, os que representan no seu grao máis alto a galegitude, quen mellor reflicten e representan o país que os idolatra e que os converte en lenda. En *Sete poetas galegos* (1955) Rosalía é unha das figuras escollidas. Ela e Castelao son protagonistas das *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea* (1955), da *Historia da Literatura Galega Contemporánea* (1963) e do *Breviario antolóxico de la literatura gallega contemporánea* (1966).

O autor assinala os aspetos máis importantes de ambos os vultos em que se detém Carvalho.

### **O nacionalismo de Ricardo Carvalho Calero** (*Francisco Rodríguez, pp. 46-49*):

Voume referir a este aspecto da configuración mental dun home galego que se caracterizou pola fidelidade ao ideario nacionalista, malia pasar por circunstancias tan adversas, críticas e ameazantes, desde o momento xa en que, sendo aínda mozo, formou familia propia, coas responsabilidades derivadas. Fágoo consciente desta palabra, hoxe máis que na súa época, resultar proscrita, interdita e terxiversada no seu sentido orixinario, prístino e xenuíno. Este non é outro que: ideoloxía que defende o dereito á liberdade dos pobos ou nacións oprimidos, a través do exercicio do dereito de autodeterminación, de forma que decidan libremente o seu destino, en forma de instauración dun Estado propio, independente, ou de forma federal xenuína, isto é, con soberanía partillada con

outras nacións. Digamos xa que Ricardo Carvalho Calero era un nacionalista autodeterminista, como el mesmo se cualificaba tamén nos derradeiros anos da súa vida. (p. 46)

**Ricardo Carvalho Calero: breve disquisiçom antroponímica** (José Luís Rodríguez, pp. 50-52):

No iníciio o autor promete

[...] umha disquisiçom sobre os nomes e apelidos do autor, pretende fundamentalmente alicerçar como única válida para o futuro homenageado, a forma "Carvalho", e nom a variante "Carballo", com que alguns, especialmente nas esferas oficiais, ainda teimam em denominá-lo. (p. 50)

No parágrafo final compendia a sua exposiçom e, com ele, estas minhas peculiares resenhas do folheto betanceiro::

D. Ricardo, como lhe chamávamos, optou por "Carvalho" como a sua marca identificadora para a eternidade, tanto literária como pessoal. Assim como no caso dumha obra a última modificaçom introduzida por um autor é a que conta para a crítica competente à hora da fixaçom definitiva do texto, também a forma por ele querida para o seu nome o deve ser. Nom há sombra de dúvida da sua vontade: mesmo no seu testamento ológrafo estampou, coerentemente, "Carvalho". Elegeu ser "Ricardo Carvalho Calero", e esta escolha final sua desautoriza a opçom "Carballo", seja qual for a ortografia galega empregada, os pretensos problemas legais que puder originar, os "Carballos" familiares invocados, etc., etc., para toda pessoa de bem ou instituiçom séria que à sua figura se abeirar. Mais ainda, se considerarmos que "Carvalho" nom é mera variante gráfica circunstancial, mas pórtico simbólico de toda umha reestruturaçom ortográfica, destinada a conferir dimensom internacional à nossa língua. Programa já enunciado, há um século, por Johan Vicente Viqueira, que o contexto galego da altura nom permitiu acometer. Dizia J. V. Viqueira, em palavras sem dúvida caras a D. Ricardo:

*Insisto moito n'isto da ortografia, porque ela terá unida à purificaciom da lingua unha virtude mágica: fará da nosa fala campesina, aillada e probe, unha lingua universal, de valore internacional e instrumento de cultura* ("Nosos problemas educativos", 1918).

**José Luís Rodríguez,  
nos trilhos da língua**

Docentes de Estudos Portugueses

Faculdade de Filologia - USC,  
Através Editora, 2020

António Gil Hernández



**A** origem e base desta resenha foi *Carta aberta ao amigo José Luís*, publicada no PGL da AGAL em 8 de janeiro de 2022. Foi conversa epistolar, sucinta, com o amigo (necessariamente continua a sê-lo) sobre a longa entrevista que constitui o livro citado.

Zé Luís, li com fruição o teu livro-entrevista, *Nos trilhos da língua* (Compostela, Através, 2019). Gostei imenso lembrando tempos idos e alguns muito presentes. Gostei e na releitura de algumas passagens, muito mais ainda. É por isso que me permito comentar notícias, que das nele, sem maior ânimo do que singelamente comentar, só comentar.

Começo pelas referidas à tua tese.

Perguntam-che: *A tua tese consistiu, pois, na edição da obra de Joám Airas de Santiago: por quê finalmente Joám Airas e não outro? etc.*

Respondes: *Na verdade, a escolha do tema proposto por Rodrigues Lapa foi devida também a ser umha espécie de ponto de encontro entre a filologia e a história literária, pois eu na altura leccionava gramática histórica (do espanhol) e literatura portuguesa, e nom sabia ao certo o rumo que seguiria a minha carreira académica. [...] Ora, quando eu comecei com a tese [...] a Galiza era um ermo neste campo, de facto só o trabalho de Méndez Ferrín, de 1966, sobre Pero Meogo se podia considerar universitário. A própria biblioteca da Faculdade, por exemplo, carecia de livros específicos, de maneira que, em breve, a minha biblioteca pessoal era bem melhor. (pp. 55-56)*

Tenho diante a edição da tese (*El Cancionero de Joán Airas de Santiago*, Universidad de Compostela, Verba, anexo 12, 1980, 407 pp.) que defendeste em 14 de junho de 1976, em castelhano. A inércia universitária impediu usares a língua da Galiza, apesar de já em 1970 ser permitido o aprendizado das "lenguas nacionales" (sic) em âmbitos do ensino, em virtude da *Ley 14/1970, de 4 de agosto, General de Educación y Financiamiento de la Reforma Educativa*, do ministro (de Franco) Villar Palasí<sup>1</sup>, que na realidade, com maior ou menor acerto e não muitas mudanças, foi mimetizada nas sucessivas *Leyes de Educación* da democracia plena: 1 de UCD, 3 do PSOE, 1 PP, 1 PSOE, 1 PP, 1 PSOE ... por agora, 8 em 40 anos. uma cada cinco. A do Villar era *Ley General*; as seguintes, democráticas, não chegam a *Ley Coronel*.

Lembrarás aquelas sessões de sábados em que me tomaste como assessor hispanófono, por aquilo de ser de Valhadolid, para perfilares a tradução castelhana das cantigas do Joán Airas. Vistos hoje e mesmo então, esses labores e lavragens sobejavam: é impensável que os integrantes do tribunal, sábios sem dúvida, precisassem de tradução nenhuma para julgar o teu trabalho. Contudo, sim é pensável ... Sei de tese, defendida em castelhano, sobre temas galegos, no mês de julho de 2.000 em Universidade da CAG. Neste caso, segundo parece, a opção foi por prudência para evitar objeções de algum tribunicio.

Anedóticas, mas algo tristes, são as tuas apreciações sobre o catedrático de Galego, por carambola, Ramón Lorenzo Vázquez (p. 68). Lembro dele várias anedotas, separadas por bastantes anos, que em parte corroboram a tua opinião.

Uma primeira, nos meus tempos de estudante, aconteceu na aula de Linguística Geral que ele ministrava. Eu redigira em castelhano um soneto, ou parecido, que mostrava a uma companheira. Ramón Lorenzo observou-o e pediu-me que lho mostrasse. Seja como for, aconselhou-me que elaborasse o

---

<sup>1</sup> Achei pela rede opiniões sobre Villar Palasí, o pai do EGB: "hablaba 15 idiomas. // Valenciano de Ruzafa, el ministro que creó la valiente Ley General de Educación se opuso a los sectores más conservadores tras una feroz crítica al sistema de enseñanza del régimen. // "No, no hablaba 8 idiomas; hablaba 15 ó 16: chino, japonés, árabe, polaco...", explica José Luis Villar Ezcurra, hijo de José Luis Villar Palasí, o "ministro de Educación y Ciencia que escribió, literalmente, la Ley General de Educación de 1970. / El padre de la EGB, a diferencia de la mayoría de ministros y presidentes posteriores, gozaba de «una facilidad innata para los idiomas. Era un autodidacta, se aprendía los diccionarios". Entre as línguas estrangeiras *normales* seu filho incluí o holandês, "la primera que aprendió en Valencia porque no encontraron profesor de las otras: inglés, italiano, alemán...". Usaba o valenciano, "no sólo con la familia, sino también en discursos. Su madre, mi abuela, hablaba mal el castellano".

seguinte em galego. Já vês que segui o seu conselho, porque me pareceu muito razoável.

Outra foi bastantes anos depois, definidos uns e outros quanto à Orthographia do Galego. Eu já era PN de Secundária, na Crunha, mas quis completar os estudos de Galego-Português (acho que ainda era essa a titulação) na USC, única existente na CAG. Enquanto Ramón Lorenzo me viu na aula, deveu de sentir um impulso estranho, porque sei que, acabada a sessão, baixou veloz à Secretaria para comprovar se eu estava legalmente matriculado. A anedota tem uma segunda parte. Casualmente coincidimos no elevador, penso que em ocasião próxima à referida, e falamos. Ele me reprovava que não escrevesse em galego. Eu já colaborara em *El Ideal Gallego*, na secção *Lapela* de crítica mais ou menos literária, e em *A Nosa Terra*. Seguiu a conversa, breve, e num momento perguntei-lhe, já que me propusera ser fiel a Rosalia: *A que Rosalia devo seguir, à que escreve delor, a que escreve dolor ou a que utiliza dor?* Logicamente optou por esta. Repus que eu estava de acordo e que por isso escrevia em reintegrado.

Houve episódios *universitários* que evidenciam a existência de algum *contubérnio* contra o *lusismo* e os *lusistas*, contra Carvalho Calero, mesmo por pessoas decentes e, apesar de tudo, amigas, que explicam os episódios prévios e contrários à implementação (diz-se assim?) da Cátedra de Português ao teu nome e méritos (pp. 123-135 e mais).

Aquele intento de conseguir o título de licenciado em Galego-Português deu-me ocasião de conhecer textos "científicos" citados para as suas aulas pela Prof.<sup>a</sup> Rosário Álvarez em particular um meu "*Comer o caldo ou come-lo caldo*", publicado em *O Ensino* (vol. 2, maio-agosto 1981, pp. 39-43), mas curiosamente, esta colega nos estudos filológicos sob o Prof. Constantino García (dep), omitia-o no seu "O artigo em galego. Morfoloxía" (USC, Servicio de Publicaciones, *Verba*, 1983, pp. 169-182). Tenho por mais divertido o facto de ela admitir uma terceira forma do artigo (-no, -na, -nos, -nas), que recusa por improdutiva. Curioso argumento.

A Prof.<sup>a</sup> Vázquez Cuesta foi a primeira presidente da *Associação / Asociación de Amizade Galiza-Portugal*, de que *abjurou* em carta muito triste, enviada ao ativista persistente José Luís Fontenla. Talvez essa *abjuração* fosse uma das condições impostas para ela passar a Catedrática de Português na USC. Este é

episódio por que prudente e cortês passas sem o referir. Aqueles *Ramón García* (que recolhes de Carvalho Calero), mais os *García* do que os *Ramón*, decerto controlavam as movimentações galeguistas desde a *política nacional* mais do que desde a estritamente autonómica; em particular controlavam os jornais, sobrealimentados com os nossos impostos.

Rafael González (dep), diretor de *El Ideal Gallego* (entre 1972-1980), em que eu colaborava na secção *Lapela*, comentou-me que recebera pressões para eu ser ... reduzido. E assim acabou sendo até ser de facto demitido. Tivemos conversas justamente sobre língua e sobre ortografia. Ele, que era andaluz, de Osuna, disse-me, confessou-me que os filhos, quando iam à Andaluzia natal do pai, se queixavam porque não entendiam a fala da gente. Por sinal, foi Moncho Pena, que fora estudante meu no C.U. da Crunha e amigo então, quem me indicou que colaborasse nesse jornal, pois ele passava a *La Voz de Galicia*.

Permite que, à margem, lembre que, ao dia seguinte das manifestações maciças contra o *aldraxe* (4 de dezembro de 1977?) da elaboração do *Estatuto de Autonomía para Galicia*, o jornal *El País*, BOE oficioso, lançou um esclarecedor artigo editorial, em que advertia às *fuerzas vivas* do *Reino del Bourbon* que o nacionalismo galego era potencialmente muito mais perigoso do que os outros nacionalismos, dado que a Galiza já tem conformado e instaurado o seu estado natural, que é a República Portuguesa. Não o dizia assim, mas dizia-o<sup>2</sup>.

Continuemos com a AGAL e com o reintegracionismo que enraizas em Carvalho (*Ideal, patriotismo, amor à verdade, eis as linhas programáticas gravadas no seu ADN*, p. 71) e em Lapa (*O que Lapa nunca foi: um oportunista. [...] No fim de contas, um perfil, o de Lapa, nom tam diferente ao de Carvalho Calero, cada um segundo a sua idiosincrasia evidentemente, ambos insubornáveis, mas só subordinados ao império da verdade [...] mais frontal Lapa [...]: ambos profundamente idealistas, e portanto radicais, no sentido etimológico de ir à raiz, desconsiderando as conseqüências*. (pp. 74-75) Excelente programa que

---

<sup>2</sup> Isso eu tinha escrito. Consultei ao José António Gaciño que me responde:

O 4 de dezembro do 1977 celebráronse manifestacions pola autonomía. As mobilizacions polo *aldraxe* foron no 1979 e promovidas principalmente desde os concellos progresistas, nos que se fixeron encierros na noite do 21 ao 22 de novembro. O 22 pola tarde houbo manifestacions, que se repetiron o 4 de dezembro, por aquilo de aproveitar a conmemoración da manifestación do 77. Creo que en novembro do 79, nos momentos mais polémicos do debate sobre o proxecto de Estatuto, *El País* si publicou informacions e un editorial, no que creo recordar que cualificaba as protestas como maniobras caciquiles.

Se alguma pessoa pode e quiser precisar datas e dados, agradecer-lho-ei bem. Obrigado!

guiou, apesar de todos os pesares, a organização e atividades da AGAL, pelo menos, durante o tempo em que eu participei nela. Confio em que continue pelos mesmos trilhos.

Deixo de parte outros comentários teus e vou ao grão que acho muito pertinente. Dizes (p. 140): *Neste sentido fundacional, sim me reconheço umha espécie de pai da AGAL, reconhecendo contudo que tem mais de um*. Tens toda a razão, embora com bastante frequência, desculpa, te retraíesses, recuasses ... ou mo parecesse. Seja como for, havia pessoas como tu que estimavam urgente fazer como uma divisão de atividades e atuações, umas teorizantes (digamos), outras práticas e mesmo catequéticas (sic). Mas não se logrou. Acaso nestes tempos ...

Continuas: *Quanto ao cenário de atuação da Associação, o preferencial é, logicamente, a Galiza, porque o problema crítico da língua está aqui [...]* A AGAL contou desde os seus inícios com umha Comissão Lingüística. à qual pertencim sempre, cujo primeiro trabalho foi elaborar umha crítica dos pontos em que discrepávamos da normativa do Instituto da Língua Galega e da Real Academia Galega, as Normas ILGA-RAG. Daqui saiu o Estudo crítico das Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego, publicado em 1983 (p. 140)<sup>3</sup>. Foi quase um ano de trabalho *sabático*, sábado trás sábados, no local que nos cedia, da sua livraria, a excelente pessoa de Jesus Couceiro, na Rua de El Salvador, da capitalina Compostela de Prisciliano.

Tenho à vista a primeira edição. A capa foi de Amado L. Caeiro, como o foi a de *Dialéctica do Desenvolvimento: Naçom, Língua, Classes Sociais*, do Prof. Lopes-Suevos. Conhecerás que o Conselho tentou daquela começar as publicações da AGAL por *Da Fala e da Escrita*, do Prof. Carvalho Calero, em Galiza Editora. Mas não pôde ser, após episódios tristes que não vale a pena recordar.

O Estudo Crítico (1983), segundo lembras, *nom pretendia ser umha contra-normativa, mas tornou-se tam exaustivo que se acabou por ver como umha proposta alternativa, a normativa da AGAL. Nas suas páginas*

---

<sup>3</sup> A AGAL (*Associação Galega da Língua*) continua co *Estudo crítico das Normas ortográficas e morfológicas do Idioma Galego (ILG-RAG)*, preparado pola *Comissão Lingüística* da Associação, as publicações que, sob o nome genérico de "Univesalia", procuram contribuir à normalização da cultura galega. A seguir assinala:

Para informar-se sobre a AGAL, pode acudir-se a ... E dão-se os endereços da Presidência, em Ourense; da Secretaria, em Corunha; e da Tesouraria, em Ferrol.

*desenvolveu-se umha crítica da filosofia isolacionista, como se dizia entom, e ao mesmo tempo umha crítica técnica, quase parágrafo por parágrafo, dessa normativa. Foi um esforço encomiável, em circunstâncias muito adversas, físicas e psicológicas, mas também um genuíno produto do entusiasmo que nos possuía. Aprendemos muito uns dos outros, e entre todos fomos desvendando, aos poucos, o que nos parecia ser o autêntico rosto do idioma dos galegos, o galego-português.* (pp. 140-141)

Permite duas precisões, a meu ver, da minha só colheita:

1. O idioma das pessoas galego-utentes hoje deveria ter o nome de *Português galego* ou *Português da Galiza*, dado que o Galego nascido na Gallæcia acabou sendo língua da Corte Portuguesa e daí o Português extenso e útil, como tal idioma e como base de muitos dos crioulos espalhados por mares dantes conhecidos.

2. Na realidade, nos feitos, a crítica à *filosofia isolacionista*, que dizes, foi e é tão certa, do lado da teoria e da história e mesmo do folclore, que os isoladores ILGa-RAGaeiros sempre se negaram a confrontar a sua *ideologia* (mais política do que filológica) com as razões reintegracionistas. Cobardia? Soberba?

Em junho de 1983, aos *Primeiros Encontros Labaca* (Crunha), sob o título *Que galego na escola?*, nenhum membro do ILG nem da RAG se atreveu a discutir perante um grupo de mestres sobre *Orthographia* e, em particular, sobre as NOMIGa que eles, ILG e RAG, aprovaram em reunião anti-estatutária no ano 1982. Só as defendeu um segundo deles e a título oficioso, o Sr, Ferro Ruibal, pouco depois premiado com uma cadeira na RAG. Presencialmente sustivemos a *Tese reintegracionista* Maria das Dores Arribe Dopico (dep), Joám Carlos Rábade Castinheira e mais eu. Pode ler-se a minha intervenção em [academia.edu](http://academia.edu).

Como bem afirmas, [a] *publicação do Estudo crítico das Normas ILGa-RAG, em 1983, por parte de Associação Galega da Língua (AGAL) foi a primeira resposta organizada à onda de oficialismo monolítico imperante a partir da jubilação do Prof. Carvalho Calero.* (p. 141) Organizada e bem formulada, ainda que em aparência os frutos não foram muitos, só em aparência. Por quê?

Porque desde então as/os isoladora/es, "bien pagás y bien pagaos" começaram a viajar mais ao Brasil do que a Portugal para neutralizar *en tierra extranjera* o reintegracionismo. Começaram por insultar e manobrar dentro da

CAG, mas não lhes bastou. Viajaram e viajam ao Brasil, faziam e fazem *anti-a-boa-nova* de o Galego ser língua transmacional.

E porque, quando souberam, por sopro de alguma gente portuguesa, que os reintegracionistas da *Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa* (F-AGLP) já foram admitidos como observadores consultivos da CPLP, houve imediatamente um espantoso contubérnio que logrou desaprovar o acordo já aprovado. E persistiram no intento de apagar qualquer presença de reintegracionistas na CPLP, introduzindo-se o ConCulGa, entidade oficial no RbE, entre as entidade não governamentais, observadoras consultivas na CPLP.

Apesar dos seus intentos, a F-AGLP já é observadora consultiva junto da Associação de Professores de Português.

Acabo com uma longa citação tirada, aos extratos, das pp. 144-148. Responde cabalmente às questões:

*Com frequência, temos ouvido que tu tiveste um papel decisivo no pensamento reintegracionista de Carvalho Calero. É assim? Como pessoa que cultivou a amizade com ele, quando o Prof. Carvalho começa a perspetivar a língua do ponto de vista reintegracionista? (p. 144)*

E respondes:

*Já me tenho referido a esse rumor alguma vez. É certo que tive a honra de manter amiudadas conversas com o Prof. Carvalho Calero, ao longo dos anos em que se posicionou, primeiro, e depois exemplificou, ilustrou e defendeu o reintegracionismo, mais e melhor que ninguém, amiudadas conversas, digo, sobre este tema fulcral, tanto no respetivo a problemas concretos de normativa como de filosofia geral e problemática social que podia envolver. (pp. 144-145)*

Precisas:

*É possível que tenha contribuído, modestamente, ao esclarecimento dalgum ponto no pensamento e execução do reintegracionismo em Carvalho Calero, ou à maturação de outros. [...] Também é verdade que quando Carvalho começa a empregar a 'nova' ortografia, dita entom 'de máximos', muitos dos seus textos mos passou para ler previamente, e eu fazia sugestons, nom só ortográficas, mas linguísticas em geral, nunca em todo caso conteudísticas, e D. Ricardo, na lógica da sua dominância enquanto autor do texto, aceitava umhas e desconsiderava outras, como é natural. (p. 145)*

Conheço esse procedimento, porque, como lembrarás, foi o seguido por mim, quando iniciei as colaborações em *El Ideal Gallego*. Continuemos:

[...] *Carvalho Calero na década de 70, e no novo contexto da autonomia e do ensino universitário do galego, só atualizou e desenvolveu um pensamento que, em germe, vinha de muito longe. Nom há propriamente umha ruptura ideológica sobre a língua, embora se encontrem pequenas e pontuais contradicións, numha certa flutuaçom ao longo de tantos anos, que nom invalidam a coerência geral do magno edificio do seu pensamento.* (p. 147)

E acabamos num final perfeito:

Entom, a pergunta de quando começa Carvalho Calero a perspectivar a língua sob a óptica reintegracionista tem duas respostas:

Do ponto de vista filosófico, de ver o galego como um ramo do mundo linguístico galego-português e nom como umha variedade independente, se bem que autónoma, desde sempre.

Do ponto de vista da retomada da ortografia galega antiga, harmonizada com a portuguesa que no essencial é a mesma, penso que no momento em que começa a escrever com -lh-, -nh-, e outros grafemas ou usos inexistentes na tradiçom castelhana moderna, de que bebia o galego na altura.

Quando? Finais da década de 70, princípios da década de 80. Algo tenho escrito sobre o tema ...; por exemplo, se nom me engano, na apresentação "Ricardo Carvalho Calero, Gallæcia Magna", no simpósio corunhês *Ricardo Carvalho Calero. Memória do Século*, em 2000, assim como pinceladas em "Ricardo Carvalho Calero, professor na USC" (Ferrol, 2010) ou em "O labor universitário de Ricardo Carvalho Calero" (A Corunha, do mesmo ano), estas duas últimas de Ferrol e A corunha em 2010, com motivo do centenário do seu nascimento. (pp. 147-148)

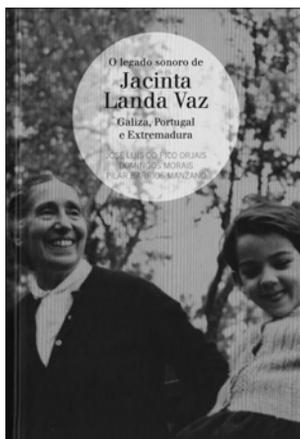
Abraço, António Gil Hernández

***O legado sonoro  
de Jacinta Landa Vaz.  
Galiza, Portugal e Extremadura***

José Luis Do Pico Orjais  
Domingos Morais  
Pilar Barrios Manzano

Santiago de Compostela,  
aCentral Folque, 2017

Uxía Bolaño Amigo



**E**m 1958, uma estremenha de 64 anos de idade entrava numa cabine de gravação disposta a registar em microsulcos um conjunto de canções cantadas a *solo* e a *capella*. O estúdio estava numa dependência anexa ao cinema Cinelandia, no número 6 da Rua San Juan de Letrán, em México D.F. Essa mulher era Jacinta Landa Vaz, uma exiliada republicana com um tesouro que nem sequer a rapina franquista lhe pôde confiscar: sua memória (José Luis do Pico Orjais, 2017, p. 47).

Jacinta Landa Vaz (1894-1993), estremenha de nascimento foi, entre outros muitos aspetos que poderíamos pôr em relevo do seu intenso percurso vital, mestra formada no ambiente e princípios da *Institución Libre de Enseñanza* (em adiante, ILE) em Madrid. Nasceu no seio de uma família onde recebeu uma educação livre-pensadora orientada por um pai mação e institucionista, da mesma forma que as suas irmãs Matilde (1904-1942, feminista e líder comunista que, logo de sofrer a repressão e tortura franquista, é forçada a suicidar-se no cárcere de mulheres de Palma de Maiorca<sup>1</sup>), Aida (1888-1966) e o seu irmão Rubén (1890-1978, pedagogo e catedrático de filosofia

---

<sup>1</sup> Sobre Matilde Landa cumpre destacar a obra de Ginard Féron, David (2005). *Matilde Landa. De la Institución Libre de Enseñanza a las prisiones franquistas*. Barcelona: Flor del Viento Ediciones, que permite afundar na vida marcada pela resistência e a coragem desta mulher “à que não puderam pendurar nem crucifixos nem sotainas”, tal e como canta o grupo navarro de rock Barricada no seu álbum *La tierra está sorda* (2009).

intimamente ligado às iniciativas promovidas pela ILE <sup>2</sup>).

Especializada no ensino de crianças surdas, mudas e cegas, Jacinta inicia, entre 1917 e 1924, um itinerário de imersão na cultura galega (que, como filha de portuguesa, não lhe resultava alheia) acompanhada por João Vicente Viqueira, com quem contraiu matrimónio civil no ano 1917. O casal, instalado na Quinta de São Vitorio (Vijoi, Bergondo) recebe, num período de cinco anos, três filhos (Luisa, Jacinto e Carmen).

Logo da prematura morte do reconhecido filósofo e membro das Irmandades da Fala, Jacinta traslada-se com os três meninos a Madrid, onde se situa entre o círculo de mulheres mais ativas na reivindicação dos direitos sociais, ao participar como fundadora do *Lyceum Club Femenino Español*<sup>3</sup>. Neste tempo funda e dirige dois centros educativos inspirados nos princípios institucionistas: a *Escuela Internacional Española*, aberta ao público no ano 1928 junto com o discípulo de Francisco Giner e secretário da *Junta para la Ampliación de Estudios José Castillejo*; e, posteriormente, a *Escuela Plurilingüe* (1933).

O seu compromisso com a República levou-a ao exílio mexicano onde, talvez a saudade fizera que gravasse cantigas evocadoras da sua infância estremenha em Badajoz e na quinta familiar de Cabezarrubias; melodias da terra da sua mãe, Portugal; temas galegos; e ainda outras canções da ILE e da colónia de San Vicente de la Barquera, entre outras cantigas infantis e contos. As gravações, herança sentimental a filhas, filho e netas/os, chegam hoje às nossas mãos, possibilitando um retorno que Jacinta não pôde fazer em vida.

O investigador e músico rianjeiro José Luís do Pico Orjais, junto com Domingos Morais (Universidade de Lisboa) e Pilar Barrios Manzano (Universidade de Extremadura), brindam-nos, nesta formosa edição, o legado sonoro de Jacinta Landa Vaz, contribuindo a amplificar a voz desta mulher silenciada pela História.

---

<sup>2</sup> Centrado na figura de Rubén Landa, podemos aludir ao livro de Rangel Mayoral, Modesto Miguel (2006). *Rubén Landa Vaz. Un pedagogo extremeño de la Institución Libre de Enseñanza en México*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.

<sup>3</sup> Presidido por María de Maeztu, teve entre as associadas relevantes figuras do ativismo feminista: Clara Campoamor, Victoria Kent, Isabel Oyarzábal, Zenobia de Camprubí ou Encarnación Aragonese (mais conhecida como Elena Fortún), entre outras. O Lyceum foi crucial na defesa da igualdade, da incorporação das mulheres ao mundo laboral, do sufrágio feminino, entre outros aspetos no caminhar cara a justiça social.

A monografía preludia com uma entrevista à antropóloga mexicana Jacinta Palerm Viqueira, neta de Jacinta Landa Vaz. Estrutura-se em quatro partes diferenciadas com um mesmo baixo contínuo: a voz que canta e merece uma atenta escuta.

Um primeiro percurso transfere-nos pelos itinerários vitais de *Jacinta Landa Vaz, Canções para uma viagem*; prossegue um aprofundamento nos diversos registos sonoros empregados por Jacinta: *vinis, cassetes*, o suporte das *cassetes* e o que as gravações contêm; para passar ao estudo minucioso do repertório galego, português, e estremenho que Jacinta Landa Vaz grava; finalmente, mostra-se o conjunto das partituras que refletem o que pode escutar-se no CD que acompanha ao livro, entre as que cumpre destacar as três peças compostas pelo João Vicente Viqueira (duas das composições sobre poemas de Rosália de Castro, e uma, a *Canção de berço*, com letra e música própria).

A respeito das gravações, resulta de interesse, tal e como sublinham as autorias do livro, a opção por gravar sem qualquer suporte instrumental todas as músicas, favorecedora da liberdade interpretativa constatável em todos os registos; bem como a ornamentação discreta presente nas três línguas, que decorre do gosto pessoal de Jacinta.

Cumpre salientar que “a simples edição dos registos efetuados por Jacinta Landa Vaz seria suficiente pela diversidade dos testemunhos e pela sua voz. Mas são-no principalmente por resultarem de uma escolha e consciência do seu valor para as novas gerações levando-a a gravar o que sabia valer a pena. A constituição de um cancionero ibero-americano de referência em que as diferentes culturas, sensibilidades e potencial criativo estejam presentes continua a ser uma tarefa que urge concretizar. Jacinta Vaz mostra-nos como realizar esse sonho” (Do Pico, Morais e Barrios, 2017: 62).

O valioso material que contém a obra resulta de amplo interesse para a história da educação, porquanto realiza uma interessante achega ao conhecimento desta mestra republicana<sup>4</sup> e, igualmente, fundamental para a história da música galega, para a etnomusicologia, para o reconhecimento

---

<sup>4</sup> Somando-se a trabalhos recentes como, entre outros: Sánchez de Madariaga, E. (Ed.) (2012). *Las maestras de la República*. Madrid: Catarata; Pozo Andrés, M. M. (2013). *Justa Freire o la pasión de educar. Biografía de una maestra atrapada en la historia de España (1986-1965)*. Barcelona: Octaedro; Porto Ucha, A.S. e Vázquez Ramil, R. (2015). *María de Maeztu. Una antología de textos*. Madrid: Dykinson.

musical de Vicente Viqueira e, ainda, para a sua aplicação didática. Uma boa mostra pode ser o *Cantar de berce*, de cuja letra e música é autor o próprio João Vicente Viqueira

Baixo do branco luar  
logo adormecem as flores;  
entre as folhinhas repousam  
os pássaros voadores.  
Dorme, amor dos meus amores.

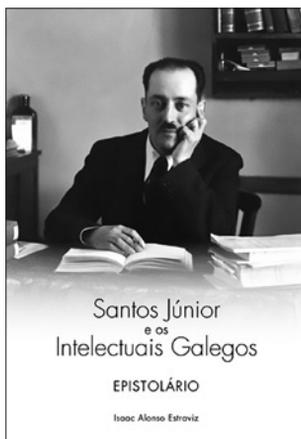
Nas ponlas dos amieiros,  
toleirão, devagarinho,  
vai dizendo uma cantiga,  
p'ra te arrolar, o ventinho.  
Dorme, dorme, meu menino.

***Santos Júnior e  
os Intelectuais Galegos.  
Epistolário***

Isaac Alonso Estraviz

Ponte Caldelas, Fundação Meendinho,  
2011

António Gil Hernández



**E**dição velha (2011!), mas não ressesa, e intencionalmente completa: sem o espaço desse lugar caberia bem aprofundar nas relações entre o universitário em país normal, Santos Júnior, e os intelectuais galegos, nenhum universitário, salvo Otero e com reticências, em país desnormalizador da Galeguidade.

Os responsáveis da Fundação Meendinho explicam. Reproduzo, levemente matizado, o texto publicado no sítio da AGLP e no Portal Galego da Língua.

Fruto do trabalho de pesquisa e investigação do professor Isaac Alonso Estraviz, ex-vice-presidente da AGLP, e sob a chancela da Fundação Meendinho, saiu do prelo no 2017, *Santos Júnior e os Intelectuais Galegos*, um epistolário apaixonante, o mais extenso e completo dos que se têm publicado entre galegos e portugueses e muito interessante para o conhecimento da intra-história da Galiza.

Santos Júnior foi um dos portugueses que mais amou Galiza de palavra, por escrito e na realidade. Esteve na homenagem em Lobeira a Joaquim Lourenço e nos atos da Deputação ao nomearem filho predileto. Esteve muitas vezes em Santiago de Compostela. Foi do Seminário de Estudos Galegos, e da RAG.

Foi, igualmente, um investigador científico humanista. Como diretor dos Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia, convidava, e quase obrigava, os galegos, alguns ainda estudantes, a que apresentassem colaborações e louvava abertamente todos os que achava interessantes.

Na transcrição das cartas respeitou-se o original com todo tipo de gralhas ou erros. Nos poucos casos em que foram corrigidos, adverte-se em nota a rodapé. Isso, a sua ortografia, também faz parte dos problemas presentes da recuperação da língua seguindo o do programa de Rodrigues Lapa, que o reintegracionismo todo e a Meendinho levam a cabo.

As primeiras cartas que conhecemos são da década dos anos trinta. A primeira de Florentino López Alonso-Cuevillas é de 2 de janeiro de 1931.

Ignoramos como foi o seu conhecimento, mas pelas suas cartas sabe-se que se relacionava com Rui Serpa Pinto: “Nos curtos dias que convivin co noso Rui Pinto no Porto e Guimarães e na nosa longa e frecuente correspondencia aprendera a estimar as suas coalidades escepcionaes de talento, erudición e carácter” (carta 7).

Joaquim Lourenço contactou com Santos Júnior através de Cuevillas e a primeira carta que conhecemos é do 12-VI-1933.

De António Fráguas (24-VIII- 34), Filgueira Valverde (7-IX-1934), Vicente Risco (17-XI-1935), Bouça Brei (5- XII-1935).

As outras são da década dos cinquenta para a frente.

A Fundação Meendinho com este livro, está fazendo um "importante contributo ao conhecimento da nossa realidade cultural", na qual "sempre ocupa um lugar de referência o mundo lusíado, criação em palavras do historiador português Alexandre Herculano *do génio galego*". É a Galiza quem tem que arranjar o seu futuro — por si própria e em em todos os campos —, "mas ontem como hoje temos aí Portugal e todo o mundo lusófono, que fazem a nossa grande vantagem comparativa, e o caminho certo da nossa recuperação nacional integral", indicam da Fundação.

Da Meendinho assinalam que com este livro pretendem chegar a todos e todas uma documentação que é muito difícil de achar, que é boa mostra de como na cabeça dos vultos galegos sempre pairava Portugal como um ensejo, de como em Portugal sempre houve apoios e ânimos generosos, e que "muitas vezes foram mais problema, as nossas limitações que a sua vontade, apreijados como estamos não poucas vezes, na visão regionalista espanhola que nos baliza e minorra". Os documentos que vão neste livro vão significar mudanças importantes na perceção da nossa intra-história cultural, e por isso o esforço feito pela Meendinho com a publicação.

Acrescento: Eis a longa sequência de intelectuais, galegos e/ou galeguistas, com quem Santos Júnior se relacionou em muito diverso grau e em mais diversa frequência.

0.- Prólogo p. 3

1. Introdução por Ana Maria Santos Hübner pp. 7-36

1.1.- A sua formação p. 19

1.2.- Biografia p. 22

1.3.- Santos Júnior e a Galiza p. 23

1.4.- Rosalía de Castro p. 26

1.5.- Otero Pedrayo p. 27

1.6.- Viajante Incansável p. 28

2.- Correspondência com

2.1.- Florentino López Alonso-Cuevillas p. 37

2.2.- Joaquim Lourenço Fernández p. 179

2.3.- Jesus Taboada Chivite p. 287

2.4.- Ramón Otero Pedrayo p. 355

2.5.- José R. Fernández Oxea, Ben-Cho-Shey p. 369

2.6.- Vicente Risco p. 390

2.7.- Sílvio Santiago Garcia p. 394

2.8.- J.Francisco Ogando Vázquez p. 395

2.9.- José Fernando Filgueira Valverde p. 397

2.10.- Fermim Bouça-Brei Trillo p. 521

2.11.- Luís Bouça Brei Trillo p. 571

2.12.- António Fráguas Fráguas p. 587

2.13.- Modesto Figueiredo p. 617

2.14.- Sebastián Martínez Risco p. 654

2.15.- Domingo Garcia Sabell p. 674

2.16.- Leandro Carré Albarellos p. 682

2.17.- Marino Dónega p. 687

- 2.18.- Juan Naya Pérez p. 693
- 2.19 Instituto Pe Sarmiento de Estudos Galegos p. 699  
(Felipe Ramón Cordero Carrete, Fernando Acuña Castroviejo,  
José Ignacio Carro Otero, Xesus Carro García, José Carro Otero,  
Xesus Carro, Gustavo Santiago Valencia)
- 2.20.- Irmãos Álvarez Blázquez p. 709  
(Dario Álvarez Blázquez, José María Álvarez Blázquez)
- 2,21,- Laboratório de Laje p. 721  
(Isidro Parga Pondal, Juan Ramón Vidal Romani)
- 2.22.- Museus Galegos p. 727  
(Manuel Vázquez Seijas, José María Luengo p. 730  
Begoña Bas López, Filipe Senén, José Manuel González Reboredo,  
Bieito Pérez Outeiriño)
- 2.23.- Universidade de Santiago p. 737  
(Luís Iglesias Iglesias , José Carro Otero, Carlos Alonso del Real,  
Gerardo Pereira Menaut)
- 2.24.- Vários  
(Isaac Díaz Pardo , Ricardo Carvalho Calero, Valetim Paz Andrade,  
José Sesto López, Eliseo Alonso, Ramón Sobrino L. Ruza, Santiago  
Reigosa Zorzano, Manuel Fernández Rodríguez, Julio Martínez  
Almoyna, Antonio Fernández, Rosendo Abeledo, Isidoro Millán  
G. Pardo, Francisco Esmoris Recamán, Adelino Esmoris Enríquez,  
José Solla Bouzas, Octavio San-Martín Domínguez, Mariano García  
Rollán, Henrique Chao Espina, Sebastián González Lamelas, Camilo  
Agrasar Vidal, Ramón Rodríguez Bordallo, Fr. Antonio Montero  
O.F.M, Fr. Ricardo Sanlés, Severino Cardeñoso Álvarez, Manuel  
Troitiño, Antonio Blanco Teijeiro)

Até aqui as informações fornecidas pela Fundação Meendinho e publicadas nos sítios acima citados.

Com o saudoso Francisco Carballo (cf. *infra*) reconheço que este e outros epistolários constituem uma fonte imensa de informação, a começar pela eleição de idioma e continuando pelos temas e assuntos tratados. Sem dúvida

circunstanciar as cartas e os interlocutores seria muito interessante para os leitores atuais; porém, com frequência são os autores das cartas os que aludem às circunstâncias em que cada carta foi escrita e enviada ... e vale ser entendida por nós.

De *Terra e Tempo* (27/01/2013) tomo algum parágrafo da resenha que Francisco Carballo Carballo fez ao livro do Estraviz. Cito literalmente:

O profesor Isaac A. Estraviz, autor de numerosas obras, publica unha monumental antoloxía epistolar do médico antropólogo Joaquim R. dos Santos Júnior con numerosos intelectuais e científicos galegos. Obra de traballo en arquivos e de alta significación histórica.

...

Estraviz espiga a través das cartas todo un rosario de loas: “Ha ja um par de días que vim dessas encantadoras terras e aínda conservo o entonteamento dessa maravilhosa Galiza irmã que, de cada vez que a visitamos, tem a virtude singular de se desdobrar em encantos novos” (carta 21 a Filgueira Valverde)

...

Regalei-me de lér no teu discurso a doce lingua galega, a mais nídia e enxebre espresión dessa encantadora e ridente Galiza a quem, sem saber ben porquê, o meu coração tanto quer” (carta a S. Martinez-Risco).

...

Júnior escribía a Felipe Senén, director do Museu Arqueolóxico da Corunha: “Além do grande prazer de vêr e abraçar o queridíssimo amigo Filgueira Valverde tive também um grande prazer en receber das mãos daquele querido amigo a belíssima miniatura da Torre de Hercules, com que meus amigos arqueólogos galegos quizeram manifestar a sua simpatía por este velho arqueólogo português e irmão galego. Muito vos agradeço a oferta de tão rica de simbolismo e que foi tão grata ao meu espírito.” (2 de agosto de 1989).

Acaba Francisco Carballo:

O galeguismo ten en *Santos Júnior e os Intelectuais Galegos, Epistolario* [...] unha mina a aproveitar, un asombroso aportamento á historia deste país nos anos 1930 a 1990. Este tipo de documentación privada ofrece unha certidume superior á da prensa e dos documentos oficiais. Unha antoloxía, polo demais, chea de novidades poéticas e pessoais de numerosos galegos.

Decerto as circunstâncias eram outras, mas dous factos me surpreendem e admiram:

1.º O facto de a relação luso-galaica ser excessivamente académica, com escassas referências à situação sociopolítica da Galiza, tanto da parte do Santos Júnior, quanto dos seus correspondentes galego-galeguistas.

2.º O facto de os correspondentes galego-galeguistas fruírem curiosa labilidade idiomática e não só gráfica na sua prática escrita de galego, enquanto Santos Júnior se mantém fiel ao uso do português "culto".

Como no começo desta resenha assinalei, esses são temas e assuntos que requerem análise dilatada a mais epistolários entre pessoas galego-galeguistas e portuguesas. Em particular, como é que os Notáveis portugueses assumem com aparente naturalidade que os seus interlocutores utilizem variantes idiomáticas a meio caminho entre a língua portuguesa e a castelhana. Merece a pena abordá-los com algum vagar ...

\*\*\*\*

*Post Scriptum.*- Continuei a matinar no assunto e comecei a elaboração de alguma análise ou crítica de epistolários em que intervissem pessoas notáveis galegas e portuguesas não com afã literário, mas sobre assuntos e temas vários, familiares e académicos.

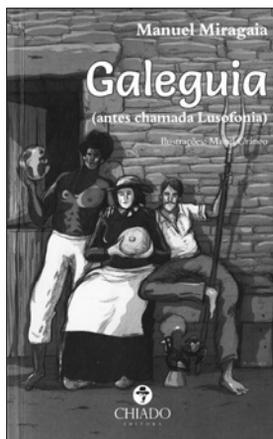
Dentre eles, para além do volume resenhado, tomei *Manuel Rodrigues Lapa. Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega* (2001) e *Ricardo Carballo Calero. Epistolario a Fernández del Riego* (2006), nos quais o correspondente, del Riego, se esconde; e mais Isaac Alonso Estraviz-Eloísa Álvarez, *Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário* (1999) e Xosé Neira Vilas, *Cartas e lembranzas. Epistolario con Francisco Fernández del Riego 1959-2007* (2013), em que se mostram as duas partes da relação epistolar.

***Galeguia***  
**(antes chamada lusofonia)**

Manuel Miragaia  
Manel Cráneo (ilustrações)

Chiado Editora, 2017

Roi Vales da Oliveira



**C**om bastante demora, é o momento de dar alguma notícia de *Galeguia*. Na contracapa dão-se-nos opiniões de diversas pessoas, que constituem a melhor resenha do poemário:

Pedro Miguel Rocha, escritor português.

A intensa e apaixonante obra *Galeguia* provoca-nos saudades e, portanto, a ele teremos de regressar uma e outra vez.

Delmar Maia Gonçalves, escritor e presidente do *Círculo de Escritores moçambicanos na Diáspora*:

Um poeta visionário e como todos os verdadeiros poetas, um intérprete da história; um poeta que aponta caminhos ... Tenho por certo que a irmandade fraterna dos nossos povos é factual e indelmentível.

Teresa Moure, escritora galega, professora na Universidade de Santiago de Compostela:

Na época do global e o rápido, a voz *Galeguia* volta para o passado, joga com os mitos e tece cumplicidades entre o povo galego e o português, esses que mantêm um longe-perto inquietante.

José Fanha, poeta e escritor português:

Ao entrarmos na palavra de Manuel Miragaia somos desde logo arrebatados pela paixão que o faz construir a sua identidade humana e poética de uma forma belíssima — *Galeguia* é um canto à língua e à cultura comuns partindo do

Norte Ibérico, a Galiza, se espalhou até ao Algarve e, depois, pelo mundo fora, América, África e Ásia, tomando novas músicas, misturando outros deuses, inventando identidades que, sendo novas, não deixam de estar umbilicalmente ligadas àquelas de onde um dia partiram.

Poesia? Prosa? Prosa poética ou poesia prosificada? Tudo isto oferece *Galeguia* da mão, da pena do Manuel Miragaia, poeta e filósofo e colaborador jornalista e escritor.

Começo o comentário pelo Índice final:

*A família da Galeguia.* À maneira de genérica introdução genealógica, nascida de pai suevo e mãe galaico-romana (p. 9)

*Figuras.* Heróis e mitos: “Antes do Medúlio” (p.11), “As montanhas verdes de Hermerico” (pp. 14-15), “Canção para Vímara Peres” (pp. 16.18), “O Marechal da Galiza” (soneto, p.19), “Zumbi dos Palmares” (p. 20), “A marcha dos Tiradentes” (pp.22-23), “O mito de Rosalia” (pp. 24.26), “No jardim da casa de Johán Vicente Viqueira” (pp. 28.30-33), “Castelao” (p. 34), “O sonho dos miúdos rebeldes” (pp. 36-37), “A reafrikanização” (p. 38), “No enterro de Man” (pp. 40-41).

*Terras e Mares.* Pessoas e *habitats*: “Galiza eram” (pp. 45-46), “Que pobres, os marinheiros!” (pp. 48-49), “Neva nos Ancares” (pp. 50.52), “Um velho ao pé da porta” (pp. 53-54), “A aldeia (Um problema sw perspectiva)” (pp. 55-56), “Versos para a outra Galiza” (pp. 58-59), “Couto Misto” (pp. 60.62).

*Ideias.* Da nação e da história: “Galiza, uma rainha após a morte” (pp. 65-66), “Sermos bisagra” (pp. 67-69), “Carta galega ao Estado espanhol” (pp. 70-72), “A mística galeguista” (pp. 73-76), “Galiza: Façamos um jardim!” (pp. 77-78), “Quando desperte o abrente” (p. 79), “Mátria” (pp. 80.82-86).

*Epígrafes.* Complementam ou presidem os poemas, uma, breve, de Daniel Rodríguez Castelao (1886-1950) (p. 7), e duas, longas, de Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989) (p. 7) e de Luiz Ruffato (sem datar [1961]) (p. 8).

*Notas,* (pp. 87-96) a esclarecerem nomes ou aspetos obscuros dos poemas ou apenas para os situarem na Terra, Galiza, e na História da Terra, a ultrapassar a história, tão imposta quanto fictícia, do estado-reino bourbónico (pp. 70.71: *sendo um alheio ... / foi-se apropriando da casa inteira / e das chaves das suas portas*).

Na dedicatória pessoal, Manuel Miragaia deseja-nos “que gosteis dele [poemário], este livro que tenta recolher e expressar os mitos mais marcantes da Galiza e as ideias principais do Galeguismo”. Foi na Crunha, em novembro 16 de 2017.

Gosto do livro. Nobres e certos, os conteúdos; sugestivas e apropriadas as ilustrações de que é autor Manel Cráneo (Crunha, 1973), artista multimédia de ampla bagagem interdisciplinar em BD: *BD Banda, Barsowia, Dos Veces Breve, GPS, Ovo, Costra de Postre, Os Rústicos da Guadaña, Bravú, Subterfuge Comics, Interea Visual, Boletín Galego de Literatura, Caña, Viralatas o Golfiño*. Tem participado em volumes coletivos: *Fito y Fitipaldis* (Dro Eastwest), *Artículo 20* (Astiberri) o *H2OIL* (Colectivo Chapapote). Publicou os álbuns *Dámsmitt* (Dibbux, 2006; texto de Kike Benlloch), *Os lobos de Moeche* (Demo Editorial, 2009.2012), *Cousas de mortos* (Demo Editorial, 2012), *A Fraga Milmañas* (Demo Editorial, 2013; texto de Carlos Amil); *Destino Hërgüiss* (Demo Editorial, 2015), etc. (In <http://demoeditorial.com/es/30-manel-craneo> em castelhano.)

Dentre as ilustrações saliento as que acompanham “Canção para Vímara Peres” (p. 17) e “Mátria” (p. 81).

Volto ao poemário. Convido a considerar e valorizar as epígrafes e os seus autores:

CASTELÃO, galego, político e teorizador e/ou historiador do nacionalismo para a Galiza, mas também artista e génio do humor galaico. *As palabras, como os pássaros, voam sobre as fronteiras políticas.* (p. 7)

MANUEL RODRIGUES LAPA, português, filólogo de referência na Lusofonia, editor das *Cantigas de Escarnho e Maldizer*, mas também “galego” (*Gallæcia usque ad Mondecum ...*), entusiasta da Galiza e de Castelão. Otimista perseverante ... *Não importa que a Galiza dalém-Minho viva sob uma outra bandeira; o que sobretudo importa é reconhecer que somos realmente irmãos, pertencemos à mesma grei. Criar obstáculos a essa fraternidade afigura-se-nos um erro imperdoável, em que, infelizmente, alguns portugueses e galegos têm incorrido.* (p. 7)

LUIZ RUFFATO, brasileiro de Minas Gerais, mas nomeado *Escritor Galego Universal* (maio de 2015) pela AEELGa (vid. <https://pgl.gal/visita-galiza-o-brasileiro-luiz-ruffato-escritor-galego-universal-2015/>) ... *A Galiza é o berço do que se convencionou denominar, por injunções históricas, de língua portuguesa.*

*Então, na época, propus que ao invés de levantarmos a bandeira da lusofonia, passássemos a falar em Galeguia — que devolve o sentido original da raiz da nossa língua, relativiza o peso do passado colonial e reincorpora com os devidos créditos, a Galiza a este universo comum.* (p. 8)

Acrescento, a respeito da citação do Ruffato, que vale a pena ler o breve artigo que lhe publicou a revista *Agália* (2007, núm. 89-90; online: <https://pgl.gal/wp-content/uploads/2015/05/Luiz-Ruffato-Galeguia-Ag%C3%A1lia-89-90-2007.pdf>, de que Manuel Miragaia tomou a epígrafe).

É momento de comentar os poemas, que, sem deixar de os serem, estimo declarações políticas, glotopolíticas em prol da unidade *lusófona-e-lusógrafa* a partir do reconhecimento elementar de a língua comum portuguesa ser radicalmente galega ... e sem dúvida assente numa celtidade nunca vencida. Em "Antes do Medúlio" (p. 12) o poeta canta-o em robustos quartetos rimados:

São os trofeios gloriosos que ficam da guerra.  
Décimo Júnio, perdeu! Chegou a liberdade!  
Logo os combates dos celtas galaicos na Terra,  
paz nas aldeias e volta a haver sociedade.

Na "Canção para Vímara Peres", iniciada e concluída pelo dístico *O Minho leva as águas. / Galiza, sangue e espírito.* (pp. 16.18), o poeta atribui ao natural "Conde da Crunha", a união primigénia da galeguidade:

E deste jeito para sempre unidas ficarão  
a marinheira cidade galega da Crunha  
com as terras portucalenses do Porto e Guimarães.  
E as terras e as gentes da primigénia Galiza  
com as terras e as gentes do novo Portugal.

Sonhos de Glória que os poetas devem alimentar, porque os sonhos dificilmente ficam encerrados, antes, se forem decerto sonhos, acabarão modulados em realidades certas. Como, profético, Manuel Miragaia, poeta e filósofo, os desenvolve no poema "Mátria", nos seus cinco "quinhões":

I

Vamos construir um impressionante zigurate  
de infinitos terraços de jardins suspensos ...

II

Escuta um momento:

Não há mais Céu para nós que o que se possa alcançar  
com a construção da nossa Mátria ...

III

E já mais nunca serás humilhado e avassalado.  
Nem tratado como o caseiro que oferece ao dono  
a sua vida e o seu amargo esforço ...

IV

Estou a enxergar ventos de chumbos estivais  
que se tornam em trovoadas de primavera.  
É o povo, já lampinho de pecados,  
que se movimenta, que avança irrefreável ...

V

Faremos-te Mátria,  
pensando à vez com a imaginação e o sentimento,  
como fazem os poetas verdadeiros ...

Faremos-te Mátria,  
porque estamos orgulhosos da Terra,  
porque sentimos a alegria com os lábios do Sol ...

Faremos-te Mátria,  
porque és fundamento e chegada  
do nosso constínuo percorrer,  
porque somos todos fortes e humanos  
e ainda acreditamos na redenção futura.

O poeta explica brevemente no poema 17.- “Mátria” (p. 96)

Os zigurates eram templos de grandes dimensões com forma de pirâmides terraplanas que havia na antiga Mesopotâmia.

Acho tentador me espriair agora as notas (ou *semas*) significativas dessa só palavra, *zigurate*, que justamente preside o último poema de Galeguia, o mais extenso e fascinante, junto do “No jardím da casa de Johán Vicente Viqueira”.

Apenas aponto à possível intenção do poeta por atribuir conotativamente à Galiza, “Mátria”, os traços mais sugestivos do *zigurate*: (1) templo, moradia de deuses, mormente da (2) deusa Lua (Sinn), (3) observatório astronómico,



(4) fortaleza grandiosa com (5) plataformas sobrepostas e (6) escadarias arredor da estrutura consistente; portanto, (7) resistência à passagem do tempo.

Contudo, sendo a Torre de Babel bíblica um zigurate e a nossa civilização radicalmente judeu-cristã, as ambiguidades ou ambivalências próprias do sagrado humanizado evidenciam-se face ao Deus Iavé de nome e poder únicos, *Eu sou aquele que sou*, (Ex. 3, 14). Propunham as criaturas:

*Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra* (Gén. 11, 4)

Mas Iavé contestou e fez:

*Eis que são um só povo – disse ele – e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro.* (Gén. 11, 7-8)

O deus, o estado-reino, novo deus, a promover a confusão e o desentendimento? Aquilo assim foi narrado, era o relato: todos confusos e desentendidos, salvo o Povo de Israel, o único eleito e divinizado. Porém, aquele relato foi mudado radicalmente no dia do Pentecoste e em Jerusalém, quando todos os peregrinos ao Templo entenderam na própria língua o que Pedro predicava na sua aramaica: contra a confusão e difusão, a unidade na diversidade, que se diz hoje algures. Já não há razão ou motivo superior para condenar a multiplicidade idiomática ... "Estado espanhol", *Não faça mais um dia infeliz ao povo galego!* (p. 72)

Mas, de novo, continuo. Chama-me a atenção gratamente a rotura da sequência de Figuras militares ou guerreiras ("Antes do Medúlio", "As montanhas verdes de Hermerico", "Canção para Vímara Peres", "Marechal da Galiza") pelo escravo "Zumbi dos Palmares" (p. 20) que fez real o facto de que

E em qualquer momento começa o combate,  
pois para a defesa do precioso bem da liberdade

do povo preto brasileiro  
nunca vai haver sossego nem trégua.

Para, trás páginas dedicadas aos heróis civis da Galiza ("O mito de Rosalia", "No jardim da casa de Johán Vicente Viqueira", "Castelao", *Foucelhas*), o poeta cantar "A reafrikanização" na pessoa de Amílcar Cabral, como anteriormente cantou "A marcha do Tiradentes" (p. 23),

Em silêncio e ecoando as suas ideias, Tiradentes,  
*se todos quisermos poderemos fazer deste país uma grande nação nascente.*

E assim este atroz vinte e um de abril  
será o dia esperançoso do início da marcha  
da construção da República do Brasil.

Sirva de transição amorosa e sanguinolenta, mas prometedora para a Galiza ... e Portugal o poema "Galiza, uma rainha após a morte" (pp. 65-66):

A Galiza e Portugal,  
namorados,  
como primeiro passo,  
praticavam um amor juvenil e apaixonado  
ao lado de duas fontes,  
na bucólica Quinta das Lágrimas.  
Portugal e a Galiza  
queriam-se muito  
e desejavam formar um casal para sempre.  
Mas seus pais nunca os deixaram.

Que completaria com "Couto misto" e a sua mensagem de *normalidade entre as árvores do caminho privilegiado* (p. 60) ... da Galiza a Portugal porque (ibídem)

A nossa identidade é a liberdade.  
A nossa mais prezada essência, a democracia.  
E orgulhamo-nos da nossa independência ...

Estou cômico de ter fuzilado o poema, mas em prol da verdade que Galeguia verificará no futuro. Afinal os mitos serão reais certezas de vida plena e constante. É a verdade que tiro da leitura compendiosa de "Mito de Rosalia" ... (p. 26)

Cobrimo-nos sempre da energia telúrica  
Despertando a lembrança do sentido ancestral  
Mulher que fecundas a nossa alma  
Protege-nos, Mãe, na vida e na morte  
Porque o ciclo vital deve continuar  
O nosso livre eterno retorno sem fim.

De "No jardim da casa de Johán Vicente Viqueira" ... (p. 32)

Mas tudo era um sonho com o profeta Viqueira,  
arquiteto da Galiza de corpos e almas futura,  
pensador que desenhou o compreendeu a Galiza imortal,  
e que se pode ser galego de alma e à ves cosmopolita,  
e que a metafísica do galego é o galeguismo:  
a não renúncia ao ser pessoal e coletivo.  
Vejo com certeza que estou sozinho no jardim,  
mas cheio de energia.

E do poeta incorporado no radical e sensível "Castelao" ... (p. 34)

E agora, duvido que seja eu realmente quem escreve,  
a não ser o epifânico que graças a Castelao se nos revela  
e que nos elevou e marcou indelével no nosso espírito  
com o germe teimoso da insatisfação e da rebeldia,  
a tarefa que vai na procura de que sobre a Galiza  
ilumine definitivamente o Sol da Liberdade.  
E que, no final, possam as aldeias da Nação  
ressoar e nunca mais se apagar  
os aturujos e as gaitas da vitória.

***Obscura Anatolia.***  
***Drama poético***

José António Lozano

Editora Urutau, 2020

António Gil Hernández



**N**a lapela ou orelha Tiago Alves Costa (Vila Nova de Famalicão, 1980) resume o *Drama Poético* do amigo Chiqui, José António Lozano:

*Obscura Anatolia* é um acontecimento da verdade, um momentâneo clarão da consciência que nos afecta e transfigura. É um lugar que gesta e vincula e que por isso mesmo aspira ao belo, o belo que fareja a verdade e que é fundador de duração. Nestas páginas define-se de novo o que é real, ilumina-se o silêncio, dá-se a ver aquilo que parecia invisível, não dizível, informe.

É uma luta de contrários de onde se resgatam as falas, as relações amorosas ocultas que há entre as coisas: o poeta que nos junta, a todos, na nossa dor, no nosso sonho, no nosso pessoalíssimo modo de encarnar a morte e nos sopra ao ouvido o vida!

E nessa fenda tectónica onde nos descobrimos desabitados, no limiar da falência das palavras, passamos a perdurar no poema, como um elemento vivo, e repomos o sentido às coisas, sublevamos-nos perante o ruído do mundo, demolimos o Eu.

Confesso que o poemário do Chiqui petou em mim com leveza e mistério a ecoar diálogos intensos em tempos recuados. Já vou idoso e preciso ajudar-me de comentários lúcidos, como o do Tiago, para me submergir no drama lírico, mais do que poético, cristalizado puro na *Obscura Anatolia*.

Entendo que os títulos compendiam ou resumem os conteúdos dos livros e doutros documentos da Cultura, mesmo das composições musicais.

(Alguns compositores relevantes deveriam fazer do poemário libreto de ópera? Há fundamento certo e indicações do autor para efetivar esse trânsito cultural ...)

É por isso que, para elaborar esta breve resenha, procurei algumas das palavras, a meu ver, chave a começar por *Anatólia* e por *obscura*.

Achei, salvo erro, as seguintes ocorrências de Anatólia e as minhas evocações:

p. 26: JOVEM MULHER, em “III Berços que balouçam no mar” (pp. 23-27): ancião ... grande nau ... corvo [preto] e pomba branca ... Arca [*de Noé?*], recita ... Arlequim canta e conversa:

Barcos em papel de embalar para os amigos / e uma canção de berço [*ah, Viqueira e filho Jacinto, em Vijói?*] / e um homem obscuro / barcos que levam o trigo dos teus cabelos / barcos de rios secos e esperanças anegadas / nesta tarde, no teu pensamento, amigo / num recanto obscuro de ANATÓLIA.

p. 42: “VII Água do poço de ninguém” (pp. 41-43): diz o poeta, um Eu a um Tu ... (respeito a versificação):

Na obscura ANATÓLIA  
uma guerra  
uma ánfora partida  
e tu.

Assentes na polissémica Anatólia ... cavalos sem filosofias ... caminhamos [sic: *eu e tu?, tu e mais eu?*] ... flor ou papoula ...

Nos limites do sul, a ANATÓLIA é mais obscura  
e surgem palavras e flores e pó  
e não há filosofias.

Afinal “os cavalos bebem água / do poço de ninguém / e estás tu (bis: *Adagietto e larghissimo*, mas no cabo *allegro e vivace*).

p. 49: “IX Passos de Istambul / Interrogativa, enunciativa, conjuntiva e de relativo” (pp. 49-54): compilação sintática ou sintaxe total: vocábulos em ordem de batalha?, ou singela procura de sentido no seio do sem-sentido?):

*Dir-lhe-ei ao passeante :*  
*para a verdade há uma noite escura,*  
*dar-lle-ei uma galáxia.*  
Sohrab Sepehri

Notas para a cenificação: sobre o mapa de ANATÓLIA, uma criança  
leva uma luz. Alguém lhe pergunta de onde vem essa luz. Ela  
apaga-a e diz: diz-me aonde foi e dir-te-ei de onde veio. Surge  
a voz anciã.

E a voz anciã, sábia apesar dos anos, aponta para a resolução do mistério, do  
mistério plural: “Mas ela está aí! Eu sinto-a”.

A voz anciã interpreta a voz dele, sem nome (?). Assim traduzo ambas as  
vozes, o labirinto impraticável de ambas as vozes e mais a voz gráfica e escrita  
do poeta:

Sol dormido, gato da lua, palavra aziaga, como sombra, tarde do amor,  
noitinha vacilante, lágrima de vento (*o poeta acrescenta “e árvore”, mas eu  
contradiria: de vento como árvore ou vice-versa, de árvore como vento ... a Mãe  
Natureza conforta ambas expressões!*), ... segue a fervença lírica que cumpre  
humilmente transpor, em silêncio e contemplação, em lene navegar até ao que eu  
colocaria no cabo da secção e do drama todo:

As mãos  
a cabeça entre as mãos  
e o mar  
que dança  
para ti e para mim.  
Para ti e para mim.  
Amor.  
Velha melodia do pássaro cego  
que voa no mar amarelo.  
Que se perde no labirinto da  
avó mais antiga  
cozinhando a vida futura!  
Ai! A vida futura!

Até aqui ANATÓLIA na minha leitura do poemário. Passo a examinar, ao  
longo do lirismo textual, o epíteto *obscura / obscuro* do título:

p. 16-17: “I A menina que levava uma luz na treva” (pp. 13-17) diz VOZ  
ANTIGA, que abrange toda a secção. Reproduzo versos, mas noutra apresentação,  
a meu ver, sugestiva:

Gosto do sangue e da luz das artérias  
as palavras encarnadas na tua pele *obscura* e antiga  
e os teus lábios  
e os teus olhos que iluminam as terras sombrias  
a mentira das horas sonámbulas  
na grade de ouro  
o teu corpo frágil e vivo  
eu gosto  
do teu silêncio luminoso  
a levantar o pó da consciência  
nos espinhos de Nínive.

O poeta costuma brincar nas sequências contraditórias, na citação: *sangue vs. luz; iluminam vs. sombrias; frágil vs. vivo; silêncio vs. luminoso.*

Saliento *pó vs. espinhos* e *consciência vs. NÍNIVE* (por sua vez, oposta a ANATÓLIA), mais uma referência a examinar. Porém, continuo o exame proposto.

p. 22: "II. A rapariga que dormia solitária sobre as pedras" (pp. 19-22), nos versos finais:

Sim  
recordo vagamente a tua voz antiga  
sussurrante  
áspera  
os teus *obscuras* olhos de lince  
e a negação:  
...  
"Não, não sou o que buscas  
não te aproximes.  
Nunca!"

Na secção, espaiada nuda nos lábios coloridos do Bufão (servidor de heróis borrachos e gregos: Príamo, Agamenon, Ulisses, Heitor ... teatro e máscaras em Niceia, início imperial da Cristandade, defrontada à pagã Anatólia), que lembra visões estranhas e incumpríveis: *O livre de culpa ...*, *A rapariga jaz sepultada*. No ar paira matemática e astronomia ... *Ouves o grito dos mortos ...* incrédulos e crentes ... *gato, noite, silêncio ...* E definitiva, a negação!

p. 25.26: “III. Berços que balouçam no mar” (pp.23-27), diálogo entre a Jovem Mulher (sic, segundo eu) e o Arlequim, velha personagem de drama nascente, mas tornado em joglar trovador. Face a este insiste aquela:

E a noite trança-se nos teus cabelos  
a arder nos barcos de silício  
nas sobranceiras do homem *obsuro*  
e uma canção de berço  
e um pranto  
e uma criança. (p. 25)

Berços ou barcos ... quase cantar de amigo ... possível? ... do Arlequim?, *dell'arte*, à Jovem Mulher?, evocadora de cenas bíblicas e profanas ... Monte Ararat, Alexandria, Ariadne.

Barcos em papel de embalar para os amigos  
e uma canção de berço  
e um homem *obsuro*  
barcos que levam o trigo dos teus cabelos  
barcos de rios secos e esperanças anegadas  
nesta tarde, no teu pensamento, amigo  
num recanto *obsuro* de Anatólia. (p. 26)

Fim de secção fogo ... árvores pensam? ... contemplam? Tudo arde: olhos, arte, ar, morte ... e o ardor! Portanto, consequência lógica: *Onde os barcos de papel, meu amigo?*

p. 35: “V. Soidade do homem e a mulher” (pp. 33-36). Num soliloquio o Tolo (sic) cita e comenta-se:

"Da cabeça da menina da fonte  
caiu a esmeralda dos caminhos perdidos  
um sendeiro interior sem carta de navegação  
uma rota misteriosa no *obsuro*."

Antes (p. 34): *Os corações são de vidro*, dizia alguém. Alguém respondia *Tenhas cuidado!* Alguém repetia *Os corações são de vidro*. Alguém avisava (p. 35) *Tenhas cuidado!*, justamente para introduzir os versos acima citados. Fim da secção quase feliz: "*Ouves o grito dos mortos?*" (Se os mortos gritam, sem dúvida não são mortos, diz a minha lógica antipoética, embora lírica ... É ou não é?, Diga o leitor.)

p. 42: “VII. Água do poço de ninguém” (pp. 41-43): já achamos os versos

Na *obscura* Anatólia  
uma guerra  
uma ânfora partida  
e tu.  
Também os seguintes:  
Nos limites do sul, a Anatólia é mais *obscura*  
e surgem palavras de flores e pó  
e não há filosofias.

*Não há filosofias* diz triunfante o poeta, humano e filósofo; também professor de filosofias a pessoas em risco de serem maiores de idade, mas já em idade penal: cousas do estado moderno como o *Reino del Bourbon*. O poeta diz *Não há filosofias*, mas reclama:

Nas ribeiras do ser e do não ser  
uma fenda de luz surge das feridas  
e os cavalos bebem a água  
do poço de ninguém  
e estás tu  
e estás tu.

Foram traços e acenos sobre ou com pretexto do poemário de Chiqui, amigo sempre e mesmo espiritual, que intitula *Obscura Anatólia*. Deveria continuar até fazer uma comprida resenha, já que o redigido até aqui apenas alcança a condição de traços e acenos sem quase sentido.

Pesquisei nos mares da rede e achei vários sítios a informarem sobre Anatólias diversas; dentre eles saliento <https://www.trt.net.tr/portuguese/search?tag=%23Anat%C3%B3lia>

Neste achei elementos que ajudariam a esclarecer algumas faces do poemário, em particular, a oferecida na secção “IV. Feitiço para encantar as pedras” (pp. 29-32).

Preside-a a epígrafe de Vitorino Nemésio, *Ainda terás alento e pedra de canto*, primeiro verso do poema desse título, em que abundam as referências a pedra: “pranto em pedra”, “De pedra, sim”, “canto / Áspero do canteiro de pedra e sêmen”, etc.

O poeta-dramaturgo lírico explica na **Nota para a encenação**:

o coro das mulheres reúne-se e invoca um canto, mascaradas, jovens, crianges, anciãs formam um círculo e surge o lume. Um aturujão faz estremecer o cenário. Todas elas são estátuas de pedra, as suas vestes são de pedra, o chão é de pedra, a barca é de pedra, o céu é de pedra, o sol é de pedra, as árvores são de pedra, as rosas e os rostos são de pedra.

De facto a secção, sustida pelo *Coro das mulheres*, marcha militarmente obediente à ordem de *Uma voz antiga*, evangélica (João 8, 7), “O livre de culpa que atire a primeira pedra”. Os versos, curtos, avançam como em cinco batalhões, repetitivos (*pedra ... pedra ... pedra*), à maneira dos protocolos castrenses:

(1) pedra de canto / encantada pedra ... (2) catedral de pedra / pedra da mina ... (3) carne de pedra / pedra diluída ... (4) pedra sonâmbula / pedra prometida ... (5) pedra sem fim / e pedra definida ...

Volto às Anatólias. No sítio citado acho afastadas no tempo, mas complementares:

1.- *Çatalhöyük, a primeira cidade da história [...], datando de 8.200 anos.*

<https://www.trt.net.tr/portuguese/programas/2021/03/17/catalhoyuk-a-primeira-cidade-da-historia-1603299>

A cidade neolítica de Çatalhöyük está localizada no distrito de Çumra de Konya, na região da Anatólia Central. Çatalhöyük, uma das maiores e mais populosas cidades de seu período, foi uma área de ocupação ininterrupta por dois mil anos. Acredita-se que oito mil pessoas viviam nesta cidade neolítica, que data de 9.000 anos, o que significa uma densidade populacional significativa para esse período.

[...]

Graças a Çatalhöyük, aprendemos que homens e mulheres ocupavam posições iguais na Anatólia, há 9.000 anos. Além das casas, não há nenhum outro edifício público, palácio, templo ou estrutura monumental na cidade. Isso nos mostra que não há classe social em Çatalhöyük. Numerosas estatuetas foram desenterradas em escavações. Entre elas, muitas figuras de animais diferentes, incluindo leopardos e touros, atraem mais atenção. No entanto, a estátua mais comum e famosa de Çatalhöyük são as figuras da deusa-mãe que simbolizam a fecundidade e a fertilidade. Os especialistas também apoiam a opinião de que essas figuras femininas representam mulheres idosas respeitáveis.

## 2.- A cidade de Afrodísias na Anatólia [...] dedicada a Afrodite

<https://www.trt.net.tr/portuguese/programas/2022/08/19/a-cidade-de-afrodísias-na-anatolia-1870034>

[...] Era uma cidade dedicada a Afrodite [...] famosa pelas suas esculturas e mármoreos [...]

A estrutura mais importante da Antiga Cidade de Afrodísias é, sem dúvida, o Templo de Afrodite, cujo edifício, localizado no centro da cidade, remonta ao período arcaico. Catorze colunas do templo, que foi convertido em igreja após a adoção do Cristianismo, estão hoje de pé. Existem outros dois templos na cidade, além do Templo de Afrodite. [...]

O palco do teatro Afrodísias é o edifício de três andares mais antigo da Anatólia. As inscrições nas paredes do edifício do palco tornam o teatro diferente de outros semelhantes. Nas paredes, há registos importantes sobre a cidade, os privilégios dados à cidade pelos imperadores e as decisões especiais do Senado. [...]

[...] Afrodísias, o centro de arte cultural do mundo antigo e a escola de escultura na Anatólia, que foi encontrada após uma história de desaparecimento.

Fico aqui. Sei que nesta resenha desconsigui facilitar a leitura sábia de *Obscura Anatólia*. Contudo, confio em que, vistos os vistos, as pessoas interessadas prefiram mergulhar-se no texto poemário impetuoso de José António Lozano.

\*\*\*\*

Acrescento uma reflexão do poeta, que em co-e pessoal (me) fez, e que acho bem ao caso (estimo que as melhores resenhas de poemários são sempre as feitas pela pessoa que o gerou entusiasmado, no seio da divindade lírica):

*Obscura Anatólia* é um título deliberadamente paradoxal. Obscuro no sufismo faz referência à sabedoria. Tem a ver com a ideia também do feminino na tradição oriental e tem um sentido de absorção e concentração. É a luz de um sol negro da mística que expressa, segundo a tradição sufi, o Jesus do nosso ser. Anatólia é o alvorecer, a saída do sol pelo Oriente. Assim era entendido pelos gregos. Então é esta combinação entre a crucifixão das paixões (Dionisos foi também esquarterjado pelos titães mas o seu coração permaneceu vivo) e a luz da alva como iluminação que traz a dimensão apolínea da razão, as formas,

*António Gil Hernández*

a palavra e a eloquência. E está a ideia de que ao final da escuridão surge uma luz. E a experiência de aqueles que como Berços (e versos) que balouçam no mar sobrevivem ao ímpeto da tempestade sentindo gratidão pela vida, gozo nas suas contradições e dizem, intimamente: Sukran Allah! (Obrigado, Deus).

*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

**Catálogo**

<b>Título</b>	Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa
<b>Editor</b>	Padrão (Galiza): Academia Galega da Língua Portuguesa, 2008 -
<b>Periodicidade</b>	Anual
<b>Início/fim</b>	N.º 1 (2008) -
<b>Notas</b>	Textos em português
<b>ISSN</b>	1888-8763
<b>Depósito Legal</b>	C-2345/2008
<b>Classificação</b>	009(05) 303(05)
<b>Matéria</b>	Ciências humanas - publicações periódicas Ciências sociais - publicações periódicas



O utilizador pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra\* sob as seguintes condições:

- Ⓒ **Atribuição.** O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciente
- Ⓒ **Uso Não Comercial.** Não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Ⓒ **Vedada a Criação de Obras Derivadas.** Não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

\* Para cada reutilização ou distribuição, deverá deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

\* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que obtenha permissão por parte do autor.

Esta licença não limita de forma alguma os direitos legais e morais dos autores.

© Os(as) autores(as), 2016 (dos textos).

© Academia Galega da Língua Portuguesa, 2016 (desta edição).

O conteúdo dos textos e as permissões para citações são da inteira responsabilidade dos(as) autores(as).

### Apresentação

O *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa* anuncia a chamada de colaborações para o seu undécimo volume, previsto para o fim do ano 2019. O *Boletim* é uma publicação científica de periodicidade anual, editada pela AGLP, centrada na investigação e teorização no âmbito das ciências sociais e humanas, com ênfase na pesquisa referente à Galiza, às comunidades galegas e ao conjunto da Lusofonia.

### Cronograma para o Vol. XIII

Colaborações: Até 31 de dezembro de 2020  
Decisões editoriais: janeiro/fevereiro 2021  
Edição e acabamento: março/junho de 2021

### Envio de propostas

Os artigos devem ser originais e redigidos em Português a teor do Acordo Ortográfico, ratificado. Enviar-se-ão em arquivo electrónico (formato compatível com Microsoft Word) até 31 de dezembro a: [pro@aglp.org](mailto:pro@aglp.org)

### Devem cumprir-se as seguintes especificações:

Página de título e subtítulo com o nome do(s) autor(es), afiliação académica atual, bem como endereço postal e electrónico; os autores indicarão até sete palavras-chave (em português e inglês); resumo (em português e inglês) de 100-150 palavras; texto principal de entre 3.000 e 7.000 palavras para os Estudos, organizado com uma hierarquia clara de títulos e subtítulos (máximo três níveis); referências inseridas no texto (autor, a-no:página), ex.: (Moreno, 2006:19-23); sendo estritamente necessárias, notas ao pé, não devendo incluir-se nenhuma referência bibliográfica; as tabelas, figuras, desenhos e ilustrações (originais), com contraste e qualidade apropriados, estarão claramente identificadas e numerar-se-ão consecutivamente; apartado de Referências bibliográficas (ver exemplos a seguir) depois do texto; breve (até 5 linhas) síntese biográfica em folha separada; o texto não deve conter formatações especiais, sublinhados ou negritos; contendo caracteres especiais (fontes fonéticas, históricas, etc.), deve enviar-se o arquivo com a fonte correspondente; os textos que não cumpram as especificações supracitadas serão devolvidos aos seus autores.

### Apontamentos legais

Os autores serão sempre titulares dos direitos legais dos seus textos; os autores são responsáveis pelas autorizações para a reprodução de citações, ilustrações, etc. Aplicar-se-ão os termos da licença Creative Commons (by-nc-nd 3.0).

### Resenhas

A revista incluirá uma seção com resenhas de publicações relevantes; os textos, redigidos de forma clara e concisa, conterão entre 1.000 e 2.000 palavras, a enviar ao endereço electrónico supracitado. Não se aceitarão resenhas de obras inéditas.

### Sistema de referências bibliográficas

As referências devem seguir a seguinte formatação:

Em monografias e similares: Sobrenome e Prenome do autor ou autores (ano). *Título* (em itálico). Local: editora. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro; Ex.: Suevos, Paulo; Lopes, Manuel (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro.

Mais de três autores: Sobrenome e Prenome seguindo de: *et al.* Ex.: Suevos, Paulo; *et al.* (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro.

Entidades coletivas: Nome da entidade (ano). *Título* (em itálico). Local: editora. Ex.: Xunta de Galicia (1998). *Estatísticas*. Santiago: Xunta de Galicia, Presidencia.

Autor (editor) da obra difere do autor do capítulo: Sobrenome e Prenome do autor da parte (ano). Título da parte. Sobrenome e Prenome do autor (editor) da obra, responsabilidade [seja ed., dir., org., etc.], *Título da obra* (em itálico). Local: Editora, pág. inicial-pág. final da parte. Ex.: Suevos, Paulo (1998). Marco teórico. Lopes, Manuel, ed., *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro, pp. 12-34.

Revistas e jornais: Sobrenome e prenome (ano). Título do artigo. Título da revista/jornal (em itálico), volume e/ou número, página inicial-final do artigo. Ex.: Suevos, Paulo (1998). Introdução ao estilo. *Revista de Letras*, vol. 1, n.º 1, pp. 23-35. No caso de artigos sem autor explícito, colocar nome da revista/jornal.

Para teses e outros trabalhos académicos: Sobrenome e Prenome (ano). *Título* (em itálico) [tipo de trabalho]. Local: Instituição. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Teoría do estilo* [memória de licenciatura]. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filologia.

Para documentos em-linha: mesmos critérios que edição impressa, acrescentando [em-linha], seguido do título, disponibilidade e data de consulta no fim. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Manual de estilo* [em linha]. Lugo: Perímetro. Disponível em [consult. 03/05/07]: <<http://www.perimetro.net/estilo.pdf>>.



## ESTUDOS

Carvalho Calero, medievalista	<i>José Luís Rodríguez</i>	<b>15-38</b>
A obra literária de Ricardo Carvalho Calero (1910-1990)	<i>José-Martinho Montero Santalha</i>	<b>39-70</b>
Carvalho Calero e Estraviz	<i>Isaac Alonso Estraviz</i>	<b>71-87</b>
Vivências com o Prof. Ricardo Carvalho Calero	<i>Maria do Carmo Henriques Salido</i>	<b>89-107</b>
Encontros com Carvalho	<i>Luís G. Soto</i>	<b>109-131</b>
O meu Carvalho (na poesia e no teatro)	<i>Manuel Castelao Mexuto</i>	<b>133-159</b>
O Príncipe de Aquitânia e Martinho Dumbria Otero Pedrayo visto por Carvalho Calero	<i>Henrique Rabunhal</i>	<b>161-187</b>
A poesia de Ricardo Carvalho Calero: Uma aproximação	<i>Paulo Fernandes Mirás</i>	<b>189-198</b>
Carvalho, Murguia, Valera? Pré-Textos, Textos e Comentários	<i>António Gil Hernández</i>	<b>199-229</b>

ISSN 1668-8763



9 771 888 87 6001